

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

Ingrid Bignardi

**GIACOMO LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO
SÉCULO XX (1901 A 1930): TRADUÇÃO CULTURAL**

FLORIANÓPOLIS
2018

Ingrid Bignardi

**GIACOMO LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO
SÉCULO XX (1901 A 1930): TRADUÇÃO CULTURAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andréia Guerini (UFSC)

Coorientadora: Dra. Rosario Lázaro Igoa (UFSC)

FLORIANÓPOLIS
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bignardi, Ingrid

GIACOMO LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO
XX (1901 A 1930) : TRADUÇÃO CULTURAL / Ingrid
Bignardi ; orientadora, Andréia Guerini,
coorientadora, Rosario Lázaro Igoa, 2018.
269 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Giacomo Leopardi. 3.
Imprensa Brasileira. 4. Tradução Cultural. 5.
História da Tradução. I. Guerini, Andréia. II. Lázaro
Igoa, Rosario. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. IV. Título.

Ingrid Bignardi

**GIACOMO LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO
SÉCULO XX (1901 A 1930): TRADUÇÃO CULTURAL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2018.

Prof.^a, Dra. Dirce Waltrick do Amarante,
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Banca Examinadora:

Prof.^a, Dra. Andréia Guerini,
Orientadora (UFSC)

Prof.^a, Dra. Rosario Lázaro Igoa,
Coorientadora (UFSC)

Prof.^a, Dra. Karine Simoni,
Examinadora (UFSC)

Prof.^a, Dra. Anna Palma,
Examinadora (UFMG)

**Dedico este trabalho ao meu nonno José Bignardi,
Estrela que sempre me guia no Céu.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus tudo o que sou. À minha família todos os esforços em me dar o alimento cultural, principalmente a meus pais Antonio Carlos Bignardi e Zenaide S. Bignardi, meus irmãos Wesley Bignardi e Michele Bignardi e minha avó

Agradeço aos meus amigos a caminhada lado a lado, principalmente a Lorraine R. da Silva, Angelo A. Almeida, Andréia Riconi e Margot Muller as risadas, a Bruna Brito o incentivo, a Leticia M.V. Goellner os conhecimentos ensinados, a Tânia Mara Moysés a sabedoria constante e o ensino da vida e a revisão deste trabalho, entre tantos outros que a memória agora não ajuda a lembrar. Agradeço ainda a Fernanda Christmann a ajuda nos gráficos, a Sheila Cristina dos Santos a tradução do jornal *Le Messenger* de 1833, a Davi Gonçalves a tradução do abstract, a Nicoletta Cherobin a revisão do riassunto.

Agradeço à minha orientadora Professora Andréia Guerini os ensinamentos valiosos que aprendo a cada dia, a paciência em aguentar meus anseios e dúvidas em relação ao trabalho, por estar ao meu lado nas dificuldades, enfim, por tudo.

Agradeço à minha coorientadora Rosario Lázaro Igoa os ensinamentos sobre tradução e imprensa, crônica e aspectos midiáticos.

Agradeço à CAPES a bolsa concedida durante todo o período de pesquisa, principalmente ao povo brasileiro que contribui com seus impostos para a formação do fundo da CAPES com o objetivo de ampliar a pesquisa em várias áreas do conhecimento.

*Muito sugestivo - disse Holmes. -Há muito tempo tenho como axioma
que as pequenas coisas são infinitamente as mais importantes.*
(Doyle, 1892)

GIACOMO LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XX (1901 A 1930): TRADUÇÃO CULTURAL

RESUMO: Esta dissertação tem por objetivo principal analisar a presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XX, mais especificamente nos anos entre 1901 a 1930, a fim de verificar como ocorre o processo de tradução cultural. Esta pesquisa foi realizada no acervo digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Brasil, da *Folha de São Paulo* e do *O Estado de São Paulo*. Com o auxílio de teóricos como Peter Burke (2009), Carlo Ginzburg (1989) e outros, verifica-se como se dá a presença de Leopardi no sistema cultural brasileiro, ampliando as pesquisas realizadas por Giuseppe Carlo Rossi (1969), Dileia Zanotto Manfio (1979) e Mariagrazia Russo (2003). No primeiro capítulo, apresenta-se brevemente um panorama da história da imprensa no Brasil com destaque para o período selecionado. No segundo, aborda-se a presença de Leopardi nos jornais e revistas, a fim de verificar as pistas e indícios de como o autor italiano foi sendo divulgado no sistema cultural brasileiro e os modos como se apresentam os textos culturalmente traduzidos. No terceiro capítulo, analisam-se as traduções textuais de obras de Leopardi publicadas nos periódicos. Os resultados desta pesquisa indicam que a presença de Leopardi no Brasil é intensa na imprensa brasileira e as traduções de suas obras, como aparece no capítulo III, representam 9% dos dados coletados e analisados, enquanto as traduções chamadas “culturais” chegam a 41% do corpus.

PALAVRAS-CHAVE: Giacomo Leopardi. Imprensa Brasileira. Tradução Cultural. História da tradução.

GIACOMO LEOPARDI NELLA STAMPA BRASILIANA DEL NOVECENTO (1901-1930): TRADUZIONE CULTURALE

RIASSUNTO: L'obiettivo principale di questa tesi di master è di individuare e analizzare la presenza di Giacomo Leopardi nella stampa brasiliana del Novecento, precisamente nel periodo tra il 1901 e il 1930, per verificare il processo di Traduzione Culturale. Questa ricerca è stata fatta nella collezione digitale dell'Emeroteca della Biblioteca Nazionale del Brasile, oltre alla collezione del giornale *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Attraverso l'aiuto di teorici come Peter Burke (2009), Carlo Ginzburg (1989) e altri, si farà la verifica della presenza di Leopardi nel sistema culturale brasiliano, ampliando le ricerche esistenti elaborate da Giuseppe Carlo Rossi (1969), Dileia Zanotto Manfio (1979) e Mariagrazia Russo (2003). Nel primo capitolo, si presenterà brevemente un panorama della storia della stampa brasiliana enfatizzando il periodo studiato e le loro innovazioni nella stampa brasiliana. Nel secondo capitolo, si fa la verifica della presenza di Leopardi nei giornali e riviste, di modo a dimostrare le tracce e gli indizi di come l'autore italiano fu divulgato nel sistema culturale brasiliano ed i modi come si presentano i testi culturalmente tradotti. Nel terzo capitolo, si analizzano le traduzioni delle opere di Leopardi in Brasile che appaiono nei periodici. I risultati di questa ricerca mostrano che la presenza di Leopardi nella stampa brasiliana è intensa e le traduzioni delle sue opere, come appare nel capitolo III, rappresentano il 9% dei dati raccolti ed analizzati, mentre le traduzioni chiamate culturali rappresentano 41% dei dati.

PAROLE-CHIAVE: Giacomo Leopardi. Stampa Brasiliana. Traduzione Culturale. Storia della Traduzione.

GIACOMO LEOPARDI IN THE BRAZILIAN PRESS OF THE 20TH CENTURY (1901-1930): CULTURAL TRANSLATION

ABSTRACT: This master thesis is chiefly concerned with the detect and analyse of Giacomo Leopardi's presence within the Brazilian press during the XX century, more specifically from 1901 to 1930, aiming at verifying how the process of cultural translation takes place therein. This research was undertaken within the Digital Newspaper and Periodicals Library of Brazil, in *Folha de São Paulo* and *O Estado de São Paulo* virtual collections. Aided by the theoretical framework built by Peter Burke (2009), Carlo Ginzburg (1989) and others, I check the presence of Leopardi within the Brazilian cultural system, widening prior researches carried out by Giuseppe Carlos Rossi (1969), Dileia Zanotto Manfio (1979), and Mariagrazia Russo (2003). In the first chapter I set forth a brief panorama wherein the history of Brazilian press is discussed, emphasising the chosen span of time as well as its respective innovations. In the second chapter, my focus is directed towards Leopardi's presence in the newspapers and magazines, as to identify the clues and indications of how he has gradually been brought forward in and by the Brazilian cultural system as well as the manner his culturally translated texts are thereby presented. In the third chapter, the analytical focus shifts to Leopardi's translated works, published in the periodicals. Research findings point to the fact that Leopardi's presence in Brazil is considerably intense, and the translation of his works, as one may see in chapter III, represents 9% of all data collected and analysed. Cultural translations, on their turn, encapsulate as far as 41% of the corpus.

KEYWORDS: Giacomo Leopardi. Brazilian Press. Cultural Translation. XX century. History of Translation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal <i>Le Messenger</i> . Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	29
Figura 2: Mapa das publicações de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira. Fonte: A autora	34
Figura 3: Lista de ocorrências com o termo “Leopardi” na Hemeroteca no período de 1900-1909. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	36
Figura 4: Exemplo de Exibição de ocorrência com dados explicativos no acervo <i>Estado de São Paulo</i> . Fonte: Acervo Estadão com notação da autora.....	37
Figura 5: Tabela Informativa de dados da ocorrência “Leopardi”. Fonte: A autora.....	38
Figura 6: Reportagem sobre a inauguração do Túmulo de Leopardi com ilustrações no <i>Jornal do Brasil</i> publicada em 30 de agosto de 1902. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	39
Figura 7: Cartazes de divulgação da Semana de Arte Moderna de 1922. Fonte: Banco de Imagens da Google.....	59
Figura 8: Anúncio Gabinete de Leitura das obras de autores italianos contemporâneos “maiores e menores” publicado no <i>Jornal do Commercio</i> de 20 e 21 de agosto de 1846. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	66
Figura 9: Folhetim <i>Lionello</i> publicado no jornal <i>O Apóstolo</i> em 04/12/1885. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	69
Figura 11: Ensaio “Uma fonte de filosofia de Machado de Assis” por Otto Maria Carpeaux publicado no jornal <i>Folha de São Paulo</i> em 1948. Fonte: Acervo Digital da Folha de São Paulo	72
Figura 12: Tradução “A Si Mesmo” por Júlia Cortines na revista <i>A Semana</i> de 18 de agosto de 1894. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	74
Figura 13: Biografia “Giacomo Leopardi: sua vida e obra” escrita por Bouché Leclercq publicada no jornal <i>O Estado de São Paulo</i> em 16 e 17 de abril de 1875. Fonte: Acervo <i>O Estado de São Paulo</i>	76
Figura 14: Ensaio “Estudos Contemporaneos” de Carlos Magalhães de Azeredo publicado no <i>Jornal do Commercio</i> em 1898. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	77
Figura 15: Reportagem “Folhetim novo” publicada no jornal <i>A Federação</i> em 30 de janeiro de 1891. Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Brasileira.	82

Figura 16: Coluna “Notas” de Ruffino Singapura publicada no jornal <i>A Notícia</i> em 30 de novembro de 1901. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	122
Figura 17: Trecho da crônica “O Dia de Pangloss” publicada no jornal <i>A Imprensa</i> em 07 de abril de 1908. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	125
Figura 18: Trecho da síntese da conferência de Olavo Bilac, de 19 de agosto de 1905, intitulada “A tristeza dos poetas brasileiros” publicada no jornal <i>O Commercio de São Paulo</i> em 21 de agosto de 1905. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	135
Figura 19: Capítulo da Enciclopédia Biblioteca Verde/ Tradução do “Diálogo da Moda e da Morte” publicado em 1922 por tradutor desconhecido. Fonte: A autora.	139
Figura 20: Excerto do poema “Cinco Minutos de Insomninia” de Milton Barbosa, publicado no <i>Jornal das moças</i> , em 30 de setembro de 1920. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.	140
Figura 21: Poesia intitulada “Leopardi” escrita por Santos Netto e publicada na revista <i>O Malho</i> de 25 de maio de 1907. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	144
Figura 22: Trecho da coluna “Acolá” escrita por M.A e publicada na <i>Gazeta de Notícias</i> , de 24 de julho de 1908. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.....	149
Figura 23: Tradução “A l’italie” por Emile Rossignol em francês publicada na <i>Revue Franco-Brésilienne</i> em 1º de outubro de 1915. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.....	158
Figura 24: Anúncio do cinema Palais e suas exibições, publicado no jornal <i>A Noite</i> em 1º de março de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.....	160
Figura 25: Notas da tradução do “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia” de Rui Barbosa publicado no jornal <i>A Política</i> em 16 de agosto de 1918. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	161
Figura 26: Folha de rosto com dedicatória a Manoel de Oliveira Lima na edição das obras de Leopardi traduzidas em francês por Victor Orban. Fonte: Collection university of Ottawa, Toronto	179
Figura 27: Capa da edição de tradução das obras de Leopardi em francês por Victor Orban. Fonte: Biblioteca Digital Fernando Pessoa.	180
Figura 28: Tradução do Pensamento I publicado na revista <i>Careta</i> de 09 de agosto de 1919. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	183

Figura 29: Tradução do <i>Pensiero</i> LXVIII de Leopardi em espanhol publicado no jornal <i>Diario Español</i> . Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	186
Figura 30: Coluna “Gotas Espirituaes”, tradução do Pensamento XLV publicada na revista <i>Fon-Fon</i> em 13 de julho de 1929. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	186
Além dos <i>Pensieri</i> , temos também a presença de tradução das <i>Operette Morali</i> . Uma das “operette” mais traduzidas nos periódicos é o “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero”, publicada geralmente em datas próximas ao ano-novo ou até mesmo posteriores. Os jornais e colunas literárias publicavam esse diálogo a fim de mostrar que, por vezes, a sociedade se ilude com a renovação da esperança a cada ano, pois o conceito-chave do diálogo parece ser “ilusão”. Para Leopardi, na vida há uma incessante busca por um prazer que jamais será alcançado. Pode haver um pequeno momento de prazer, mas ao passar este momento é que o ser humano é acometido pela <i>noia</i> . Por isso, há uma falsa sensação de prazer, ou seja, uma “ilusão” na vida humana.	187
Figura 31: Tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e di un passeggeri” na revista <i>Fon-Fon</i> em 1º de janeiro de 1915. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	191
Figura 32: Tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero” publicada na <i>Revista Para Todos</i> em 06 de janeiro de 1923. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	196
Figura 33: Tradução do “Dialogo della moda e della morte” publicada no jornal <i>A União</i> , de 25 de abril de 1926. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.	199
Figura 34: Gráfico poesia e prosa. Fonte: A autora.	201
Figura 35: Porcentagem total do corpus. Fonte: A autora.	202
Figura 36: Gráfico Geral. Fonte: A autora.	264
Figura 37: Gráfico Índícios Seriados. Fonte: A autora.	264
Figura 38: Gráfico Local. Fonte: A autora.	265
Figura 39: Gráfico Idioma. Fonte: A autora.	265
Figura 40: Gráfico Gêneros 1901-1909. Fonte: A autora.	266
Figura 41: Gráfico Gêneros 1910-1919. Fonte: A autora.	266
Figura 42: Gráfico Gêneros 1920-1921. Fonte: A autora.	267
Figura 43: Gráfico Periódicos 1901-1909. Fonte: A autora.	267
Figura 44: Gráfico Periódicos 1910-1919. Fonte: A autora.	268
Figura 45: Gráfico Periódicos 1920-1930. Fonte: A autora.	268
Figura 46: Exemplo de aplicação do Paradigma Indiciário. Fonte: A autora.	269

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Canto “Odi Melliso” de Leopardi e poesia “Sonhei” de Baptista Franco publicada no jornal <i>A Madrugada</i> , em 13 de fevereiro de 1902. Fonte: A autora.	147
Quadro 2: Canto “La Sera del dí di festa” de Leopardi e tradução “La Sera del dí di festa” por Padre Leonardo Mascello publicada no <i>Jornal do Recife</i> , em dezembro de 1911. Fonte: A autora.	153
Quadro 3: Canto “La feullie” de Arnault, Canto “Imitazione” de Leopardi e Tradução “Imitação” de F. Solano publicada na revista <i>Pallum</i> em 1906. Fonte: A autora.	156
Quadro 4: “Canto notturno di un pastore errante dell’Asia” de Leopardi e traduções “Canto Noturno de um pastor erradio da Ásia”, de 1884, republicada no jornal <i>A Noite</i> em 1926; e “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia, de 1886, no jornal <i>A Política</i> em 16 de agosto de 1918. Fonte: A autora.	170
Quadro 5: Canto “All’Italia” de Leopardi. Tradução cultural de Parlagrecco do canto “All’Italia nel lutto dela Calabria e Sicilia” escrita por Carlos Magalhães de Azeredo e reconstituição do texto em português pela autora da dissertação. Fonte: A autora.	176
Quadro 6: Pensiero CX de Leopardi e Tradução Pensamento CX publicada na revista <i>Fon Fon</i> em 09 de janeiro de 1915. Fonte: A autora.	182
Quadro 7: Pensiero I de Leopardi e Tradução Pensamento I publicada na revista <i>Careta</i> em 09 de agosto de 1919. Fonte: A autora.	182
Quadro 8: Pensieri XXXVII de Leopardi e Tradução Pensamento XXXVII publicada na revista <i>Careta</i> em 23 de agosto de 1919. Fonte: A autora.	184
Quadro 9: Pensieri CV de Leopardi e Tradução Pensamento CV publicada na revista <i>Careta</i> de 13 de setembro de 1919. Fonte: A autora.	185
Quadro 10: “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero” de Leopardi e a tradução “Diálogo do Transeunte e do vendedor de Almanachs” por J.C, publicada no jornal <i>Correio Paulistano</i> em 04 de janeiro de 1910. Fonte: A autora.	190
Quadro 11: “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero” de Leopardi e a tradução sem título e por tradutor desconhecido publicada na revista <i>Fon-Fon</i> em 1º de janeiro de 1915. Fonte: A autora.	195

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO I: IMPRENSA BRASILEIRA: ASPECTOS HISTÓRICOS E EDITORIAIS DA <i>BELLE ÉPOQUE</i> AO FINAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	41
1.1 A IMPRENSA NO BRASIL ENTRE 1901 E 1930: CARACTERÍSTICAS, ANTECEDENTES E INOVAÇÕES.....	42
1.2. INTELECTUAIS E A IMPRENSA: AS LEITURAS SOBRE LEOPARDI NO BRASIL	62
CAPÍTULO II: LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XX (1901-1930): PISTAS E INDÍCIOS DA TRADUÇÃO CULTURAL	87
2.1 CRÍTICA LITERÁRIA.....	90
2.2 CRÔNICAS.....	115
2.3 TEXTOS DIVERSOS	133
CAPÍTULO III: LEOPARDI TRADUZIDO NOS JORNAIS DE 1901 A 1930.....	141
3.1 POESIA TRADUZIDA.....	143
3.2 PROSA.....	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	205
ANEXOS.....	249
APÊNDICES.....	261

INTRODUÇÃO

Giacomo Leopardi (1798-1837) em seu *Zibaldone di pensieri* (1817-1832) revela um desejo de escrever uma carta a um jovem do século XX, prevendo que a sua obra não estava destinada aos leitores da sua época, mas sim aos leitores vindouros, pois, conforme ele mesmo observa, trata-se de uma geração,

sempre a fazer novas conquistas, e não pode estar parada, nem estar contida dentro de nenhum termo, especialmente em relação à extensão, e sendo até criaturas civilizáveis e associáveis ao grande conjunto da civilização, a grande aliança dos seres inteligentes contra a natureza e contra as coisas não inteligentes.¹ [Zib.4280]. (LEOPARDI², 1921 p. 2851)

Esse desejo, de alguma forma, se concretiza porque a fortuna crítica de Leopardi começa a crescer após a sua morte e as suas obras começam a transitar dentro e fora da Itália ainda no século XIX, mas principalmente no século XX. Esse movimento continua no século XXI: basta pensar nas traduções do *Zibaldone di pensieri* em francês, de 2003 e em inglês, de 2013. Há ainda a tradução do *Zibaldone di pensieri* para o português brasileiro que se encontra em andamento³.

No Brasil, Leopardi começa a circular no século XIX, mais especificamente na década de 1830, no jornal *Le messenger*⁴

¹ “a far sempre nuove conquiste, e non può star ferma, nè contenersi dentro alcun termine, massime in quanto all'estensione, e finchè vi sieno creature civilizzabili, e associabili al gran corpo della civilizzazione, alla grande alleanza degli esseri intelligenti contro alla natura, e contro alle cose non intelligenti” [Zib.4280] As traduções quando não indicadas são de minha autoria.

² Todas as citações referentes ao *Zibaldone di pensieri* serão pautadas por essa edição; sendo assim, nas demais citações serão indicadas apenas as páginas correspondentes.

³ Essa tradução é realizada no âmbito do Grupo de Estudos Leopardianos da Universidade Federal de Santa Catarina, credenciado no Grupo de Pesquisa do CNPq coordenado pela professora Andréia Guerini. A página online com a divulgação progressiva da tradução encontra-se em: <http://www.zibaldone.cce.ufsc.br/>

⁴ BIGNARDI, Ingrid. **Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: Poeta ou Prosador?**.2015. 167 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Língua Italiana e Literaturas, Língua e Literaturas Estrangeiras, Universidade Federal de Santa

(BIGNARDI, 2015, p. 11), escrito em francês e publicado no Rio de Janeiro, que circulou entre 19 de janeiro de 1831 e 29 de março de 1834. Nesse jornal, em 1833, há um texto intitulado “Exterior” que mostra notícias da guerra Egípcio-Otomana (1831–1833), no qual ainda se destaca a notícia de uma possível conspiração do Reino de Nápoles contra a França, noticiado pelo jornal *Quotidienne*. Essa conspiração seria feita pelos mais renomados italianos em uma espécie de sociedade secreta. Dentre esses renomados italianos está Giacomo Leopardi, que nesse mesmo ano encontra-se em Nápoles:

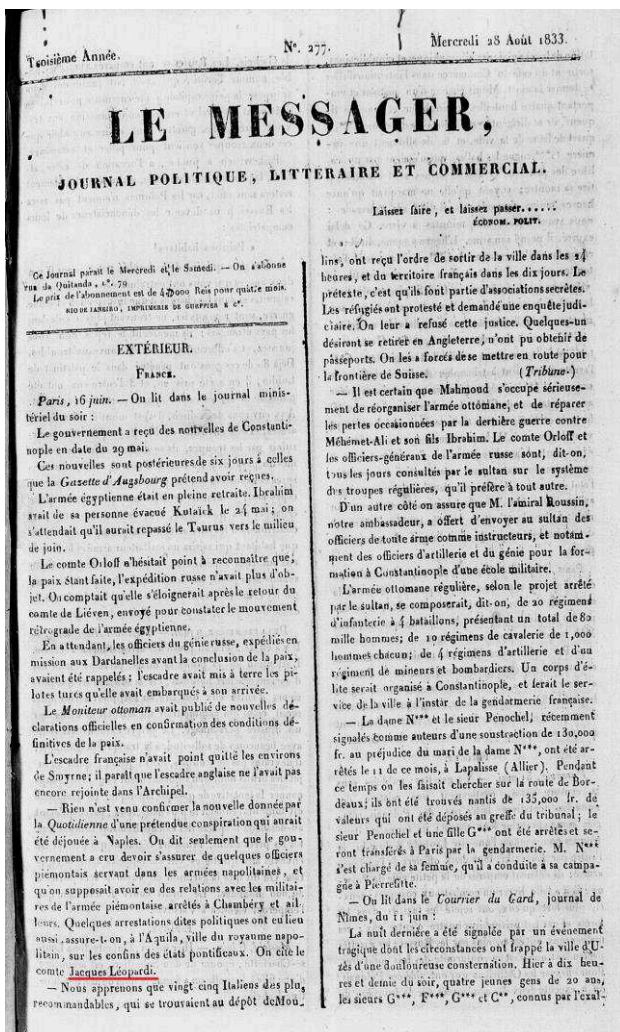


Figura 1: Jornal *Le Messager*. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁵

⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700851/750> acesso em 15/07/2015

Essa “primeira”⁶ ocorrência leopardiana é o ponto de partida para a intensificação da presença de Leopardi na imprensa brasileira, pois o nome e as obras do escritor italiano vão circular de forma direta e indireta em diferentes periódicos como o *Correio Paulistano*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Il Bersagliere* e também em revistas como *Fon-Fon*, *Careta*, *Revista Brasileira Ilustrada*, como veremos nos “Capítulos II e III” desta dissertação.

Convém lembrar que alguns estudos sobre a presença de Leopardi no Brasil já foram realizados. É caso do artigo de Giuseppe Rossi, intitulado “Il Leopardi e il mondo di lingua portoghese”, publicado em 1969, no qual o autor elenca autores brasileiros e portugueses que dialogaram com as obras de Giacomo Leopardi. Do Brasil, ele destaca Raimundo Correia, Castro Alves e Vinícius de Moraes. Outra pesquisa foi a de Dileia Manfio que em *La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana* (1979) trata da presença de Leopardi no Brasil no período de 1875 a 1979. Nesse trabalho, Manfio informa que a primeira aparição de Leopardi no Brasil se dá por um fragmento de uma biografia de Giacomo Leopardi, escrita por Bouché Leclercq, em 1875, e publicado no jornal *Província de São Paulo*, por tradutor desconhecido. E o trabalho de maior fôlego é o livro *Um Só dorido Coração: implicazioni leopordiane nella cultura letteraria* (2003), de Mariagrazia Russo. Nesse livro ela trata da presença de Leopardi em Portugal e no Brasil. Sobre o Brasil, ela não se detém tanto em informações da imprensa quanto Diléia Manfio, mas nos fornece, por exemplo, alguns dados sobre os ensaios de Bruna Beccheruci publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, na coluna “Pontos de vista de uma mulher” na década de 1950 (2003, p. 226).

É a partir das pesquisas de Giuseppe Rossi (1969), Dileia Zanotto Manfio (1979) e Mariagrazia Russo (2003) sobre Leopardi no mundo de língua portuguesa, mas também para dar continuidade à minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, de 2015, que verificamos a necessidade de realizar um estudo sobre a presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira, a fim de ampliar os estudos já existentes⁷ e contribuir para os estudos em história da tradução e sua

⁶ É importante destacar que é a primeira ocorrência que encontramos até o momento, o que significa que possam haver outras ocorrências em períodos anteriores.

⁷ Vale destacar que a Universidade Federal de Santa Catarina através do Grupo de Estudos Leopardianos/CNPq promove iniciativas e pesquisas que corroboram a consolidação de Giacomo Leopardi no sistema literário brasileiro.

relação com a imprensa. Portanto, o objetivo desta dissertação é detectar e analisar aspectos da tradução cultural a partir da presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XX, mais especificamente no período de 1901 a 1930, através de crônicas, críticas literárias e traduções publicadas em jornais e revistas⁸.

Para atingir o objetivo mencionado, esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, “Imprensa Brasileira: Aspectos históricos e editoriais da *Belle Époque* ao final da Primeira República”, apresenta um breve panorama da história da imprensa brasileira mostrando os pontos de contato entre o seu desenvolvimento e aspectos da história do Brasil, a fim de verificar como ocorre o funcionamento dos jornais e revistas e as suas respectivas inovações no período estudado, mostrando algumas linhas de leituras sobre Leopardi que apareceram publicadas na imprensa.

O segundo capítulo, “Giacomo Leopardi na imprensa brasileira: pistas e indícios de uma recepção”, através da metodologia microanalítica do “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg (1989) aplicada aos Estudos da Tradução, procura pistas, indícios e vestígios da presença de Leopardi na imprensa brasileira do século XX através de críticas literárias, crônicas e outros textos, a fim de ampliar a história da presença de Leopardi no Brasil.

No terceiro capítulo, “Leopardi traduzido nos jornais (1901-1930)”, discutimos o conceito de tradução cultural exposto por Peter Burke (2009) e analisamos as traduções textuais de obras de Giacomo Leopardi publicadas na imprensa brasileira.

A presente pesquisa se justifica pelo fato de trazer ao público estudos, críticas e traduções das obras de um dos mais importantes escritores italianos publicados na imprensa que possam servir de fonte para outras pesquisas, visto que o acesso aos periódicos nem sempre ocorre de maneira fácil, pois esses estão dispostos em diferentes acervos e algumas coleções não estão completas. Deste modo, este trabalho se coloca como uma sondagem inicial que fornece dados para pesquisas de cunho histórico que viabilizem a sistematização desse tipo de material.

As bases teóricas e metodológica deste trabalho estão relacionadas principalmente ao conceito de “tradução cultural” na medida em que almejamos uma: “descrição do que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro”

⁸ Todas as citações de periódicos e seus respectivos nomes serão transcritos conforme a grafia da época e não atualizaremos as palavras conforme a nova regra ortográfica.

(BURKE, 2009, p. 15). Para compreender o movimento dessas trocas entre o Brasil e a Itália e a sua repercussão no sistema cultural brasileiro nos apoiamos também nos estudos de Zohar Shavit (2016), além dos conceitos de “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg (1989).

A pesquisa foi realizada no âmbito dos acervos digitais, e os materiais encontrados foram analisados à luz do método indiciário, o qual considera os documentos encontrados nos periódicos como se fossem peças de um quebra-cabeça.

Nesta dissertação, o arco temporal começa com o período que vai da *Belle Époque* até o final da Primeira República, mais especificamente entre os anos de 1901 e 1930 quando ocorre a queda da Primeira República e se instaura uma nova constituição no Brasil. Esse arco temporal não foi escolhido de forma aleatória, mas, sim, porque representa a consolidação de um novo sistema político, com a prática do enrolhamento⁹ e empastelamento¹⁰ na imprensa brasileira, além de ser um período plausível de ser analisado em uma dissertação de mestrado. Com a divisão temporal estabelecida podemos verificar como as traduções culturais são elementos fundamentais para a consolidação de Giacomo Leopardi no sistema cultural brasileiro.

Então, ao tratar da presença de Leopardi na imprensa brasileira, e lidando com o arquivo digital para encontrar pistas e indícios da tradução cultural, decidimos realizar um trabalho que pode ser comparado a do arqueólogo. Os jornais e revistas seriam o nosso sítio arqueológico e as traduções sobre Leopardi, no sentido amplo do termo, os nossos objetos permeados pela cultura impressa. Antes de encontrá-los precisamos preparar o terreno, assim como fazem os arqueólogos, por isso, seguimos algumas etapas também usadas nas pesquisas em arqueologia como as que informo abaixo.

⁹ Ato de censura dos periódicos instaurados na Primeira República em 1889 pelo decreto 85A do presidente Manoel Deodoro da Fonseca, que determinava a criação no país de uma comissão militar para julgar crimes de conspiração contra a República e seu governo. (ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia, 2007, p. 67)

¹⁰ Ato quando ocorre a mistura dos tipos e outros elementos da impressão durante as fases do processo editorial; estrago feito nos tipos, rotativas e outros equipamentos editoriais. Entretanto, é mais utilizado no sentido do ato de invadir uma gráfica ou redação de jornal para inutilizar o trabalho em curso, danificar equipamentos e materiais. Ocorreu principalmente no final da Primeira República e na Era Vargas. (ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia, 2007, p. 95)

1) Identificação do sítio arqueológico

O nosso sítio arqueológico é a imprensa periódica brasileira e, em áreas mais específicas, encontram-se os jornais e as revistas. A diferença entre estes dois suportes no século XIX é tênue, porém, a partir do século XX, as fronteiras entre eles se evidenciam, principalmente com o advento da ilustração. Os jornais ficavam com os aspectos mais factuais, sem muitas ilustrações e em um papel mais barato. Já a revista era o oposto e estava ligada mais aos aspectos culturais, com várias ilustrações e um papel mais caro. Em se tratando de acervos digitais, temos alguns grandes sítios de pesquisa: a Hemeroteca Brasileira, os jornais *Estado de São Paulo* e *A Folha de São Paulo*.¹¹ O primeiro sítio congrega diversas regiões, mas a região central é o Rio de Janeiro. Nesse sítio, temos um amplo espaço temporal que vai do início da imprensa no Brasil em 1808 até os dias atuais. No segundo sítio, no jornal *Estado de São Paulo*, o centro passa a ser São Paulo e o período temporal é de 1875 até os dias de hoje. No terceiro sítio, o da *Folha* ainda em São Paulo, temos um arco temporal de 1929 até os dias atuais. Como podemos ver, os três acervos estão no eixo Rio-São Paulo, o que nos mostra indícios da construção sócio-político-cultural brasileira: primeiramente, com o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e, depois, São Paulo, cidade que tinha relações com outros grandes centros. Entretanto, existem outras localidades onde os indícios da obra de Leopardi vão aparecer além do eixo Rio-São Paulo, como é possível visualizar no mapa a seguir:

¹¹ Esses são os grandes sítios do eixo Rio-São Paulo, há ainda outros sítios importantes em Pernambuco e Minas Gerais; contudo, para o período trabalhado, nos restringimos aos citados acima. O motivo da nossa escolha desses acervos são temporalidade, acessibilidade da informação e concentração da intelectualidade da época nessas regiões.



Figura 2: Mapa das publicações de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira. **Fonte:** A autora

2) Trabalhos de escavações no campo digital: captura, demarcação e serialização

• Captura

A captura dos periódicos e conteúdos neles contidos com foco na tradução, nos sítios arqueológicos citados acima, é feita de várias maneiras. Na Biblioteca Nacional, através de seu acervo digital, nos restringimos à Hemeroteca localizada no seguinte endereço: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>. Nesse endereço, temos 3 possibilidades de pesquisas iniciais:

- a) Por Periódico.
- b) Por Período.
- c) Por Local.

Para esta pesquisa, adotamos o período, pela maior amplitude para encontrar os objetos, neste caso as traduções, para depois fazer uma seleção mais adequada. Após escolhido o método, demarcamos um período intervalado por uma década. Temos a opção de escolher um local/periódico específico ou pesquisar em todas as bibliotecas. Para este trabalho, escolhemos pesquisar em todas as bibliotecas. Por fim, designamos um termo a ser pesquisado nos periódicos e é aqui precisamente que encontramos um problema de terminologia, que poderia mudar significativamente o resultado da pesquisa. Primeiramente, iniciamos as buscas com o termo “Giacomo Leopardi”, que nos deu apenas 31 ocorrências na década de 1900-1909. Porém, se colocarmos o termo “Leopardi” teremos 160 ocorrências no mesmo período. Há ainda a possibilidade de refinar a pesquisa através de termos combinados, como por exemplo, “Leopardi+Canti”, “Leopardi+Literatura” entre outros. Escolhemos neste primeiro levantamento os termos “Giacomo Leopardi” e “Leopardi”. Após definirmos os termos da busca, passamos à pesquisa na área arqueológica definida. Para exemplificar, digitando na Hemeroteca apenas “Leopardi”, aparece a seguinte lista de jornais e ocorrências:



The screenshot shows the Hemeroteca Digital Brasileira interface. At the top, there's a search bar with 'Leopardi' entered and a 'Pesquisar' button. Below the search bar, it indicates 'Ocorrências: 160', 'Bibliotecas: 650', and 'Páginas: 3.111.618'. The main table lists search results for the year 1900. Each row includes a document number, a description of the publication, the number of occurrences, and a link to view the document.

Nome	Descrição	Ocorrências	Opções
347949	Il. Desvagueira (RJ) - 1901 a 1914	20	Ver
099972_06	Correio Paulistano (SP) - 1900 a 1919	15	Ver
030015_02	Jornal do Brasil (RJ) - 1900 a 1909	13	Ver
029012_08	Diário de Pernambuco (PE) - 1900 a 1909	11	Ver
103730_04	Gazeta de Notícias (RJ) - 1900 a 1919	9	Ver
227900	O Commercio de São Paulo - 1897 a 1909 - PPS_00150_346430	8	Ver
245038	A Imprensa (RJ) - 1900 a 1914	6	Ver
089842_01	Correio da Manhã (RJ) - 1901 a 1909	5	Ver
178601_01	O Paiz - 1900 a 1909 - PPS_00150_378601	5	Ver
364508_09	Jornal da Commercio (RJ) - 1900 a 1909	5	Ver
388633	A Federação (RJ) - 1894 a 1917	5	Ver
795110	Jornal da Pacific (PE) - 1900 a 1910	5	Ver
830380	A Notícia (RJ) - 1894 - 1910	5	Ver
258822	Pharos (RJ) - 1874 a 1911	4	Ver
085669	Cidade da Foz (RJ) - 1907 a 1917	3	Ver
146420	Novos - 1904 a 1909 - PPS_00150_346420	3	Ver
168191_01	Revista (RJ) - 1900 a 1909	3	Ver
215554	A República - origem do Partido Republicano (RJ) - 1890 a 1910	3	Ver
108470_04	O Fluminense - 1900 a 1909 - PPS_00150_108470	2	Ver
110300	O Habito - 1902 - 1910	2	Ver
223985	A Capital - 1902 a 1911	2	Ver
800074	Diário da Tarde (RJ) - 1900 a 1901	2	Ver
800043	Pequeno Jornal - Jornal Pequeno (PE) - 1890 a 1905	2	Ver

Figura 3: Lista de ocorrências com o termo “Leopardi” na Hemeroteca no período de 1900-1909. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹²

No caso da busca pelo termo “Leopardi”, aparecem referências a outras pessoas que não estão ligadas ao escritor italiano como, por exemplo, o músico Antonio Leopardi, o editor de Almanachs Leopardi, o boxeador italiano Leopardi, entre outros. Por isso, é necessário verificar caso a caso, e ir selecionando apenas os que estão vinculados ao escritor italiano. Com essa seleção, o número de ocorrências totais através do termo “Leopardi” passa, por exemplo, de um total de 160 para 105 no período de 1900 a 1909.

No acervo do jornal *Estadão*, a pesquisa é mais restrita e, diferentemente da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, temos, logo no início, a oportunidade de delimitar o arco temporal desde a fundação do jornal, que foi em 1875, até os dias atuais. No *Estadão*, são dadas três opções de pesquisa: 1) em todo o acervo; 2) somente na capa; e 3) somente material censurado. Novamente, para uma busca mais ampla, optamos por uma pesquisa em todo o acervo para obter resultados mais significativos. Encontramos os mesmos problemas de terminologia na busca, pois, ao colocar o termo “Giacomo Leopardi”, encontramos 3 ocorrências; já o termo “Leopardi” mostra 37 ocorrências no período de 1901 a 1930.

Após essa primeira busca ou “escavação”, o acervo do *Estadão* possibilita a escolha temporal através de décadas, assim como a Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O acervo ainda possibilita o filtro por cadernos¹³. O jornal, ao mostrar as ocorrências, indica ainda a data, a página e se a edição é local ou nacional. Além disso, mostra o termo ampliado em uma imagem e a folha em que se localiza a ocorrência, conforme no exemplo abaixo:

¹²Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=%5Bcache%5D584810.1687891.DocLstX&pasta=ano%20190&pesq=Leopardi> acesso em: 02/03/2016

¹³ Cadernos: reunião de reportagens, notícias, artigos e críticas de um mesmo conteúdo temático exposto no jornal.



Figura 4:Exemplo de Exibição de ocorrência com dados explicativos no acervo *Estado de São Paulo*. **Fonte:** Acervo Estadão com notação da autora.¹⁴

No acervo da *Folha de São Paulo*, a busca é semelhante à do *Estadão*. Na busca há ainda a possibilidade de se escolher entre os jornais 1) *Folha de São Paulo*; 2) *Folha da Manhã*; e 3) *Folha da Noite*, além de todos esses jornais ao mesmo tempo. No arco temporal pode-se escolher: 1) desde 1921; 2) hoje; 3) últimos 30 dias; e 4) últimos 12 meses. Para a busca, optamos por escolher todos os jornais desde 1921. O problema terminológico persiste, pois com “Giacomo Leopardi” obtemos 25 ocorrências, já com “Leopardi” temos 286 ocorrências.

• Demarcação

Todo o material recolhido na “escavação” deve ser “protocolado” e examinado metodologicamente, e a primeira demarcação que fazemos é por subdivisão temporal. Primeiro, dividimos o material em pastas por

¹⁴Disponível

<http://acervo.estadao.com.br/procura#!/Leopardi/Acervo/acervo>
14/04/2016

em:

acesso em:

décadas¹⁵, conforme sugerido pela Biblioteca Nacional em seu acervo. Após isso, o material é catalogado ano a ano. Como último passo para a demarcação é feita uma tabela em ordem cronológica contendo data, nome do periódico, gênero textual, local, título do texto, autor, tradutor, resumo e idioma.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
	Data	Periodico	Local	Genero	Titulo	Autor	Tradutor	Resumo	Idioma
1	04/01/1901	Correio Paulistano	São Paulo	Tradução	Factos e impressões: J.C.	J.C.		Dença boas festas aos leitores e diz que não quer ser considerado plágio pelos leitores. O Português	
2	01/02/1901	Jornal de Recife	Recife	Textos escolhidos	Oliviera Lima			O Romantismo passou da França para a Alemanha. O Romantismo veio por meio de Italo-Mar Português	
3	10/02/1901	Diário da Manhã	S. Luz do Maranhã	Carta	Carlotta Postale	Carlotta Barretto		Carta endereçada a Rosalinda Baumlin. Reclama que em um bichinho anterior Rosalinda esap Português	
4	13/02/1901	Correio da Manhã	Rio de Janeiro	Crônica	O Cygne negro de Rei Henriens Gevaert			Enquanto a tróica francesa se propagava, Leopardi negava as delicias do mundo e mostrava Português	
5	15/05/1901	O Correio dos Píntus	Lubrea	Cronica/Tradução	Palestra Literaria	Angelo de Gube		Angelo de Gube o povo Romano critica sobre Joaquim Nabuco, o poema de Magalhães Acredo Altitata, pi Português	
6	21/05/1901	Diário da Tarde	Caritiba	Nôcias	Reparos	Antes de Ega		Estudo de uma revista inglesa sobre a longevidade dos homens de gênio. Os poetas mais sei Português	
7	02/07/1901	Pacotinha	Maranhão	Biografia	Raul Pompia	Rodrigo Couture		Diversão: Kcas conferenciano no dia-Rabalais as suas invenções. Jantar do O Gioso Raul eq Português	
8	09/07/1901	Fon-Fon	Rio de Janeiro	Biografia/Tradução	Petris Internacionais: Paul Heise			Romancista e crítico alemão: Tradução Leopardi	
9	23/7/1901	A Imprensa	Rio de Janeiro	Biografia	Roosevelt e a Paz	Um Manuel de Abreu Sodré		Uma das figuras mais importantes deste século é Roosevelt Neste momento em que seu nor Português	
10	2/10/1901	O Paz	Rio de Janeiro	Cronica	A Semana	Gilberto Amado		Com a chuva e as lamurias fadistas, não há como se deter ao pensamento e um indesejo vag Português	
11	2/10/1901	Pequeno Jornal	Recife	Cronica	De Junqueiro a Gerni	Benedicto Costa		Escravos dos encantos, da pureza das cortinas. Os antigos possuam e conheciam as tal Português	
12	21/11/1901	Jornal de Recife	Recife	Cronica	Memoria de Valgem	Edmundo de Freitas		Nas viagens sempre tem encontros surpreendentes Visitamos as ruínas. Tão uma Reunioes Português	
13	29/11/1901	Jornal de Recife	Recife	Resenha	O Processo à poesia	Eduardo Caliquila		Enrique Thores é um létrado de muita coragem, conhece as Literaturas modernas, gíngas e tal Português	
14	4/12/1901	O Paz	Rio de Janeiro	Cronica	A Semana	Gilberto Amado		Dias passados ocorreu a noticia de um crime, um caso nietzschiano, um romance de Dosto Português	
15	18/12/1901	Jornal do Recife	Recife	Cronica	Foglie al vento	Antonio C. Laão		Na manhã de junho sorrou em Recife com Leonardo Maacello Lá pelas 10h depois da gíral Português	
16	04/01/1911	Diário da Manhã	S. Luz do Maranhã	Conferência	Os confins da Vida	Ernesto Berteloni		Duas meas células se unem e se origina a vida, começa a multiplicação e o crescimento. E o Português	
17	08/03/1911	Jornal de Recife	Recife	Crítica	Joko Pascaloti	Pa Leonardo Mi		Pascaloti dispoe de Carducci, sucessor da cadeira da Westera Italiana do Carducci, mais pe Português	
18	10/03/1911	Jornal de Recife	Recife	Crítica	Oliveo Biliac	Pa Leonardo Mi		Antes de analisar a obra de Biliac, será analisado seu credo estético respoeto no prefácio de su Português	
19	20/03/1911	Gazeta de Noticias	Rio de Janeiro	Biografia	A Quizena das Letras: A Vida de Cas			Os nossos maiores poetas eram moços quando fizeram sua glória Houve um tempo em que Português	
20	27/03/1911	Pacotinha	Maranhão	Curiosidade	O Vigor Mental	Fran Pavero		Estudo sobre os principais escritores e o que eles faziam e quando morreram. Amêda de sei Português	
21	06/05/1911	Fon-Fon	Rio de Janeiro	Curiosidade	A Estátua dos Homens de Gênio			Leopardi era um homem genial, caótico e disforme, era delicado	
22	17/04/1911	O Paz	Rio de Janeiro	Noticias	O Sucessor de Cés	Guglielmo Ferrero		Nas vésperas da exposição, Mariano Patrici inaugurou ontem o curso de antropologia criminal Português	
23	27/05/1911	O Correio dos Píntus	Lubrea	Resenha	Clavis em Ramas			Calisto Branco possuía um repatório enrico a sua obra é como uma estrela de primeira gr Português	
24	02/07/1911	Fon-Fon	Rio de Janeiro	Curiosidade	A Caligrafia dos Homens de Gênio			Leopardi escrevia regularmente	

Figura 5: Tabela Informativa de dados da ocorrência “Leopardi”.

Fonte: A autora

• Serialização das Ocorrências

Com todas as ocorrências devidamente resumidas em tabela, passamos à “serialização” das ocorrências que mostram os indícios seriados ou não. Um exemplo é o da notícia da inauguração do túmulo de Leopardi em Nápoles, que apenas na primeira década da pesquisa (1901-1911) é replicada 4 vezes, sendo duas vezes no jornal *Correio Paulistano* (1902) e duas vezes no *Jornal do Brasil* (1902); ou então notícias de curiosidade, como com quais idades os escritores mais famosos morreram, como eram as suas caligrafias etc.

¹⁵ A catalogação foi realizada segundo as diretrizes da Biblioteca Nacional; por isso, quando falamos sobre as décadas deve-se ter em mente que a “década” de 1900 compreende os anos de 1901 a 1909; a “década” de 1910, entende-se os anos de 1910-1919 e na “década” de 1920, o período que vai de 1920 a 1930. Nesse último período há apenas o ano de 1930 a mais, por causa da finalização da primeira república e entrada na Era Vargas.



Figura 6: Reportagem sobre a inauguração do Túmulo de Leopardi com ilustrações no *Jornal do Brasil* publicada em 30 de agosto de 1902. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹⁶

- Objetos Arqueológicos

¹⁶ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_02/11283 acesso em: 13/04/2016

Feita a escavação, demarcação e serialização, restam as ocorrências de fato, as quais chamamos de objetos arqueológicos e pelas quais analisamos e procuramos decifrar as pistas e os indícios sobre a tradução de obras ou fragmentos de obras de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira.

- **Identificação de textos literários, críticas e traduções (etiquetar).**

Com os textos devidamente catalogados através dos resumos conseguimos identificar o gênero ao qual o texto pertence (crítica literária, tradução, ensaio, crônica etc). Isso permitirá identificar como e em qual proporção aparece a tradução das obras de Leopardi nos periódicos. Após a catalogação e identificação dos textos publicados nos periódicos, fazemos a fotografia da época, relatada pelos próprios jornais e revistas, a fim de evidenciar construções e/ou diferenças sociais que determinaram o encontro cultural.

CAPÍTULO I: IMPRENSA BRASILEIRA: ASPECTOS HISTÓRICOS E EDITORIAIS DA *BELLE ÉPOQUE* AO FINAL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Para compreendermos os aspectos editoriais do período que vai da *Belle Époque* até o final da primeira república, faz-se necessário retornar ao século XIX. No início do século XIX, jornais, revistas e periódicos em geral tinham sua estrutura artesanal, tanto é que, em 1886, na *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis observa os aspectos desse tipo de imprensa e através do livro *Gazeta de Holanda* mostra uma imprensa que ainda existe e não é ornamentada:

Mas é modesta, não passa
De uma folha de parreira,
Que dá uva, que dá passa,
Que dá vinho e borracheira.
(ASSIS, 1937, p. 1)

De fato, até 1822, muitos periódicos, comandados pela Imprensa Régia, não passavam de uma folha. Após esse período, iniciou-se uma expansão no número de periódicos com caráter mais cultural e menos mercantil em diversos formatos: $\frac{1}{4}$ em duas colunas, $\frac{1}{8}$ em 4 colunas, entre outros.

O jornalismo no século XIX, diferentemente do século XX, tinha suas posições políticas e religiosas bem demarcadas e expostas nos títulos, como também é observado por Machado de Assis:

Que traga idéias a folha
Liberal que se anuncia,
Que as espalhe, que as escolha,
Como a *Reforma* fazia.
(ASSIS, 1937, p. 2)

Essas eram algumas das características iniciais da imprensa brasileira. A mesma imprensa observada por Machado de Assis no livro *Gazeta de Holanda* foi construída, desenvolvida e expandida pelos intelectuais, os quais no período do *Fin-de-Siècle* se beneficiaram da industrialização da imprensa para expor as novas ideias que circulavam na Primeira República. Além disso, a industrialização gerou inovações na imprensa e, entre tais mudanças, podemos destacar o surgimento de

uma imprensa de imigração que, como veremos no decorrer deste capítulo, se ligará ao desenvolvimento da dualidade entre o cosmopolita e o nacional, própria dos modernistas.

Além desses fatores, a imprensa brasileira continuava ligada à política nacional, tanto é que, no período estudado, temos dois movimentos de censura: o primeiro é o “enrolhamento”, que aconteceu na virada do século XIX para o século XX, e o segundo é o “empastelamento”, ocorrido nos anos de 1930. Esses movimentos de censura modificam a forma como a literatura é representada na imprensa brasileira. Tais acontecimentos ligados à censura, impactam no modo como Giacomo Leopardi aparece na imprensa brasileira e como a crítica literária se consolida e constrói linhas de leitura sobre a sua obra.

Portanto, para analisar os fenômenos citados de modo mais sistemático, este capítulo está dividido em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo “Imprensa no Brasil entre 1901 e 1930: características, antecedente e inovações”, abordaremos a constituição da imprensa brasileira, com enfoque especial na sua industrialização e o que esta mudança posteriormente acarretará nas atividades literárias no início do século XX e analisaremos algumas inovações e mudanças na imprensa brasileira entre 1901 e 1930, como, por exemplo, a imprensa de imigração. No segundo subcapítulo “Intelectuais e a imprensa: leituras sobre Leopardi no Brasil”, refletiremos sobre os intelectuais que se ocuparam de Giacomo Leopardi e da sua obra, analisando as atividades de alguns deles na imprensa, além de destacar algumas linhas de leituras sobre Giacomo Leopardi e a sua relação com a crítica leopardiana italiana.

1.1 A IMPRENSA NO BRASIL ENTRE 1901 E 1930: CARACTERÍSTICAS, ANTECEDENTES E INOVAÇÕES.

A história da imprensa no Brasil é anterior à sua fundação oficial em 1808. A imprensa no Brasil antes desse período torna-se um tipo de “Instrumento herético, [em que] o livro foi, no Brasil, visto sempre com extrema desconfiança, só natural nas mãos dos religiosos e até aceito apenas como peculiar ao seu ofício e a nenhum outro.” (SODRÉ, 1977, p. 14).

Entretanto, vale destacar que, mesmo com esse tipo de proibição, alguns impressos circulavam no Brasil entre os séculos XVII e XVIII. Assim, as tentativas de se instalar tipografias no Brasil iam aos poucos se multiplicando, e então “Em 1706, sob os auspícios do governador

Francisco de Castro Morais, instalou-se no Recife pequena tipografia para impressão de letras câmbio e orações devotas.” (SODRÉ, 1977, p. 20).

Destes séculos de tentativas de instalação da imprensa no Brasil, apenas anos depois é que:

A imprensa surgiria, finalmente, no Brasil, - e ainda desta vez, a definitiva, sob proteção oficial-com o advento da Corte de D. João. Antônio de Araújo, futuro conde da Barca, na confusão da fuga, mandara colocar no porão a *Medusa* o material gráfico que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular, e que não chegara a ser montado. Aportando ao Brasil, mandou instá-lo nos baixos de sua casa, à rua dos Barbonos. (SODRÉ, 1977, p. 22).

A Corte Portuguesa com a Imprensa Régia, apesar da censura e do monopólio que instaurou em terras brasileiras, foi importante na difusão da tradução escrita, pois, como apontam Heloísa Barbosa e Lia Wyler, “A primeira tradução impressa pela Impressão Régia foi do livro *Elementos de Álgebra* (Elements of Algebra) de Leonhard Euler’s (1707-83), traduzido por Manuel de Araújo Guimarães e publicado em 1809¹⁷.” (2001 p. 329). Porém, não foram apenas obras de cunho técnico que a Imprensa da Corte traduziu para o Brasil, mas também de cunho literário, como a obra “*Essays on Criticism* de Alexander Pope, traduzida e anotada em 1809 por Fernando José de Portugal, o Marquês de Aguiar (1752-1817)¹⁸.” (BARBOSA, WYLER, 2001, p. 329. Tradução minha).

Vale ressaltar que uma imprensa definitivamente brasileira se constitui apenas a partir de 1830, quando não operava mais a censura da Coroa Portuguesa e havia uma abertura maior para impressos de outras vertentes políticas diferentes daquelas da monarquia.

Antes disso, podemos dizer que existiam manifestações esparsas do jornalismo brasileiro. O *Correio Braziliense*, por exemplo, de

¹⁷ “The first translation printed by Impressão Régia was Leonhard Euler’s (1707-83) *Elementos de Álgebra* (Elements of Algebra), translated by Manuel de Araújo Guimarães and published in 1809”.

¹⁸ “Alexander Pope’s *Essays on Criticism*, translated and annotated in 1809 by Fernando José de Portugal, the Marquis of Aguiar (1752-1817)”.

Hipólito da Costa, em 1808, foi o primeiro jornal brasileiro, feito e editado em Londres e que chegava ao Rio de Janeiro de navio com uma demora de três meses. Apesar de feito em solo estrangeiro, a sua base era brasileira e a produção no exterior foi apenas uma estratégia para fugir da então política de censura instaurada no Brasil. Em 1821 ocorre o fim da censura na imprensa. Conforme destaca Leyser, a suspensão da censura veio através de Portugal, pois:

Em 1821, as Cortes Constituintes de Portugal aprovaram as bases da Constituição, onde transcreveram a liberdade da manifestação de pensamento. Diante disso, o Príncipe Regente Dom Pedro editou o aviso de 28 de agosto de 1821, no qual constava ‘que não se embarace por pretexto algum a impressão que se quiser fazer de qualquer escrito se abolia a censura prévia (1999, p. 3).

Essa nova abertura ao jornalismo propiciou o surgimento de vários jornais com as mais variadas tendências, desde o *Diário do Rio de Janeiro*, popularmente conhecido como *Diário do Vintém*, pelos seus baixos preços, até o *Diário Constitucional*, um jornal mais político. Aliás, a popularização da venda dos jornais por um preço baixo foi um exemplo seguido pela *Gazeta de Notícias* posteriormente.

No período de 1821 até a Independência em 1822, há um crescimento constante dos jornais devido ao surgimento de periódicos contra a monarquia. Sendo assim, como forma de defesa, ao mesmo tempo surgiam periódicos em favor da monarquia, financiados pela Corte, primeiros indícios de um “mecenato” imperial. Esses jornais pró e contra a monarquia estavam ligados a uma perspectiva que vai além da mera escolha por um tipo de governo, fazem parte da formação indentitária do brasileiro, conforme Ribeiro:

‘Ser português’ e ‘ser brasileiro’ já começavam a ser construções políticas, [...] o movimento popular estava intrinsecamente marcado pelo significado da presença –participação ‘lusa’ e a identidade nacional teve como um dos eixos de constituição os conflitos antilusitanos – que foram ostensivos até o momento do reconhecimento da Independência e pontilharam o dia a dia da cidade

até a eclosão violenta das noites das garrafadas.
(RIBEIRO, 1997, p. 9).

No Primeiro Reinado (1822-1831), a imprensa foi marcada por momentos de grandes conflitos, como dito anteriormente. Mesmo com a recente independência e com o fim da censura na imprensa, o imperador D. Pedro I tinha, além de grandes desgastes de sua figura no Brasil, a pressão da Corte para o seu retorno a Portugal.

Já no Segundo Reinado (1840-1889), no início do período, os conflitos estavam em ascensão, pois a crise econômica se agravava com o declínio dos preços do café no exterior, principal produto brasileiro, e se multiplicavam os conflitos sociais. Além disso, houve o surgimento dos “pasquins” e uma proliferação desse suporte jornalístico de vida efêmera. Podemos dizer que desse suporte desenvolveu-se uma espécie de gênero jornalístico “sátiro-sensacionalista”, que noticiava polêmicas e críticas contra a Corte no Brasil.

Durante o Segundo Reinado, a imprensa teve alguns de seus periódicos promovidos pelo mecenato, principalmente pelo Imperador D. Pedro II, que manteve alguns deles com o intuito não somente de divulgar artes, literaturas e desenhos, mas também como um modo de se aproximar de jornalistas que atacavam o seu império e o sistema político. Conforme destaca Gonçalves, um dos motivos que estava ligado a esse desenvolvimento cultural seria um projeto civilizatório iluminista. Para ele:

a orientação educacional de D. Pedro II é reflexo disso tanto quanto a política de institucionalização do saber que se consolidou no Segundo Reinado com a fundação de sociedades e academias científicas e educacionais.(CAMPOS GONÇALVES, 2013, s/p).

É o período da monarquia, mais especificamente entre 1830 e 1850, que Sodré afirma ser:

[...] o grande momento da imprensa brasileira. Fraca em técnica, artesanal na produção, com distribuição restrita e emprestada, praticamente inexistente uma vez que inespecífica, encontrou, entretanto, na realidade política a fonte de que se

valeu para exercer sobre essa realidade, por sua vez, influência extraordinária, consideradas as condições da época. Foi, praticamente, a infância da imprensa brasileira; talvez a sua turbulenta adolescência, quando muito, se considerarmos infância a curta fase em que batalhou pela liberdade conjugada à Independência do país (1999, p. 180).

Apesar de Sodré afirmar que esse foi o grande momento da imprensa, mesmo que artesanal, o historiador parece se ater mais à participação política do que a outros fatores. Podemos dizer que, por exemplo, se a história da imprensa fosse analisada em termos literários e tradutórios, o período de industrialização dos periódicos (mesmo com o movimento de contínua *desliteralização*¹⁹ dos conteúdos jornalísticos), que comporta o final do século XIX e início do século XX, torna-se um dos principais momentos da imprensa para a literatura, visto que, nesse período, a imprensa propiciou o surgimento do espaço especializado da literatura, o que consequentemente gera um maior fôlego para as críticas literárias, traduções e resenhas.

Ao final do Segundo Reinado, a prática de incentivo cultural continuou e:

[...] o tom da política cultural do Segundo Reinado afinou-se com o projeto nacional-civilizacional. Tanto no seu apogeu entre 1850 e 1870, quanto na fase de seu declínio de 1870 até 1889, ocorreu uma intensificação da institucionalização educacional e científica (SCHWARCZ, 1993 *Apud* GONÇALVES, 2013).

No momento entre o fim do Segundo Reinado e o início da Primeira República, o projeto civilizatório e cultural continua, mas não mais pela perspectiva de um mote iluminista como propõe Gonçalves, mas por um viés mais positivista como veremos adiante.

¹⁹ Termo que designa a perda da literalidade em uma obra, que foi desenvolvido por Silviano Santiago em *O Cosmopolitismo do Pobre*. SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. Neste caso, utilizamos como metáfora para a diminuição de conteúdos literários na imprensa.

O Rio de Janeiro, a então capital brasileira, era o principal local onde os jornais eram publicados e onde se assistiu às profundas transformações culturais da época. Desde a Proclamação da República, a imprensa cultural e os grupos políticos foram responsáveis pela consolidação das atividades intelectuais e artísticas que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano como um espelho da sociedade europeia.

Nesse momento dos anos iniciais da Primeira República, o “afrancesamento” se torna cada vez mais forte e, como veremos, os costumes referentes ao ato de se afrancesar se vinculam ao projeto civilizatório, no intuito de transformar a população brasileira em uma sociedade que seguisse os moldes da francesa. Precisamente, o país se estabelecia através da constituição de um Estado nos moldes da Revolução Francesa. Portanto, para se construir tal sociedade era necessário se pautar em um modelo e a sociedade escolhida foi a europeia, não apenas pela força econômica conquistada pelas Revoluções Francesa e Industrial, mas também pela força civilizatória e moralizante da qual um dos principais expoentes era a França.

Assim, a República, tinha certa ambiguidade: por um lado, queria construir um Estado nacional e, por outro, visando a própria construção da sociedade, precisava dos estrangeiros para o projeto de civilizar o povo. Um exemplo disso encontra-se nas reformas urbanas feitas no Rio de Janeiro por Pereira Passos e a adesão a essa pela maioria dos intelectuais, como veremos mais adiante. Assim,

em 1900, a elite já incorporava ao cotidiano o uso do francês e a familiaridade com a cultura francesa. Muitas mulheres da elite liam a literatura francesa; muitos homens da elite também o faziam. Na verdade, vários literatos escreviam e alguns até pensavam naquela língua (NEEDELL, 1993, p. 230).

No período da *Belle Époque* e até o final da primeira República, destacam-se na imprensa as mudanças técnicas e a especialização do jornalismo.

Alguns exemplos dessa transformação são a substituição da ilustração feita por clichê pela fotografia impressa em autotipia, as

novas tecnologias de impressão, como a linotipo, e posteriormente a implementação da máquina de escrever.

Esse processo de passagem da imprensa artesanal para a industrial está ligado ao desenvolvimento tecnológico e industrial e principalmente ao positivismo, pensamento que guiava influentes intelectuais da época. Sendo assim, o desenvolvimento técnico com a ideologia “burguesa” produz na imprensa alguns efeitos como a intensificação nos modos de produção:

Jornais e revistas tendem a se consolidar como empresas, diversificando atividades e introduzindo ininterruptamente alterações de qualidade. Isso ocorre nas décadas de 1920, 30, 40, mas é na de 50 que importantes reformas que abrangem formato, composição, impressão, papel e conteúdo vão dar respostas práticas às exigências da sociedade (BAHIA, 1990, p. 128).

Formada a prática do jornalismo brasileiro no século XIX, restava ainda a consolidação do seu produtor, ou seja, do jornalista. Pode-se dizer que, no século XIX e início do século XX, a imprensa e o jornalismo eram feitos, em sua maioria, por homens de letras e intelectuais. Contudo, com o desenvolvimento da sociedade brasileira, a industrialização e o *boom* jornalístico no século XX, a profissionalização dos homens de letras que se tornaram agora jornalistas revelou-se fundamental nesse processo de desenvolvimento da imprensa, pois significaria a inserção do homem de letras no Estado de modo institucionalizado. (PETRARCA, 2010, p. 85). Contudo, a efetiva profissionalização ocorrerá mesmo apenas na Era Vargas. Novamente:

Criou-se, no Rio de Janeiro, desde os anos 1880, e com mais intensidade a partir da década seguinte, um novo jornalismo com profundas repercussões junto à sociedade e aos [...] jornalistas (BARBOSA, 1997, p. 89).

Enquanto na imprensa há a passagem do artesanal para o industrial, no jornalismo ocorre a massificação dos conteúdos através das agências de notícias. Segundo Sodré, as atuações das agências de notícias na imprensa brasileira “[...] fizeram da imprensa simples instrumento de suas finalidades: o desenvolvimento da imprensa, em

função do desenvolvimento do capitalismo, as gerara; depois de servir à imprensa, serviram-se dela” (SODRÉ, 1977, p. 5). Esse mote de superprodução pelas agências se situa em um período que pode ser definido assim:

O desenvolvimento industrial, o progresso das comunicações, as maciças concentrações urbanas, as novas mercadorias culturais, a produção em massa, as necessidades resultantes da produção, da distribuição e do consumo e o fato específico das agências de atribuir à publicidade um sentido racional de técnica e de arte são fatores que explicam a moderna função social do anúncio e sua importância na mídia (BAHIA, 2014, p. 282-283).

A massificação e a objetividade/factualidade do jornalismo, no seu aspecto mais capitalista representado pelo anúncio publicitário, são fatores que caracterizam a industrialização da imprensa brasileira. Entretanto, como mostram Richard Romancini e Cláudia Lago,

A tendência de mudança no jornalismo brasileiro da Primeira República (1889-1930) é gradual; os grandes veículos eram ainda do tempo do Império e a consolidação empresarial dos mesmos só se daria depois de algumas décadas do novo regime. (2007, p. 76).

Essa objetividade/factualidade do jornalismo aponta para a profissionalização do jornalista. Contudo, só será realmente efetivada no fim da Primeira República, pois não havia jornalistas formados no Brasil e com isso há uma continuidade da escrita pelos homens de letras e intelectuais que se interessam pela imprensa como um todo. Porém, estes homens de letras agora não são completos desconhecidos, eles possuem *status*, e isso aumenta a vendagem de seus jornais, o que consequentemente aumenta seus recursos e colabora com a industrialização da imprensa.

A industrialização da imprensa gera uma especialização dos periódicos, tanto é que nos grandes jornais cotidianos começam a surgir as colunas literárias e nas revistas os grandes artigos começam a ser mais frequentes. Sendo assim, há uma modificação nos gêneros publicados por essa imprensa com

[...] a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. (SODRÉ, 1999, p. 296).

Com essa especialização:

O jornal e o jornalismo não somente absorverão artistas e intelectuais em um mercado de trabalho mais especializado, permitindo sua relativa sobrevivência nessa função, como também redimensionarão a atuação do artista e da sua produção no interior do sistema literário. (GIL, 1999, p. 46).

A República, apesar de seus descompassos, tinha um papel fundamental na consolidação e industrialização da imprensa brasileira e de seus profissionais. Com as reformas estruturais na cidade e o constante tecnicismo que atingia a imprensa, criou-se um

[...] novo horizonte profissional [que] foi determinado pelas transformações técnicas, [...] ocorridas nas formas de produção, reprodução e circulação de imagem e de som, as quais vão se refletir sobremaneira no processo de industrialização da imprensa brasileira no período. (GIL, 1999, p. 46).

Esse novo horizonte seria, no final do século XIX, a instituição do jornalista como um profissional que, para atender às demandas de velocidade da imprensa industrial, utiliza equipamentos de fotografias e impressão mais modernos.

A circulação dos jornais concentra-se nos grandes centros intelectuais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Apesar do aumento do público leitor, a industrialização da imprensa e as grandes tiragens não evidenciam o número real de leitores, mas, sim, a

circulação de anúncios de produtos que poderiam atingir a potenciais clientes.

No período da *Belle Époque*, de 1901 a 1915²⁰, houve concomitantemente no Brasil a industrialização da imprensa e uma tentativa de “civilização” da sociedade brasileira que não foi aceita pela população, ocasionando diversas manifestações e revoltas. Esse projeto civilizatório, que ocorreu através de reformas urbanas, sanitárias e educacionais a fim de transformar os brasileiros em uma sociedade mais “civil”, igual à sociedade estabelecida pela Revolução Francesa, ficou conhecido como o período do “bota-abaixo” que, segundo Angela Marly, foi além das transformações estruturais na cidade:

Passos também tencionava introduzir novos hábitos à população carioca, modificar o seu modo de vida, civilizando-nos. Durante o seu governo, ele usou seus poderes discricionários para colocar em vigor uma série de decretos destinados a transformar “velhas usanças” que negavam ao Rio de Janeiro foros de capital e “mesmo de simples hábitat civilizado. (SANTOS; MOTTA, 2003, p. 26).

Apesar de haver essa cultura do afrancesamento, vale destacar que as reformas afetaram a população mais desprovida, cujo acesso à cultura era baixíssimo e, se levarmos em conta que a maioria da população era analfabeta²¹, a imprensa torna-se o principal meio de comunicação da elite letrada brasileira, sendo o projeto de civilização brasileiro de total interesse dos empresários que geriam essa imprensa industrial, pois, com um maior público leitor, os periódicos poderiam de

²⁰ Este período é uma estimativa, pode ter durado mais ou menos anos. Aqui coloco a *Belle Époque* no século XX, no qual se insere o período do nosso estudo. Contudo, vale destacar que a *Belle Époque* começou a dar seus primeiros indícios ainda no final do século XIX, a partir de 1890.

²¹ Ver “Os três povos da República” de José Murilo de Carvalho e o censo de 1925 de Gilberto Amado que demonstram o índice de analfabetismo no Brasil. CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. USP, São Paulo, v. 1, n. 59, p. 96-115, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/13279/15097&usg=AOvVaw19Sfy1CfHC-JJYhk3YMMcp>>. Acesso em: 02/05/2016.

modo mais amplo se fortalecer como instrumento para propagar ideias políticas, religiosas e educacionais.

As reformas urbanísticas promovidas no período de 1902 a 1906 resultavam em uma diferença de classes, sendo a parte central do Rio de Janeiro a mais valorizada, a “Paris dos trópicos” da passagem do século que a elite brasileira tanto sonhara. Como Thiago Montilha comenta, a imprensa reforçou essa diferença de classes: enquanto a população de classe mais baixa estava sendo “varrida” do centro do Rio de Janeiro, intelectuais como Olavo Bilac apoiam as reformas urbanísticas, “[...] elogiando-as a fim de contribuir para a legitimação de projetos políticos altamente excludentes e truculentos [...] [contudo, Bilac] não se omitiu quanto à importância da discussão pública e das responsabilidades devidas [...] para a condução do rumo do país.” (2015 p. 135). Essa exclusão social determinou a criação de um novo lugar, o subúrbio, e essa população que foi marginalizada também demarca seu espaço na imprensa. Deste modo, portanto, irão surgir periódicos de classes operárias, de imigrantes, dos subúrbios, entre outros.

Em 1908, o governo Afonso Pena organizou diversos eventos culturais para que assim o público tivesse uma imagem positiva do progresso tecnológico do país. Todavia, o seu modo centralizador de governar, as escolhas dos presidentes das províncias, ministros e chefes, desagradou à organização política da “República do café com leite”, a qual teve papel fundamental em sua eleição em 1906. Além disso, em 1909, poucos meses antes de falecer, Afonso Pena enfrentou uma crise na escolha do nome do presidente para sua sucessão, já que não se chegava a um consenso com os partidos oligárquicos. Essas notícias políticas e os outros fatores da industrialização da imprensa comentados anteriormente intensificam, no final do século XIX e início do século XX, a posição dos jornais e revistas como instrumentos mercadológicos, através dos quais cada vez mais se consome esse meio de comunicação, proporcionando assim mais lucros para os donos de jornais e revistas que influenciam o cenário político, como comentamos sobre Assis Chateaubriand, com o objetivo de gerar cada vez mais notícias e conteúdos.

Podemos dizer que é através das críticas literárias e das disputas intelectuais nos periódicos que a literatura estrangeira e a tradução se tornam parte importante do sistema cultural/midiático brasileiro. A partir dessas disputas também se constroem as redes entre editores e escritores, e foi assim que, já no século XIX, despontaram nomes como os de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Gonçalves Dias, Castro Alves, entre outros. Isso impacta diretamente na

forma como Leopardi vai aparecer no sistema cultural brasileiro, quando vemos longos artigos críticos e crônicas publicados, por exemplo, em 1920.

No século XX, muitos elementos mudam em relação à diagramação e ao conteúdo publicado na imprensa. O formato tabloide começa a surgir com as ilustrações, o profissional jornalista começa a ser reconhecido e, se compararmos as publicações literárias na imprensa, perceberemos que a publicação de obras na íntegra em língua estrangeira diminui, enquanto a publicação de obras e trechos traduzidos aumenta, gerando, no caso de Giacomo Leopardi no Brasil, um maior espaço para as traduções e críticas literárias.

Podemos dizer que a passagem da imprensa artesanal para a imprensa industrial é um dos marcos mais fortes na imprensa brasileira do século XX, e, com a consolidação do capitalismo na imprensa, a imprensa industrial “[...] aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa.” (SODRÉ, 1977, p. 298).

Ao longo desse período de constituição da imprensa, os jornais e revistas se transformaram em um lugar fecundo para a constituição do campo intelectual brasileiro. Os periódicos eram um dos instrumentos que preenchiam as lacunas literárias e culturais deixadas pelo mercado editorial livreiro ainda pouco acessível. Sendo assim, através dos bens culturais produzidos na mídia impressa, os intelectuais e jornalistas da época eram, ao mesmo tempo, produtores e mediadores culturais em constante diálogo com a sociedade, o Estado e a arte, contribuindo para aquilo que podemos denominar “inovações”. Nesse momento, destacam-se: a imprensa de imigração, os movimentos de censura, o modernismo.

A imigração no Brasil do final do século XIX e início do século XX foi um dos fatores que auxiliaram no diálogo intercultural, podemos dizer que um dos momentos em que esses movimentos acontecem com mais força é entre 1880 e 1920, questão que se comprova quando o recenseamento de 1920²² mostra que de um total de 1.565.961 estrangeiros no Brasil, 558.405 eram italianos, 433.577 eram portugueses e 219.142 eram espanhóis.

Portanto, através do estabelecimento desses imigrantes no Brasil, começou a surgir a imprensa de imigração. Com a imprensa de

²² Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio —Directorio Geral de estatística, Recenseamento do Brazil Realizado em I de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, v. IV, 1ª parte, p. 312-317, 1926.

imigração, entre o *fin-de-siècle* e o início dos anos de 1930, ocorre o enrolhamento da imprensa. Esse processo de censura iniciou-se em 23 de dezembro de 1889, através do decreto 85^A, que foi a primeira lei de imprensa republicana, pelo qual uma junta militar poderia processar e julgar sumariamente abusos da manifestação do pensamento.

Com o menor aparecimento das discussões políticas por causa da censura, os jornais da Primeira República ampliaram seus conteúdos em relação à cultura, surgindo assim, com maior intensidade, críticas e anúncios de cinema e teatro, colunas literárias, artigos de opinião, entre outros.

A imprensa de imigração, inicialmente mais artesanal, era uma espécie de porta-voz dos imigrantes e da literatura de seus países; foi, portanto, através desse tipo de imprensa, que autores como Giacomo Leopardi aparecem em jornais de portugueses, italianos e espanhóis publicados no Brasil. Entre os periódicos de portugueses, destacamos dois, em virtude da presença de Giacomo Leopardi: *A Madrugada* e *Lusitania*.

Com inspiração portuguesa, *A Madrugada* era um periódico mensal carioca publicado pela tipografia Macedo e Rohe. Entretanto, em razão de a revista brasileira ser homônima de uma revista portuguesa, algumas informações veiculadas foram erroneamente vinculadas a esta última. *A Madrugada* carioca foi um jornal que, segundo os editores, não veio “prehencher lacunas nem mostrarmo-nos perante o meio artístico” (CARDOSO, 1902, p. 1). O conteúdo a ser publicado era:

[...] único e exclusivamente litterario. As nossas columnas jamais abrirão terreno para polemicas, ellas vêm sem côr política e nunca obedeceremos a critica malévola porque a vemos nos lábios dos egoístas e dos invejosos. (*A MADRUGADA*, 1902, p. 2).

A revista *Lusitania* circulou entre 1929 e 1934 e era publicada quinzenalmente: o seu conteúdo era composto por textos de literatura, cultura e notícias em geral do Brasil e Portugal. Tinha aproximadamente sessenta páginas com fotografias e ilustrações coloridas. A “revista possuía como mote a defesa das tradições portuguesas, a exaltação do ‘Portugal Grande’, ‘Imperial’, e a temática ultramarina, circulando também em Portugal e nas colônias portuguesas da África” (TRICHES, 2010, p. 7). A revista ainda pode ter tido inspiração em um periódico

português chamado *Lusitânia: revista de estudos portugueses*²³, publicado entre 1924 e 1927.

Na revista *Lusitania*, temos 3 ocorrências com a palavra Leopardi: A primeira, datada de 16 de março de 1929, na coluna “Chronica Literária”, que apresenta um texto sobre Aristídes Mota no qual se considera a sua poesia mais dolorosa e sublime do que a de Leopardi. A segunda, de 16 de abril de 1929, em um texto em homenagem a Dom Carlos no qual o autor exalta a figura política diante de literatos como Leopardi. A terceira, datada de 16 de julho de 1929, também na coluna “Chronica Literária”, que apresenta um breve texto sobre Guerra Junqueiro colocando-o como um dos escritores do mesmo nível de Leopardi. No periódico *A Madrugada* encontramos 1 ocorrência: a poesia “Sonhei” de Battista Franco publicada em 13 de fevereiro de 1902, a qual é uma tradução do canto XXXVII – “Odi, Melisso” (1819) de Leopardi.

Outro grupo na imprensa de imigração é o dos espanhóis e dois são os periódicos: *La Bandera Española: periodico politico, cientifico y literario, defensor de los intereses de la Colonia Espanola en la Republica Brasilena* de 1891 e o *Diario Español*, jornal que circulou entre os anos de 1912-1922. Apenas no jornal *Diario Español* encontramos conteúdos referentes a Leopardi, como a tradução de um fragmento dos *Pensieri*, publicada em 8 de outubro de 1922.

A imigração italiana foi a que mais teve intensidade e repercussão na imprensa brasileira e muitos foram os jornais publicados, conforme os estudos de Angelo Trento²⁴. Se nos restringirmos aos jornais que citam Leopardi, encontramos *Il Bersagliere*, *Il Moscone*, *Il Patriota*, *Città di Caxias*, *L'imparziale*, entre outros. A imprensa italiana tinha, segundo Angelo Trento o “papel pedagógico [...] de formar mais do que informar, de modelar consciências”. (2013, p. 31).

Com caráter pedagógico, encontramos também jornais como *Città di Caxias*, do Rio Grande do Sul, fundado em 1º de janeiro de 1913 por Ernesto Scorza e que circulou até 1922. Nesse jornal, tinha-se por objetivo reforçar a ideia do irrestrito apoio à sua cidade-sede:

Desta obra, inspirada nos mais altos sentidos de civismo e de patriotismo, somos fêrvidos e

²³ Disponível digitalmente na Hemeroteca de Portugal no seguinte endereço <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Lusitania/Lusitania.htm>

²⁴ TRENTO, Angelo. **Do Outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura/Nobel, 1988.

entusiasmados admiradores, pois distinguimos nessa o profundo interesse que se professa e deseja para a emergente cidade; ser vigilante sentinela do desenvolvimento desta Caxias bela e encantadora, que revela sempre mais, à admiração do Brasil e da pátria nossa, as suas potentes qualidades evolutivas.²⁵ (LA DIREZIONE, 1913, p. 1).

O jornal, de periodicidade variada, era bilíngue, mas a maior parte de seu conteúdo era escrita em italiano. Nesse periódico, temos duas ocorrências relacionadas a Leopardi: a primeira, de 12 de janeiro de 1914, no texto intitulado “De Tempos em Tempos”, o que coloca Leopardi como poeta filósofo e professor de uma filosofia triste; a segunda, de 1º de janeiro de 1917, no texto intitulado “L’anniversario della città”, no qual se utiliza um fragmento de Leopardi para falar da relação entre ilusão e as datas comemorativas.

Outro jornal a dar destaque a Leopardi é *Il Bersagliere*²⁶, fundado por Gaetano Segreto em 1891, no Rio de Janeiro, com publicação diária. Era totalmente escrito em italiano, fato que consolida uma identidade nacional para atingir um público específico. Nele, encontramos 20 ocorrências sobre Leopardi no período de 1902 a 1913, as quais são: 1. Reportagem “I Tre grandi italiani” publicada no número comemorativo de 05 de maio de 1902. 2. Continuação dessa mesma reportagem publicada em 1902. 3. Breve comentário na coluna “Varietà”, publicado em 25 de julho de 1904, que compara Dickens a Leopardi. 4. Publicação do *Pensieri XXXVII*, datado de 29 de julho de 1904. 5. Crítica literária intitulada “La moralità della vittoria” publicada em 05 de maio de 1904, a qual trata do aspecto moral da vitória e remete a Leopardi para abordar temas como vaidade, egoísmo e niilismo. 6. Artigo da edição especial de 20 de setembro de 1904, intitulado “Venti Settembre”, o qual narra alguns aspectos da unificação italiana e coloca Leopardi como um dos

²⁵ “Di quest’opera, ispirata ai più alti sensi di civismo e di patriottismo, siamo fervidi ed entusiasti ammiratori, perchè scorgiamo in essa il profondo interesse che egli sposa e desidera per la nascente cittadina; essere vigile sentinella dello sviluppo di questa Caxias bella ed incantevole, che rivela sempre più, all’ammirazione del Brasile e della patria nostra, le sue possenti qualità evolute.”

²⁶ Para maiores informações, ver: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-da-biblioteca/jornal-da-comunita> Acesso em: 20 de fevereiro de 2017

intelectuais que ajudaram a Itália a ser unificada. 7. Ainda em edição especial do quinto aniversário do jornal, o artigo “La Colpa”, de 03 de maio de 1905, que narra como é a vida dos italianos imigrantes. Nesse artigo Leopardi aparece como intelectual que representa a dor do povo italiano longe de seu país. 8. Na crítica literária “L’Anima” de F. Canela, publicada em 11 de agosto de 1908, temos uma análise do livro *L’Anima*, o qual segundo o autor possui em suas poesias “acentos leopardianos”. 9. Artigo intitulado “Il Giornalismo Contemporaneo” de Mazzini, publicado em 15 de agosto de 1906, no qual, ao se discutir sobre a imprensa e o progresso, cita-se Leopardi com o poema “Palinodia al marchese Gino Capponi”. 10. Artigo “Salve Patria...Salve!”, publicado em 12 de janeiro de 1907, no qual há a transcrição de um artigo de Enrico Piccione, que analisa o cenário das relações entre a Itália e os países americanos; ao exaltar a. Itália intelectualmente, menciona Leopardi. 11. Crítica literária “Carducci e Le Regioni dell’Italia” publicada em 06 de abril de 1904, na qual se analisa a visão de Carducci sobre o que seria uma Itália ideal, porém o crítico reclama a menção a pensadores mais profundos como Leopardi. 12. Crônica intitulada “Vate” de Nasonelli, publicada em 15 de junho de 1907, que narra algumas histórias de San Giovanni, enquanto realiza críticas ao governo italiano e pergunta como escritores como Leopardi falariam sobre esse santo e como ele responderia. 13. Artigo “Da Parigi”, publicado em 17 de agosto de 1907, no qual se trata das comemorações da unificação italiana em Paris e se relata como esse momento foi esperado por escritores como Leopardi. 14. Coluna “La vita italiana”, publicada em 12 de setembro de 1908, na qual se realiza um paralelo entre os escritos de Leopardi e Prati sobre a morte. 15. Artigo “Energie Italiane”, publicado em 26 de dezembro de 1908, no qual se fala sobre as contribuições dos italianos no Brasil para diversas áreas do conhecimento e, na literatura, cita Leopardi como um dos que contribuíram para o enriquecimento cultural brasileiro. 16. Coluna “La vita italiana”, de 27 de junho de 1909, na qual aparece o paralelo entre Prati e Leopardi, desta vez, entretanto, sob o aspecto da educação e como cada um foi estimulado a estudar. 17. Resumo da conferência do senhor Zaglio, publicada em 17 de dezembro de 1911, iniciada pelo palestrante com a citação dos poemas “All’Italia” e “Sopra il monumento di Dante”. 18. No artigo “Roma” de Afonso Galotti, publicado em 20 de setembro de 1912, narra-se a história dos principais personagens da unificação italiana e há uma espécie de “chamado” aos italianos no Brasil para que continuem “em frente” e construam uma pátria semelhante àquela idealizada por escritores como Leopardi. 19.

Texto “La triste avventura”, publicado em 14 de setembro de 1913, no qual se comenta o relacionamento de um padre com uma mulher, na igreja de San Vitale, a mesma onde estaria sepultado Leopardi. 20. Publicação de uma pequena errata sem datação, na qual o jornal se desculpa por atribuir erroneamente os escritos de Foscolo a Leopardi da parte do professor Segré.

Outro periódico com inspiração italiana é *Il Patriotta: giornale popolare*, que circulou apenas um ano, de 1908 a 1909. O jornal, publicado no Rio de Janeiro, foi inspirado no *Il Patriota: giornale politico quotidiano*, publicado em Parma em 1859 e dirigido por Pietro Boschi. Até mesmo a diagramação do jornal brasileiro era igual à do italiano, dividido em seis colunas, assim como a posição do título e subtítulo etc. Temos apenas uma ocorrência sobre Leopardi na crônica intitulada “Guida a Napoli”, publicada em 28 de novembro de 1908, na qual se mostram os principais pontos turísticos de Napoli, incluindo a igreja de San Vitale onde Leopardi foi sepultado.

Além da circulação desses periódicos, no âmbito cultural brasileiro, acontece também o período do movimento modernista, já que os primeiros traços se iniciam em 1917, quando algumas tendências artísticas começam a despontar, como a exposição do Tropicalismo de Anita Malfatti, que posteriormente será um dos alicerces para a Semana de Arte Moderna em São Paulo. Verifica-se, então, o início do deslocamento do centro de cultura do Rio de Janeiro para São Paulo.

Em um primeiro momento, a questão política ganhou maior destaque nas páginas dos periódicos se comparada com a literatura e as artes, mas posteriormente as artes retomam seu espaço. Com essas tendências, concretiza-se uma ruptura do modelo francês da *Belle Époque*, e estrangeiro no geral, de modo a criar duas vertentes: de um lado, o *cosmopolitismo* e, de outro, o *nacionalismo*.

Para pensar como o movimento modernista gerou inovações na imprensa brasileira e na forma como Leopardi é representado, é importante lembrar que a Semana de Arte Moderna de 1922 representou não apenas uma renovação nas artes, línguas e cultura em geral, mas também na afirmação de ideias que surgiam no país e que tinham como representantes Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, entre outros.



Figura 7: Cartazes de divulgação da Semana de Arte Moderna de 1922.

Fonte: Banco de Imagens da Google²⁷.

Nos anos 20 do século XX, a imprensa abre espaço para um novo entretenimento nacional popular: os esportes. É nesse período que começam a se ampliar os cadernos e suplementos esportivos. Nos cadernos culturais, pela nova geração de intelectuais,

[...] há uma demanda genérica de unificação cultural, um espírito de renovação e atualização que pretende ir além da dimensão estritamente

²⁷Disponível

<https://historiandonanet07.files.wordpress.com/2015/09/semana-da-arte-moderna-de-1922.jpg> Acesso em: 22/05/2017

literária e uma preocupação difusa de superar a distância entre o erudito e o popular. (LAHUERTE, 1997, p. 97).

Em meio às inovações culturais e mudanças políticas da década de 1920, um personagem se destaca na história da imprensa. Trata-se de Assis Chateaubriand e com ele aparece um novo modo de se pensar a imprensa. Esse novo formato importado dos moldes americanos colocava mais ênfase na propaganda do que na notícia e um claro poder de influência nas decisões políticas do país, porque de acordo com Luis Felipe Miguel:

A figura de Chateaubriand, aliás, é apagada da história do Brasil [...] No entanto, respaldado por sua rede de comunicação, ele apoiava revoluções (como a de 30 e a Constitucionalista), influenciava o resultado de eleições, exercia poder de veto sobre a composição de ministérios, arrancava reformas na legislação; por duas vezes, forçou renúncias de parlamentares para conseguir se eleger senador; impôs a si próprio como embaixador do Brasil em Londres. (2000, p. 196).

Com isso, na imprensa brasileira tornam-se mais frequentes a manipulação midiática, e os anúncios como fonte de faturamento divulgavam os mais variados produtos e serviços, dentre eles estavam os de livrarias e de bibliotecas. Através desses anúncios, temos acesso a livros traduzidos que até então não foram catalogados e analisados pela historiografia da tradução.

Há ainda, nesse mesmo período, o movimento de empastelamento da imprensa. Apesar de o empastelamento ser um movimento de censura da imprensa dos anos 30 até o final da Era Vargas, os estudos em imprensa parecem ter certa dificuldade em definir esse movimento, visto que o conceito:

definia a invasão e destruição do jornal, e remetia à época em que os periódicos eram compostos em máquinas de tipos móveis, em que cada letra tinha de ser escolhida pelo tipógrafo e montada, uma a uma, para formar as palavras, [assim] [...] empastelar, nesse caso, significava abrir as gavetas de tipos e esparramar as letras de chumbo no chão, o que exigia meses para reorganizá-las.

[...] com o tempo, o vocábulo passou a designar qualquer ato de violência contra jornais. (NETO, 2013, p. 35).

O empastelamento, portanto, é um movimento de censura política que fecha as características do período estudado.

Para finalizar este subcapítulo, não podemos deixar de mencionar que uma das heranças do século XIX para o século XX na imprensa brasileira é a das revistas ilustradas. A pioneira nesse ramo foi a *Ilustração Brasileira* no século XIX. As suas capas alternavam artistas europeus e brasileiros, nos moldes de uma revista, e circulou até 1950. Era impressa na mesma tipografia de *O Malho*, revista que, como veremos no decorrer do trabalho, foi responsável pela tradução e divulgação de alguns dos 111 *Pensieri* de Leopardi.

A grande inovação das revistas ilustradas vai para além do próprio desenvolvimento gráfico e da maior legibilidade do leitor, e se manifesta através da

temática frívola [que] traduz perfeitamente bem o espírito das revistas ilustradas, em especial o da *Fon-Fon* que confirmava sua linha editorial, assumindo a defesa dos ideais de elegância, e **smartismo**, que figuravam na ordem do dia dos integrantes da república das letras. Rompendo com antigos padrões morais, a revista, através das figuras da **coquette** e do **dândi**, se colocava no compasso dos novos tempos fazendo elogio à falsidade, aos interesses, às extravagâncias, à vaidade e, acima de tudo, à cavação. (NEMER, 2007, p. 6).

As revistas em geral, incluindo as ilustradas, na década de 1920, geram outra novidade, que é a do espaço especializado e assim surgem revistas técnicas de Direito, Marinha, Exército e da própria Literatura. Esse novo espaço favorecerá o aparecimento de artigos e críticas literárias de maior fôlego. Além disso, as revistas, diferentemente dos jornais, não precisam dividir espaço com as notícias factuais.

Após esse breve delineamento da constituição da imprensa brasileira, no próximo subcapítulo comentaremos sobre alguns trabalhos que tratam da presença de Leopardi no Brasil e a atuação de alguns intelectuais na imprensa que colaboraram para sua inserção no sistema cultural brasileiro.

1.2. INTELECTUAIS E A IMPRENSA: AS LEITURAS SOBRE LEOPARDI NO BRASIL

Os três mais importantes trabalhos que trataram da relação de Leopardi com o mundo de língua portuguesa foram o artigo “Il Leopardi e il mondo di lingua portoghese” de Giuseppe Carlo Rossi, de 1969, a *Tesi di Laurea* de Dileia Manfio Zanotto intitulada *La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana*, de 1979, e o livro *Um só dorido coração: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria* de Mariagrazia Russo, de 2003. Através desses trabalhos, podemos verificar alguns intelectuais que contribuíram para a disseminação do pensamento de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira, para posteriormente determinar a sua ação dentro dos periódicos.

Em relação à presença de Leopardi no Brasil, Rossi destaca que a porta de entrada para Leopardi no Brasil foi aberta através da primeira geração romântica que aproximou o escritor italiano de outros escritores europeus, como por exemplo, Byron e Musset. Entretanto, Leopardi se tornaria evidente apenas na segunda geração romântica, a qual é “[...] caracterizada por uma mais intensa reflexão dos poetas e dos escritores sobre si mesmos, como Manuel Antônio Álvares de Azevedo.”²⁸ (1969, p. 569). Rossi destaca ainda alguns ecos da obra de Leopardi no Brasil, como em “Lira dos 20 anos” de Álvares de Azevedo. É importante ressaltar que Rossi se refere apenas a poetas portugueses e brasileiros “influenciados” por Leopardi e não menciona de maneira específica artigos na imprensa.

De maior envergadura é o estudo de Dileia Zanotto Manfio, que foi uma das primeiras pesquisadoras a abordar a presença de Giacomo Leopardi no Brasil, incluindo as publicações na imprensa brasileira. A autora criou quadros demonstrativos com artigos sobre Leopardi publicados na imprensa brasileira no período de 1875 a 1979, além de destacar traduções de obras e realizar a relação de escritores que dialogam com Leopardi. Manfio diz que a primeira referência de Leopardi no Brasil se dá no texto de Bouché Leclercq intitulado “Giacomo Leopardi sua vida e obra”, que traz uma introdução sobre o poeta e a obra, e que foi publicado em português em 1875 na *Província de São Paulo*. Segundo Manfio, essa é “a primeira fonte de informação

²⁸ “caratterizzata da un più intenso raccoglimento dei poeti e degli scrittori su se stessi - Manuel Antônio Álvares de Azevedo.”

[...] trazida pela França, ainda que traduzida em português.”²⁹ (1979, p. 22). As outras informações de Manfio sobre Leopardi nos periódicos se referem a algumas traduções, como as efetuadas por Aloysio de Castro, Mario Gracciotti e Vinícius de Moraes.

Outro importante estudo sobre a relação de Leopardi com as culturas portuguesa e brasileira é o de Mariagrazia Russo, no livro *Um só dorido coração: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria*, de 2003. O livro é dividido em três partes. A primeira trata da busca de possíveis fontes de leituras do mundo de língua portuguesa com que Giacomo Leopardi teria tido contato na famosa biblioteca da Casa Leopardi. A segunda parte trata das marcas da presença leopardiana nas literaturas portuguesa e brasileira, elucidando como certos autores portugueses e brasileiros dialogaram com Leopardi. A terceira parte é dedicada às traduções de “L’Infinito” em Portugal e no Brasil. Russo, porém, não se detém em verificar a presença de Leopardi em jornais e revistas literárias, pois a sua análise se limita, em um primeiro momento, ao diálogo entre os escritores portugueses e brasileiros com Leopardi.

Dito isso, os principais intelectuais citados por Rossi, Manfio e Russo são escritores do calibre de Machado de Assis, Rui Barbosa e Vinícius de Moraes. Esses escritores também colaboravam com a imprensa, escrevendo crônicas, críticas literárias, obras literárias entre outros trabalhos. Através deles se realizavam intercâmbios culturais do Brasil com países como França, Itália, Portugal e Espanha.

A França foi o país com o qual o Brasil mais dialogou no que tange à recepção de Giacomo Leopardi no Brasil e também na literatura, por isso não é de se estranhar que Leopardi tenha entrado no sistema literário brasileiro via França. Entretanto, como veremos no decorrer do capítulo, esse país não é o único e exclusivo agente de inserção de Leopardi no Brasil.

Apesar de na década de 1830 termos poucos indícios da presença de Leopardi no Brasil e na imprensa, essas poucas evidências já mostram o forte trânsito cultural entre o Brasil, a França e a Itália. A exportação da obra leopardiana pela França começou nesses anos, conforme destaca Russo, em 1830, “As *canzoni* leopardianas atravessam oficialmente os Alpes para entrar em território francês em 1831... A difusão na França da obra de Giacomo Leopardi na década de

²⁹ “la prima fonte d’informazione [...] arrivata dalla Francia, benché tradotta in portoghese.”

1830 é reconstruída³⁰ [...]” (2003, p. 180). Já no Brasil, nesse período, há dois intelectuais que são responsáveis por trazer as novidades dos centros europeus, mais especificamente da França. São eles Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias e, dentre as novidades que introduzem, estão os aspectos temáticos das obras de Leopardi que estavam sendo discutidos pela crítica francesa.

Camyle Silva relata que alguns dos poemas da obra de Gonçalves Dias *Primeiros Cantos*, publicada em 1847, saíram primeiro no jornal *O Arquivo*, em 1846. Podemos acrescentar que são justamente os livros *Primeiros Cantos* e *Últimos Cantos* que apresentam algumas características relacionadas com Giacomo Leopardi, como, por exemplo, a nostalgia e o tédio. Uma das evidências encontra-se no canto “Lira Quebrada”, pertencente aos *Primeiros Cantos*, no qual o autor mostra o caráter crônico do tédio, que nos parece compatível com o conceito de “noia” que Leopardi desenvolve em seu *Zibaldone di pensieri*.

Lira quebrada

[...]

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também, —caprichos loucos,
Anelo d’outro mundo, d’outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Cismar venturas e encontrar só dores;

Fizeram-me o que vês: não canto,
sofro! Lira quebrada, coração sem forças
De poético manto as vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.
[...] (DIAS, 1851, p. 75-77).

Nos versos de “Lira Quebrada”, Gonçalves Dias coloca o tédio envolto em uma angústia que chega a lhe causar febre, certo tipo de dor. Aqui podemos realizar inicialmente a leitura a partir do *Zibaldone di Pensieri* de Leopardi em que há uma relação intrínseca entre o Tédio e a

³⁰ “Le *canzoni* leopardiane varcano ufficialmente le Alpi per entrare in territorio francese nel 1831...La diffusione in Francia dell’opera di Giacomo Leopardi nella decada del 1830 è ricostruita”.

Dor, o que explicaria na poesia o sentimento de angústia do eu lírico, como comenta Leopardi. Além disso, o prazer de sair do tédio é momentâneo e novamente retorna-se a ele, talvez seja por isso que Gonçalves Dias, ao final da poesia, diz que lhe resta como poeta o sofrimento.

Pela data de publicação, Gonçalves Dias não teve contato com a leitura do *Zibaldone di Pensieri* que foi publicado postumamente (1898-1900), mas, conforme pesquisa de Marco Lucchesi e Mariagrazia Russo, ele pode ter tido contato com outros escritos de Leopardi, absorvendo algumas de suas temáticas. Contudo, no caso do tédio, é importante destacar que esse tema era uma constante do século XIX e dos românticos, por isso, devemos pensar até que ponto a poesia de Gonçalves Dias se vincula, ou não, aos escritos de Giacomo Leopardi. Provavelmente Gonçalves Dias teve contato com as obras de Leopardi através das traduções francesas, visto que o período em que Mariagrazia Russo diz terem chegado à França as obras de Leopardi coincide com o da ida de intelectuais e escritores brasileiros para aquele país.

Gonçalves Dias ainda faz parte do círculo de artistas e homens de letras patrocinados pelo Mecenato do Imperador, cuja função principal era manter “[...] o Imperador D. Pedro II informado de críticas relacionadas ao Brasil publicadas na imprensa.” (SILVA, 2014, p. 387). Gonçalves Dias, através de suas cartas e como intelectual participante da imprensa, realizou diversos intercâmbios culturais, seja como tradutor de Vitor Hugo, seja incorporando alguns elementos da obra leopardiana em seus poemas.

Outro ponto a ser destacado nesse período é a busca por uma literatura de caráter nacional, ainda que feita pelas vias europeias, e reforçada pela recente independência do Brasil em 1822. Movimentos realizados entre França e Brasil como, por exemplo, a tradução de folhetins, a importação de modelos literários e da estética francesa, acontecem na imprensa brasileira. Além disso, como a língua francesa era intensamente utilizada entre os intelectuais e as classes mais abastadas, e até mesmo a educação da elite era composta de livros escritos em francês, na imprensa não seria diferente e, como exemplo disso, temos a primeira publicação de Giacomo Leopardi no Brasil, no jornal *Le messager*, em 1833, como já informado.

Em pesquisas anteriores, não se tinham referências sobre Giacomo Leopardi no Brasil na década de 1840. Contudo, através da constante atualização da Hemeroteca Digital, atualmente há duas ocorrências da aparição de Leopardi no Brasil, no *Jornal do Commercio* de 20 e 21 de agosto de 1846. Trata-se de dois anúncios de um Gabinete

de Leitura que mostram as obras de autores italianos contemporâneos “maiores e menores”, conforme podemos observar:

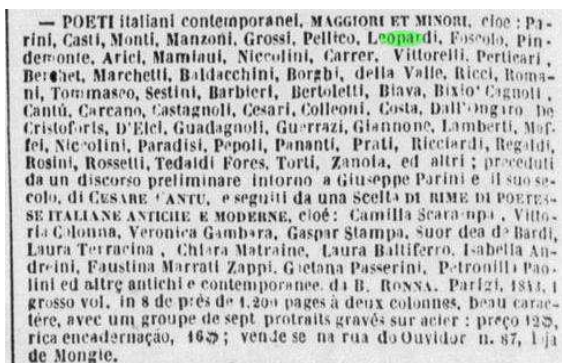


Figura 8: Anúncio Gabinete de Leitura das obras de autores italianos contemporâneos “maiores e menores” publicado no *Jornal do Commercio* de 20 e 21 de agosto de 1846. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.³¹

É na segunda geração do romantismo brasileiro que as referências a Giacomo Leopardi, tanto na imprensa quanto na própria literatura, se intensificam. Dessa geração, alguns intelectuais tiveram papel importante para a disseminação de Leopardi no Brasil, como Álvares de Azevedo, Raul Pompeia e Fagundes Varela.

Nas obras de Álvares de Azevedo, podemos destacar algumas temáticas comuns com Giacomo Leopardi, como por exemplo, o tédio, a angústia e a morte. Esse último tema é, por exemplo, perceptível na poesia “Virgem Morta” do escritor brasileiro, como demonstra Maiara Angélica Pandolfi:

O motivo da jovem morta traduz, nos exemplos mencionados na obra poética de Leopardi, Espronceda e Álvares de Azevedo, não apenas a perda das ilusões, mas também a dúvida do eu lírico diante dos mistérios da vida e sua impotência para mudar o destino. (2006, p. 73).

A atuação de Álvares de Azevedo na imprensa é pouco comentada, contudo os estudos existentes relatam a participação do

³¹Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/9783 acesso em: 12/12/2017.

escritor brasileiro na imprensa acadêmica em seus anos de estudos na faculdade de direito e a sua colaboração na imprensa portuguesa. No primeiro tipo de imprensa, Azevedo atuou primeiramente dentro de

associações estudantinas [das quais] sobressaíam-se duas: o Ateneu Paulistano, cujo porta-voz eram os seus ‘Ensaio Literários, e o Ensaio Filosófico Paulistano, que tinha como órgão a ‘Revista Mensal’, fundada por Álvares de Azevedo. (LEITE, 1952, p. 379).

Sobre a colaboração de Azevedo na imprensa portuguesa, temos uma pequena menção por Ernesto Rodrigues que relata: “Olhando ao índice onomástico do meu *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal* (1998), podemos somar lugares colaborados por outros brasileiros: Casimiro de Abreu, Alencar, Álvares de Azevedo [...]” (2014, p. 18).

Assim, trilhando esse caminho inicial na imprensa, Álvares de Azevedo começa a ter seu nome reconhecido na literatura nacional e suas obras começam a circular na imprensa. É o caso, por exemplo, de “Lembrança de Morrer”, que o crítico com pseudônimo Zr, em texto publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 1856, coloca como exemplo de sobrevivência poética em contraponto a uma racionalidade e um projeto civilizador pelo qual a literatura só teria espaço no jornal. Sendo assim, Zr argumenta que:

O que mais nos sensibilisa comtudo na leitura das poesias do Sr. Azevedo é, [...] a fatal intuição da sua morte, que o não abandona um momento que o acompanha sempre, quer nas horas em que confia aos échos da solidão os gemidos da sua dor [...] (ZR, 1856, p. 2).

Outro intelectual importante para o estabelecimento do diálogo entre o Brasil e Leopardi é Fagundes Varela. As ocorrências que demonstram a ligação entre Fagundes Varela e Leopardi na imprensa brasileira são escassas, mas significativas. Em 18 de abril de 1888, no artigo “Notas a Lápis”, publicado no *Correio Paulistano*, Francisco Otaviano, ao discorrer sobre Fagundes Varela, aponta que a sua característica de “solitário” fazia com que ele compusesse em um modo sistemático e fizesse parte de um grupo que possuiria: “[...] organizações doentias, caracteres naturalmente tristes, como Giacomo Leopardi, um

dos maiores poetas da Itália moderna, que sacrificou à musa do desespero as suas melhores inspirações” (OCTAVIANO [sic], 1888, p. 2).

Outro importante intelectual que dialogou com obras de Leopardi foi Raul Pompeia. Esse diálogo não se limitou apenas às suas obras, mas também reverberou em artigos de jornais. No que tange à poesia, Marco Lucchesi, no texto “Variações leopardianas”, apresenta ao leitor poemas de vários autores brasileiros dialogando com obras de Leopardi, como o poema “Ilusão Renitente” de Pompeia, que possui como epígrafe os versos de “La Ginestra” do poeta italiano. Neste poema específico, podemos perceber, além de certa ocorrência de elementos do cosmos, um grande vínculo com o “nada”, que, como em Leopardi, não representa um vácuo existencial, senão algo que é onipresente. Como Lucchesi destaca através da citação do próprio Pompeia em *Canções sem metro*: “O nada, [é] irmão da treva e do caos, revela-se em toda a grandeza do prestígio brutal, negativo, incontestável” (POMPÉIA *Apud* LUCCHESI, 1996, p. 968).

Esse mesmo conceito de ilusão na obra de Leopardi, que é apropriado por Raul Pompeia na poesia “Ilusão Renitente”, aparecerá depois incorporado no folhetim *Lionello*³² escrito por Antonio Bresciani³³ e publicado em 04 de dezembro de 1885 no jornal *O Apóstolo* (1866-1901), conforme podemos ver na figura abaixo:

³²O folhetim foi escrito primeiramente em italiano, intitulado *Lionello o delle Società Segrete*, o qual se encontra completamente digitalizado no seguinte link: https://archive.org/details/bub_gb_aZ5T9vDq6PMC. A publicação no periódico brasileiro *O Apóstolo* em 04 de dezembro de 1885 é uma tradução.

³³ Trata-se de Antonio Bresciani Borsa (1798-1862) integrante da Companhia de Jesus.

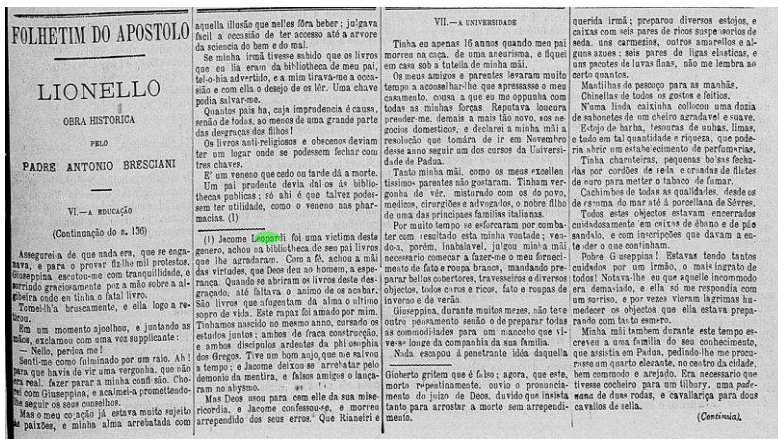


Figura 9: Folhetim *Lionello* publicado no jornal *O Apóstolo* em 04/12/1885. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Outra “Variação Leopardiana” presente no livro de Lucchesi é o poema de Pompeia “Rumor e Silêncio”, que possui como epígrafe os versos de “L’Infinito”. Enquanto Leopardi em “L’Infinito” canta ao seu “ermo colle” que, apesar de caro ao poeta, impossibilita uma ampla visão do mundo e o seu desejo de ir “oltre la siepe”, Pompeia faz o percurso inverso. O escritor brasileiro, já estabelecido na cidade, mostra seu grande desejo em retornar aos campos e se “livrar” dos rumores urbanos que lhe impossibilitam ver:

[...] a noite [que] vai conquistando agora, na savana imensa onde transita a migração dos dias e viajam as estrelas, onde os meteoros vivem, onde os cometas cruzam-se como espadas fantásticas de arcanjos em guerra - na mansão dos astros e do sagrado silêncio infinito? (POMPEIA *Apud* LUCCHESI, 1996, p. 971).

Não por acaso, Araújo conclui que a influência de Leopardi em Pompeia é o que faz do escritor brasileiro “irmão intelectual de Schopenhauer e de Leopardi [que] olha o universo à sua volta e reconhece-se esmagado por sua grandeza” (2006, p. 67).

Tal afirmação se repete no jornal *O Paiz*, que apresenta, em 26 de maio de 1886, o estudo de Maria de Carvalho intitulado “A Propósito de Schopenhauer e dos seus sectários”, que coloca Leopardi como um dos “sectários” de Schopenhauer:

Em primeiro lugar, o que a leitora talvez não saiba, nem suspeite, é que espécie de homenzinho é Schopenhauer. Provavelmente a sua imaginação, povoada pelos aphorismos desesperados do propheta do *nihilismo*, representa-o como um Byron da philosophia, um Leopardi reduzindo a fórmulas os seus desesperos inteiros; uma destas ardentes almas feridas que a vida torturou implacavelmente, e que se vingam da vida julgando-a do alto de todas as ruínas amontoadas lugubremente a seus pés. Como neste ponto te enganas, minha pobre amiga! e como eu tenho dó da desillusão que vais ter, igual á que eu também tive.

Figura 10: Reportagem “A Propósito de Schopenhauer e dos seus sectários” publicada no jornal *O Paiz* em 26 de maio de 1886. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.³⁴

Em *O Ateneu*, Flávio Neto revela que:

Há, porém, algumas semelhanças entre o pensamento leopordiano e o tom geral d’O Ateneu, já que a vida, tanto para Sérgio quanto para Leopardi, é uma eterna amargura, um eterno sofrimento: *Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.* (2007, p. 55).

Através desse diálogo das obras de Leopardi com escritores brasileiros, podemos verificar algumas influências na parte estética das obras de Raul Pompeia, e também em seu pensamento filosófico. Além dessas evidências, há também a produção de Raul Pompeia nos jornais, que citam Leopardi: um exemplo disso é o ensaio “Lágrimas da Terra”, publicado pela primeira vez no jornal *Diario do Maranhao*, em 1886, e depois republicado no jornal *Almanak da Gazeta de Notícias*, *Almanach de Juiz de Fora* e *A União*, em 1888 e 1898 respectivamente.

O ensaio “Lágrimas da Terra” de Raul Pompeia inicia com o canto “Imitazione” de Leopardi como epígrafe:

³⁴Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/2494 acesso em: 22/08/2017.

Lungi dal proprio ramo,
 Povera foglia frale,
 Dove vai tu? - Dal faggio
 Là dov'io nacqui, mi divise il vento.
 E esso, tornando, a volo
 Dal bosco alla campagna,
 Dalla valle mi porta alla montagna.
 Seco perpetuamente
 Vo pellegrina, e tutto l'altro ignoro.
 Vo dove ogni altra cosa,
 Dove naturalmente
 Va la foglia di rosa,
 E la foglia d'alloro. (LEOPARDI, 1974, p. 124).

Nesse texto, Raul Pompeia parece continuar a poesia “imitazione”, ele descreve e tenta compreender o que são essas “lágrimas da terra” e como a natureza age perante os homens, trazendo alguns traços da obra de Leopardi, como, por exemplo, a visão de uma montanha que lembra o poema “O Infinito”.

Neste mesmo período da geração ultrarromântica, conforme designação de historiadores como José Veríssimo (1906, p. 148), alguns agentes da primeira geração influenciam a imprensa, como é o caso de Gonçalves Dias e de Joaquim Manuel de Macedo.

A terceira geração romântica parece ser o momento em que os escritores aprofundam e criam um estudo mais sistemático sobre Giacomo Leopardi. Entre seus leitores, encontram-se Machado de Assis, Rui Barbosa e Carlos Magalhães de Azeredo.

Machado de Assis, conforme comprovam os estudos de Otto Maria Carpeaux, Alfredo Bosi e Helena Parente Cunha,³⁵ foi um ávido leitor de Giacomo Leopardi no Brasil. Uma das primeiras referências é dada por Carpeaux que, em seu ensaio “Uma fonte de filosofia de Machado de Assis”, de 1949, faz a relação entre o capítulo “Delírio” de *Memórias póstumas de Brás Cubas* com o “Diálogo da natureza e um Islandês”. Esse ensaio, antes mesmo de aparecer em formato livro, circulou primeiramente na imprensa brasileira no jornal *Folha de São Paulo*, em 12 de setembro de 1948, conforme é possível visualizar a seguir:

³⁵ “Uma fonte de filosofia de Machado de Assis” de Otto Maria Carpeaux. “Mito e Poesia em Leopardi de Alfredo Bosi” e “O Lírico e o trágico em Leopardi” de Helena Parente Cunha.



Figura 11: Ensaio “Uma fonte de filosofia de Machado de Assis” por Otto Maria Carpeaux publicado no jornal *Folha de São Paulo* em 1948. **Fonte:** Acervo Digital da Folha de São Paulo ³⁶.

Segundo Russo, essa é uma das influências mais explícitas em Machado de Assis de Giacomo Leopardi. Essa mesma imagem personificada da natureza, segundo Russo trata de:

uma referência explícita a Camões quando em maio de 1824, escrevendo o *Dialogo della Natura e di un Islandese* o poeta italiano retoma, para a descrição da gigante-Natura que aparece de repente, o modelo da imponente figura de Adamastor presente no episódio do canto V de *Os Lusíadas*³⁷. (2003, p. 58)

³⁶ Disponível

em:

<https://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=Leopardi&site=&periodo=acervo&x=16&y=15> acesso em: 11/05/2017.

³⁷ “un riferimento esplicito a Camões quando nel maggio del 1824, scrivendo il *Dialogo della Natura e di un Islandese* il poeta italiano riprende, per la descrizione del gigante-Natura che appare all'improvviso, il modello dell'imponente figura di Adamastor presente nell'episodio del V canto de *Os Lusíadas*.”

Outro estudioso que se ocupou em mostrar esse diálogo de Machado de Assis com Leopardi foi Alfredo Bosi, primeiramente em sua tese de livre docência intitulada *Mito e Poesia em Leopardi*, defendida em 1970, na USP, e retomado no livro *Entre Literatura e História*, quando mostra que a leitura do diálogo leopardiano é realizada por um

[...] Machado maduro [que] conservou basicamente os princípios trazidos do liberalismo democrático de sua juventude, evidentes nas crônicas de 1860, mas infundiu-lhes cadências melancólicas, céticas e pessimistas, já expressas nos moralistas franceses que ele admirava [...] e nos grandes pessimistas do século XIX: Leopardi (cujo desencanto cósmico e histórico resume no delírio de Brás Cubas) e Schopenhauer. (2013, p. 82).

A atuação de Machado de Assis na imprensa brasileira é intensa: temos traduções, crônicas, romances, entre outros tipos de textos publicados. Contudo, nos centraremos aqui em comentar a sua atuação na imprensa no que tange a Leopardi. Na década de 1890, Machado de Assis assina as crônicas de *A Semana*, e em uma dessas, segundo Manfio, ele foi o responsável por revelar um dos cantos leopardianos traduzidos na imprensa por Júlia Cortines e que teve grande repercussão entre os críticos. Trata-se do poema “A Se Stesso”, publicado na revista *A Semana* de 18 de agosto de 1894, que reproduzimos abaixo:

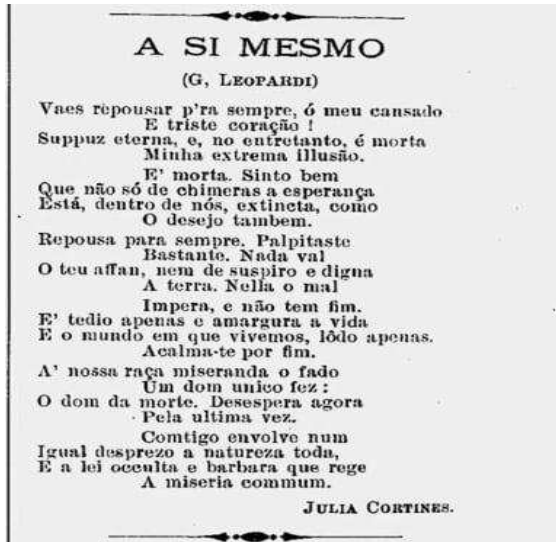


Figura 12: Tradução “A Si Mesmo” por Júlia Cortines na revista *A Semana* de 18 de agosto de 1894. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.³⁸

Não por acaso o escritor brasileiro diz:

A segunda concha trouxe deveras uma ondina, uma senhora, e veio cheia de versos, os *Versos*, de Júlia Cortines. Esta poetisa de temperamento e de verdade disse-me cousas pensadas e sentidas, em uma linguagem inteiramente pessoal e forte. Que poetisa é esta? Lúcio de Mendonça é que apresenta o livro em um prefácio necessário, não só para dar-nos mais uma página vibrante de simpatia, mas ainda para convidar essa multidão de distraídos a deter-se um pouco a ler. Lede o livro; há nele uma vocação e uma alma, e não é sem razão que Júlia Cortines traduz à p. 94, um canto de Leopardi. A alma desta moça tem uma corda dorida de Leopardi. A dor é velha; o talento é que a faz nova, e aqui a achareis novíssima. (ASSIS, 1894, p.1).

³⁸ <http://memoria.bn.br/DocReader/383422/1763> acesso 17/08/2017.

Júlia Cortines ainda traduz “L’Infinito”, presente no livro *Vibrações*, que reproduzo abaixo:

O Infinito
(G. LEOPARDI)
AO DR. ESPERIDIÃO ELOY FILHO.

Sempre caro me foi este ermo cole,
Mais esta sebe, que de tanta parte
O longínquo horizonte à vista oculta.
Mas, se me assento, contemplando-a, espaços
Intérminos além, e sobre-humano
Silêncio, e profundíssima quietude
Meu pensamento fantasia; e quase
Se me apavora o coração. Se o vento
Ouço fremir nas árvores, aquele
Infinito silêncio a este murmúrio
Vou comparando: e lembro-me do eterno,
Das extintas idades, da presente
E viva e rumorosa. E em meio dessa
Imensidão afogo o pensamento,
E em suas ondas naufragar me é doce.
(CORTINES *Apud* ARAUJO, 2010, p. 137).

Depois dessas considerações de Machado de Assis, ainda no período denominado por Afrânio Coutinho como terceira geração romântica (2002, p. 54) e que tem por características o “Individualismo e subjetivismo, cinismo e negativismo boêmio, ‘mal do século’, [...] [e uma] influência de Byron, Musset, Espronceda, *Leopardi*, Lamartine.” (2002, p. 24; grifo nosso), aparece no jornal *Estado de São Paulo* a biografia de Giacomo Leopardi escrita por Bouché Leclercq em francês, no ano de 1874, e traduzida para o português parcialmente em 1875.



Figura 13: Biografia “Giacomo Leopardi: sua vida e obra” escrita por Bouché Leclercq publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 16 e 17 de abril de 1875. **Fonte:** Acervo *O Estado de São Paulo*.³⁹

Rui Barbosa é outro escritor que dialogou fortemente com Leopardi. Conforme destaca Rossi, uma das primeiras menções feitas a Leopardi por ele foi no seu discurso intitulado “Elogio a Castro Alves” (1969, p. 570), proferido em 1881, no qual fala sobre a juventude de Castro Alves e a sua semelhança com Leopardi. Além dos estudos sobre Giacomo Leopardi, como o “Elogio a Castro Alves”, o escritor brasileiro traduziu vários *Canti*, dentre eles “Le ricordanze”, “Il pensiero dominante”, “Amore e morte”.

A atuação de Rui Barbosa na imprensa brasileira, assim como a de Machado de Assis, é intensa, seja pelos seus discursos políticos ou pela publicação de suas traduções. Particularmente, no que tange a Giacomo Leopardi, a sua atuação como tradutor se destaca, tanto é que um dos poemas que mais repercutiu na imprensa brasileira foi o “Canto Noturno” publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias* em seu suplemento literário de 1886, tradução que será republicada diversas vezes na imprensa. Segundo a catalogação de Manfio, o “Canto Noturno” foi publicado em 1918 no *O Imparcial*; em 1923 no *Jornal do Brasil* e na *Revista do Brasil*; e finalmente em 1927 em *A Federação*, (1979, p. 37), mas, conforme mostraremos no “Capítulo III”, não se trata da mesma tradução.

Além disso, Rui Barbosa na imprensa brasileira está totalmente ligado ao pensamento positivista e ao projeto republicano federalista,

³⁹ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18750417-81-nac-0001-999-1-not/busca/Leopardi> acesso em: 17/05/2016.

deste modo, o escritor brasileiro participa da industrialização da imprensa. Sendo assim, em seus textos jornalísticos, Rui Barbosa

[...] discutiu inúmeras questões de cunho político e social [...] como a economia brasileira, a questão eleitoral, o incentivo à industrialização, a emancipação dos escravos, a imigração européia, o fim do Império, entre outros (MELO, MACHADO, 2007, p. 107).

Outro escritor a dialogar com Leopardi e difundi-lo no Brasil é Carlos Magalhães de Azeredo. Em uma de suas estadas em Roma, o escritor brasileiro teve a oportunidade de aprofundar seus estudos sobre a literatura italiana e, naturalmente, sobre Leopardi. Giuseppe Carlo Rossi cita o ensaio “Leopardi” de Azeredo, que foi publicado no livro “Homens e Livros”, de 1902, evidenciando o interesse e conhecimento de Azeredo sobre a vida e obra de Leopardi. Todavia, este artigo já tinha sido lançado no século XIX sob o título de “Estudos Contemporâneos” no *Jornal do Commercio* em 1898.

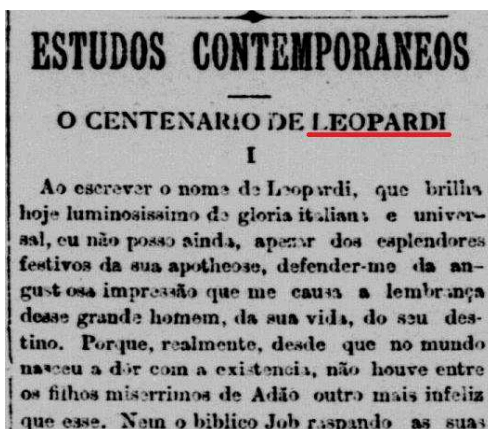


Figura 14: Ensaio “Estudos Contemporâneos” de Carlos Magalhães de Azeredo publicado no *Jornal do Commercio* em 1898. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁴⁰

Se considerarmos o livro *Homens e Livros* de Carlos Magalhães de Azeredo, de 1904, fruto do ensaio sobre Leopardi publicado no

⁴⁰ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/30727 acesso em: 17/07/2016.

Jornal do Commercio de 1898, podemos elencar algumas questões. Em seu ensaio, Azeredo realiza um percurso sobre a vida e obra de Giacomo Leopardi, dividindo o estudo em 4 partes, as quais são: I, uma biografia de Giacomo Leopardi; II, Leopardi como intérprete filosófico do pessimismo e a crítica de Carlos Magalhães de Azeredo sobre a forma como são realizadas as críticas literárias, principalmente as médicas disseminadas por D. Lombroso; III, A relação do modo de viver de Leopardi com os 3 estágios do pessimismo de Hartmann, algumas obras *puerili*, a imaginação nas obras de Leopardi e a teoria do prazer; IV, Homenagem a Itália e algumas interpretações descritivas de Leopardi sobre a natureza.

Carlos Magalhães de Azeredo mostra durante todo o ensaio um amplo conhecimento dos estudos leopardianos desenvolvidos na Itália. O escritor brasileiro, que publicou o presente ensaio, cita diversos estudos e conferências ocorridos e publicados em 1898, como por exemplo, a conferência de Chiarini, ocorrida em 23 de abril de 1898, intitulada “L’amore nel Leopardi”, o livro de Federico de Roberto *Leopardi*, o livro de Carducci *Degli spiriti e delle forme nella poesia di Giacomo Leopardi*, e a conferência “Lo svolgimento del genio leopardiano” de Giovanni Mestica, todos de 1898.

Ao longo de toda a sua argumentação, Azeredo exemplifica os seus pontos de vista com as obras de Leopardi. O interessante é que o escritor brasileiro traduz todos os trechos das obras em prosa, como os *Pensieri* e as *Operette Morali*, conforme anexo 12. Contudo, nos excertos em poesia, as citações são sempre em italiano. Além disso, por vezes, na tradução parafraseia grandes trechos ou os sintetiza para que a obra possa lhe servir de exemplo para dar continuidade ao seu argumento.

Uma das questões discutidas por Azeredo em seu ensaio sobre Leopardi é o poeta italiano como representante máximo da dor humana::

[...] desde que no mundo nasceu a dor com a existência, não houve entre os filhos misérrimos de Adão outro mais infeliz que esse [Leopardi]. Nem o bíblico Job rasparido as suas chagas com fragmentos de telha, nem aqueles a que a crueldade oriental vasava os olhos ou arrancava a língua, nem os que em Roma eram arrojados às gemonias, nem os que na idade média soffriam o supplicio da gotta d'agua ou as torturas do borzeguim, nenhum d'esses padeceu mais que o

desgraçado Poeta, que espantou e commoveu o século com os lúgubres lamentos do seu desespero. (1902, p. 9-10).

Para exemplificar a tamanha dor que Leopardi vivia e que expressou em alguns trechos de suas obras, Azeredo utiliza-se de imagens que poderiam ser consideradas na época como uma espécie de “ápice” do sofrimento: o sofrimento do personagem bíblico Jó, as execuções em Roma nas gemonias, o método de tortura chinês da gota d’água, mas nenhuma dessas ações, segundo ele, se compararia à dor de Leopardi. Parece que aqui Azeredo hiperboliza o sofrimento de Leopardi para acrescentar talvez pontos mais “emotivos” ao longo da sua biografia.

Outro tema abordado por Azeredo é o sentimento pátrio que Leopardi manifestava em relação à sua cidade e ao seu país. Embora Leopardi não nutrisse nenhum sentimento pelos habitantes de Recanati e da região das Marcas, em seus escritos, os seus sentimentos pela Itália buscam demonstrar as suas virtudes e os desafios a trilhar, isso é perceptível, por exemplo, no poema “All’Italia”; para Azeredo o patriotismo de Leopardi restaria apenas em seus escritos, isso porque a sua debilidade física o impedia de realizar qualquer outro tipo de ação:

Elle não nutre a cívica e sagrada confiança no futuro que Monti e Ugo Foscolo mantém mesmo nas mais ásperas diatribes contra a decadência da patria: muito menos a fé providencialista de Manzoni que, na renascença do seu sentimento religioso, sabe que a história está cheia de ressurreições, não só de indivíduos, mas de povos, por que *Deus sanabiles fecit nationes*. (1902, p. 25).

Deste ponto em diante, em seu ensaio, Carlos Magalhães de Azeredo centra-se praticamente na temática do pessimismo. O primeiro ponto abordado por ele sobre o pessimismo leopardiano é a relação do estado físico de Leopardi com os seus escritos ditos pessimistas. Para Azeredo, até certo ponto o estado físico do escritor de Recanati pode ter, sim, influenciado a sua forma de compor, mas isso não é uma máxima que vale para toda a obra de Leopardi. É nesse momento que Azeredo critica os textos publicados na imprensa pelos críticos-médicos-literatos em suas análises:

[...] Sr Patrizi, [...] [afirma que] o pessimismo é uma simples variedade de desarranjo mental. Nessas conclusões audazes, de que aliás notavel professor Lombroso é o porta-bandeira, ha geralmente muita precipitação. E'um século de sciencia o nosso, mas é tambem um século de fantasia scientifica; a nevrose parece castigar muitos dos proprios mestres que lhe ousam desvendar os segredos, atacando-os com redobrada violencia sob a forma de manias a um tempos iconoclastas e classificadoras. (1902, p. 43).

Ou seja, para Azeredo há um certo exagero nesse tipo de crítica que não leva em conta a obra do próprio Leopardi. Além disso, nesses tipos de crítica poderia se desenvolver um “temor” da sociedade da obra daquele autor, visto que a forma como os veículos midiáticos colocam as interpretações de um excerto podem modificar completamente o entendimento daquela obra. Apesar de Azeredo não fazer a relação da crítica literária médica com o “temor” causado pela mídia de que a leitura de uma determinada obra poderia causar um suicídio, ele, como intelectual, “[n]ão admira que em época de temeridade philosophica, de uma religião fundamentalmente providencialista, se fossem tirar conclusões de pessimismo.” (1902, p. 51-52).

Ainda sobre o pessimismo, Azeredo comenta como Leopardi passa em sua vida pelos três estágios do pessimismo de Hartmann para depois nos fornecer a sua visão do modo como Leopardi escreve suas obras, pois, a seu ver, não há um modo único para definir seu ato de escrita:

As vezes se limita a enunciar categoricamente o seu modo de pensar, sem nos dizer o processo intellectual que o produziu; outras vezes oscilla no limbo de um nebuloso scepticismo, que attesta certamente a morte da fé, mas não a segurança de uma convicção contrária ao que ella affirma; outras ainda pela reflexão, pela concentração das proprias faculdades em um extenso raciocinio inteiramente metaphysico, chega á negação, ou á simples consequencia socrática: - 'Nada sei, não sabemos...' (1902, p. 56).

Esse modo oscilante de Leopardi compor talvez tenha colaborado para que o escritor italiano esboçasse um sistema filosófico nas *Operette Morali*, conforme comenta Azeredo:

[...] Leopardi não se limitou, como os outros românticos, a manifestações isoladas, se bem explícitas, de desengano; concatenando as suas theorias, estendendo-as ao campo das questões transcendentales, chegou a formar, não um systema completo, mas um esboço ao menos de systema. De facto, elle denominava as suas *Operette* simples ensaios, e parece que o seu intuito era tirar d'ellas mais tarde um tratado definitivo de philosophia; o tempo não lhe bastou para tanto. (1902, p. 53).

Apresentando esse percurso sobre a vida e obra de Leopardi, Carlos Magalhães de Azeredo pretende que o seu ensaio seja ponto de partida para outros estudos sobre Leopardi no Brasil:

Eu que, estrangeiro curioso dos factos intellectuaes d'este Paiz, escrevi sob influéncia daquella commemoração o presente ensaio, terei conseguido o meu intento, se inspirar aos leitores-que de certo conhecem Leopardi ao menos por algumas das suas páginas - o desejo de estudar a fundo o grande Poeta, um dos maiores da Italia - um dos maiores d'este século agonisante. (1902, p. 72).

Como vimos, ao longo deste subcapítulo, alguns intelectuais desenvolveram linhas de leituras da vida e obra de Giacomo Leopardi, com destaque para os temas do tédio, pessimismo, niilismo, melancolia e patriotismo. Este último tema aparece ainda no jornal republicano *A Federação*, de Porto Alegre, no qual Leopardi é citado através do artigo intitulado “Pela verdade”, publicado em 30 de dezembro de 1884, e escrito por Corso Serafim. O texto traça um panorama da unificação italiana e cita “All’Italia” de Leopardi como símbolo da pátria italiana. Além disso, há notícias do centenário de nascimento de Leopardi. Por fim, destaco a reportagem “Folhetim novo”, publicada em 30 de janeiro de 1891, em que se discute a relação entre as obras de Tolstoi e Leopardi.

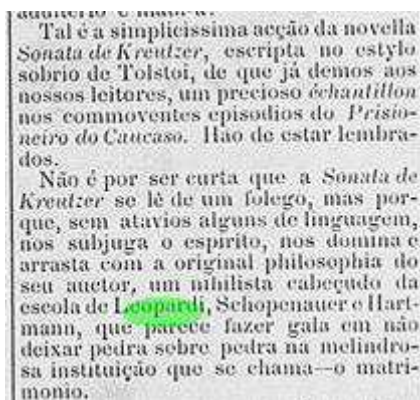


Figura 15: Reportagem “Folhetim novo” publicada no jornal *A Federação* em 30 de janeiro de 1891. **Fonte:** Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Brasileira.⁴¹

O *Correio Paulistano*, por sua linha editorial republicana, foi responsável pela divulgação de Giacomo Leopardi com um perfil mais político, através da análise dos seus cantos patrióticos nos artigos de Arsenio Pessolano. O escritor Pessolano em que coloca o amor pátrio de Leopardi como modelo a ser seguido na recém-proclamada república brasileira. Os artigos são os seguintes: 1, “La donna italiana e il matrimonio civile” de 21/10/1890; 2, “Onori e Cariche nel ripartimento Internazionale” de 07/02/1891; 3, “La nuova Italia” de 05/04/1891; 4, “La nuova Patria” de 11/04/1891; 5, “La nuova Patria II” de 02/05/1891; 6, “Letteratura Classica e Romantica” de 16/05/1891; 7, “Come la Repubblica dee renderai al possibile democrazia, progressiva e nazionale” de 21/05/1891; 8, “Come la Repubblica dee renderai al possibile democratica, progressiva e nazionale II” de 27/05/1891; 9, “In morte di D. Antonietta degnissima sposa del sig Francesco Sicilliano, avvenuta in S.Paolo a 20 maggio 1891” de 23/05/1891; 10, “Educazione Morale e Civile” de 28/05/1891; 11, “Quali le qualità dei rettori di una Repubblica?” de 31/05/1891 e 12, “Il vecchio Monarca e la Repubblica” de 10/06/1891.

Podemos reagrupar esses artigos, com exceção do número 9 que trata de uma homenagem, em três partes: a primeira, direcionada à família, principalmente às mulheres, através dos artigos 1 e 10 que

⁴¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/388653/5916> acesso em: 18/09/2016.

abordam o papel da mulher na sociedade e o fruto da educação dos filhos na moral dessa sociedade; a segunda, trata do modelo de república ideal, através dos artigos 3, 4, 5 e 6; e a terceira, trata das novas questões que a república começa a enfrentar, abordadas nos artigos 2, 7, 8 e 11.

Na primeira parte, nos artigos 1 e 10, as menções a Leopardi são realizadas através dos poemas “Nelle nozze della sorella Paolina” e “Palinodia al marchese Gino Capponi”. No primeiro artigo, com ênfase no elemento fé, Pessolano delineia a função do cidadão dentro do sistema político para então comunicar diretamente às mulheres que, com fé e elevação de sua identidade pátria, é possível manter a moral da república, principalmente através dos matrimônios. Além disso, no poema de Leopardi aborda-se também o tema da educação dos filhos que é justamente o argumento tratado no décimo artigo, no qual o que é levado em conta é a educação como fator para se alcançar a liberdade dentro da república.

A segunda parte é a mais extensa e mostra a tentativa de Pessolano de fornecer aos governantes da recente república modelos de uma pátria ideal. No artigo 3, Pessolano parece se inspirar no poema “Palinodia al marchese Gino Capponi” para compor em forma de prosa uma espécie de ode à Itália, na qual a pátria de Leopardi aparece como uma divindade, e para Pessolano é essa divindade que deve ser saudada tanto pelos italianos que continuam na Itália quanto pelos que estão no Brasil. Nos artigos 4 e 5, novamente Pessolano faz uso do poema “Nelle Nozze della Sorella Paolina” para relembrar a importância da educação dos filhos. Para Pessolano, a liberdade, um dos principais elementos que constituem a República, fundamenta-se no amor pátrio e na educação. O artigo 6 parece que é o que mais se desvia da argumentação de Pessolano quanto ao modelo de república que tenta propor aos governantes brasileiros, pois centra-se em traçar um perfil literário de Leopardi. Contudo, há alguns pontos em que Pessolano recupera os argumentos colocados nos artigos anteriores como, por exemplo, a discussão da “liberdade pátria e a importância de os jovens participarem desta nova pátria que, em pouco tempo de existência, saiu do sistema monárquico para o sistema republicano” (BIGNARDI, 2015, p. 39).

Na terceira parte, os artigos 2, 7, 8 e 11 discutem diversas questões da república, como os direitos internacionais, as reformas que não são compatíveis com os ideais republicanos e a crítica à monarquia.

Como podemos ver, a mediação cultural entre os sistemas literários é realizada pelos intelectuais dentro e fora da imprensa. Assim,

os intelectuais, desde o início do século XIX até o movimento modernista, formavam redes que participavam de

[...] instituições e os grupos cujas decisões repercutem na ‘substituição de importações’ no plano cultural se diversificam de maneira considerável, envolvendo os mecenas [...] e os produtores” (MICELI, 2001, p. 80).

Essas substituições com o intuito de contribuir para o nacional estavam pautadas, como vimos, em bases e escolas europeias. Dito isso, a seguir mostraremos como as linhas de leituras desenvolvidas por esses intelectuais sobre as obras de Giacomo Leopardi continuam, ou não, a se refletir na crítica literária do início do século XX.

Pelas publicações citadas neste capítulo, podemos verificar que as linhas de leitura das obras e pensamentos de Giacomo Leopardi centram-se no aspecto do pessimismo e de suas variantes, como o tédio, a tristeza e o niilismo, assim como no perfil político de Leopardi. Algumas dessas chaves de leitura, como o pessimismo, serão reforçadas na imprensa do século XX, enquanto a vertente mais política de Leopardi começa a perder força e em seu lugar entrará a crítica literária como uma interpretação estritamente focada no texto. Esses temas parecem ser compatíveis com as linhas de leitura feitas em Portugal e comentadas por Antonio Tabucchi, quando afirma que:

Nos primeiros anos do século XX, a difusão de Leopardi na península ibérica segue essencialmente três direções: - o Leopardi negativo e pessimista, dos quais Antero de Quental e António Feijó são intérpretes; - o Leopardi do senso de decomposição e morte, tratado com ênfase pelos simbolistas e pós-decadentistas; o Leopardi trágico de Unamuno⁴² (2015, p. 81).

⁴² “Ai primi del Novecento, la diffusione di Leopardi nella penisula iberica segue essenzialmente tre direzioni: - il Leopardi negativo e pessimista, di cui Antero de Quental e António Feijó sono interpreti; - il Leopardi del senso di decomposizione e morte, trattato con enfasi da simbolisti e post-decadenti; - il Leopardi tragico di Unamuno.”

Conforme podemos observar, a atuação dos intelectuais na imprensa foi um dos elementos importantes para a difusão da obra leopardiana. Os intelectuais do século XIX foram responsáveis por desenvolver determinadas leituras de Giacomo Leopardi que depois foram incorporadas pela crítica do século XX, como veremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II: LEOPARDI NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XX (1901-1930): PISTAS E INDÍCIOS DA TRADUÇÃO CULTURAL

Como mostrado na “Introdução” e no “Capítulo 1” desta dissertação, as pistas e os indícios da presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira remontam ao século XIX. Apesar de não estarmos trabalhando com o enfoque na micro-história, é importante salientar que essa faz parte de nosso percurso, a partir do momento em que fazemos uso do paradigma indiciário e nos centramos na atuação de Leopardi na imprensa brasileira e na sua obra de modo microanalítico. Esse tipo de análise pode ser proveitoso quando tratamos de imprensa, pois, conforme Bastin, é pela análise desses “microfenômenos de tradução [que se pode] contribuir a uma macro-interpretação do papel da tradução”⁴³ (2011, p.199). Neste segundo capítulo, abordaremos a presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XX, foco do nosso trabalho.

Para analisar essa presença, utilizaremos o “paradigma indiciário”, proposto por Carlo Ginzburg em *Mitos, Sinais e Emblemas* (1989). Com essa metodologia, buscaremos analisar detalhes, vestígios e rastros do objeto de pesquisa para revelar fatos e fenômenos ainda não desvelados, mais especificamente sobre a presença de Leopardi na imprensa do Brasil no período de 1901 a 1930. Além disso, partiremos do pressuposto de Sabio Pinilla, que propõe um passo para a metodologia em História da Tradução que é o

[...] conhecimento histórico [que] deve proporcionar uma ferramenta de investigação para valorizar o passado em sua justa medida e evitar todo o momento interpretações radicais, inexatas e estáticas [...] ⁴⁴ (2006, p. 21).

Vale destacar aqui que utilizo a metodologia do “paradigma indiciário”, como método microanalítico nos Estudos da Tradução. Esta estrutura auxilia a análise do que podemos entender como traduções

⁴³ “[...] micro-fenómenos de traducción y contribuir a una macrointerpretación del papel de la traducción [...]”

⁴⁴ “conocimiento histórico [que] debe proporcionar una herramienta de investigación para valorar el pasado en su justa medida y evitar en todo momento interpretaciones radicales, inexactas y estáticas”.

culturais. Ao analisar a presença de Leopardi no Brasil, poderemos compreender a forma como o escritor italiano foi representado em diferentes épocas e a mudança que ocorreu no desenvolvimento da literatura e a relação desta literatura com a sociedade, de modo que estes documentos representam, como nos fala Raimondi, uma “[...] instituição que conserva o passado através da palavra” (2000: IX).

Essa instituição da palavra conservada pelo passado de que fala Raimondi está presente também na construção do paradigma indiciário a partir do momento em que Ginzburg relaciona história, retórica e prova, em seu livro *Relações de força*. No capítulo “Aristóteles e a história, mais uma vez”, Carlo Ginzburg fala sobre como a retórica se relaciona com a história e como o ressurgimento do debate teórico sobre a retórica influenciou elementos historiográficos como, por exemplo, o tempo. Ao comentar sobre o tipo judiciário de retórica, Ginzburg nos fornece um elemento central na constituição do paradigma indiciário, a busca retroativa, que no paradigma se cristalizará pelo termo *abdução*, assim Ginzburg cita Aristóteles quando coloca que “[...] o passado, por sua obscuridade, admite, sobretudo, a busca da causa e a demonstração.” (ARISTOTELES *Apud* GINZBURG, 2002, p. 53-54).

Nessa busca propiciada pelo paradigma indiciário, segundo o historiador italiano, “trata-se de conjecturar o invisível a partir do visível, do rastro.” (GINZBURG, 2002, p. 57). Essa conjectura através da retórica na historiografia se verifica com uma relação de “estruturas narrativas” que se constroem em quatro partes, são elas: *eikos*, *paradeigma*, *semeion*, *tekmerion*. (GINZBURG, 2002, p. 56). Sendo o *paradeigma* o exemplo, do qual o *semeion* é representação, e para se chegar a este exemplo é necessário um método, o qual é o *tekmerion*.

Este método (paradigma indiciário) pode-se dizer que é quase como uma análise de fontes/documental pela qual, para usar as palavras de Ginzburg, se “decifra um espaço em branco”; no caso da presença de Leopardi na imprensa brasileira, há ainda muito trabalho a se fazer pois, mais do que decifrar o espaço em branco, antes de tudo é preciso situar o próprio espaço e

deslocar a atenção do produto literário final para as fases preparatórias, para investigar a interação recíproca, *no interior do processo de pesquisa*, dos dados empíricos com os vínculos narrativos. (GINZBURG, 2002, p. 114).

Esse deslocamento se concretiza (1) pela busca do objeto no passado, (2) pelo desenho do espaço em que se situa, (3) pela decifração das lacunas deixadas neste espaço e (4) pelo questionamento do documento, da narrativa ou, como comenta Raimondi, da instituição da palavra. Assim, o paradigma indiciário é um método que nos fornece ferramentas que servem para interrogar a evidência documental e narrativa. Esse método, segundo Ginzburg, consiste em procurar: “[...] pistas talvez infinitesimais [que] permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (1989, p. 150). Constituindo assim uma “linguagem do deciframento de rastros [que] encontra-se baseada em figuras de linguagem – a parte pelo todo, a causa pelo efeito – relacionando-se com o polo narrativo da metonímia [...]” (GINZBURG, 2014, p.100).

Então é através destes pequenos detalhes, que se torna possível reconstruir uma parte da história de Giacomo Leopardi no sistema cultural brasileiro, história que, através de uma microanálise, se compõe pouco a pouco como

fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros; com os seus vários aspectos morais e políticos. Assim como os há sólidos e brilhantes, assim também os há frouxos e desmaiados, não contando a multidão deles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro. (ASSIS, 1994, p. 269).

A metáfora colocada aqui pelas palavras de Machado de Assis extrapola o exemplo da analogia da história com a memória, visto que possui uma relação mais profunda com a constituição de uma *história telos*. Essa composição microanalítica do *telos* é semelhante à do *Spectator* quando a tradução cultural se torna um modelo que seria uma tela, “[...] deixado para a posteridade [que] a completasse, levando em conta as diferenças de geração, as nacionais e as históricas” (BURKE, 2009, p.181). Portanto, procurarei seguir os rastros, pistas e vestígios da tradução de obras de Leopardi publicadas na imprensa brasileira de 1901 a 1930, para compor o quadro desta história.

É, então, através dos pequenos detalhes da constituição da nova imprensa brasileira do século XIX, como exposto no início do “Capítulo 1”, que a história nos fornece vestígios não somente da tradução da obra de Leopardi no Brasil, mas também da crítica de sua obra.

Além disso, vale destacar aqui que os textos de crítica literária, crônicas, resenhas, entre outros, representam também um modo de tradução cultural, visto que esse tipo de tradução parte de uma matriz comunicacional, conforme comenta Eire:

A tradução é a transmissão de cultura, a penetração de fronteiras, a erosão da complacência, a explosão do localismo. Ela envolve tradutores, editores, impressores, distribuidores, viajantes. Envolve, acima de tudo, a comunicação (2009, p. 111).

Sendo assim, a microanálise nos auxilia não apenas a encontrar essas traduções, mas também, pelo foco nos detalhes, podemos compreender melhor o uso das obras leopordianas como argumentos nas críticas literárias e crônicas da época, visto que, através do paradigma indiciário, da microanálise e da tradução cultural seria possível, ao nosso entender,

[...] rastrear a vida dos que são citados, criticados e mencionados no trabalho de outros, e com isso acompanhar o desenvolvimento de uma ideia ou linguagem política conforme evolui por meio de uma série de diferentes textos e contextos. (BURKE, 2009, p. 116).

2.1 CRÍTICA LITERÁRIA

No final do século XIX, quando inicia a industrialização da imprensa brasileira, a crítica aparece cada vez mais nas páginas dos periódicos. Escritores como Raul Pompeia, Machado de Assis, Araripe Júnior, Tristão de Athayde e muitos outros são presenças constantes. Alguns estudiosos, como Alfredo Coutinho e Cláudia Nina, denominaram esse ‘movimento’ de “crítica de rodapé”.

A imbricação entre a crítica literária europeia e a crítica literária brasileira se mostrou evidente a ponto de Gonçalves de Magalhães, em seu ensaio “História da Literatura do Brasil”, de 1836, fornecer a perspectiva de que a literatura estrangeira e a literatura nacional são “[n]outras circunstâncias, como as águas de dois rios que num confluente se anexam e confundidas em um só leito se deslizam, as duas

Literaturas de tal jeito se aliam, que impossível é o separá-las” (1836, p. 132).

Dentre as várias características da crítica literária brasileira, há dois fenômenos que estão intimamente ligados: são eles o *galicismo* e a crítica como tradução. O primeiro se fortaleceu no período da *Belle Époque* brasileira que vai de 1890 a 1914, quando a influência francesa em nossa literatura era constante. Segundo Garrett, essa gerou “[...] a *galomania*, que sobre perverter o caráter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem [...]” (1826, p. 23). Talvez, por isso é que no Brasil:

o prestígio de Paris era imenso, mesmo exacerbado na época das exposições universais do fim do século. Língua, literatura fim-de-século, a filosofia de Auguste Comte, tudo era pretexto para ‘afrancesar-se’, até mesmo na arquitetura e na culinária (GRANJA, ANDRIES, 2015, p. 16).

Magalhães também fala sobre a *galomania* brasileira, inserida em grande parte pela corte portuguesa. Para Magalhães existe uma falsa noção de progresso escondida atrás do modelo francês, pois “[a]ssim tem sempre o Brasil medrado, olhando para a França, e nós nos lisonjeamos que ele não retrogradará, tomando esta grande mestra por guia” (1836, p. 146).

O galicismo brasileiro é construído e inserido no século XIX, mas se corporifica no seu final e na *Belle Époque*, de modo que, nesse período, críticas literárias, ensaios e reportagens de cunho retratista, como as desenvolvidas por Sainte Beuve, foram difundidos no Brasil, principalmente na imprensa. Tanto é que diversas críticas encontradas sobre Giacomo Leopardi, no período estudado, são intituladas com o seu nome em uma espécie de retrato. Algumas pretendem ser mais biográficas, outras bibliográficas e outras mistas, conforme veremos mais adiante.

O segundo aspecto é a crítica literária compreendida como tradução cultural. Essa crítica literária produzida nos jornais evidenciava-se como tradução, a partir do momento que algumas linhas de leitura de Giacomo Leopardi e de interpretação de sua obra feitas na Europa são trazidas ao Brasil e adaptadas ao fazer crítico da época.

É preciso salientar que, por vezes, quando se menciona a tradução, em muitos casos, essa se liga a uma corporeidade textual e a uma transferência, seja entre línguas e sistemas diferentes ou na mesma

língua e sistema. Porém, ao tratar de tradução cultural nos deparamos com outros aspectos como os encontros culturais. Segundo Peter Burke, a expressão “tradução cultural” foi cunhada por antropólogos do círculo de Edward Evans-Pritchard “para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro” (2009, p. 15). Ou seja, já não estamos lidando apenas com transferências, mas também com compartilhamentos de pensamentos, textos e objetos envolvidos neste entrelaçamento de culturas.

Há ainda as críticas que se manifestam pela vertente da filosofia e da ciência, e esse tipo teve como um dos principais representantes Sílvia Romero e Araripe Júnior. É científica na medida em que se apropria, por exemplo, de métodos das ciências sociais e biológicas como o Evolucionismo.

Romero aponta para o fato de que a literatura brasileira ainda está em construção e necessita de modelos para preencher as lacunas existentes. O escritor diz:

Faltam os elementos para fazer um quadro vivaz e palpitante da vida íntima dos autores brasileiros. Os tempos passados são como mortos; falta a nota viva. O hábito das *memórias* e *correspondências* não tem sido até hoje seguido no Brasil. Daí uma lacuna (1888, p. 2).

É através dessa lacuna mencionada por Romero e outros historiadores literários e da imbricação da crítica europeia com a brasileira que escritores como Victor Hugo, Byron e Leopardi se tornam frequentes no século XIX e XX na imprensa brasileira.

No caso de Leopardi, um dos temas mais importados pela crítica literária é o do pessimismo, tanto é que essa característica se mostra cada vez mais constante nas análises feitas da história literária de Sílvia Romero por Araripe Júnior, publicada na *Revista Brasileira*, na edição de 1899 e 1900. Araripe Júnior menciona o poema “L’infinito” como auge da filosofia italiana e mostra que esse auge literário filosófico ainda não teria atingido o Brasil, visto que

o pessimismo de alguns de meus patrícios nasce não de uma philosophia, vem desse desalento que gera a decadência, mas em regra de se terem encasquetado que o pessimismo constitue um instrumento de progresso (1900, p. 361).

Essa colocação de Araripe Júnior da poesia “L’Infinito” como auge da filosofia italiana, foi observada também por Giusti que em sua análise do poema coloca que:

A intuição poética do infinito compreende três momentos: a função da imaginação; a representação do próprio infinito em termos de espaço, tempo e som; e a atitude particular do poeta para com a imensidão do infinito (2008, p. 2).

É então a partir de análises como essas que a temática do pessimismo se difunde pela imprensa como veremos mais adiante. Nesse período também se desenvolve a crítica literária modernista que realiza rupturas no modo como elas são apresentadas na imprensa brasileira. Sendo assim, os “novos críticos” não pretendem mais seguir uma vertente retratista como a de Sainte Beuve, ou historicista, como a de Francesco De Sanctis, mas, sim, propiciar uma análise partindo do texto em si. O modernismo, portanto, representou uma “crítica global às estruturas mentais velhas e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira [...]” (BOSI, 2006, p. 332).

A partir da crítica literária de Sílvio Romero e Araripe Júnior e da incorporação de temas filosóficos da obra leopardiana por escritores como Machado de Assis, Rui Barbosa, Raul Pompeia, a crítica filosófica na imprensa brasileira ganha força. E o pessimismo será recorrente tanto na crítica literária leopardiana italiana quanto brasileira. O Brasil parece ter importado esse tema também para a crítica literária publicada nos periódicos do século XIX e XX.

Um dos aspectos que se destaca nesta crítica literária filosófica é a dor ou o modo de sentir doloroso de Giacomo Leopardi. Os críticos literários não costumam aprofundar a análise desse elemento, mas o usam como modo de comparar, aproximar ou mostrar a influência de Giacomo Leopardi sobre um determinado escritor.

Outro aspecto abordado pela crítica literária na imprensa brasileira é o niilismo em Leopardi. Temos diversos tipos de abordagem, desde as mais superficiais até as mais profundas, como é o caso de uma das primeiras críticas que ocorre no início do século XX, em que acontece uma “troca de farpas” entre dois intelectuais. De um

lado está Nestor Victor⁴⁵, que publicou o artigo “F. Nietzsche”, no diário *O Paiz*, em 1900 e, de outro, Miguel Mello em *A Imprensa*, em 1901.

No primeiro artigo, em uma análise e discussão filológica, o autor verifica dois termos: *cabolin/calinage*, construindo um percurso de como esses dois termos se relacionam com o termo “niilismo” e como eles poderiam ser usados nas Letras e na filosofia. Porém, como destaca Dias: “Nestor Victor mostra-se mais preocupado em refletir sobre as consequências do ‘niilismo’ para o ‘homem moderno’ do que propriamente sobre as implicações dessa ideia à filosofia nietzschiana.” (2014, p. 99).

Assim, Nestor Victor retorna a associar o pensamento de Nietzsche ao contexto brasileiro e é criticado por outro intelectual, Miguel Mello, que, em 26 de fevereiro de 1901, publica no jornal *A Imprensa* “Cartas de um solitário” em resposta ao artigo de Nestor Victor. Miguel Mello trata as suas cartas como se fossem cartas dedicadas à literatura brasileira, nas que era preciso mais do que nunca falar de quem as produz. É então que Mello fala sobre o artigo de Nestor Victor, que tem uma árdua tarefa que é a de “definir a obra nietszchiniana”. (1901, p. 2). Através de diversos questionamentos, Mello critica Victor por ter caído em uma espécie de senso comum. Em seguida, fala em termos de canonização, pois escritores imortais “resumindo em si uma epocha com os seus pensamentos - e só estes são os únicos artistas verdadeiros - não houve ainda no Brazil”. (1901, p. 2). Mello define o processo de formação da literatura brasileira, que ainda precisa se estruturar. A prova para Mello dessa não consolidação da literatura brasileira é o fato de as Letras se manterem vinculadas à religião, diferentemente de outros países que têm, como Leopardi, “homens [que] lutaram por novos ideaes rebellando-se contra os pensamentos, as idéas e crenças de nossos avós por julgarem o seu funcionamento inutilizado” (1901, p. 2). Como podemos observar, Mello coloca Nietzsche e Leopardi como aqueles que romperam certa “tradição” ligada à religião. Além disso, ao estabelecer uma relação entre os dois autores, constrói um perfil de Leopardi filósofo.

⁴⁵ Nestor Victor, escritor e jornalista, foi correspondente de *O País* e do *Correio Paulistano* em Paris. Além disso, era tradutor e revisor da Editora Garnier. No Rio de Janeiro, tornou-se crítico titular de *O Globo*.

O artigo de Pausilippo da Fonseca, intitulado “Os Renegados” e publicado em 03 de maio de 1902, na *Cidade do Rio*, coloca Giacomo Leopardi como um dos renegados: “Doloroso Leopardi! Tu é que bastante experimentates o peso desta vida de hypocrisias e fictichismos pela matéria. Repousa, pois, em paz no seio de sua eternidade.” (FONSECA, 1902, p. 2). O autor relata ainda a sua experiência em Campo Santo, em que sente o mesmo desejo de morrer que Leopardi descreveu no canto “Amor e Morte”. Para Fonseca, a cidade de Campo Santo propicia a mesma relação que Leopardi teve com Recanati. Essa relação de Leopardi com a cidade torna-se perceptível na sua carta a Pietro Giordani em 21 de março de 1817, na qual comenta:

“De Recanati não me fale. é tanto me cara esta cidade que me administraria as belas ideias para um tratado de ódio pela pátria, pela qual se soffro não fui *timidus mori*, mas eu serei *timidissimus vivere*. Mas a minha pátria è a Itália; pela qual ardo de amor, agradecendo aos céus de ter me feito italiano, [...]”⁴⁶ (1892, p. 28)

Em janeiro de 1906, na revista *Kosmos*, na crítica de José Veríssimo intitulada “Uma poetisa e dous poetas” é feita uma análise de algumas poesias de Júlia Cortines, como “A musa” “A Leopardi” e “O Lago”, esta última dedicada a Júlia Lopes de Almeida⁴⁷. Nessa crítica, Veríssimo compara Ada Negri a Cortines e diz que:

O seu estro não é talvez em si mesmo mais rico que o da poetisa brasileira, nem ella fará o melhor verso; mas, como é uma alma que se não recata - [...] é uma alma que realmente soffre da sua e da grande dor humana, e que se expande [...] com que sente, a superioridade da sua poesia sobre a nossa patricia é evidente (VERISSIMO, 1906, p. 8).

O sofrimento da poetisa se reflete justamente na poesia “A Leopardi”, na qual Cortines, explorando a angústia de sua alma, diz a

⁴⁶ “Di Recanati non mi parli. M'è tanto cara che mi somministrerebbe le belle idee per un trattato dell' odio della patria [...]. Ma mia patria è l'Italia; per la quale ardo d'amore, ringraziando il cielo d' avermi fatto italiano, [...]”

⁴⁷ Contista, cronista, romancista e teatróloga (1862-1934).

Leopardi: “Sofres? Também minha alma sofre e chora:/Prélíos inúteis, ilusões desfeitas, /Toda a miséria do viver deplora.” (CORTINES *Apud* ARAUJO, 2010, p. 110). Outro aspecto que aproxima a escritora de Leopardi é o modo doloroso de sentir a vida, pois diversas poesias revelam esse sentimento. Não por acaso, Fausto Cunha afirma que:

Se em *Vibrações* se cristalizou a amargura que deve ter sublinhado a vida interior de Júlia (daí, talvez, sua admiração por Leopardi), já em *Versos* era acentuada. Decepções amorosas? Resíduos de pessimismo romântico? Sintomas do pessimismo que veio de cambulhada com o ateísmo, o cientificismo e o realismo do fim do século XIX?” (CUNHA, 1954, p. 3).

A dor é tão evidente na obra da poetisa que, segundo Veríssimo, há na alma de Cortines a “eterna dor de Leopardi” (VERÍSSIMO, 1906, p. 8), pois para ele existe uma infinita dor e um infinito prazer desejados que terminam em ilusão, e o seu livro é um dos mais distintos livros da poesia encontrados na época.

No jornal *Diário do Maranhão*, de 31 de dezembro de 1908, encontramos uma crítica literária sobre o livro *Sangue* de Costa e Silva escrita por Esmaragdo de Freitas sob o título de “Evocações”. Segundo o autor, Costa e Silva produziu várias obras de valor sertanejo, mas gerou muitas polêmicas literárias, de modo que produções como o soneto “Totta Pulchra” ficam perdidas nas colunas dos jornais. Além disso, segundo Freitas, o modo de compor de Costa e Silva é variado e se vincula a uma “[...] personalidade cabalística um mixto do pessimismo desesperador de Leopardi e o optimismo ironico e miraculoso de Bocage [...]”. Esse pessimismo se tornaria evidente nas composições de Costa e Silva que falam sobre a dor:

Ha em toda a poesia de Da Costa e Silva um encanto evocativo, o poder e uma imaginação fluente. Os seus versos não são feitos para iniciar todo o mundo numa certa dor, mas para fazer sentirem esta dor todos aqueles que são capazes e dignos ella (FREITAS, 1909, p. 1).

Outra crítica à filosofia de Giacomo Leopardi encontra-se no jornal *Correio da Manhã*, publicada em 13 de fevereiro de 1910, de autoria de Hippolyte Fierens Gevaert e intitulada “O Cysne negro de

Recanati: Leopardi”. Nesse texto, que foi traduzido do francês, analisam-se alguns pontos da vida e obra de Leopardi, como a tristeza, o pessimismo, a filosofia e o tédio. Na primeira parte, o autor realiza uma espécie de revisão de literatura, recuperando as ideias de Sainte Beuve e Bouché Leclercq sobre Leopardi, para posteriormente fornecer uma pequena biografia dele, na qual aponta para o fato de que a “miséria profunda” exposta não é explicada somente pela sua vida e pelos problemas de saúde, mas, sim, pelo próprio conteúdo da obra que produzia. O primeiro tema abordado por Gevaert é o pessimismo. Nele, o autor coloca Leopardi como seguidor da tristeza francesa que se propagava pelo mundo e mostrava as dores de um mal sem remédio. Para Gevaert “O autor de *Historia do Genero Humano* foi, realmente, o fundador do pessimismo dogmático” (1910, p. 1). Na segunda parte, o autor situa a filosofia leopardiana como moderna, para então abordar o tema do egoísmo em Leopardi. Ao analisar o egoísmo, Gevaert coloca a seguinte frase como ponto de partida: “si os homens são máos, é porque são egoistas” (1910, p. 1). Assim, através desse aspecto, Gevaert se remonta a toda uma rede construída no *Zibaldone di pensieri* sobre amor-próprio, caráter natural do homem e egoísmo. A afirmação de Gevaert se consolida quando fazemos a relação do egoísmo com o amor-próprio, é a partir dessa junção que tem como fonte a razão e

não passa de um sentimento [...] nascido na sociedade, que leva cada individuo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males [...] e que constitui a verdadeira fonte da honra (ROUSSEAU, 1973, Nota (o), p. 313 *Apud* JUNIOR, 2010, p. 190).

Essa rede é bem perceptível quando Gevaert diz que “Leopardi afirma que os nossos sentimentos de fraternidade são unicamente superficiais, e que nosso amor do proximo não passa d’un vão alarde.” (1910, p. 1). O autor então vai abordar o egoísmo em uma perspectiva teológica e diz que “Si Leopardi tivesse erguido o olhar um pouco mais alto, teria certamente reconhecido que esse egoísmo humano é necessário, e que Deus o creou [...]”. (1910, p. 1). Através desse ponto teológico, o escritor fornece diversas referências bíblicas para o uso concreto do egoísmo segundo os moldes cristãos.

Em um terceiro momento, Gevaert fala sobre o tédio de Leopardi, visto que “[a]vançando logicamente no sombrio caminho da sua

descrença, Leopardi magnificou o tédio.” Aqui parece que o crítico se refere ao *Pensieri* LXVIII, em que Leopardi diz:

O TÉDIO É, a certos respeito, o mais sublime dos sentimentos humanos. [...] mas o fato de não se satisfazer de nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, da Terra inteira; de considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a imponência maravilhosa dos mundos e descobrir como tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma; de imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que nossa alma e nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo; [...] e, portanto, tédio, parecem-me o maior sinal da magnitude e da nobreza da condição humana. Por esse motivo, o tédio é pouco conhecido dos homens sem valor e pouquíssimo conhecido ou absolutamente desconhecido dos outros animais.⁴⁸ (LEOPARDI⁴⁹, 1998, p. 78).

Ao associar o tédio às ilusões, o crítico faz uma ponte com a temática do prazer presente no *Zibaldone di pensieri*, quando Leopardi coloca a falta de prazer como elemento causador do tédio. Estabelecida essa relação, em seus textos Gevaert dialogará com Rousseau para poder discutir a natureza humana em relação a todo esse sistema. Gevaert ainda coloca a ilusão como elemento essencial para que Leopardi possa conhecer a realidade e menciona o livro escrito por Ranieri intitulado *Sette Anni di Sodalizio con Giacomo Leopardi*, presumindo que Ranieri tenta refazer a imagem do poeta. Retomando alguns pontos já descritos ao longo da crítica, questiona o motivo de Giacomo Leopardi colocar a morte como solução, entretanto, ele mesmo não usou deste artifício. Na conclusão, retoma a filosofia de Leopardi que, segundo ele, apesar de se

⁴⁸ “La noia è in qualche modo il più sublime dei sentimenti umani. [...] e trovare che tutto è poco e piccino alla capacità dell’animo proprio; immaginarsi il numero dei mondi infinito, e l’universo infinito, e sentire che l’animo e il desiderio nostro sarebbe ancora più grande che sì fatto universo [...] Perciò la noia è poco nota agli uomini di nessun momento, e pochissimo o nulla agli altri animali.”. Tradução de Vera Horn situada na página 497 em: LUCCHESI, Marco. **Poesia e prosa de Giacomo Leopardi**. São Paulo: Nova Aguilar, 1996.

⁴⁹ Todas as citações dos *Pensieri* terão como base essa edição, sendo assim, nas demais citações, serão elencadas apenas as páginas.

distanciar de preceitos teológicos, teria grande valor intelectual. Assim, a sua filosofia, principalmente o niilismo que Leopardi constrói ao longo de sua obra, teria origem em seus *Pensieri*.

Outro autor a dar destaque para a divulgação do pessimismo de Leopardi é o Padre Leonardo Mascello que publicou três artigos no *Jornal de Recife*, e também traduziu um poema de Leopardi como veremos mais adiante no trabalho.

No artigo dedicado a Giovanni Pascoli, de 08 de março de 1911, Mascello coloca Pascoli como discípulo de Giosuè Carducci. Ele aborda ainda a preferência de muitos por Gabriele D'Annunzio por causa do estilo e da prosa fluida, mas, para o autor, Pascoli é mais humano e moderno do que D'Annunzio, assim como

Giacomo Leopardi, o imortal cantor da 'Ginestra', numa sua ode estupenda intitulada 'Ad Angelo Mai' falando de um outro poeta infeliz, Torquato Tasso o autor de 'Gerusalemme Liberata' solta esta exclamação: 'Ai toda a poesia italiana começa e nasce da dor'. Isso pode ser aplicado a poesia de Pascoli que nasce de uma desventura. (1911, p. 1).

Conforme apontado por Mascello na citação acima, parece que o tema da dor é uma constante na literatura italiana. O texto de Mascello finaliza com uma breve biografia de Pascoli, comparando elementos em comum com a vida de Leopardi como, por exemplo, a tentativa de suicídio e a sua trajetória nas Letras.

Outro artigo de Mascello a ser destacado é o sobre Olavo Bilac, publicado em 10 de março de 1911 no *Jornal do Recife*. Nesse artigo, Mascello delinea a estética de Olavo Bilac perante o movimento parnasiano. Após esse momento, passa à análise estética das poesias de Bilac. Para Mascello, a crítica de Veríssimo sobre Bilac não segue os princípios da estética moderna. O artigo finaliza com Mascello afirmando que todo o artista que sabe transmitir seus sentimentos do coração é grande, sendo assim, negar, como foi feito, que Bilac é poeta, é negar que Leopardi é poeta (1911, p. 1).

No segundo período da nossa pesquisa [1910-1919], Recife, com São Paulo e Rio de Janeiro, é um dos centros de divulgação de Leopardi. Isso se deve principalmente ao *Jornal do Recife*, que contava com colaboradores importantes como Britto Alves, que fará referências à obra de Leopardi como, por exemplo, em 16 de abril de 1912, quando

publica as “Reflexões de um suicida: Fragmentos do Livro inédito Os Esmagados”.

Ao iniciar a crítica do livro, Britto Alves faz uma narrativa em que descreve um mundo dominado pela fome e miséria no qual em todo lugar há a inscrição “Homo Hominis Lupus”, sentença criada por Plauto em sua obra *Asinaria*. Ao longo do texto, Britto Alves realiza a mistura dos relatos do livro com os fatos históricos sempre apontando para a relação da fome com os tipos de governo. Daí a sentença de Plauto seria a explicação para fatos como a cena de mães vendendo os dentes e cabelos das filhas para matar a fome em Londres, entre outros. Para Britto Alves, a humanidade clamava pelo direito de encontrar “a ilusão da vida”, para ter um pequeno momento de prazer. Contudo, esse momento de ilusão parece estar longe, já que, desde os fatos mais remotos na história até aquele momento, o homem tinha sido egoísta. Para exemplificar esse egoísmo, o crítico elenca diversos momentos da história que geraram corrupção no lar, na religião, na política e no amor, para então passar à temática das guerras doutrinárias. Essas guerras, segundo o autor, geraram miséria por toda parte. Em termos teóricos, para explicar essa miséria, o crítico apoia-se em Schopenhauer, que discute a superioridade do homem em relação à natureza. No segundo ponto dissertado sobre o suicídio, o apoio teórico encontra-se em Hartmann que, como veremos ao longo do trabalho, terá seu conceito de pessimismo aproximado ao de Leopardi. Britto Alves conclui com uma crítica ao ensaio de Gevaert afirmando:

a ridícula e estúpida tristeza contemporânea de Gevaert tenta destruir os pensamentos de Leopardi em um mundo [que] não foi criado para nós; a natureza nos seus designios e combinações não se ocupa com a felicidade e infelicidade dos homens” (1912, p. 1).

Aqui Britto Alves critica Gevaert quando esse, no seu ensaio “O Cysne Negro de Recanati”, comentado anteriormente, dialoga com Rousseau, propondo que a natureza teria influência sobre a falta do prazer que leva o homem ao tédio e conseqüentemente ao pessimismo. Contudo, o próprio Britto Alves utiliza essa perspectiva ao citar Schopenhauer e a relação da natureza com o homem.

Em 25 de abril de 1912, no *Correio Paulistano*, é publicada a crítica de J. Bordeau intitulada “A invasão dos médicos na história literária”. Aqui o autor faz uma história da crítica relatando que

antigamente a crítica literária se baseava nas obras e não se preocupava com os autores, mas com Sainte Beuve a crítica se transformou e agora passa a ser psicológica, assim como depois veio uma análise textual fisiologista, vertente que também é seguida por Sainte Beuve. Neste texto, Bordeau analisa a visão de “críticos médicos” na história da literatura e cita *Madamme Bovary*, obra fortemente analisada pelos fisiologistas. Os médicos, inicialmente, ao analisarem as obras literárias, estudaram o desenvolvimento “anormal” dos escritores de gênio, seu corpo, a língua dominante, a mente etc. Como exemplo, colocou-se um dos estudos feito por Dr. Lombroso, que tinha por objetivo procurar a manifestação não convulsiva da epilepsia em escritores como Rousseau, Schopenhauer e Nietzsche. Com o aumento desse tipo de análise a própria classe médica foi contrária a essa nova função exercida pelos profissionais da saúde. Entretanto, uma parcela continuou nesse ramo afirmando que a doença afetaria o modo de composição e imaginação. Através desses preceitos médicos, tais críticos classificaram escritores como Auguste Comte, Honoré Balzac, Denis Diderot e Friedrich Schiller de “semiloucos” e cheios de “problemas no sistema nervoso”. Os médicos de análise literária se detiveram também no aspecto da linguagem, já que para eles as obras de gênio na literatura se manifestam através da linguagem. Um dos escritores analisados pela linguagem da área médica é Leopardi, pois para eles o pessimismo do escritor de Recanati tem origem nas suas deficiências psicológicas e patológicas. Para eles foi a tuberculose que conduziu o escritor italiano à melancolia.

Em 02 de novembro de 1912, é publicado na revista *Fon-Fon* o artigo “30 de janeiro”, de autor desconhecido. Nesse artigo, o autor⁵⁰ relata que só conheceu Leopardi na escola quando leu os poemas “O Pardal Solitário” e “A noite do dia de festa”. Para ele a obra de Giacomo Leopardi lhe causava uma “[...] amarga e sublime leitura que me faz mal, mas que eu bemdigo” (1912, p. 2). É então que o autor, em uma espécie de autoanálise, começa a refletir e ver que a sua alma seria igual à do escritor de Recanati e que os versos de seus cantos traduziriam os seus próprios pensamentos. Nessa reflexão, o autor pensa no tempo de esperanças do passado e no tempo atual, que “na vida é ilusão e agora, assim, como refletiu Leopardi, só resta a morte” (30 DE JANEIRO, 1912, p. 2). Em seguida, questiona o motivo de viver em um mundo

⁵⁰ O autor é “Liebe und Leid” frase em alemão que significa “Amor e Sofrimento”, uma referência direta ao poema “Amor e Morte”. A revista *Fon-Fon* não traz o nome do autor, e a identificação só foi possível pela reportagem do *Jornal do Recife* em 12 de março de 1917.

com tantas misérias, em que tudo é sofrimento eterno. Conclui a sua divagação ao afirmar que a “felicidade se encontra apenas na morte e que este sentimento dolorido é o que preenche sua alma” (30 DE JANEIRO, 1912, p. 2). O autor demonstra que o vazio que sente está presente nas composições de Leopardi, como em “Il Passero Solitario” e em “La sera del dì di festa”. Essa reportagem foi republicada no *Jornal do Recife* em 12 de março de 1917.

No jornal *O Município* do Acre, em 13 de julho de 1913, é publicado o artigo intitulado “O Cysne negro de Recanati: Leopardi”, de Paula Guimaraens. A publicação desse artigo no Acre mostra o alcance da difusão de Leopardi no Brasil, mesmo que a sua concentração maior seja no Rio de Janeiro, conforme mostraremos adiante, mas especificamente no gráfico da figura 41.

No artigo, Paula Guimaraens comenta a melancolia, a dor, o pessimismo e o niilismo de Leopardi. Através do olhar de Carducci, Paula Guimaraens coloca Leopardi como o mais romântico e lírico dos poetas. Para ela a constituição do “Cysne Negro” se dá por uma tristeza elegíaca e melancólica, quase que pitoresca como nos moldes de Lieven Gevaert. A autora traça então um paralelo entre Salomão, segundo ela um dos primeiros poetas pessimistas, e Leopardi. Para ela, Salomão, em seu livro do Velho Testamento, mostra como é o pessimismo hebraico. Para chegar ao pessimismo de Leopardi, a autora faz uma ponte com o pessimismo e a filosofia grega, representada no artigo por Cícero, o qual, segundo ela, “deu asas à revolta imensurável de Leopardi” (1913, p. 2), por considerar a vida uma miséria. Paula Guimaraens finalmente analisa o pessimismo leopardiano, que considera como “um arremedo do budismo assim como o niilismo de Nietzsche”. Para ela, Leopardi “[...] não vê mais que a sua conveniência pessoal. Despreza a família, despreza toda a espécie humana.” (1913, p. 2). A autora faz uma leitura muito superficial da biografia de Leopardi, parece que, para Paula Guimaraens, Leopardi é o pessimista que é apenas porque quis sê-lo e não tomou nenhuma atitude para mudar o modo de viver na sua breve vida; após isso, conclui o artigo dizendo que Leopardi criou a doutrina moderna de desilusão. Entretanto, para ela, o que valeria mais seria a doutrina do evolucionismo representada por Darwin pelos modernos.

No *Jornal do Recife*, em 14 de julho de 1914, foi publicado o artigo intitulado “A ultima lição: ao mestre Raul Azevedo”, de Britto Alves. No início do artigo, Britto Alves compara o método de aprendizado de Raul Azevedo com os últimos versos de “O Infinito” de Leopardi. Ao delinear uma breve biografia de Raul Azevedo, Britto Alves verifica que tanto Leopardi quanto Azevedo eram capazes de

conhecer, estudar e explicar todas as filosofias pertencentes a todos os sistemas. Assim como Leopardi, Raul Azevedo teria apreço pelos antigos, já que da antiguidade trazia as ideias platônicas e a moral de Sócrates, Demócrito, Epicuro e Lucrécio. Entretanto, diferentemente de Leopardi, Raul Azevedo não acreditava na modernidade e nem compunha nada em relação a ela, que passaria a incompreensão do mundo em uma disputa entre criacionismo e cientificismos colocados sob a luz da teoria de Darwin. Britto Alves conclui o seu artigo com a última lição de Raul Azevedo sobre ilusão. Assim como para Leopardi a ilusão atinge vários setores da vida, para Azevedo os principais setores da vida em que aparece a ilusão estavam presentes nas religiões e na ciência, talvez seja por isso que, ao dizer que “[o] Homem sempre termina em uma caveira” (1914, p. 1), ele tenha sido confundido com pessimistas de altos níveis como Schopenhauer, Hartmann e Leopardi. Porém, como menciona Britto Alves, eles não eram pessimistas.

Em um artigo de Émile Faguet⁵¹ traduzido para o português e publicado em 1º de novembro de 1914 na *Revista Ilustração Brasileira*, é abordado o pessimismo de Leopardi através do livro de Paul Hazard sobre o escritor italiano. Nesse artigo, há certa incompreensão na leitura do pessimismo leopardiano ao associar as ideias de Leopardi aos seus problemas físicos. O autor relata que Hazard considera Leopardi um profeta do pessimismo e, ao mesmo tempo, a sua escola filosófica e literária. Para Faguet, o pessimismo de Leopardi é reflexo dos males físicos e apesar de “Leopardi [ser] pessimista absoluto. Sabe-se bem-talvez não muito bem, pois confunde[m]-se a misantropia e o pessimismo.” (1914, p. 61). Para diferenciar esses dois conceitos, Faguet define misantropia e pessimismo. Para ele, “ambas as ações ocorrem através do mal” (FAGUET, 1914, p.61), contudo, o objeto é diferente: um se apoia no indivíduo e outro na natureza. Para Faguet, o Leopardi descrito por Hazard é ao mesmo tempo pessimista e misantropo. Faguet finaliza o artigo comparando Hazard a Leopardi, e para ele Hazard “[...] nasceu poeta lyrico como Nietzsche, [...] Suas ideias se transformam naturalmente em imagens e em symbolos [...] Ellas avançam com o movimento e a trepidação da vida” (1914, p. 61) e “[...] são seres, e seres completos, não somente vivos, mas harmoniosos” (1914, p. 61).

⁵¹ Auguste Émile Faguet (1847-1916) escritor e crítico literário francês. Para maiores informações ver:

<https://archive.org/stream/catholicworld105pauluoft#page/342/mode/2up>

Ainda no *Jornal do Recife*, em 24 de setembro de 1913, é publicada uma crítica de Britto Alves intitulada “Vida”. O texto inicia com a tentativa de se conceituar o que é a vida. Para Britto Alves, não há dificuldade na sua resposta, mas, sim, em sua origem. Para encontrar a origem da explicação da vida, inicia o seu percurso fora das escolas filosóficas, visto que elas não conseguem explicar a vida que é um “imenso contraste de tragédias e comédias, onde a lagrima blasphema contra o riso e este nunca se appieda daquela” (1913, p. 1). Para ele, o erro das escolas filosóficas é colocar todos os termos em perspectiva dialéticas e explicações eruditas.

O autor aborda então o pessimismo e questiona o que ele realmente é, e responde que poderia ser a tristeza gélida de Álvares Azevedo ou as paisagens de Émile Zola. Para ele, o pessimismo não é capaz também de explicar a vida por completo, mas só uma parte dela, já que a vida não é só “desgraça e dor”. Este último elemento, ele coloca como se fosse uma “psicologia da dor” gerada por um desejo do individualismo. Essa psicologia passa durante todos os séculos, em que as saudades são a atmosfera e a memória são as ruínas. A natureza estaria representada pelos cantos dos pássaros e as tempestades seriam a voz da nostalgia. Esses elementos da “psicologia da dor” possuem alguns traços dos *Canti* de Leopardi, e por isso ele diz: “As máximas de Schopenhauer serão um evangelho, as palavras de Hartmann são um rito e os versos de Leopardi um Hynno.” (1913, p. 1).

Em 14 de fevereiro de 1914, é publicado em *A Imprensa* o artigo “Gli ultimi coriandoli: Di qua e di là dell’*‘Equatore’*”, de Filandro Colacito, que aborda algumas tradições populares como o carnaval. A partir das tradições, o autor coloca em paralelo a história contada pela Bíblia e a história contada a partir da ciência. Desses dois paralelos, o da ciência e o da religião, o autor conduz à mitologia e questiona o seu objeto. Ao analisar o Mito do Éden, explica que é o terceiro elemento o que gera problemas, a serpente, e é responsável pelo castigo e pela dor humana. Essa dor, segundo o autor, é “a corrente humana que o homem tenta se desfazer”. Assim, a alegria consoladora é dada uma vez ao ano para a humanidade se esquecer da dor e de si mesma. Na parte seguinte do artigo, Colacito coloca a dor em contraposição ao amor, sobre o qual os intelectuais se debruçam aproximando-o da morte, fazendo alusão ao poema “Amor e Morte” de Leopardi. Novamente a dicotomia está presente em seu texto, no qual coloca, de um lado, os cientistas que consideraram o amor de modo racional como um músculo, por outro lado, os poetas da dor, como Leopardi, que de modo subjetivo aproximam o amor da morte.

No jornal *O Paiz*, em 13 de junho de 1915, o texto “A tristeza nacional”, escrito por Celso Vieira, fala sobre a tristeza que acomete a mentalidade nacional. Essa escola pessimista aniquilaria os valores otimistas e reconstruí-los seria difícil. Para Celso Vieira, o pessimismo atinge o cotidiano da pátria e em sua representação máxima está o Rio de Janeiro. Autores como Leopardi, com seu pessimismo, e Schopenhauer, com a renúncia, fazem com que a tristeza seja difundida.

Poderíamos conjecturar que a difusão da tristeza no Brasil se vinculava e se reforçava através da mídia pela crise no país entre os anos 1914 e 1915, e a crise também ganhava proporções maiores nos periódicos através dos relatos da Primeira Guerra Mundial. Talvez por isso, Celso Vieira afirme ser “difícil separar a tristeza contemporânea do ano de 1915.” (VIEIRA, 1915, p. 1). Essa crise poderia ser um dos fatores para a disseminação da tristeza nacional, e assim “as doutrinas de Leopardi, Schopenhauer e Nietzsche são nuvens que se formam ao longe, quase indistintas, errando à mercê dos ventos para estranhos horizontes” (1915, p. 1).

No jornal *O Paiz*, em 17 de fevereiro de 1916, no texto “Na estrada ampla da crítica”, escrito por Almachio Diniz, aparece a análise da obra do crítico literário Jean-François de La Harpe⁵² Diniz considera que os amplos escritos críticos de La Harpe constituem uma obra-prima que tem de ser analisada através da teoria da arte, apesar de essa análise centrar-se em um falso conceito de estética. Para Diniz, é necessário fazer uma análise ampla, segundo os moldes de Charles Lalo,⁵³ ao aproximar arte, história e estética, pois para ele a crítica é “uma função da estética que tem por objeto ela mesma”. Aqui o crítico literário faz uma breve menção à formulação tripartida de Lalo em sua estética sociológica da arte.

Ao adentrar o âmbito da crítica nacional representada por Araripe Jr e Sílvio Romero, Almachio Diniz mostra, com base nos preceitos de Lalo, a forma como eles compreende a estética na crítica literária brasileira. Diniz passa à análise de dois elementos estéticos: o amor e a beleza, os quais, a seu ver, são noções inseparáveis. Sobre a beleza, Diniz destaca que na crítica há um equívoco ao atribuir a ela um valor

⁵² Jean-François de La Harpe (Paris, 20 de novembro de 1739 – Paris, 11 de fevereiro de 1803) escritor, crítico literário e poeta francês. Para maiores informações ver: <https://www.britannica.com/biography/Jean-Francois-de-La-Harpe>

⁵³ Charles Lalo (1877-1953) filósofo francês, é um dos representantes da escola sócio-positivista.

estético. É nesse ponto que Diniz aborda o belo natural representado por diversas obras de vários escritores, entre eles Leopardi. O crítico evidencia o fato de que o belo natural é negligenciado pela crítica literária, já que ele existe independente da averiguação de seu valor estético. Diniz afirma:

A critica como parte da esthetica, não se pronuncia senão em casos especialissimos, sobre o belo natural. Ella julga o belo artistico, dentro das condições scientificas desse facto esplendido que é a correspondencia exacta da emotividade e da comprehensão sensorial do artista com a exteriorização, correspondencia que não é mais nem menos do que *Einfühlaug*⁵⁴ dos hodiernos allemães”. (1916, p. 1)

Neste ponto, o crítico mostra que as demais análises estéticas sobre o belo colocam o belo artístico como superior ao natural pelo fato de o belo artístico possuir o *Einführung*, conceito de empatia estudado por Holderlin, Freud, Ferenczi e outros.

O que Diniz aponta em seu estudo é que esse conceito de “empatia” acontece nos dois tipos de conceito de belo, tanto o natural quanto o artístico. Apesar de colocar Leopardi como um dos escritores que dissertou sobre o belo natural através da sua representação poética, Diniz não se aprofunda na construção leopardiana. Isso talvez ocorra porque grande parte da discussão do Belo realizada por Leopardi encontra-se em seu *Zibaldone di pensieri* que começou a circular na Itália apenas no início do século XX.

Retornando à crítica nacional, para Diniz, as análises de Araripe Jr e Sílvio Romero são permeadas por um pessimismo leopardiano em que a natureza é má. Para Diniz, Romero é um dos representantes da crítica psicológica, sob influência dos filósofos alemães.

A poesia intitulada “Pessimismo e Optimismo” com pseudônimo de JM, publicada na Revista da Semana, em 22 de abril de 1916, e dedicada a Erasmo de Lima na, traz Leopardi como inspiração poética de Erasmo Lima e representante do pessimismo como podemos

ler no poema abaixo:

⁵⁴ A grafia no jornal está errada, o modo correto de se escrever em alemão é o *Einführung*.

Não é nova, nem bella essa theoria,
 Que no mundo sustenta o mal da vida
 Fez de Leopardi a tetrica poesia,
 Em plena mocidade envilecida.
 De Schopenhauer - a vã philosophia,
 De Hartman - a sciencia pervetida;
 Um de Deus proclamando -Tiranía,
 O outro - A Humanidade suicida.
 Elles passaram...não desencantado
 O mundo segue o turbilhão da vida
 Com avidez, e sempre fascinado.
 O mal da vida é, pois, uma ilusão
 E' miragem de um prisma exagerado
 Que cresta a alma e mata o coração...

Sem duvida, ha tristezas na existencia
 Ha duros cardos, mas não vês as flores?!
 Os teus olhos não vêm a Providência
 Semeando de balsamos as dores?!
 Olha da criação toda a opulência,
 Olha do firmamento os resplandores,
 Da vida universal á effervescencia
 Compara deste seculo os langôres.
 Ha da alma tambem na profundeza
 Sombra, mysterio, abysmos, insondaveis
 Mas oh! a Fé os enche de belleza.
 Ao pessimismo deixa as detestaveis
 Exprobações da bella natureza,
 Canta da vida os gosos ineffaveis...

As montanhas, o mar, o sol, o vento,
 As planices e até a tempestade,
 A flor que brota e morre n'um momento
 Do nosso pensamento a variedade,
 A propria dor, o fundo sentimento
 Que nós temos ao ver na humanidade
 Da perfeição o magico tormento
 Em todo o seculo, em qualquer idade,
 Sim, tudo isso é fonte de prazeres,
 De ventura, de amor e de harmonia
 Que aquece a vida e embelleza os seres.

O optimismo, pois, eis - a poezia -
 Medita bem si por ventura leres:

-A tristeza é o repouso da alegria. (J.M,1916, p. 20)

Parece ainda que Erasmo Lima possua alguns pontos de contato com Leopardi, principalmente em relação aos idílios, ao cantar a natureza; e também a temática da dor que permeia a sua obra, conforme diz o poema.

No jornal *O Dia* de Florianópolis, em 04 de março de 1917, é publicado o artigo intitulado “Homunculus” de João José com uma epígrafe de Anatole France. O autor discute sobre armas. Aqui, ele descreve um ambiente silencioso à noite, em que o autor admira as armas e medita ao olhar para elas com tristeza, como se fosse um: “Leopardi, o cysne negro de Recanati, o extranho philosopho da duvida e o maravilhoso poeta da descrença, escreveu uma vez que os homens são maus por natureza, mas querem crêr que o são por accaso” (JOSÉ,1917, p. 1).

Em um segundo momento, João José analisa um termo chave nas obras de Leopardi, a ilusão, elemento que coloca como sustento das almas, com a morte. Para João José a ilusão pode nos fazer viver,

Mas aquella maldade estavel, constante e innata de que fala Leopardi, adultera as proprias illusões, que não são as flôres delicadas que o poeta sonhava na sua mocidade, desprotegida e ridicularizada, antes de ter chegado a conclusão da inutilidade da existencia humana. No mundo elle só via desgraçados e maus. Era como Thales, um dos famosos sete sabios da Grecia, que assim explicava a Solon o motivo do seu celibato. (1917, p. 1).

Ao retornar deste texto e das divagações, João José conclui o seu artigo afirmando que as armas são instrumentos da maldade humana, que servem apenas para o ataque e não para defesa. Por fim, destaca que é melhor aceitar o mundo como ele é, e que “homunculus” como Leopardi tem razão.

Na revista *Panoplia*, em junho de 1917, Ulysses Paranhos publica o texto intitulado “O Pessimismo”. Ao discutir o conceito, Paranhos coloca o pessimismo como causa máxima da desventura e infelicidade. A visão do pessimista, para Paranhos, não corresponde à realidade, e a realidade é como se fosse um indivíduo excêntrico. Ele conceitua o indivíduo como um “[s]er pessimista, é desejar fazer do cérebro um

jardim de sofrimentos e do coração um horto de supplicios, cheio de urzes, de cardos e de espinhos” (PARANHOS, 1917, p. 18). Para o crítico, com a disseminação do pessimismo, aos poucos as escolas literárias e filosóficas fornecem uma espécie de alimento para as pessoas, transformando

desta maneira, a corrosiva doutrina da *infelicità*, do admirável poeta Leopardi, (que) repete-se em Werther e em Jacob Ortis, em Manfredo e em René, e Goethe e Lord Byron, Chateaubriand e Heine vão pregando a descrença, a melancolia, a phobia, em versos admiráveis e em prosa encantadora e sugestiva. (PARANHOS, 1917, p. 18)

Paranhos então segue a vertente da análise feita pelos médicos e coloca o pessimismo como uma doença em que há um desequilíbrio do sistema nervoso. Sendo assim, Paranhos se aproxima da crítica elaborada por Lombroso que comentamos anteriormente.

Novamente em *Panoplia*, em agosto de 1917, no texto “Dias da Rocha Filho” de Agripino Grieco é apresentado um estudo das obras de Dias da Rocha Filho. O autor inicia a sua crítica falando da poética de Dias da Rocha Filho, influenciada pela sua mãe, que estudou com Raimundo Correa. Por outro lado, o pai de Dias da Rocha Filho lhe transmitiu os estudos clássicos, principalmente aqueles elaborados por Rui Barbosa. Após uma breve biografia de Dias Rocha Filho, mostrando influências como a de Fagundes Varella, Edgar Allan Poe e Espronceda, o crítico Grieco mostra as leituras feitas por Dias da Rocha Filho, de escritores como Byron, Álvares de Azevedo, Goethe e Musset. Para Grieco, “nem Leopardi consegue igualá-lo [Dias da Rocha Filho] em inspiração e arrebatamento emocional” (1917, p. 98)

No jornal *O Paiz*, em 06 de dezembro de 1917, é publicada a crítica “As musas de Antão” de Justino de Montalvão. A crítica trata de Antonio Pereira Nobre, escritor português que para Montalvão era um “grande intérprete das dores e tinha o feitio dos Cyprestes.” Para Montalvão, a obra de Antonio Pereira Nobre possui uma unidade de sentido que é representada pela saudade. O pessimismo presente nas suas poesias conseguiu interpretar as dores de um povo cansado pela descrença e agonia. Esse pessimismo está presente nos livros *Só* e *Despedidos*, e, além disso as poesias trazem uma tristeza nostálgica. A dor, a solidão e a morte eram, segundo Montalvão, as musas para

Antonio Nobre: “a Dôr não era, como para Leopardi, o cysne negro de Recanatti, o sombrio cantor do desespero e do ateísmo, um systema racional e doutrinário de philosophia” (1917, p. 1), mas era triste de nascença. Apesar de o conceito de dor se distanciar da concepção leopordiana, Antonio Nobre se aproxima da concepção de “Natura Matrigna”, já que nas suas obras a natureza se transformava em imagens de amargura que agonizavam ao longo do tempo.

Em 27 de abril de 1918, no artigo intitulado “Um voluptuoso da Tristeza” de M. Cavalcanti, publicado no jornal *A.B.C* do Rio de Janeiro, o autor aborda a vida e obra de Eugenio Savard. Para o autor, Savard era uma mistura de Casimiro de Abreu com Werther. Para Cavalcanti, Savard “recorda um Leopardi mais moço que lutasse consigo mesmo, às vezes, para romper os grilhões de uma melancholia que o subjugava”. O próximo ponto a ser analisado por Cavalcanti são os versos do autor nos quais “transparecesse uma volupia interior que o poeta sentia e a existencia proporcionava. É uma alma que procura o máximo prazer” (1918, p. 6). Assim como Leopardi, Eugenio Savard possuiria um canto dolorido na medida em que a sua “psychologia se enquadra melhor nos conceitos que Gewaert formulou em torno da tristeza contemporanea partindo de Leopardi, n'uma curiosa meditação sobre o Cysne negro de Recanati” (1918, p. 6).

Em 1918, na revista *O Malho*, o texto intitulado “Um poeta novo-Mansueto Bernardi”, escrito por João Pinto da Silva, apresenta a obra “Terra convalescente”. A crítica é dividida em três partes, mas vou apenas tratar da primeira porque é quando ele faz referência a Leopardi. Nela, Pinto da Silva apresenta os versos de Bernardi que são como um “diário lyrico de concepção pessimista permeado de gestos de desespero, velhas dúvidas e um espírito doente e mal compreendido” (1918, p. 35). Também analisa o elemento do amor em um dos capítulos do livro, o qual seria “[...] um amor a Giacomo Leopardi: Amor ligado, visceralmente, à Morte, numa funebre xiphopagia” (1918, p. 35). Para Silva, tal amor se aproxima da amargura de Antonio Nobre que, assim como Leopardi, possui a tristeza como musa, melancólica, profunda e nostálgica. (1918, p. 35). Como podemos perceber, o crítico João Pinto da Silva, aproxima a poética de Bernardi da de Leopardi não apenas através do elemento do “amor”, mas também quando destaca a característica pessimista na composição de seus versos.

Em 09 de Março de 1918, em *O Paiz*, é publicada a crítica do livro “Solitudes” por João do Rio, com dedicatória a Pereira da Silva. Primeiramente, o crítico apresenta os versos de Pereira da Silva, os quais apesar de ele não ter “o puro vernáculo, não eram infantis e sua

poesia era original por dizer o que sentia e pensava.”. Nesses sentimentos, em tom de conversa, o escritor abordava pouco a pouco os aspectos da filosofia e estética de Pereira da Silva. É nesse momento que João do Rio destaca que no livro *Solitudes* não há alegria, mas tristeza,

Mas, em vez de um Leopardi, ou de um Antonio Nobre, o primeiro soffrendo dores, o segundo talvez mais artificial, *Solitudes* apresenta-nos não a amargura de um isolado, não a tristeza de um descontente, mas a poesia de uma alma de bronze e de cristal, que se isola em meio da multidão para pensar na eternidade e sôa o seu austero som tocada, todavia, dos mil e um rumores do ambiente (1918, p. 1).

Assim, João do Rio coloca a “tristeza” de Leopardi como um modelo para Antonio Nobre, mas esse modelo ressoa na obra de Nobre como artificial. Portanto, João do Rio se distancia da crítica de Montalvão que mostramos no excerto acima, visto que para Montalvão a tristeza de Antonio Nobre era oposta à de Leopardi e o único elemento que os aproximava era a conceituação da Natureza, enquanto que para João do Rio, mesmo que de modo artificial, as tristezas de Antonio Nobre e de Leopardi seriam semelhantes.

Outro aspecto do livro de Pereira da Silva analisado por João do Rio é a relação do homem com a natureza. O crítico não analisa a natureza de modo personificado como aparece em Leopardi e em Antonio Nobre, mas como ambiente em que existe uma espécie de obsessão pela vida que acontece a cada fenômeno com dor. João do Rio conclui a análise dizendo que, apesar do nome do livro, o que aparece é a tristeza e não a *solitude*, conforme indicada no título e que Pereira da Silva é um “gênio poético de imagens sensíveis.” (1918, p. 35).

No jornal *O Paiz*, em 11 de julho de 1919, é publicado o texto “Evolução de um poeta”, escrito por Celso Vieira. Nessa crítica são apresentados o escritor Felix Pacheco e a obra *Nebulosa*. Para Vieira a obra de Felix “prevê o desabrochar da vida, assim como Dante desabrochou a rosa do paraíso.”. Em seu livro, Pacheco apresenta ainda um universo nebuloso e subjetivo. Ao mostrar os poemas do livro, Vieira relata ao público a sensação de lê-los:

Pensativamente folheamos esses poemas de aurora e amargor-*Via Crucis*, *Panoplia Azul*, *Almas e Natureza*, *Mors-Amor* - onde não vemos

senão um estranho rosal de mocidade que todo se desfolha aos pés da Beatriz funera e consoladora, de Anthero, ou se exhala para o transmontar da lua argentea e fugaz de Leopardi: *Scende la luna; e si scolora il mondo; Spariscon l'ombre, ed una. Oscurità la valle e il monte imbruna.* (1919, p. 3).

Neste pequeno trecho percebemos alguns pontos de contato com Leopardi. O primeiro é a natureza, o segundo é a aproximação da morte e do amor e o terceiro, e mais evidente, é a presença da lua na obra através da citação do poema “*Il Tramonto della luna*”. Vieira relata que nas obras de Felix aparecem os mesmos cenários descritos por Leopardi, como se fosse uma paródia do canto leopardiano. Sendo assim, os elementos da natureza descritos nos poemas de Leopardi ressoariam na obra de Felix através de imagens:

montes e vales obscuros a lua desce do mesmo modo e a natureza acompanha a imagem da penumbra entre urnas funerarias, aparições cabalísticas, onde o indefinido toca o seu jardim (1919, p. 3).

Ao mesmo tempo em que Felix se aproxima do poema de Leopardi, em alguns momentos se distancia, pois conforme aponta Vieira: “Bem longe estamos aqui, do *tramonto della luna*, de Leopardi, obscurecendo montes e valles. Agora o plenilunio a encher com a mesma doçura noites e almas, *Luar de amor*, voga no curoso azul e prata, da sua maravilhosa ascensão pelo ether” (1919, p. 3).

Um exemplo das principais publicações sobre Giacomo Leopardi no período de 1920 a 1930 é a crítica de Castro e Silva intitulada “Anthero do Quental e a reacção contra a *philosophia classica*”, publicada em 03 de janeiro de 1920 no jornal *A.B.C.* A crítica inicia mostrando o perfil de Anthero ligado à filosofia clássica que não se rebela contra a metafísica, mas ao mesmo tempo não a defende. Assim como Leopardi, Castro e Silva coloca as mudanças das concepções filosóficas de Anthero de Quental que passa então do clássico ao pessimismo. Nessa conversão de Quental é que o autor recebe influências de Schopenhauer e começa a dialogar com o pensamento de Leopardi, o qual através de suas obras de filosofia se consolida na psicologia moderna. Silva comenta ainda algumas questões sobre o homem primitivo e mitológico, seu estado arcaico da imaginação que é refletido na literatura mitológica ao longo do tempo e sua queda até os

antigos. A crítica finaliza relatando que Anthero de Quental se vinculou ao pessimismo através das leituras das obras de Souza Martins e Leopardi.

Outro exemplo está em *O Jornal*, de 03 de maio de 1920, no qual foi publicado o texto “Bibliografia Augustos dos Anjos-Eu” de Tristão de Athayde. Nesse texto, temos a crítica das poesias completas de Augusto dos Anjos. O autor dividiu a sua análise em três partes: temperamento, mimetismo e originalidade. Nesse texto, outros aspectos entram em diálogo ao aproximar Augusto dos Anjos de Leopardi, como por exemplo, o niilismo e a dor:

Sem dúvida, esta ‘dor cósmica’ que a poética anjosiana poderia haver herdado de um Leopardi, emprenhada na luxuriosa Natureza-madrasta que é refletida na Morte que devora tudo e todos, roendo ossos através de vermes, ou espíritos através do Nada (VIVALDO, 2013, p. 49).

Ao discorrer sobre a obra de Augusto dos Anjos e o movimento naturalista, Athayde coloca que há certa tendência de alguns críticos a enfatizar o caráter pessimista das obras do escritor brasileiro, de modo que se gera um “temperamento pessimista perante a sua estética que vai contra fórmulas pré-estabelecidas”. Além disso, destaca que as suas poesias completas podem auxiliar na análise de três elementos estéticos: sofrimento, originalidade e imitação. Athayde reforça a ideia de que no livro *Eu* não se encontra reação às fórmulas poéticas, exceto por dois versos, os quais são “E’ é por isso que na minha lyra/De amores futeis poucas vezes falo”.

Na segunda parte, Tristão relata que Augusto era obcecado pela realidade, mas tocado por “[...] toda a philosophia negadora que floresceu no pessimismo de Heine e Leopardi, absorve-o a visão da matéria que se degrada, chegando nesse ponto a uma nova fé no - “Deus Verme” (ATHAYDE, 1920, p. 2). Deste modo Athayde aproxima Augusto dos Anjos de Leopardi.

Na última parte, em que discorre sobre a originalidade de Augusto dos Anjos, Tristão de Athayde diz que esse aspecto é permeado por sofrimento e pessimismo. Poderíamos pensar que aqui também Athayde reforça a influência de Leopardi sobre as obras de Augusto dos Anjos.

Nos artigos do período entre 1920 e 1930, destaco a publicação do *Jornal do Recife*, em 1º de julho de 1920, intitulada “Exame de

Consciência” e escrita por Maquiavel do Prado. Nesse artigo, em uma espécie de carta para si mesmo, o autor, iniciando com a recomendação ao suicídio, destaca que as leituras de autores como Hartmann, Schopenhauer e Leopardi são apenas “leituras”, sendo Leopardi apenas um poeta que não influenciaria a sua decisão. Para a sua consciência, a vida ainda vale a pena ser vivida. Porém, chegou o dia de ceder ao suicídio do amor, e o autor conquistou a liberdade para cedê-la ao suicídio que agora se torna sedutor. Para Maquiavel do Prado, escritores como Hartmann e Leopardi teriam como máxima que “o unico remedio para a salvação do Universo seja o suicidio universal.” (1920, p. 1). O autor destaca o canto “Amor e Morte” e diz sobre esse conceito: “Feiticera phantasia essa de Leopardi, meu amigo, em cuja a verdade, enganadora vossê acreditou beatificamente” (PRADO, 1920, p. 1). O artigo finaliza colocando em escolha as duas coisas belas do mundo, o amor e a morte.

Outro artigo é “O Genio de Treva: Leopardi”, publicado em agosto de 1920, no jornal *A Republica*, e escrito por Samuel Cesare em homenagem a Ermelino de Leão⁵⁵. O artigo⁵⁶ trata da filosofia leopordiana, principalmente do pessimismo, que pode ser derivado da educação que Leopardi recebeu da família. Para o autor, os problemas relativos à existência de Leopardi aproximaram-no da ideia do suicídio. Destaca ainda que Leopardi era pessimista porque esse era o espírito da época e não porque nascera assim. Deste modo, Samuel Cesare é um dos poucos críticos que compreendem o pessimismo de Leopardi sem vinculá-lo aos problemas físicos. Para o autor, a base da filosofia leopordiana estaria no conceito de “natureza madrasta”, o qual seria equivocado, pois, a natureza não faz os homens sofrerem.

Destaco, ainda desse período, a carta intitulada “Epigrammas Ironicos e Sentimentaes de Ronald de Carvalho”, escrita por Graça Aranha, publicada em 1922 na revista *Para Todos*. Graça Aranha informa a seu amigo o prazer que a leitura de “Epigrammas Ironicos e Sentimentaes” lhe causou. Os epigramas são para Graça Aranha a representação da estética de Ronald e levam a um estado da melancolia.

⁵⁵ Ermelino Agostinho de Leão (1871-1932) intelectual, escritor e jornalista paranaense, trabalhou no arquivo público nacional, foi diretor do Museu Paranaense de Arte e colaborou em jornais como *A Opinião*, *Verdade de São Paulo*, *Diário da Tarde* e *A Notícia*.

⁵⁶ Como o artigo se encontra mutilado, dificultando a compreensão, dele conseguimos extrair alguns trechos, que tentamos recompor em uma linha lógica.

Entretanto, para Graça Aranha, o livro de Ronald de Carvalho não tem “Pessimismo ou optimismo, não ha nesta Maravilhosa Esthetica nem o desespero de Leopardi, a desilusão de Anthero do Quental, a amargura de Machado de Assis.” (1922, p. 18).

Após vermos algumas das principais contribuições de artigos/ensaios que versam sobre Giacomo Leopardi e a sua obra, nos deteremos agora nas crônicas publicadas no período e como elas se referem ao escritor italiano e à sua obra.

2.2 CRÔNICAS

As crônicas⁵⁷ de jornais no início do século XX parecem contribuir como um espaço não apenas narrativo, mas também como crítica literária e social dos novos acontecimentos da recente república. Conforme nos indica Margarida de Souza Neves, a crônica é um

[...] “documento” na medida em que se constitui como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documento”, portanto, porque se apresenta como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documento”, nesse sentido, porque imagem de nova ordem. “Documento”, finalmente, porque “monumento” de um tempo social [...] (1992, p. 76).

Nessa perspectiva, a crônica também pode exercer uma função de crítica literária. Esses aspectos de crítica literária e de reflexão sobre um determinado texto e as outras colunas e suplementos literários adquirem um espaço no periódico e, assim, as crônicas fariam “o papel de contraponto crítico às notícias evocadas pelo restante do jornal [...]” (GRANJA, ANDRIES, 2015, p. 18).

⁵⁷ O objetivo deste trabalho não é definir ou discutir os gêneros literários. Esses termos foram usados aqui como uma forma de sistematizar melhor as ocorrências sobre Giacomo Leopardi no Brasil. Como podemos observar no gráfico da figura 49, que se encontra à página 220, a crônica, na primeira década do século XX, é o segundo gênero em que Leopardi aparece mais na imprensa brasileira.

Dito isso, passemos ao cronista Wenceslau de Queiroz (1863-1921), escritor, crítico literário e político paulista, que mantinha uma coluna “Chronica” no *Correio Paulistano* e foi um dos maiores difusores de Leopardi no Brasil. Nesse espaço, ainda no século XIX, Wenceslau de Queiroz colabora com quatro crônicas sobre Leopardi. Dessas, destacamos a intitulada “Páginas Volantes: Incongruências Românticas” publicada em 19 de fevereiro de 1888, na qual aproxima o escritor Mucio Teixeira de Giacomo Leopardi através da poesia “Mancenilha de amor”. Outra aproximação feita por Queiroz é feita na crônica “Páginas Volantes: Petoeffi Sandor” publicada em 02 de agosto de 1888, na qual Queiroz aproxima Petofi de Leopardi através do poema “O Louco” do escritor húngaro.

Entre as crônicas publicadas no século XX, há um elemento em comum: grande parte delas citam o poema “Amor e Morte”. Aparentemente a citação do poema de Leopardi está relacionada a uma onda de suicídios de casais, na medida em que a mídia na época colocava como causa a leitura de escritores como Giacomo Leopardi. Nesse poema, uma de das características é o caráter existencial relacionado ao pessimismo cósmico. Por isso parece que há nas crônicas brasileiras certa simplificação interpretativa quando colocam o poema como causa da morte de casais ou a morte como solução efetiva, visto que a morte representada no canto leopardiano, segundo Binni “é de fato um ato de vida e ele o adora com a mesma intensidade com a qual tinha adorado o pensamento de amor⁵⁸” (2014, p. 34).

Dito isso, a primeira crônica do século XX de que se tem notícia sobre Leopardi é datada de 30 de novembro de 1901, publicada no jornal *A Notícia*, na coluna “Notas” de Ruffino Singapura. Essa crônica apresenta os casos de violência entre casais da corte de vários países que teriam se suicidado por causa da leitura do canto “Amor e Morte”.

Singapura interrompe a crônica para oferecer ao leitor a sua tradução, dizendo: “Parece, ao ver os sucessos desta semana, que tres versos so devam traduzir livremente: ‘Irmãos, ao mesmo tempo, o Amor e o Pão. Fez um destino Máo’” (1901, p. 3). Conforme podemos observar, o tradutor substitui a palavra *Morte* por *Pão*, neste caso parece que o tradutor consegue captar o sentido que Binni deu à morte como um ato de vida, visto que o *pão* ao longo da história se tornou símbolo de vida na perspectiva religiosa. Outro ponto que o tradutor destaca é que “[...] foi a interpretação philosophica d’estes episodios que um dos

⁵⁸ “è davvero un atto di vita ed egli l’adora con la stessa intensità con la quale aveva adorato il pensiero d’amore.”

nossos jornalistas inventou o ‘pão moral’” (1901, p. 3). O pão moral refere-se à primeira parte do romance “O Amor, e a loteria” publicada no jornal *O Mosaico* de 1840, em cujo primeiro capítulo se narra a história de um homem desventurado e apaixonado a quem, mesmo com o estudo, faltava o pão moral (Educação).

Em 26 de maio de 1901, no jornal *Gazeta de Notícias*, é publicada uma crônica sem título e por autor desconhecido, inspirada em uma nota funerária, que demonstra, através de Demócrito e Heráclito, que o riso e a lágrima andam juntos, assim como o amor e a morte, com referência ao canto leopardiano. Ao longo da crônica, o autor se apropria das discussões feitas anteriormente para depois vincular a leitura de Demócrito, Heráclito e Leopardi ao suicídio de um rapaz na pensão *Allem*. Em um primeiro momento, o autor coloca a dicotomia riso e lágrima perante os males do mundo, em Demócrito e Heráclito, no confronto de oratória entre os padres Jeronimo Caetano e Antônio Vieira, em Roma em 1674, em seus discursos diante da rainha Cristina da Suécia⁵⁹. Nesses discursos, os padres se propuseram a debater qual dos dois filósofos era o mais sábio, se Demócrito que sempre ria; ou se Heráclito que sempre chorava. Para Vieira, diferentemente do cronista, as percepções do riso e da lágrima estavam separadas. O cronista faz então a aproximação do riso e do amor e da lágrima com a morte, sendo a união desses aspectos o mote para o fim de

um casal apaixonado e [fizesse com que o] moço fugindo da vida num abraço derradeiro, justificando os dons amargos e famosos versos de Leopardi ‘Fratelli a un tempo stesso, Amor e Morte, ingegnerò la sorte’ (1974, p. 94).

Entre os dias 20 e 21 de agosto de 1902, aparece no jornal *A Notícia*, a “Chronica Literária” de J dos Santos⁶⁰. Essa crônica está dividida em duas partes: a primeira trata das recentes descobertas do Impaludismo do Dr. Fajardo e descreve algumas doenças e o modo como agem no organismo. A segunda traz uma resenha crítica sobre a

⁵⁹ Para compreender algumas relações do contexto histórico da Rainha Cristina da Suécia e a inquisição ver: <https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2011/02/padre-antonio-vieira-las-cinco-piedras.html>

⁶⁰ Provavelmente trata-se de João Brígido dos Santos, político jornalista, escritor e historiador cearense.

publicação da segunda edição da *História da literatura* escrita por Sílvio Romero, e o cronista, recorrendo aos paratextos, critica o fato de a obra não ter um índice para facilitar a leitura e ainda trata dos capítulos sobre a formação e constituição da literatura brasileira. Na terceira parte, o autor comenta a publicação de um conjunto de artigos do *Jornal do Commercio* por Magalhães de Azeredo, provavelmente a série dos “Estudos Contemporâneos” que, além dos artigos sobre os principais escritores portugueses como Eça de Queiroz, inclui também aqueles sobre autores estrangeiros como Leopardi.

Na “Chronica Paulista”, escrita por Artur Goulart em 1º de setembro de 1902, há um relato da inauguração da Livraria Colegial e Acadêmica que tem como destaque o livro de Carlos Magalhães de Azeredo intitulado *Homens e Livros*, que possui um capítulo sobre Leopardi. Além desse capítulo, o livro possui ainda a *História da literatura brasileira* escrita por Sílvio Romero e que foi resenhada por Araripe Júnior na *Revista Brasileira* de 1899 e 1900.

Outras obras de Carlos Magalhães de Azeredo são comentadas na imprensa como, por exemplo, o livro *Horas Sagradas* que lhe rendeu críticas de vários escritores brasileiros, entre eles, Machado de Assis. Machado, na *Gazeta de Notícias* de 7 de dezembro de 1902, diz:

E cá vieram as Horas Sagradas, título que tão bem assenta no livro. Elas são sagradas pelo sentimento e pela inspiração, pelo amor, pela arte, pela comemoração dos grandes mortos, pela nobreza do cidadão, da virtude e da história (1902, p. 2).

Como mostra Machado, trata-se de um livro inspirador, que influenciou Tristão Vieira a escrever uma biografia de Carlos Magalhães de Azeredo no jornal *Correio Paulistano*, publicada em 19 de janeiro de 1903. O crítico literário, delineia a carreira de Azeredo, perpassando pelos livros publicados até a sua entrada na Academia de Letras. Evidencia ainda o modo como Azeredo compreende as questões de originalidade do verso e como as aplica em seus livros. Para Tristão Vieira, um dos livros de destaque de Azeredo é *Homens e Livros*, que mostra particularidades da vida do escritor que são semelhantes às de Leopardi.

No jornal *A Capital*, de 11 de outubro de 1903, a crônica intitulada “Idílio Moderno”, escrita por Alfonzo Péres Nieva, discute a temática da felicidade. Inicia com um diálogo em que um vizinho tenta

flertar com a vizinha para acabar com a sua tristeza; na sequência, há um grande corte e o vizinho agora ensina literatura geral ao menino Felipe. Enquanto ensina ele divaga sobre o que é felicidade, até o menino interromper-lhe o pensamento dizendo que precisava se preparar para o exame e aprender de memória a literatura italiana. Porém, parece que o alerta não lhe interrompe os pensamentos, pois, lembrando o episódio com a vizinha, ele se questiona:

Mas existe o amor? [...] sim, existe..., Mas, eia! Arranquemo-nos à fascinação e...refugiemo-nos em Petrarca, Manzoni e Leopardi [...] pois, idyllio é...uma composição inspirada pela beleza campestre da natureza... (1903, p. 2).

Um dos exemplos de análise e crítica literária sob o título de crônica encontra-se no *Correio Paulistano* em 24 de julho de 1904. Wenceslau de Queiroz, na sua já consolidada “Chronica Literária”, critica a relação do verso com o pensamento moderno. Queiroz mostra como as novas tecnologias e a rapidez impedem a reflexão sobre o conteúdo. E então, com um tom apocalíptico diz que “a poesia irá acabar pelo progresso científico e tecnológico que irá cortar a imaginação”. Essa percepção do progresso e o “medo” de perder a faculdade imaginativa, pela falta de contato do homem com a natureza e a presença do novo cenário urbano, eram compartilhados já no século XIX na Europa e, agora, no início do século XX no Brasil, no período que se denominou *Belle Epoque* e que teve como uma das principais representações o projeto urbanístico de Pereira Passos. Wenceslau de Queiroz discute o conceito de arte e reafirma como “os antigos eram bons, pois sabiam fazer uso da palavra, do ritmo e dos elementos para que o verso seja obra de arte”. A superioridade dos antigos sobre os modernos encontraria apoio também naquilo que a crítica literária denomina de pessimismo histórico em Giacomo Leopardi, o qual acredita que o homem foi feliz em um determinado tempo, mais precisamente no tempo dos antigos que compreendiam o tempo de um modo diverso e não tinham consciência da verdadeira condição humana. Já o homem moderno possuiria outras características que possibilitariam compreender a verdadeira condição humana a ponto de não se deixar iludir pela natureza. Essas características seriam a civilidade e a razão, de modo que a modificação da compreensão do tempo e a condição humana fazem com que a infelicidade seja resultado da própria história. A superioridade também se reflete no campo poético: os antigos

possuíam a faculdade imaginativa e tinham uma relação mais estreita com a natureza; os modernos, entretanto, através do progresso tecnológico, da civilização e da razão fizeram com que essa imaginação e a relação com a natureza se perdessem. Apesar de Queiroz compartilhar dessa mesma ideia de Leopardi, no final o critica fortemente ao narrar a história de um velho que relata seus sentimentos ao ouvir um soneto e diz que esse, sim, soubera traduzir o que significa a poesia verdadeiramente humana, diferentemente de Leopardi cuja poesia pessimista não passaria de bobagem (QUEIROZ(a), 1904, p. 1).

Outra crônica de Wenceslau de Queiroz, publicada em 06 de dezembro de 1904, aborda a obra e a biografia de Victruvio Marcondes a quem “a natureza foi uma desenroavel [palavra ilegível] madrasta tal a crueza com que o desarmou para os combates” (QUEIROZ(b), 1904, p. 1). Neste sentido, fala sobre a sua obra *Quadros Agrestes* que faz desabrochar na frente do poeta a flor do deserto, a mesma flor que Leopardi cantou em “La Ginestra”. Outro ponto de contato entre Victruvio e Leopardi é a ilusão que aparece na poesia “Último beijo”.

Apesar dessas aproximações, o cronista Queiroz, na década de 1910, torna-se mais crítico em relação a Leopardi ao afirmar que:

[...] o mais admirável é que o poeta não se tenha rebellado contra a sua impedosa madrasta - a natureza, a exemplo de Leopardi, cujo organismo enfermo lhe dava motivo para os mais desolados cantos pessimistas (QUEIROZ(b), 1904, p. 1).

No final da análise, Queiroz diz que Victruvio contraria o que a crítica esperava dele, ou seja, ser pessimista como Leopardi. Apesar da relação da Madrasta natureza com Giacomo Leopardi e Victruvio de Moraes ser a mesma, ambos resistiram à força da *Natura*, e reagiram de modo diverso, e isso apenas confirmaria que esses autores eram mais fortes do que os críticos pensaram.

Outro importante divulgador de Leopardi no Brasil, como já informado, foi Rui Barbosa. Na crônica “A Biblioteca do conselheiro Ruy Barbosa: Visita de um redactor do correio da manhã”, de provável autoria de Tomé Gibson, é descrita minuciosamente a biblioteca de Rui Barbosa, desde os móveis, as estantes, os lustres e os principais livros que estavam ali e dos mais diversos temas como Direito, História, Literatura etc. Nessa visita, o redator destaca as obras de Leopardi que se localizam com Dante e Petrarca.

Além dessas contribuições, na obra intitulada *Réplica*, que trata do parecer sobre a constituição do Código Civil Brasileiro escrito por Clóvis Beviláqua, Rui Barbosa, que presidiu a comissão do Senado encarregada de analisar o mérito do projeto, em 1902, entregou o seu parecer de 560 páginas com pesadas críticas ao código. Essa obra foi publicada posteriormente pela Imprensa Nacional sob o título: *Parecer do Senador Ruy Barbosa sobre a Redação do Projeto do Código Civil* organizado pelo então Ministro da Educação Capanema. Nessa obra, Rui Barbosa discute o verbo *agevole* em italiano e como exemplo traz uma passagem dos *Pensieri*. Uma das notas de rodapé dessa mesma obra fala sobre o uso dos superlativos leopardianos e como exemplo menciona novamente os *Pensieri* e também o *Epistolario*. Em outro momento, Rui Barbosa fala que:

Não teve nunca o idioma italiano quem escrevesse melhor que Leopardi. Seus versos, cuja beleza, na frase de GLADSTONE, ressurgiu a poesia italiana, extinta nos lábios do Dante, e suas prosas inefáveis de simplicidade e pureza tocaram a perfeição das graças gregas (1865-1871, p. 425).

Na coluna “Notas”, em 30 de novembro de 1901 no jornal *A Notícia*, Ruffino Singapura aborda o tema leopardiano do amor e da morte. Para Singapura, Leopardi já esgotou esse tema, mas mesmo assim o cronista analisará estes dois elementos e dará a sua opinião. Para Ruffino, a morte compreendida pelos homens primitivos deve ter causado certo espanto e daí criou-se essa vida além-túmulo. Ao longo do texto, Singapura mostra o desenvolvimento da compreensão da morte perante a sociedade, até se chegar ao momento em que o espanto acaba e alguns vão em direção à morte jovialmente através dos ritos de passagem como o enterro, apesar do sofrimento. Porém, ali viria a reação à morte criada pelo catolicismo que inventou o purgatório e transformou a morte em algo terrível. Há ainda aqueles que sentem indiferença perante a morte já que ela se torna algo natural e as religiões perdem o seu prestígio. Para Ruffino Singapura dos dois irmãos que Leopardi cantou no poema, o “Amor”, é o mais misterioso, pois faz o percurso inverso da indiferença, passando pela alegria, o inferno até se chegar ao mistério. No final, Singapura critica a visão da sociedade da morte, visto que no pós-morte o que resta é apenas o egoísmo e a indiferença.

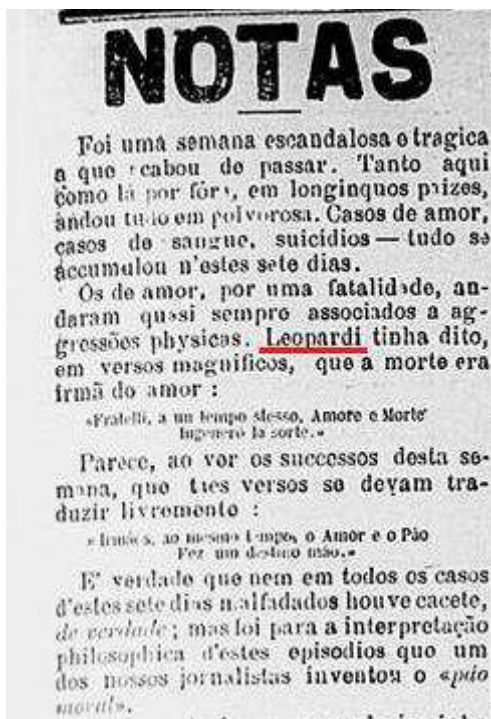


Figura 16: Coluna “Notas” de Ruffino Singapura publicada no jornal *A Notícia* em 30 de novembro de 1901. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁶¹

No jornal *Correio Paulistano*, em 08 de agosto de 1907, na coluna intitulada “Diario do Rio”, que fala sobre as principais notícias da capital brasileira, Alcindo Guanabara narra que estariam vivendo dias violentos no Rio de Janeiro, à beira de uma loucura coletiva. O autor não se conforma com os cronistas que exaltam o fato e “no sétimo céu do lirismo citam Leopardi e a relação do amor e morte” (1907, p.1). Nesta crônica, podemos perceber pelas palavras do autor que há um certo “medo” perante os escritos de Leopardi, os quais teriam poder de influenciar as pessoas ao ato de suicídio.

Júlia Cortines (1868 -1948), poetisa e cronista carioca, colaborou em revistas como *A Semana* e *A Mensageira*. Apesar de ter tido pouco espaço na imprensa brasileira por ser mulher, ela obteve um grande

⁶¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830380/8472> acesso em: 03/11/2017

sucesso com seus dois livros, *Versos* e *Vibrações*, que tiveram repercussão positiva na crítica, que aproximava a escrita de seus versos da escrita leopardiana, como já vimos. Cortines e Leopardi tinham na escrita e na vida algumas características comuns, que se expressam por certas palavras-chaves como melancolia, morte, dor, ilusão e tédio, ou seja, assim como Leopardi, Júlia explora tais temas na sua poesia.

A relação entre Leopardi e Cortines é também tratada na “Chronica Literaria” de Wenceslau de Queiroz, publicada no *Correio Paulistano* em 09 de abril de 1905. Queiroz inicia comentando a luta contra a dor, um dos senhores que existiam dentro de Leopardi e Cortines e do qual ambos eram servos. No restante da crônica, Queiroz faz uma resenha do livro *Vibrações*, analisando vários pontos, entre eles a relação da poetisa com a religião, ao se declarar contra Deus e ao final se render ao perceber que, na verdade, trata-se de uma ilusão imposta pela natureza, assim como aquela a que Leopardi fora submetido. Entretanto, o cronista destaca que Júlia Cortines não é atingida pelo *tedium vitae*, apesar de possuir “A dor eterna”. Outro ponto analisado é a felicidade: ao ser perguntada sobre onde está a felicidade humana, Júlia Cortines responde que Leopardi e outros escritores pessimistas da época “[...] não encontraram em todas as coisas sinão o mal de todos e a infinita vaidade de tudo, apresentando o homem devorado de desejos e de melancolia, apesar de cansado de viver [...]” (QUEIROZ, 1905, p. 1).

Como mostrado por Queiroz, tanto o livro *Versos* quanto *Vibrações* têm por característica um pessimismo iniciado por Leopardi. Por isso, segundo Queiroz, não é de se estranhar que no livro *Vibrações* haja um poema em homenagem a Leopardi, pois, para ele e para tantos outros críticos, os versos de Leopardi ecoam na escrita da poetisa carioca. Em seu canto “A Giacomo Leopardi” (1905), no livro *Vibrações*, Júlia Cortines descreve seus sentimentos perante a obra do escritor italiano, conforme podemos ler abaixo:

A Giacomo Leopardi

Leio-te: e a triste e máscula poesia
Que dos teus lábios flui, dolente e forte,
Enche a minha alma de melancolia.

Como tu, nada vejo além da morte
No tormentoso pélago da vida
Que a uma plaga serena nos transporte.

Volvo, contigo, a vista entristecida
 Ao silencioso pó da morta idade,
 Que o mundo enchia de rumor e lida.

Punge-me a dor, lacera-me a saudade,
 Quando tu cantas a inefável hora
 Das quimeras da curta mocidade.

Sofres? Também minha alma sofre e chora:
 Prélíos inúteis, ilusões desfeitas,
 Toda a miséria do viver deplora.

Quanta amargura nesse olhar que deitas
 À glória vã, que atraí, seduz e passa,
 E às almas, todas ao sofrer sujeitas!

Bebo também do tédio a amara taça,
 E sinto, quando a tua angústia leio,
 Que esse teu coração, que a dor enlaça,

Palpita dentro do meu próprio seio.
 (CORTINES *Apud* ARAÚJO, 2010, p. 110).

A crônica intitulada “O Dia”, assinada sob o pseudônimo de Pangloss e publicada no jornal *A Imprensa* em 07 de abril de 1908, trata de vários casos de morte causados por amor. A narrativa inicia com a notícia de que naquela semana, no Rio de Janeiro, haviam sido registrados três casos de suicídio, sendo dois deles por envenenamentos e um causado por um tiro na cabeça. A partir dessa manchete, o autor critica o fato de as literaturas, como a de Leopardi e de outros escritores influenciados pelo escritor italiano, aproximarem o amor e a morte. Essas literaturas teriam sido geradas por escritores que também tiveram a amargura de amor, como por exemplo, Goethe e Leopardi. A crítica feita pelo autor parece estar intimamente relacionada à ideia de uma literatura “ideal” que aborde temas ditos apenas “positivos”, talvez por isso o cronista tenha escolhido o pseudônimo de Pangloss fazendo referência a Voltaire em *O Cândido*.

Assumindo então o personagem Pangloss com as características de mentor, assim como no livro de Voltaire, o cronista diz:

Não ha um só, talvez, que não tenha dito, sob um
 milhão de fórmulas, o paradoxo de Leopardi; que

o amor é irmão da morte e que, quando se sente nascer, no coração, um amor verdadeiro e fecundo: *Un desiderio di morir si sente* (PANGLOSS, 1908, p. 1),

referindo-se ao canto “Amor e Morte” de Leopardi. Por fim, Pangloss alerta as leitoras dizendo “o que as senhoritas não entendem [é] que o amor não gera a morte, mas a vida”. Deste modo, o cronista, teme a circulação da literatura leopardiana por entre as leitoras e por isso tenta convencê-las a parar de ler essas obras.



Figura 17: Trecho da crônica “O Dia de Pangloss” publicada no jornal *A Imprensa* em 07 de abril de 1908. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁶²

⁶² Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/245038/3902> acesso em: 05/04/2016.

As crônicas também estavam presentes nos periódicos em língua estrangeira publicados no Brasil. É o caso, por exemplo, do jornal *Il Bersagliere*, o qual publica crônicas, como se fossem pequenas notas, sob o título “La Vita Italiana”. Em geral, nessas pequenas crônicas eram abordados fatos da vida dos imigrantes italianos no Brasil. Em 12 de setembro de 1908, é publicada a crônica “Scientisti Eminentissimi - Leopardi e Prati” assinada por D. F. Segré que inicia com a seguinte frase: “Giusta di glorie dispensiera è a morte”; frase essa que é atribuída erroneamente a Giacomo Leopardi, quando na verdade pertence a Ugo Foscolo e encontra-se no verso 221 de “Dei Sepolcri”. Essa falha se atribuir a frase da obra de Foscolo a Leopardi talvez seja explicada pela forma de escrita dos escritores, pois, conforme observa Mario Puppo:

A poética de Leopardi é análoga a de Foscolo. São semelhantes nos dois poetas certas premissas psicológicas; sendo comuns a algumas premissas intelectuais, é então natural que com muita frequência as conclusões se harmonizem, e venham a coincidir algumas atitudes como a aversão aos românticos. (1996, p. 81).

Ao continuar a crônica, Segré junta a frase de Foscolo à de Prati “Deus te salve do dia de hoje” e, a partir dessas ele cria um texto em homenagem ao Marquês De Radini em uma espécie de nota funerária. Assim, o autor coloca Radini como representante do “mais sincero patriotismo dos políticos”. Para Segré, o patriotismo de Radini é semelhante ao de Leopardi e Prati.

Em 22 de julho de 1912, no jornal *O Paiz*, é publicada a crônica intitulada “Através da vida” escrita por Júlia Cortines. A poetisa narra a sua viagem para a Itália e a crônica inicia com o seguinte relato: “Eu vinha de Pisa, a cidade que atrai pela arte religiosa. Há uma doçura balsâmica que atormenta o coração” (1912, p. 2). Essa doçura é a que fez com que Júlia Cortines se inspirasse em Leopardi através da poesia “Il Risorgimento”, enquanto passeava e observava a paisagem às margens do Arno, até a chegada do trem em Roma, a qual, para Cortines, era uma cidade de lendas, desde a sua fundação até o governo dos Césares e toda a grandeza do império. A escolha por Cortines do poema “Il Risorgimento” é pontual, visto que o canto foi composto entre 07 e 13 de abril de 1828, em Pisa, o mesmo local onde a poetisa se encontrava. Além disso, ao descrever a viagem de Pisa a Roma, Cortines parece compartilhar com Leopardi o mesmo ar de leveza que o

escritor italiano descreveu em carta para sua irmã Paolina, quando diz: “Tenho aqui em Pisa uma certa estrada deliciosa, que eu chamo Via das lembranças, lá vou a passear quando quero sonhar de olhos abertos”⁶³ (LEOPARDI⁶⁴, 1892, p. 591). Em seu segundo dia em Roma, a poetisa relata que encontrou “uma cidade moderna, mas com ruínas que deixam a imaginação reconstruir o passado morto através dos monumentos e artes” (1912, p. 2). Ao finalizar a crônica narrando o último dia de visita a Roma, Cortines retoma alguns aspectos da filosofia de Leopardi, quando diz: “Mundo estranho tem alguma coisa de ilusão e sonho”; e termina: “Em uma tarde de inverno na campina os versos de Leopardi soaram” (1912, p. 2).

Na crônica intitulada “O Mal do amor”, escrita por Wenceslau de Queiroz, publicada no jornal *Evolucionista* de Maceió em 21 de setembro de 1906, narra-se a história do príncipe Pignatelli que, às vésperas de seu casamento em Nápoles, deu um tiro na cabeça e com ele foi encontrado o livro de poesias de Leopardi, aberto na página de “A Se Stesso”, acompanhado por livros de Nietzsche e Schopenhauer. Na crônica, narra-se que o príncipe estava prestes a se casar na Itália, mas, antes mesmo do casamento se realizar, ele se suicida. O cronista então imagina como deve ter sido a noite anterior à morte e diz que Pignatelli deixou um bilhete para a amada com os versos do pessimista poeta: “Nada há que eguale as pulsações do coração; a terra não é digna de nossos suspiros, a vida é só tédio e fel; o mundo é lodo” (QUEIROZ, 1906, p. 1). Os jornais atribuíram a morte à leitura de Leopardi, porém várias outras pessoas leram o poeta de Recanati e não se mataram. O cronista diz que a causa da morte é o amor que faz temer:

Amar é soffrer agradavelmente, gozar de uma anciedade perenne, de um sobressalto continuo. O Cérebro repudia as ilusões, mas depois se poetisa o amor e retorna às ilusões, como se fosse um idílio pastoril (QUEIROZ, 1906, p. 2).

Em 02 de outubro de 1910, no jornal *O Paiz*, na coluna “A Semana”, Gilberto Amado escreve uma crônica sobre Leopardi. A crônica se inicia com a chuva em meio a um canto que leva à fantasia:

⁶³ “ho qui in Pisa una certa strada deliziosa, che io chiamo Via delle rimembranze: là vo a passeggiare quando voglio sognare ad occhi aperti.”

⁶⁴ As citações do epistolário de Leopardi terão como base esta edição, sendo assim, das demais citações serão elencadas apenas as páginas.

O pensamento então viaja como o de Leopardi que viaja entre as nuvens enquanto caia a chuva e o corpo enlanguesse em um desejo de leito quente, os demonios correm no sangue e acontece os crimes de amor (1910, p. 1).

A crônica relata ainda uma série de suicídios de casais que aconteceram entre 1900 e 1910. Na narrativa, o autor fala que, no começo do verão, a atmosfera é perturbadora, ao mesmo tempo em que casais se reconciliam, os jornais relatam tragédias e suicídios. Coloca, como exemplo, a notícia de um operário que matou a facadas a amante cabocla que se “jogava” aos rapazes nos bailes. A partir desse exemplo, Gilberto Amado constrói a sua narrativa de que se trata de “um desordeiro romântico” e mostra que, apesar dos suicídios entre amantes serem cada vez mais frequentes, a sociedade continua a funcionar, independentemente da aproximação do “Amor e da Morte”.

No *Jornal do Recife*, em 21 de novembro de 1910, encontramos a crônica “Memória de Viagem” escrita por Esmaragdo Freitas. A crônica se inicia com o pensamento do personagem sobre como as viagens sempre trazem encontros surpreendentes. Enquanto pensa, o cronista oferece ao leitor a visão do personagem, de modo que pareça estar viajando junto. Assim, descreve as rosas e toda a fisionomia da natureza. No meio da viagem, o personagem encontra amigos que já não pensava mais rever, entretanto, eles estão diferentes, mais inclinados aos estrangeiros, o Brasil agora parece “algo exótico e a Amazônia parece como um sonho de *El dorado*”. Entre esses amigos, encontrou um da faculdade de Medicina, e com ele realizou uma viagem agradável; em pouco tempo ambos estavam alojados, contando e ouvindo histórias da vida. O amigo, então, ao falar sobre os desgostos da vida, parece narrar um romance de Lamartine. O seu modo de contar possui uma melodia, como a de Franz Schubert. Ao chegar a Pernambuco, os amigos escreviam versos tristes como as filosofias de Antero de Quental e de Giacomo Leopardi (nas poesias de “Amor e Morte”) e possuem, segundo o cronista, “Mãos como soneto frances de Gerrard [sic] Nerval” (FREITAS, 1910, p. 1).

Novamente Gilberto Amado, na coluna “A Semana” do jornal *O Paiz*, em 04 de dezembro de 1910, publica outra crônica que faz referência a Leopardi. Trata-se de um *Fait-Divers* que é uma espécie de fato noticioso criado para gerar vendas nos jornais:

[...] o [*Fait-Divers*] passou a ocupar um lugar considerável nos jornais do final do século quando a imprensa se tornou um meio de massa. Há então um ‘sensationalisme du Cours du monde’ (Lyoncaen, 2011, p. 51) cujos efeitos são medidos não só em jornais, mas também na literatura da época. (2015, p. 18).

Talvez seja pela reafirmação de “Amor e Morte” pelos críticos que esse poema tenha sido escolhido para dar maior credibilidade ao *Fait-Divers*, então, talvez também por isso, o canto tenha sido utilizado como argumento nas crônicas de suicídio, visto que os versos de Leopardi se comportavam quase como um aforismo que guiava os “atores” ao suicídio, impulsionando, assim, o caráter sensacionalista que começa a ganhar força na época.

Primeiramente, Gilberto Amado fornece a fonte para a escrita de sua crônica: trata-se da “notícia de um crime”, o envenenamento de um rapaz, o que seria para ele quase “um caso nietzschiano, um romance de Dostoiévski, pela tragédia più che l’amore de D’Annunzio” (1910, p. 1). O resumo do caso era, na verdade, o relato de um cadáver que aparecera boiando no rio Tietê; era um rapaz loiro de olhos azuis e pele leve, que a morte não desfigurou. Tal rapaz, na verdade, era uma mulher de 17 anos. A jovem (tratava-se de Maria Prairie, segundo os jornais) recebera uma educação privilegiada e lia os mais complexos autores filosóficos, entre eles, Leopardi. A imprensa e a polícia levantaram várias hipóteses que eram constantemente publicadas nos jornais.

Esses jornais apontavam para um “grande culpado”: a obra de Leopardi com pensamentos que davam o suicídio como a “única solução lúcida ao mal de ter nascido”. Para Amado, “Esses jovens possuíam um vazio sombrio a quem chamaram o cysne negro de Recanati que compôs o canto noturno” (1910, p. 1) e assim, negavam a vida, enquanto as ilusões se esvaíam. Portanto, para o cronista haveria uma influência de certos autores sobre a realidade.

Nessa série de crônicas, que noticiam os casos de suicídios entre casais e colocam a “culpa” nas leituras dos textos de Leopardi, podemos observar que há uma leitura muito linear do poema leopardiano, através da qual de fato acreditam que há um vínculo entre amor e morte.

No *Jornal do Recife*, em 18 de dezembro de 1910, é publicada a crônica “Foglie al vento” de Antonio C. Leão, inspirada no livro de

mesmo nome da autoria de Leonardo Mascello⁶⁵. Inicia-se com o personagem, em uma manhã de junho, no momento em que sonhou com Leonardo Mascello, divulgador de Leopardi, conforme vimos anteriormente. Na crônica, o personagem principal preparava a apostila de estudos com base nos estudos do Padre Mascello, principalmente os temas de poesia e filologia italiana. O personagem se encontra com (1Mascello e narra impressionado o conhecimento do padre que era “um grande esteta, um grego perfeito, conhecedor da filosofia, dissertava sobre Nietzsche e Schopenhauer. Se contradizia as vezes e via a pátria distante” (1910, p. 1). Ao final do dia, no jantar, ouvia Mascello falar do super-homem de Nietzsche e da arte da imitação dos gregos. O cronista interrompe a narrativa para observar que o livro *Foglie al vento* possui alguns elementos ao mesmo nível dos escritos de Leopardi, “pois se aproximavam de sua poesia dolorosa e de seu calor helênico. As outras poesias tinham uma singularidade que pareciam imitações dos canti” (1910, p. 1).

No jornal *O Paiz*, em 02 de novembro de 1914, é publicada a crônica “Conversa Feminina” de Chrysant⁶⁶ [mutilado]. A autora inicia a crônica lamentando-se pela morte de uma professora que deixou de se entregar ao seu amor. Após esse lamento, a autora começa a delinear uma crítica da obra de Leopardi, principalmente do canto “Amor e Morte” que, para ela, trata-se de algo idealizado pelo poeta italiano. Ao citar os versos do poema que se popularizaram nos jornais “Fratelli a un tempo stesso/Amor e Morte/ Ingenerò la sorte”(LEOPARDI, 1974, p. 94), a autora relata que Leopardi mostra como o amor e a morte nasceram juntos e foram alimentados no mesmo seio, e que ambos sentem a dor, a tristeza, a melancolia e agonia da alma. Para a cronista, “a poesia pessimista de Leopardi encontra tristes realizações na vida” (CONVERSA FEMININA, 1914, p. 2). A aproximação feita por Leopardi do amor e da morte é, para a autora, como um “[a]gridoce de sofrimento que leva a morte” (CONVERSA FEMININA, 1914, p. 2). Ao longo da crônica, a autora mostra ainda que o amor ideal não existe, por isso os poetas buscam a morte. Ao fim da crônica, conclui que Leopardi estava certo, já que “A distancia entre o amor que ri e mata é a

⁶⁵ Para visualizar a introdução do livro acesse: http://www.castrignanodeigreci.it/index.php?option=com_content&view=article&id=87&Itemid=652

⁶⁶ Neste caso a referência será feita pelo título da crônica, como se o autor fosse desconhecido, visto que o exemplar do jornal se encontra mutilado e não há certeza sobre o nome do autor.

pessoa” (CONVERSA FEMININA, 1914, p. 2). Assim, por não possuir o objeto amado ocorre a morte e os dois ficam acorrentados ao cadáver.

Em 30 de dezembro de 1914, no jornal *Diário da Tarde*, na coluna “Chronica” de Gilberto Bertão, aparece uma crônica, semelhante às escritas por Wencesláu de Queiroz no *Correio Paulistano*, que se inicia com as impressões de Gilberto Bertão sobre a leitura dos versos de Guimarães Passos, poeta de “Horas Mortas”, e do livro *Cânticos e Baladas* de Rodrigo Jr:

Parece que minha alma perdia-se em evocações de Leopardi: seguia, num abandono, através de um mystério de sombras...E sonhava. Mas sonho esquisito! - sonhava unicamente com os factos tristes que já passaram e com que poderão vir... (1914, p. 1).

Assim, a sua alma é descrita como uma singularidade a se externar em um livro de dor humana. Discute ainda a formação da literatura brasileira, pois, segundo ele, o Brasil é um país novo e a literatura ainda não apresenta elementos consolidados. Retoma também o aspecto da tristeza mencionado anteriormente, caracterizando-a como Aristóteles: a tristeza é um ato de superioridade, ato este que aparece em “Balada de Outono” de Rodrigo Jr. Finaliza dizendo que “Escreveu uma crônica triste que se transformou em um idílio. Logo a tristeza vai passar, neste enigma da vida.” (1914, p. 1).

No *Diário do Povo*, é publicada a crônica “Cabellos Brancos” de João Prata, a primeira vez em 05 de novembro de 1916 e, a segunda, dois dias depois. O personagem percebe que, dolorosamente, aparecem os primeiros cabelos brancos e, a partir dessa percepção, repensa a vida como um filme e elabora um mapa-múndi de sua existência. Segundo o cronista, Leopardi percebe que também era mísero do infortúnio de ter nascido, referenciando assim o “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia”. Há ainda pelo personagem a lembrança de uma angústia desoladora em Heinrich Heine, que pode ser comparada com uma espécie de sentimento de “Matusalém que arrancava as mechas de cabelo branco assobiando o canto Nocturno de Chopin” (1916, p. 1). Na outra parte da crônica, faz referência a Leopardi dizendo que “Ora é a tristeza de Leopardi que me floreja nalma como giesta, ‘lenta ginestra/Che di selve odorate/Queste campagne dispogliate adorni” (1916, p. 1). Ao concluir, o personagem deixa claro que não aceita envelhecer.

Em 02 de fevereiro de 1919, na *Gazeta de Notícias*, uma crônica de Miguel Mello é publicada na coluna “Aos Domingos”. O texto, sem título, inicia-se com o personagem observando um jogo de futebol e questionando que prazer poderia ter com isso. Então, lembra-se do episódio de um homem, atolado na lama com uma espingarda, que sentia um prazer igual ao prazer do futebol, ou seja, inexplicável. Assim a multidão que estava ao seu redor tentava iniciar o personagem nas leis e regras do futebol. Ao observar o jogo, o personagem começa a ver seus benefícios, como a manutenção do corpo, enquanto isso pensa em Voltaire que se queixava de males da alma. Através da observação, ao longo do jogo, vieram-lhe muitas inspirações filosóficas. Uma dessas inspirações foi o escritor de Recanati, pois ele diz que “Leopardi começou a ser um grande poeta, attingindo accents os mais altos da mais desenganada e mais bella das melancolias quando a tuberculose lhe começou a roer cruelmente os pulmões” (1919, p. 1). A partir da observação sobre Leopardi, o personagem percebe que grandes filósofos eram doentes, assim como Schopenhauer, que tinha doença de estômago e se tornou pessimista. Para o personagem, não existe pessimismo no homem sadio. Ele observa o jogo, sente que qualquer modificação no corpo muda a mente, assim

[...] como uma qualquer deformação do nariz de Cleopatra teria torcido o outro dos acontecimentos do seu tempo. Dependentes de sua beleza, assim também a troca de um pormenor, a substituição da debilidade de Leopardi por um accentuado vigor de saúde, teria imprimido ao seu imenso talento um destino diferente (1919, p. 1).

A crônica finaliza com o personagem percebendo que o futebol lhe gerou essas reflexões.

Em *A Federação*, de 13 de setembro de 1919, e em 25 de setembro de 1919, e em *Hoje Periodico de Acção Social*, é publicada a crônica intitulada “Amado Nervo” de João Pinto da Silva. Essa crônica em homenagem a Amado Nervo⁶⁷ inicia com o traslado de seu corpo em um navio de guerra paraguaio que passava pelo Rio de Janeiro para ser enterrado no México. O cronista faz uma trajetória das possíveis influências sobre Nervo. A primeira é a de Rubén Darío com a poesia hispano-americana através de suas *Prosas Profanas*. A segunda é a da

⁶⁷ Amado Nervo, pseudônimo de Juan Crisóstomo Ruiz de Nervo.

vertente italiana: “Viu-o depois, como Leopardi, doloroso e taciturno irmão fragillimo da Morte, apagado, devorado pela Morte” (SILVA, 1919, p. 1). Passa então para Dante Alighieri e sua visão do “Paraíso”, na qual a Rosa dos sete céus é semelhante às figuras usadas por Nervo. O cronista elogia Nervo, pois em suas obras seguia a recomendação de Sainte-Beuve no que tange a estudar a natureza do homem de perto, mas sem ser microscópio. Fala ainda que o escritor segue uma filosofia maeterlinckiana⁶⁸, com uma serenidade em relação à morte. Finaliza a crônica dizendo que Nervo compõe um poema em prosa em plenitude e com uma filosofia da miséria e velhice.

Conforme podemos verificar, as crônicas sobre Leopardi no Brasil se manifestam de diversas formas: crônica literária, social, crítica entre outras. Há, portanto, nas crônicas que citam Leopardi uma tendência ao ensaísmo e à crítica literária que operam em um

[...] contexto comparatista e metodológico de transferências culturais [...] no âmbito da imprensa e da literatura, o objeto crônica [...] manifesta em si as mutações que se podem operar nas escritas de geração em geração midiática. [Sendo assim] o objeto crônica [...] [tem a] possibilidade de concomitância de muitos regimes textuais e comunicacionais no mundo (GRANJA, ANDRIES, 2015, p. 58).

Deste modo, a crônica opera também como um instrumento de tradução cultural, na medida em que os cronistas se transformam em mediadores aproximando ou distanciando determinado escritor de Leopardi, ou até mesmo interpretando a obra do escritor italiano como o poema “Amor e Morte” e “A se stesso” e inserindo-os no cotidiano de fatos e notícias do Brasil.

Finalizada a apresentação das crônicas, passamos agora aos textos diversos, como conferências, anúncios, resenhas e outros.

2.3 TEXTOS DIVERSOS

Conforme Riccardo Francovich e Daniele Manacorda, os objetos arqueológicos frutos da investigação podem se apresentar de duas formas, em razão de seus indícios: “Existe o indício único e irrepetível e

⁶⁸ Refere-se às obras de Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck.

aquele que se dispõe em *séries*, difusas no tempo e no espaço” ⁶⁹ (FRANCOVICH & MANACORDA, 2000, p. 219).

Neste trabalho, ocorrem as duas formas de indícios: o individual, o qual vimos anteriormente, através das críticas literárias e crônicas e os dispostos em séries que veremos agora. Alguns exemplos de indícios em séries são os anúncios de bibliotecas, notícias em geral e curiosidades sobre Leopardi. Tais indícios na imprensa brasileira demonstram que: “[...] se um tipo de artefato produzido na área A constantemente se encontra em quantidades estatisticamente significativas na área B, podemos hipotetizar um fluxo regular de trocas econômicas”⁷⁰ (FRANCOVICH & MANACORDA, 2000, p. 219). Esse tipo de indício não apenas revela trocas econômicas, mas também trocas culturais, já que ambos os sistemas literários corroboram entre si para sua formação e consolidação.

O primeiro indício em séries que trabalharemos são as conferências. Elas também determinam um processo de tradução cultural, na medida em que o hábito de se fazer conferências e resenhá-las nos jornais foi importado da Europa do século XIX. Conforme Marinho,

[...] [as] conferências não estavam restritas apenas a intelectuais ávidos em defender seus pontos de vista, mas sim, a um público mais amplo, que via nesse tipo de reunião social mais uma maneira de ficar mais próximo dos ‘civilizados’ costumes europeus (2011, p. 101).

No jornal *O Commercio de São Paulo*, de 21 de agosto de 1905, publica-se uma síntese da conferência de Olavo Bilac, feita no Rio de Janeiro no dia 19 daquele mês e intitulada “A tristeza dos poetas brasileiros”. Nessa síntese, relata-se que a conferência de Bilac (que aparecerá completa apenas no ano seguinte) se inicia com a afirmação de que “toda a poesia é triste”. Na sequência, observa-se que Bilac analisa a literatura e a poesia no Brasil e os seus versos tristes. Para Bilac, a transmissão da tristeza ocorre pelo impacto que gera nas pessoas

⁶⁹“C’è l’indizio unico e irripetibile e quello che si dispone in *serie*, difuse nel tempo e nello spazio.”

⁷⁰ “se un tipo di manufatto prodotto nell’area A viene costantemente trovato - in quantità statisticamente significative - nell’area B, possiamo ipotizzare un flusso regolare di scambi economici.”

e, como exemplo, ele cita os versos de Fagundes Varela. Em uma segunda parte, Bilac fala sobre a perda do amor e o desejo da morte, concepções presentes em Leopardi que foram expressas através do canto “Amor e Morte”. Aos poucos, Bilac vai aproximando “Amor” e “Morte” como irmãos. Abaixo, reproduzimos um trecho da síntese da conferência de Bilac: “Fala-se até, naturalmente da morte! Leopardi exprimiu essa ideia magistralmente e o orador cita versos de poetas nossos, em que fatalmente, com o desejo da posse, o desejo sensual, vem o seu irmão gêmeo, o desejo da morte” (1905, p. 1).

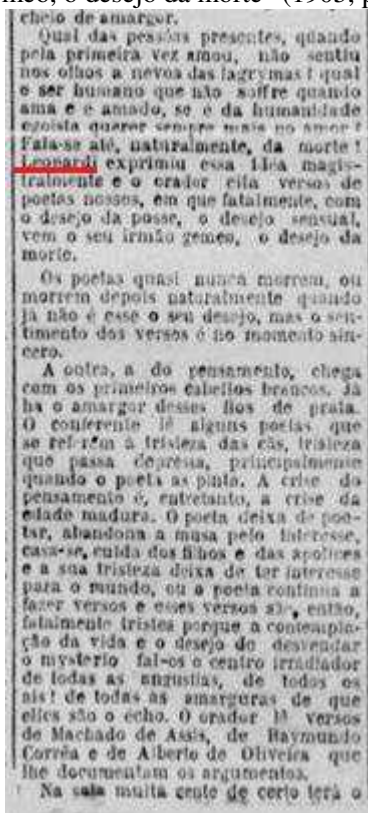


Figura 18: Trecho da síntese da conferência de Olavo Bilac, de 19 de agosto de 1905, intitulada “A tristeza dos poetas brasileiros” publicada no jornal *O Commercio de São Paulo* em 21 de agosto de 1905. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁷¹

⁷¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/227900/15833> acesso em: 21/03/2017.

Na revista *Kosmos*, de janeiro de 1906, é publicada integralmente a conferência “A tristeza dos poetas brasileiros”, de Olavo Bilac. Nessa conferência, podemos ver o diálogo que Bilac estabelece com as diversas áreas em que aparece a tristeza dos poetas, não apenas a poesia, mas também a música. Bilac questiona então o que é tristeza e relata que a maioria das pessoas vivem na aplicação do que ele chama de “teoria do meio”, a qual foi postulada por Hippolyte Adolphe Taine. A síntese dessa teoria é a de que “ninguém é triste o tempo todo, e a tristeza dos misantropos é na verdade a confirmação de sua neurasthenia”. O autor passa então à análise do *ser* poeta: para ele, a característica pessoal do poeta não influencia a sua poesia e, para provar a sua tese, elenca três mecanismos de criação poética, que seriam: emoção, incubação e expressão. O autor explica esses três estágios através da poesia “Cântico do Calvário” de Fagundes Varela, que dominado pela dor de seu filho morto conseguiu cristalizar seus sentimentos nesses versos. Bilac relata ainda que há diversos níveis de tristeza, o da população geral, o do poeta, entre outras. A tristeza dos poetas poderia então gerar crises poéticas que auxiliam na compreensão dos mistérios da vida. Bilac analisa então a tristeza em alguns poetas como Moniz Barreto que, em seus versos, associa o amor à dor; ou, então, Leopardi, que associa o amor à morte. Ao prosseguir sua análise, o conferencista comenta sobre Álvares de Azevedo que expressava uma composição poética semelhante à de Leopardi, ou, então, Castro Alves, que associa à Glória a Morte (1906, p. 39).

As conferências realizadas na década de 1900 computam onze ocorrências, cinco referem-se à palestra “Do Micróbio ao Homem” proferida por Enrico Ferri e que foi amplamente divulgada nos jornais. A primeira ocorrência foi no *Correio Paulistano*, em 11 de novembro de 1908, e, depois, reproduzida pelos jornais *A Imprensa* e *O Paiz*, em 28 de novembro de 1908, e em *O Pharol*, em 18 de dezembro 1908.

Nessa conferência, Enrico Ferri discorre sobre como o micróbio e o homem são os dois polos que representam a simplicidade e a complexidade da vida. Ambos fazem parte do enigma da origem da vida que percorre toda a humanidade, mas que, somente no século XIX, foi tratado com maior atenção. Isso se deve, principalmente, às descobertas científicas do século XIX. Contudo, o enigma da vida ficou em segundo plano e, quinze anos antes, retornou à luz. Esse retorno ao enigma da vida aparece principalmente na preocupação com a existência do homem e como ela pode ser percebida. Um exemplo desse retrato ocorre

no “Canto Noturno” de Leopardi, em que o pastor, observando a natureza, questiona quem a criou e o que se espera depois da morte. Porém, as percepções de Leopardi foram reduzidas devido aos debates científicos de 1830.

Outro canal de divulgação de Leopardi no Brasil foram as resenhas. Uma das primeiras resenhas encontradas é a do livro *Intermezzo* de Heinrich Heine que é analisado por J D’Além. O resenhista destaca o cuidado com a edição e caracteriza a obra como permeada de versos tristes. Além disso, faz uma crítica à falta de leitura do brasileiro e conclui sublinhando as poucas traduções existentes de Leopardi, um dos escritores que influenciam o texto de Heine.

Em 06 de abril de 1908, no jornal *O Paiz*, sob o título de “Literatura Italiana”, é publicada uma resenha do livro “Cartas a Lígia”, assinado por M. M. O resenhista diz que esse livro foi uma ilusão para a imprensa parisiense, já que cometeram um erro ao identificar os possíveis destinatários: D’Annunzio e Eleonora Duse. Contudo, não se tinha a certeza de que se tratava de D’Annunzio, e a suposição foi feita a partir da estilística e da escrita do homem na carta; mesmo com a incerteza sobre D’Annunzio e a atriz, a editora publicou as cartas e não se pronunciou sobre o equívoco. Mais tarde, identificaram que as cartas eram destinadas a Lygia Guatier.

A resenha continua com alguns trechos das cartas e um esboço do romance que, segundo M. M., remonta ao romantismo de George Sand e Leopardi, o qual é citado quando o escritor, em uma das cartas, define a atriz como

‘sua Zaffetta dorada’ uma constelação de seu gosto: “Hontem à noite deite-me às 11 horas, após ter passado duas horas a contemplar o céu estrelado, como o “pastor errante da Asia” de Leopardi. Eu decompunha as constelações, roubando a cada uma dellas um astro, para formar uma constelação nova: “A Zaffetta” Tomei tres estrellas á cabelleira de Berenice, duas à Grande Ursa, apanhei Vega quasi inteira e uma parte do Saggiario e formei uma magnifica Zaffetta com cabellos desatados, os olhos resplendentes de reflexo dos rubis e do azul, com dois longos braços fluidos de uma tenue poeira luminosa e que do fundo do occidente chegavam até mim e me cingiam o pescoço (1908, p. 3).

O último indício a ser comentado é o anúncio, o qual foi um elemento importantíssimo para a caracterização da industrialização da imprensa brasileira. Além disso, através dos anúncios é possível identificar as leituras que circulavam na época e algumas traduções que talvez não seria possível identificar se não fosse esse recurso. Conforme destaca Azevedo: “O anúncio é o responsável pela introdução da cor nos jornais brasileiros a partir de 1914, primeiramente no *Jornal do Brasil* e, em 1915, na primeira página de *O Estado de S. Paulo*” (2009, p. 95).

A maioria dos anúncios era da Biblioteca Internacional, pertencente à Sociedade Internacional. Os anúncios apareciam em jornais e revistas de grande circulação do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, como *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Fon-Fon*, *A Província*, *Correio Paulistano*, entre outros. Ter a coleção de obras célebres da Biblioteca Internacional era um *status* na época, pois significaria ao possuidor que em sua biblioteca estariam presentes os grandes escritores mundiais das mais diversas línguas e gêneros. Essa coleção fez tanto sucesso que Carlos Drummond de Andrade dedicou-lhe um poema intitulado “Biblioteca Verde” (ANDRADE, 1980, p. 67-68).

Em um dos anúncios do jornal *A Província de Recife*, de 04 de janeiro de 1914, temos a informação do conteúdo do Volume XIX que começa com um ensaio sobre a literatura paulista. Em seguida passa à literatura brasileira, em que são ressaltados: as “Histórias de Amor”, do livro *A Moreninha* de Joaquim Manoel Macedo; *O Ateneu* de Raul Pompeia; os ensaios de José Veríssimo sobre o romance nacional; além das obras de autores como José de Alencar, Gonçalves Dias e Machado de Assis, passando por ensaios críticos como, por exemplo, um artigo, escrito por Bevilacqua, que mostrava a relação de Fiódor Dostoevsky com o naturalismo francês; a análise de Araripe Jr sobre Luiz Guimarães; e a análise de Antonio Sérgio sobre Antero de Quental.

O volume apresenta ainda algumas traduções da obra de Nietzsche, dos irmãos Grimm e de Hamerling traduzido por Bernardes Taveira Jr. O anúncio cita ainda Trajano de Carvalho, que “cantava as belezas da lua em delicado sentimentalismo e que faz um idílio rústico sobre Trindade Coelho que narra a história de amor de dois jovens pastores”. Por fim, há três sonetos de José Maria do Amaral, “Maestus sed placidus”, “Manhã em Petrópolis” e o “Desengano”, até se chegar ao “Diálogo entre a Moda e a Morte”, “ensaio irônico do ‘cisne negro’ de Recanati, o grande poeta pessimista italiano Leopardi.”

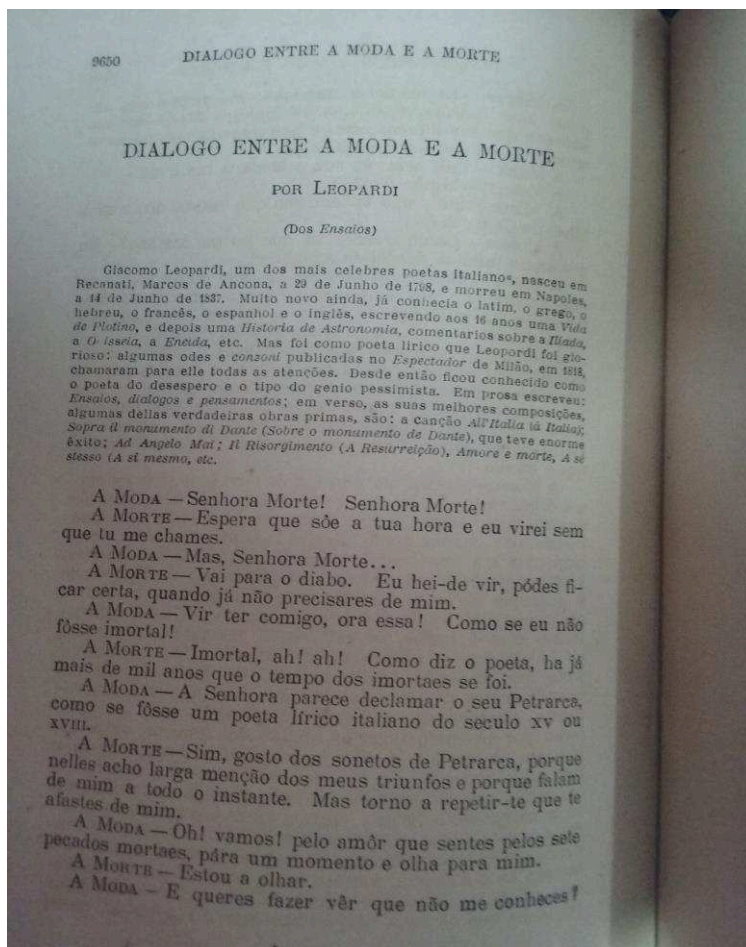
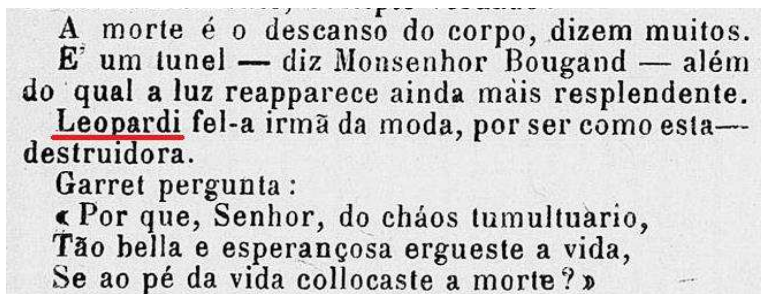


Figura 19: Capítulo da Enciclopédia Biblioteca Verde/ Tradução do “Diálogo da Moda e da Morte” publicado em 1922 por tradutor desconhecido.

Fonte: A autora.

Em relação ainda ao período de 1920 a 1930, temos os anúncios que podem ser considerados um gênero textual à parte. Um deles é o da publicação intitulada “I Capolavori della Letteratura Italiana”, no jornal *Il Pasquino*, de 07 de agosto de 1920. Nesse anúncio, os volumes são vendidos a 4.500\$ réis, e estão listadas obras de autores como Vittorio Alfieri, Leonardo Bruni, dito Aretino, Francesco Domenico Guerrazzi e Alessandro Manzoni. Leopardi aparece com os *Canti*.

Destacamos ainda, nos textos diversos, uma poesia publicada em 30 de setembro de 1920, no *Jornal das Moças*, a qual é intitulada “Cinco Minutos de Insomnia” escrita por Milton Barboza. A poesia inicia com uma referência ao inferno dantesco, passando pela morte até chegar à irmã moda, que são temas trabalhados por Leopardi no seu “Diálogo da Moda e da Morte”. A imagem abaixo reproduz o que falamos acima:



A morte é o descanso do corpo, dizem muitos.
 É um tunel — diz Monsenhor Bougand — além
 do qual a luz reaparece ainda mais resplendente.
Leopardi fel-a irmã da moda, por ser como esta—
destruidora.
 Garret pergunta :
 « Por que, Senhor, do chãos tumultuario,
 Tão bella e esperançosa ergueste a vida,
 Se ao pé da vida collocaste a morte? »

Figura 20: Excerto do poema “Cinco Minutos de Insomnia” de Milton Barbosa, publicado no *Jornal das moças*, em 30 de setembro de 1920. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.⁷²

Ao final da poesia, o poeta questiona o motivo da crença de grandes poetas no inferno e com isso consegue acabar com a sua insônia.

Como mostrado neste capítulo, podemos dizer que a tradução cultural acontece quando escritores e jornalistas da época traziam aspectos da vida e da obra de Giacomo Leopardi para sustentar seus argumentos, compará-los com autores brasileiros ou escolas literárias. Além disso, o método indiciário utilizado revelou-se particularmente útil para se desvelar as pistas e os indícios desse fluxo de comentários e referências sobre Leopardi.

Do período estudado, destacamos alguns dos mais importantes textos que tratam, de maneira ora mais direta ora menos direta, de Leopardi e de suas obras, demonstrando que a presença de Leopardi no Brasil se dá por um processo de intercâmbio cultural. Dito isso, passaremos, no capítulo a seguir, a tratar exclusivamente das traduções das obras de Leopardi que foram veiculadas na imprensa brasileira no período de 1901 a 1930.

⁷² Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/111031_02/1672 30/07/2016
 acesso em: 13/05/2017.

CAPÍTULO III: LEOPARDI TRADUZIDO NOS JORNAIS DE 1901 A 1930

A imprensa, por sua heterogeneidade e dinamicidade, talvez seja o lugar propício para a presença da tradução cultural, visto que ela é um “lugar de encontro e construção intelectual para criar de maneira coletiva, [...] é um lugar inquietante para estudar as relações sociais e um espaço fascinante para contemplar a nossa própria evolução como coletividade”⁷³ (PERALTA, 2005 *Apud* Bastin 2011, p. 199).

Agentes no processo de tradução cultural foram os jornalistas e escritores que, através da imprensa brasileira, divulgaram literaturas nacionais, literaturas estrangeiras de várias línguas. Por isso, o objetivo deste capítulo é verificar as traduções das obras de Leopardi que foram publicadas na imprensa brasileira no período de 1901 a 1930.

Para Peter Burke, a tradução cultural se baseia em encontros e trocas culturais entre diferentes sistemas. Segundo ele, a Europa “[...] constituiu o cenário das mais sustentadas e intensas transferências culturais por toda a sua longa história, em um processo marcado por um imenso esforço de tradução [...]” (BURKE, 2009, p. 7-8). Contudo, se faz necessário salientar que esse “esforço de tradução” não ocorreu apenas na Europa, mas também e com grande intensidade no Brasil. Em nosso *corpus* pelo fato de a maioria das ocorrências serem literárias, talvez se pudesse hipotetizar que o uso do conceito de tradução literária fosse mais relevante do que o conceito de tradução cultural, visto que este último possui uma amplitude e variação extensa. Contudo, vale ressaltar que dentre os resultados obtidos na pesquisa, nem todos os textos são correspondentes à tradução literária, mas todos os textos em alguma medida se incluem na tradução cultural, já que todo o ato tradutório é imbuído de cultura, conforme comenta Aubert:

A correlação tradução cultura constitui, portanto, não um fato secundário, de ocorrência possível, mas não propriamente necessária, não constitui privilégio exclusivo da tradução literária e modalidades assemelhadas, mas abarca todos os

⁷³ “[...] lugar de encuentro y construcción intelectual para crear, de manera colectiva [...] es un lugar inquietante para estudiar las relaciones sociales, y un espacio fascinante para contemplar nuestra propia evolución como colectividad”.

atos tradutórios, indistintamente, ainda que em graus variados de explicitação. (AUBERT, 1995, p. 31-32).

Além disso, a tradução cultural se vincula à nossa metodologia, a partir do momento em que, no ato de se transladar um texto, ideia ou pensamento de uma cultura fonte para uma cultura meta,

[...] oculta-se um sem número de facetas, de nuances, de detalhes não irrisórios e frequentemente não tão óbvios assim, cuja exploração se faz necessária para que se possa aquilatar a real extensão de tal relatividade (AUBERT, 1995, p. 33).

Portanto, neste trabalho tentamos, através desses detalhes, mostrar os atos tradutórios culturais realizados na imprensa brasileira através das obras, críticas e traduções sobre Giacomo Leopardi. Através delas, podemos visualizar a importância desses encontros culturais e, como reflete Zohar Shavit, os modos pelos quais as relações culturais se constituem:

[...] as culturas relacionam-se uma às outras, referem-se uma às outras, aprendem umas com as outras ou rejeitam umas às outras. A maior parte do diálogo no interior das culturas e entre elas ocorre por meio da Tradução cultural, no sentido mais amplo do termo (2016, p. 120).

Vale ainda destacar no processo de tradução cultural os produtos que são traduzidos para a cultura fonte que, segundo Shavit, fizeram com que “[...] os textos fontes [fossem] [...] modificados e transformados para se encaixar em modelos já estabelecidos. Dois critérios adicionais tiveram um papel na seleção dos textos para tradução: tema e autor” (2016, p. 121). No caso de Giacomo Leopardi é interessante destacar que a temática parece ter tido mais relevância do que autor no sistema receptor, primeiramente através do pessimismo e depois através das traduções dos *Canti*. Contudo, há exceções, é o caso das crônicas e resenhas, as quais parecem colocar em destaque o autor e a sua obra como sinônimos de elevado *status* cultural.

Outra perspectiva para analisar esse processo de tradução cultural é a da tríade Produção, Tradição e Importação como coloca Lambert,

quanto ao sistema: “Seu funcionamento e sua evolução são orientados pelas interferências entre a produção, a tradição e a importação” (2015, p. 48). Como estamos lidando com literatura traduzida e apropriação dos pensamentos e temáticas de Leopardi na imprensa brasileira, é importante destacar que, por estar em um meio heterogêneo como a imprensa, os três elementos estão presentes, entretanto, a importação é o elemento que parece estar mais evidente. Por fim, o último aspecto presente neste processo de tradução cultural é a “apropriação”, ou seja, como o sistema receptor faz uso dessa literatura traduzida, dos textos importados e como eles incorporam determinados elementos presentes na cultura fonte, como veremos a seguir.

3.1 POESIA TRADUZIDA

Neste subcapítulo nos centraremos nas traduções de poesias que dialogaram direta e/ou indiretamente com a obra de Leopardi, como por exemplo, a poesia que se encontra na revista *O Malho*, de 29 de setembro de 1906.

Nesse número, P.R. Ellis em sua poesia intitulada “Amor” traz uma epígrafe de Victor Hugo com os dizeres: “Amar é viver”. A poesia tem como centro o amor e como ele é permeado pela natureza. Ao concluir sua poesia, Ellis diz: “E a vida, Amor contem, por que hei de qual Leopardi, - Tal, ao morrer, pedir-te luz? Inda que tarde, Ai Não! Amor eu quero, eu pedirei - Amor!” (1906, p. 28), traduzindo a última frase dita por Leopardi em vida a Ranieri, como bem mostra Citati:

Leopardi abriu os olhos mais do que de costume: olhou fixo em direção a Ranieri, e lhe disse suspirando: ‘Eu não te vejo mais’, ou então ‘Abre aquela janela, faz-me ver a luz’. O pulso subiu lentamente, depois se apagou, e Leopardi parou de respirar⁷⁴ (2010, p. 413).

Neste caso, Ellis parece ter feito uma síntese da cena da morte de Leopardi. Como o tema da poesia era o amor, Ellis atenuou o aspecto mais “dramático” da cena que envolve o sofrimento dos últimos momentos de Leopardi com Ranieri e substitui a palavra “luz” por

⁷⁴ “Leopardi aprì gli occhi più del solito: guardò fisso verso Ranieri, e gli disse sospirando: ‘Io non ti veggo più’, oppure ‘Apri quella finestra, fammi vedere la luce’. Il polso sali lentamente, poi si spense, e Leopardi smise di respirare”.

“amor”, apesar da modificação do substantivo, isso não alterou o entendimento da poesia e nem mesmo a descrição da cena em que Leopardi é o personagem.

Outra tradução está presente na revista *O Malho*, de 25 de maio de 1907: é a de Santos Netto que dirigiu o jornal *Commercio* de 1927 até 1928 e, em 1931, dirigiu o jornal integralista *Flamma*. Santos Netto fez uma poesia dedicada a Leopardi em que fala sobre seus sentimentos ao ler as obras do autor italiano e como a vida foi desventurada para o “grande gênio italiano”:



Figura 21: Poesia intitulada “Leopardi” escrita por Santos Netto e publicada na revista *O Malho* de 25 de maio de 1907. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁷⁵

Essa poesia de Netto é semelhante à de Júlia Cortines dedicada a Leopardi, ambos os autores se mostram leitores do escritor italiano. Enquanto Netto diz: “Quando os teus versos leio, uma piedade funda, / Todo o meu ser penetra;” (1907, p. 18); Cortines diz: “Leio-te: e a triste e máscula poesia/ Que dos teus lábios flui, dolente e forte, / Enche a minha alma de melancolia” (CORTINES *Apud* ARAUJO, 2010, p. 110). Outros pontos em comum entre a poesia de Netto e Cortines são a morte, o sofrimento, a dor e a tristeza. No primeiro aspecto enquanto parece que Netto se refere ao canto “Amor e Morte” através da

⁷⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116300/9364> acesso em: 31/03/2017.

“alliança/ Do acrysolado amôr e da eterna vingança” (NETTO, 1907, p. 18), já Cortines não se detém no texto específico e visualiza a morte em Leopardi de modo mais amplo ao aproximá-lo da sua vivência; a poetisa diz: “Como tu, nada vejo além da morte/No tormentoso pélago da vida/ Que a uma plaga serena nos transporte” (CORTINES *Apud* ARAUJO, 2010, p. 110). No que se refere ao sofrimento, Netto e Cortines partilham o sofrimento de Leopardi vinculado à sua biografia. Netto diz: “Ter ancias para amar e ser poeta e corcunda! /Não ver, siquer, de longe, um clarão de bonança, sentir a alma rolar pela desesperança!”. Júlia Cortines acrescenta ainda ao sofrimento o aspecto da ilusão; ela diz: “Sofres? Também minha alma sofre e chora: Prélíos inúteis, ilusões desfeitas, / Toda a miséria do viver deplora.”.

Por fim, destacamos o elemento “dor” nas duas poesias: em Santos Netto, a dor tem uma função de memória, como elemento que perpetua a poesia de Leopardi, enquanto o sentimento de dor existir. Netto diz: “A Italia ha de lembrar teu genio soberano/Enquanto existir magua e dôr que punge e/ [enquanto,] Palpitando, vibrar o coração humano!”. Em Júlia Cortines, a dor também opera através da memória, mas não como elemento de perpetuação da poesia de Leopardi, mas sim como recordação dos tempos antigos, no caso da infância do Leopardi, a qual ele mesmo designou como bendito tempo.

Há ainda, com referência às traduções de obras de Leopardi publicadas na imprensa, “outra maneira de discutir a tradução cultural [que] é falar de um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica.” (BURKE, 2009, p. 16). Tal é o caso que acontece, por exemplo, no jornal *A Madrugada*, de 13 de fevereiro de 1902. Na poesia intitulada “Sonhei” de Baptista Franco, temos a epígrafe do Canto XXXVII “Odi, Mellisso”, de Leopardi, que diferentemente de outros cantos, tem a particularidade de ser estruturado em uma espécie de diálogo.

O trecho utilizado é o seguinte: “Chi sa? non veggiam noi spesso di state/ Cader le stelle?”(LEOPARDI⁷⁶, 1974, p. 126). Através da epígrafe e da indicação feita pelo tradutor, entre parênteses, de que se tratava de “Fragmentos” de Leopardi, pudemos reduzir as possibilidades de todo o universo das obras de Leopardi a somente cinco cantos, devido à existência, no livro *Canti*, de exatamente 5 cantos sob o título de “Frammenti”. Apesar de parecer ser uma poesia inspirada no poema

⁷⁶ Todas as referências dos *Canti* serão feitas com base nesta edição, sendo assim as demais citações serão feitas apenas com as páginas mencionadas.

leopardiano, trata-se na verdade de uma tradução, como evidenciado a seguir:

<p>“Odi, Melisso” FRAMMENTO Giacomo Leopardi</p>	<p>Sonhei Baptista Franco</p>
<p>ALCETA Odi, Melisso: io vo' contarti un sogno Di questa notte, che mi torna a mente In riveder la luna. Io me ne stava Alla finestra che risponde al prato, Guardando in alto: ed ecco all'improvviso Distaccasi la luna; e mi pareva Che quanto nel cader s'approssimava, Tanto crescesse al guardo; infin che venne A dar di colpo in mezzo al prato; ed era Grande quanto una secchia, e di scintille Vomitava una nebbia, che stridea Sì forte come quando un carbon vivo Nell'acqua immergi e spegni. Anzi a quel modo La luna, come ho detto, in mezzo al prato Si spegneva annerando a poco a poco, E ne fumavan l'erbe intorno intorno. Allor mirando in ciel, vidi rimaso Come un barlume, o un'orma, anzi una nicchia, Ond'ella fosse svelta; in cotal guisa,</p>	<p><i>Chi sa? non veggiam noi spesso di state Cader le stelle?</i> <i>(Frag. de Leopardi).</i></p> <p>Sonhei que em certa noite de luar Vi, de repente, pelo espaço afóra, A lua vir rolando e, em terra, agora, Chispante em fogo, os campos percalcar</p> <p>Ora, pensei: - “Não vemos nós tombar Tanta estrela fugaz que se alcandóra Pelo Zenith e se sumir, embora Mergulhe alem, no coração do mar?</p> <p>Mas para logo a mente, em scima, disse: -“Tantas estrelas ha quem é mais tollice Pensar que possa haver damno maior</p> <p>Em cahir uma ou outra de entre mil Que tu que vagas só, astro gentil -</p>

<p>Ch'io n'agghiacciava; e ancor non m'assicuro.</p> <p>MELISSO E ben hai che temer, che agevol cosa Fora cader la luna in sul tuo campo.</p> <p>ALCETA Chi sa? non veggiam noi spesso di state Cader le stelle?</p> <p>MELISSO Egli ci ha tante stelle, Che picciol danno è cader l'una o l'altra Di loro, e mille rimaner. Ma sola Ha questa luna in ciel, che da nessuno Cader fu vista mai se non in sogno.</p> <p>(p.126-127).</p>	<p>Como primeiro amor ao meu redor!"</p>
---	--

Quadro 1: Canto “Odi Melliso” de Leopardi e poesia “Sonhei” de Baptista Franco publicada no jornal *A Madrugada*, em 13 de fevereiro de 1902.

Fonte: A autora.

Nos trechos coloridos fizemos a comparação entre a poesia em italiano e a criação de versos que a nosso ver são trechos traduzidos. Como podemos observar, alguns trechos foram omitidos, enquanto outros foram drasticamente reduzidos. Além disso, a estrutura de

diálogo é modificada e é apresentada como um *continuum*. Outra característica importante é que o escritor indica, por vezes, os trechos que não foram compostos por ele através das aspas, mas a primeira vez em que abre aspas ele não fecha depois: a hipótese é que isso possa ser um erro gráfico do jornal. Já na segunda abertura, o erro não se repete e, neste último trecho, é que a tradução ocorre de modo mais explícito. Os outros trechos na poesia de Franco, nos quais consta o que seria a composição própria, na verdade são traduções seja o autor direta ou indiretamente inspirado em Leopardi. Nessa poesia, a aplicação do paradigma indiciário é proveitosa como podemos ver no apêndice, na figura de número 46.

Através da pista do fragmento de Leopardi conseguimos reduzir as possibilidades de obras em cinco cantos que estão sob este título, e, além disso, através dos sinais de pontuações, como as aspas baixas que estavam em desuso pelos periódicos na época, conseguimos detectar a presença de um texto traduzido. Podemos pensar que os trechos traduzidos podem se configurar como uma espécie de apropriação.

No jornal *Gazeta de Notícias*, de 24 de julho de 1908, na coluna “Acolá”, M.A analisa um dos versos mais citados de Leopardi, “Fratelli allo stesso tempo Amor e Morte”, seja em italiano, seja traduzido para o português. Para o autor, “[a]s grandes frases poéticas são suscetíveis de traduções práticas imprevistas” (M.A, 1908, p. 1). Então, analisa o canto “Amor e Morte”, primeiro questionando o fato de serem irmãos. Para ele, a resposta se encontraria em um escritor francês que traduziu os versos leopardianos e os transformou em dados estatísticos. Para M.A, a autoria dos versos por parte de Leopardi é duvidosa; na verdade seriam, segundo ele, de Pronethon, e a morte está ligada ao amor, pois isso está relacionada aos ciclos da vida em que o amor é, na verdade, a representação do nascimento. Apresenta, então, uma tabela com os dados do escritor francês que mostra um excesso de número de pessoas nascidas em relação ao número de pessoas mortas em países como Alemanha, Áustria, Hungria, Rússia, Itália, Holanda e Portugal. Essa sobreposição mostrada em números, segundo o autor, traduz-se nos versos de Leopardi “Fratelli allo stesso tempo amor e morte”.

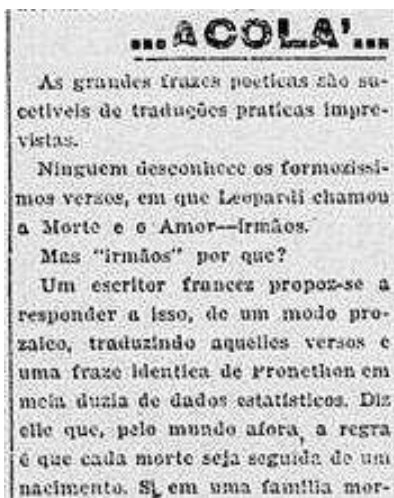


Figura 22: Trecho da coluna “Acolá” escrita por M.A e publicada na *Gazeta de Notícias*, de 24 de julho de 1908. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.⁷⁷

Leonardo Mascello, já citado anteriormente, foi um sacerdote nascido em Castrignano dei Greci em 1877, tradutor de Papini, e exilado no Brasil, onde terminou seu sacerdócio. Além das funções religiosas, escrevia poesia e prosa. “Paese Natio”, por exemplo, foi escrito em Olinda em 1910, e é um canto à sua terra natal. Essa poesia faz parte do livro *Foglie al Vento* que, mais tarde, a crítica aproximará da obra de Leopardi. O padre colaborava ainda no *Jornal do Recife* e os seus artigos eram como pequenos sermões que enfatizavam o catolicismo, permeado pelos fatos políticos mais recentes e por sua bagagem literária. Foi justamente em um desses artigos, publicado em 08 de dezembro de 1911, que Mascello fez uma tradução de Leopardi.

Mascello inicia o artigo intitulado “Leopardi”, exaltando Giacomo Leopardi, depois apresenta uma biografia, fala do aspecto físico, relatando que era “corcunda, feio e raquítico”, mas que lutava contra o destino. Trata ainda da educação familiar, do pai Monaldo e da mãe Adelaide, mulher rígida de caráter, que se preocupava com a

⁷⁷ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/17836 acesso em: 18/09/2016.

economia da família, por isso não poderia demonstrar seus afetos maternos.

Leonardo Mascello também fala do modo como conheceu Leopardi, através do livro *Imitação de Christo* de Thomaz Kempis. Tendo como premissa esse livro, Mascello destaca o lado religioso de Leopardi, recordando alguns momentos da infância, de quando rezava. Para Mascello, a condição física e as decepções amorosas fizeram com que Leopardi se tornasse pessimista e ateu.

Para Mascello, a obra de Leopardi é permeada por uma grande contradição, de um lado, os *Canti*, com uma grande imaginação e, de outro, a prosa como as *Operette* e os *Pensamentos*, em que aparecem seus lamentos. Depois, ao analisar as obras de Leopardi, começa com as *Operette Morali*, que, segundo ele, é o lugar em que Leopardi expõe a dor e infortúnio humano. Nos *Canti*, considera que Leopardi eleva a pátria e chora a decadência da Itália, remetendo assim ao canto “All’Italia”. Para o padre, a lírica de Leopardi possui “uma nota dolorosa, que atinge uma altura que às vezes canta a dor universal”, dor essa representada em “La Sera del dí di festa”. (1911, p.1).

Leonardo Mascello discorre também sobre o amor, de várias formas e em diferentes poemas. Fala ainda dos cantos à natureza, principalmente o “Canto Noturno”. Os *Canti* também reproduzem, em parte, a contradição da obra leopordiana. Sendo assim, Mascello destaca o valor fantasioso e a imaginação que constituíam seu ideal artístico, o qual se “concentra em um contraste entre o mundo irreal do passado para fugir do presente, e a ilusão que resulta na vanidade do mundo”. Para ele “A sua poesia é um continuo soluço, um continuo chorar, sem esperança e consolo nenhum sobre os destroços de sua existencia como que suffocada pelas terríveis mãos de um destino desapiedado” (1911, p. 1). Sobre a obra poética de Leopardi, conclui dizendo que o poeta:

soube com mais efficacia e evidencia descrever a melancolia ineffavel que aperta o coração ouvindo alta noite um cantar solitario e monotono que vae esmorecendo pouco a pouco, até não ficar sinão um como rasto sonóro por entre o grave silencio nocturno. (1911, p. 1).

As obras em prosa para Mascello representam os lamentos e as dores de Leopardi, pois, sem várias partes do texto, o padre repete como se fosse um refrão a frase “Pobre Leopardi!”. Esse sentimento de pena demonstrado pelo sacerdote atinge seu ponto máximo quando diz:

Pobre Leopardi! Infeliz já o era, pois a sua fé estava perdida e a saúde irreparavelmente estragada por sete longos annos de estudo continuo e desesperado, durante os quaes escreveu sete grandes tomos de appontamentos, notas, observações, pesquisas philologicas, dissertações eruditas, comentarios, traducções e ensaios philosophicos e moraes. (1911, p. 1).

Por fim, destaca a colaboração de Leopardi no jornal *Lo Spettatore* de Milão e as suas publicações em Roma até chegar aos seus últimos anos em Nápoles, em companhia de Ranieri. Antes de concluir o artigo, Mascello traduz o canto “La sera del dí di festa”.

La sera del dí di Festa	La sera del dí di Festa
<p>Dolce e chiara è la notte e senza vento, E queta sovra i tetti e in mezzo agli orti Posa la luna, e di lontan rivela Serena ogni montagna. O donna mia, Già tace ogni sentiero, e pei balconi Rara traluce la notturna lampa: Tu dormi, che t'accolse agevol sonno Nelle tue chete stanze; e non ti morde Cura nessuna; e già non sai nè pensi Quanta piaga m'apristi in mezzo al petto. Tu dormi: io questo ciel, che sì benigno Appare in vista, a salutar m'affaccio,</p>	<p><<A noite está doce e clara e sem vento; a lua tranquila paira sobre os telhados e os hortos illuminando do longe as montanhas serenas. O' minha querida, já toda senda se cala; e rara translus pelas vidraças a lampa nocturna. Tu dormes pois, nos teus aposentos tranquillos um somno suave esperava-te; e não te morde cuida- do nenhum; e não sabes, nem suspeitas quão terrivel ferida me abriste no coração. Tu dormes; entretanto eu contem-</p>

E l'antica natura onnipossente,
 Che mi fece all'affanno. A te la
 speme
 Nego, mi disse, anche la speme; e
 d'altro
 Non brillin gli occhi tuoi se non di
 pianto.
 Questo dì fu solenne: or da'
 trastulli
 Prendi riposo; e forse ti rimembra
 In sogno a quanti oggi piacesti, e
 quanti
 Piacquero a te: non io, non già,
 ch'io spero,
 Al pensier ti ricorro. Intanto io
 chieggo
 Quanto a viver mi resti, e qui per
 terra
 Mi getto, e grido, e fremo. Oh
 giorni orrendi
 In così verde etate! Ahi, per la via
 Odo non lunge il solitario canto
 Dell'artigian, che riede a tarda
 notte,
 Dopo i sollazzi, al suo povero
 ostello;
 E fieramente mi si stringe il core,
 A pensar come tutto al mondo
 passa,
 E quasi orma non lascia. Ecco è
 fuggito
 Il dì festivo, ed al festivo il giorno
 Volgar succede, e se ne porta il
 tempo
 Ogni umano accidente. Or dov'è il
 suono
 Di que' popoli antichi? or dov'è il
 grido
 De' nostri avi famosi, e il grande
 impero

plo este céu tão benigno á vista a
 anti-
 ga natureza que me fez tão
 infeliz>>.<<A
 ti nego até a esperança me disse; e
 teus
 olhos não brilharão sinão de
 pranto!>>
 <<Hoje foi um dia de festa; agora
 tu
 descanças dos divertimentos e
 talvez so-
 nhes com os que te agradaram e
 que te
 admiraram durante o dia. Eu é que
 não
 te venho á mente, nem espero esta
 ven-
 tura. Entretanto eu vou pensando
 no
 que me resta ainda a viver e aqui,
 atiran-
 do-me ao chão, grito e fremo
 desespera-
 damente. O' dias horrendos em
 uma ida-
 de tão verde ainda! Ah!
 Oiço do longe o canto solitario do
 ar-
 tista que volta alta noite para casa
 após
 um dia de folga; e meu pobre
 coração es-
 tremeos constrangindo pensando
 que no
 mundo tudo passa sem deixar
 rasto ne-
 nhum.
 Eis que o dia festivo acabou-se, e
 a

<p>Di quella Roma, e l'armi, e il fragorio Che n'andò per la terra e l'oceano? Tutto è pace e silenzio, e tutto posa Il mondo, e più di lor non si ragiona. Nella mia prima età, quando s'aspetta Bramosamente il dì festivo, or poscia Ch'egli era spento, io doloroso, in veglia, Premea le piume; ed alla tarda notte Un canto che s'udia per li sentieri Lontanando morire a poco a poco, Già similmente mi stringeva il core.</p> <p>(LEOPARDI, 1974, p. 42-43)</p>	<p>um dia de jubilo vae seguir outro de tra- balho e de pena e o tempo apaga todos os acontecimentos humanos. Onde está a fama dos povos antigos? onde a glo- ria dos nossos antepassados? e o imperio grande da Roma, [ilegível]⁷⁸ e o fragor que echoava por terras e por mares? Agora tudo é pas e silencio e no mundo nem se fala mais delles. Eu quando crean- ça, naquella idade em que com ancia grande se espera o dia festivo, depois deste passar, custava muito a pegar no somno no meu leito; e então, alta noite, apertava-me também o coração um can- tar que se ouvia pelas sendas e ia esmo- recendo pouco a pouco por entre o si- lencio nocturno>></p>
--	---

Quadro 2: Canto “La Sera del dí di festa” de Leopardi e tradução “La Sera del dí di festa” por Padre Leonardo Mascello publicada no *Jornal do Recife*, em dezembro de 1911. **Fonte:** A autora.

⁷⁸ Provavelmente “armas”.

Nesta tradução Mascello se mantém bem próximo do texto fonte de Leopardi, poderíamos pensar que esta aproximação da tradução e do texto fonte possa ser talvez pela formação filológica de Mascello como padre e também por ser italiano.

Outro aspecto a se pensar quando se abordam questões de tradução é o ato de imitar. Será a imitação um tipo de tradução? Peter Burke discute essa relação dizendo que “a divisa entre a tradução e a imitação era traçada menos nitidamente do que viria a ser no século XIX” (2009, p. 38).

Essa fronteira entre tradução e imitação aparece explicitada no jornal *O Imparcial*, publicado em 08 de janeiro de 1919. Em uma reportagem intitulada “Os donos”, assinada por Xsecromegas, temos a tradução do poema “Imitazione” de Leopardi por F. Solano. Após apresentar a tradução de Solano, o autor Xsecromegas, sublinha: “Não se trata, como se vê, de uma ‘immitazione’ como queria Leopardi, mas de uma autentica e excelente ‘traduzione’, que deve ser, e é incontestavelmente do fabulista francês” [“La feuille” de Antoine-Vincent Arnault] (1919, p. 2). Contudo, parece que Xsecromegas não leva em conta que a tradução pode ser um exercício de imitação. Giacomo Leopardi em seu *Zibaldone di Pensieri*, coloca como um dos objetos a ser imitado a poesia, contudo, revela que por vezes o *status* de imitação acaba por inferiorizar a obra, para ele:

em matéria de literatura ou de artes, basta que se aperceba da imitação para colocar aquela obra em inferioridade infinita em relação ao modelo e, nesse caso, como em muitos outros, a fama não se refere tanto ao mérito absoluto e intrínseco da obra quanto à circunstância do escritor ou do autor. (ZIB, 143).

Leopardi coloca o título em sua poesia de “Imitazione” não porque renegue a tradução, mas porque como ele mesmo coloca: “a tradução não é tradução, mas, uma espécie de imitação sofisticada, uma compilação, um resíduo, ou, pelo menos, uma obra nova” (ZIB, 320).

A tradução de Solano possui alguns comentários de Xsecromegas. Dentre eles, sobre “Imitazione”, ele fala dos dois estudiosos que fizeram anotações da poesia “La feullie” de Arnault, e as

também um elenco das traduções e imitações realizadas. Sendo assim, Xsecromegas elenca o canto traduzido por João de Deus que foi imitado por Guerra Junqueira em a “Morte de D. João”. Além disso, também cita a tradução do mesmo poema para o português, efetuada pelo professor L’Abbé em 1879, o qual é reproduzido no jornal. Salienta ainda que há um engano na atribuição da autoria a Viennot. Apresentando ainda as possíveis traduções e imitações, o autor coloca Leopardi como um missivista que tentou imitar Arnault, mas apenas conseguiu traduzi-lo. Seria então, por meio da “imitação” que Leopardi fez de Arnault, que F. Solano, na revista *Pallum* de Pernambuco de 1906, realiza uma tradução indireta através da composição de Leopardi, conforme podemos ver abaixo:

“La feullie” - Arnault	“Imitazione” - Leopardi	“Imitação” - Solano
------------------------	----------------------------	------------------------

<p>De ta tige détachée, Pauvre feuille desséchée, Où vas-tu ? - Je n'en sais rien. L'orage a brisé le chêne Qui seul était mon soutien. De son inconstante haleine Le zéphyr ou l'aquilon Depuis ce jour me promène De la forêt à la plaine, De la montagne au vallon. Je vais ou le vent me mène, Sans me plaindre ou m'effrayer : Je vais où va toute chose, Où va la feuille de rose Et la feuille de laurier.</p>	<p>Lungi dal proprio ramo, Povera foglia frale, Dove vai tu? – Dal faggio Là dov'io nacqui, mi divise il vento. Esso, tornando, a volo Dal bosco alla campagna, Dalla valle mi porta alla montagna. Seco perpetuamente Vo pellegrina, e tutto l'altro ignoro. Vo dove ogni altra cosa, Dove naturalmente Va la foglia di rosa, E la foglia d'alloro.</p> <p>(LEOPARDI, 1974, p. 124)</p>	<p>Oh!pobre folha arcada, do teu ramo perdida. onde vaes, pobre folha? -Vejo-me separada da fain, onde nascida, que o vento me desfolha E, frágil peregrina eu, pobre folha erro Sem repouzar no chão: -no bosque, na campina do valle ao cerro, levada do tufão. E, vou, perpetuamente Vaguiado descaldosa sem ter um paradeiro - onde naturalmente vae na folha da rosa, e a folha do loureiro.</p>
---	---	--

Quadro 3: Canto “La feullie” de Arnault, Canto “Imitazione” de Leopardi e Tradução “Imitação” de F. Solano publicada na revista *Pallum* em 1906. **Fonte:** A autora.

O poema “Imitazione” ainda serviu de inspiração para o artigo “Crianças e Flores” de João do Rio, publicado no *Correio Paulistano*, em 7 de dezembro de 1906. Para o autor, as crianças e as flores são o encontro das cidades. Com esse prólogo, como se fosse um guia de

viagens, descreve várias cidades para viajar. O autor critica ainda a rapidez do progresso que destrói a beleza natural, pois as cidades grandes comparadas aos pequenos campos seriam como os homens que têm tudo e se tornam complexos perante a simplicidade das crianças. O poema de Leopardi faz com que esse cenário urbano reflita a “[...] physionomia das estações nos fica na alma quando as flores, promessas da terra, e as crianças, perfume da vida, mostram ao viajante o seu suave encanto” (1906, p. 1).

Há ainda traduções em língua estrangeira; é o caso, por exemplo, da tradução de Emile Rossignol do canto “All’Italia” publicada na *Revue Franco-Brésilienne* de 1º de outubro de 1915, conforme podemos ver abaixo:

A l'Italie

Quoi! tandis que l'Europe entière, frémissante,
Contre le German vît à la voix menaçante
Se dresse, toi l'éclair,
Et que Bellone armant sa trompette sonore,
Enflamme les cités dont l'univers s'honore!
Et fait résonner l'air,

Quoi! tandis que joyeux les fils de Charlemagne
Par les monts et les vaux, sur l'onde et la cam-
pagne,

S'élançant aux combats,
Italie! est-il vrai que sans plainte inquiète,
De ce drame sanglant, spectatrice muette,
Tu te croises les bras!

Italie! Italie! Est-ce là ta victoire?
Que diront les aïeux et que dira l'histoire
Si tu crains le trépas?
Si tu baisses les yeux devant la rouge flamme,
Si tu crains de mêler à notre âme ton âme
Et de suivre nos pas?

N'as-tu donc rien gardé de ta grandeur romaine?
Ou te faut-il ô peuple, un lac de Trasimène
Pour déssiller tes yeux?
Vois! le tonnerre gronde et l'orage s'amasse,
Et du barbare impie ont vu déjà la masse
Obscurcissant les cieux!

Oh! pour te faire enfin sortir de ton silence,
Pour que ton canon gronde et se dresse ta lance,
O peuple, que faut-il?
Est-ce Attila, fléau de Dieu, tout hors d'haleine,
Qui brûle les cités et ravage la plaine,
Jusqu'au dernier pistil?

Pour que vers le soleil tous les drapeaux s'élèvent,
Pour que du sol frappé les légions se lèvent
Et sonne le tocsin,
Te faut-il du roi Gorth la rouge chevelure?
Courbé sur son cheval à la vaste encolure,
Est-ce le Sarrasin?

Te faut-il Annibal aux portes de la ville?
Ou Jugurtha semant la discorde civile
Plus triste que la mort?
Ou le Gaulois Brennus à la rude insolence
Qui de son bras vainqueur jette dans la balance
Son large glaive d'or?

Non! tu n'as pas besoin de ce péril extrême,
Tu crains la lâche paix plus que la guerre même.
Et tu ne voudrais pas,
En profitant du sang répandu pour la guerre,
Ceindre ton noble front de ce laurier vulgaire,
Plus vil que le trépas!

Aux armes, peuple ami! En avant les cohortes!
Le temple de Janus vient d'entr'ouvrir ses portes
Fils de Léonard!
La grande Rome attend et le monde regarde,
Sachez vaincre ou mourir comme la vieille garde,
Vive Garibaldi!

Emile ROSSIGNOL, du T^{sc} de Mgne,

(Classe 1916)

Figura 23: Tradução “A l’italie” por Emile Rossignol em francês publicada na *Revue Franco-Brésilienne* em 1º de outubro de 1915. **Fonte:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional.⁷⁹

⁷⁹ http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/17836 12/10/2017 acesso em 12/10/2017.

Nem sempre as traduções das obras de Leopardi aparecem de forma clara na imprensa. Uma pista encontra-se no jornal *A Noite*, de 1º de março de 1918. Trata-se de um anúncio do cinema Palais e suas exibições. Segundo Renato Costa, os primeiros cinemas no Rio de Janeiro eram simples e por vezes se assemelhavam ao teatro, o autor diz sobre as salas:

Continham apenas uma tela de projeção, geralmente no fundo da sala, e as cadeiras voltadas para ela, de costas para a entrada. Eram espaços pequenos, de aproximadamente 70m² com algum luxo na sua decoração: tecidos e lustres que só faziam aumentar o risco de incêndio nestas casas que não possuíam nenhum sistema de prevenção, nem sequer saídas de emergência. Aliás, muitas das primeiras casas fecharam as portas por causa de incêndios. (COSTA, 1998, p. 153).

A primeira exibição no Cine Palais, segundo os jornais, é a do filme *O Delicto da Opera*, na série de filmes italianos, depois uma promoção para os “Sherlocks” nacionais e finalmente um filme de Italia Manzini⁸⁰. O anúncio do filme intitulado *Ironias da Vida* que contava com a atuação de Manzini tinha por temática um dos trechos do “Canto Notturmo di un pastor errante dell’Asia”, que usou o verso “È funesto a chi nasce il dì natale” com uma leve modificação: “é sempre fatale a chi nasce il dì natale.”

⁸⁰ É conhecida principalmente pela sua atuação no filme “Cabiria” de 1914. Foi uma atriz italiana que abriu o caminho para a participação das mulheres no cinema.

O tradutor manteve a disposição métrica tanto quanto respeitou a essência, como se nos quizesse dar o amargo licor do pessimista com o mesmo saibo e em taça de molde idêntico. O que aqui expomos se não é para todos os paladares será, estamos certos, recebido com voluptuoso enlevo pelos finos degustadores (LEOPARDI E RUY BARBOSA, 1918, p. 8).

O texto conta ainda com duas notas, uma do texto fonte replicada pelo jornal e outra do tradutor. A primeira nota (esquerda), escrita pelo jornal, é um breve resumo do conteúdo do poema; já na segunda nota (direita), escrita por Rui Barbosa, o tradutor faz uma pequena biografia de Leopardi e, mais abaixo, há um adendo do jornal ressaltando a qualidade da tradução:

(*) Nota de G. Chiarini na edição de G. O. Sansoni. Firenze, 1886:

Plusieurs dentre eux (parla di una delle nazioni dell'Asia) passent la nuit assis sur une pierre à regarder la lune, et à improviser des paroles assez tristes sur des airs qui ne le sont pas moins. "Il Baronne di Meyendorff, Voyage d'Orenbourg à Boukhara fait en 1820, appresso il giornale des Savans 1826, septembre p. 518.

(*) Leopardi (Giacomo) o célebre pessimista, summo philosopho, rival, em philosophia, dos maiores investigadores que a Alemanha tem produzido, prosador de uma purza hellenica, incomparavel entre os seus contemporaneos, é, ao mesmo tempo, o cantor de quem os mais competentes criticos têm dito que a poesia italiana, depois de expirar nos labios de Dante, renasceu nos deste genio desafortunado.

Dentre os modernos poetas de sua patria, apenas com elle compete Manzoni, e isso mesmo em mui raras das suas produções.

A versão que committemos a te meridade de publicar, o palido e mallogrado transumpto do original, cingese ao mesmo metro, ao mesmo numero de versões e á mesma disposição da rima que a poesia italiana.

(O traductor).

Figura 25: Notas da tradução do “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia” de Rui Barbosa publicado no jornal *A Política* em 16 de agosto de 1918. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁸³

Há uma pequena indicação nas obras completas de Rui Barbosa sobre essa tradução que diz: “Em 1918, no mesmo ano portanto em que em seu discurso se refere às traduções homométricas, o jornal *O*

⁸³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/234532/264> acesso em: 11/11/2016.

Imparcial, publicando *Canto noturno de um pastor erradio na Ásia*, dá a seguinte nota, no fim da qual se lê <<O tradutor>> , que nos leva a atribuí-la a Rui Barbosa” (1865-1871, p. 300). Essa tradução publicada em 13 de março de 1918 é a mesma de 1884, porém sem comentário e sem o texto fonte.

Em 29 de novembro de 1926, é republicado o “Canto noturno” traduzido por Rui Barbosa. Nessa publicação do jornal *A Noite*, ao final da tradução, assinala-se o ano de 1884. Entretanto, em uma das notas de rodapé se encontra a seguinte observação: “(Publicado no suplemento litterario da *Gazeta de Notícias*, de 18 de fevereiro de 1886)”, o que gera dúvidas se a tradução é realmente de 1884 ou se se trata de outra tradução de 1886.

Uma das grandes diferenças entre a tradução de 1886 (publicada na *Revista Brasileira*, na *Gazeta de Notícias* e nas *Obras completas*) e a de 1884 (publicada em 1918) está no título. A primeira intitula-se “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia” e a segunda “Canto Noturno de um pastor erradio na Ásia”, conforme transcritas abaixo, ao lado do texto fonte:

Canto Notturmo di un Pastore Errante Dell' Asia	Canto Nocturno de um pastor erradio na Asia (1884)	Canto Nocturno de um pastor errante da Asia (1886)
<p>Che fai tu, luna, in ciel? dimmi, che fai, Silenziosa luna? Sorgi la sera, e vai, Contemplando i deserti; indi ti posi. Ancor non sei tu paga Di riandare i sempiterni calli? Ancor non prendi a schivo, ancor sei vaga Di mirar queste valli? Somiglia alla tua vita La vita del pastore. Sorge in sul primo albore</p>	<p>Que fazes pelo céu, onde te estás, Silenciosa lua? Ergues-te á noite, e vaes, Mirando os ermos. De manhã repousas. Inda te não enfadas Desse eterno volver eternas vias? De rever-te por valles e quebradas Já te não intendias? Semelha a tua vida A vida do pastor. Surge ao primeiro</p>	<p>Que fazes, e em que é que o teu céu te apraz, Silenciosa lua? Ergues-te à noite, e vais, Mirando os ermos. De manhã repousas. Inda te não enfadas Dêsse eterno volver eternas vias? De rever-te por vales e quebradas Já te não entedias?</p>

<p>Move la greggia oltre pel campo, e vede Greggi, fontane ed erbe; Poi stanco si riposa in su la sera: Altro mai non ispera. Dimmi, o luna: a che vale Al pastor la sua vita, La vostra vita a voi? dimmi: ove tende Questo vagar mio breve, Il tuo corso immortale?</p> <p>Vecchierel bianco, inferno, Mezzo vestito e scalzo, Con gravissimo fascio in su le spalle, Per montagna e per valle, Per sassi acuti, ed alta rena, e fratte, Al vento, alla tempesta, e quando avvampa L'ora, e quando poi gela, Corre via, corre, anela, Varca torrenti e stagni, Cade, risorge, e più e più s'affretta, Senza posa o ristoro, Lacero, sanguinoso; infin ch'arriva Colà dove la via E dove il tanto affaticar fu volto: Abisso orrido,</p>	<p>alvor. Leva o tardo rebanho, e pelos campos Só fontes vê e prados e rebanhos De noite cerra os olhos, e descança: Não tem outra esperança. Dize, lua, que val Ao pastor sua vida. A tua vida a ti?Diz: a que tende Esse vaguear meu breve, Teu curso perennal?</p> <p>Velhinho branco, enfermo, De andrajos, pés descalços, Pesadíssimo fardo posto aos ombros, Por algares e combroso. Agudas fragas, areiaes, silvedos, Ao vento, á tempestade, e quando abrasa. E logo quando gela, Corre, molreja, anhela, Transpõe torrentes, vinga tremedades, Cáe, resurge, e se esfalga mais e mais Sem poise, nem reparo,</p>	<p>Semelha a tua vida A vida do pastor. Surge ao primeiro alvor. Leva o tardo rebanho, e pelos campos Só fontes vê e prados e rebanhos. A noite cerra os olhos, e descança: Não tem outra esperança Dize lua, que val Ao pastor sua vida, A tua vida a ti? dize: a que tende Êste vaguear meu breve, E o teu curso imortal?</p> <p>Velhinho branco, enfêrmo De andrajos, pés descalços Pesadíssimo fardo pôsto aos ombros, Por algares e combroso, Agudas fragas, areiais, silvedos, Ao vento, à tempestade, e quando abrasa E logo quando gela, Corre, moireja, anela, Transpõe torrentes,</p>
---	---	--

immenso,
Ov'ei precipitando, il
tutto obblia.
Vergine luna, tale
E' la vita mortale.

Nasce l'uomo a fatica,
Ed è rischio di morte il
nascimento.
Prova pena e tormento
Per prima cosa; e in sul
principio stesso
La madre e il genitore
Il prende a consolar
dell'esser nato.
Poi che crescendo
viene,
L'uno e l'altro il
sostiene, e via pur
sempre
Con atti e con parole
Studiasi fargli core,
E consolarlo dell'umano
stato:
Altro ufficio più grato
Non si fa da parenti alla
lor prole.
Ma perchè dare al sole,
Perchè reggere in vita
Chi poi di quella
consolar convenga?
Se la vita è sventura,
Perchè da noi si dura?
Intatta luna, tale
E' lo stato mortale.
Ma tu mortal non sei,
E forse del mio dir poco
ti cale.

Dilacerado, em
sangue. E quando o
termo.
Acenar-lhe parece
Do caminho e das
longas agonias,
Abysmo horrido,
immenso
Abre-lhe o seio; e no
seu fundo o esquece
O' virgem lua, tal
E'a vida mortal.

Nasce o homem
entre dôres,
E é já risco de morte
o nascimento.
São penas e
tormentos
Estrellas do viver.
Mal principia.
Meigos progenitores
De nada ser já lidam
consolal-o.
Emquanto vem
crescendo,
Sustentamon'o
extremosos dia a dia
Com a palavra e o
carinho,
Dando animo ao
mesquinho
Por confortarl-o
contra o humano
estado;
Officio mais amado
Não ha de paes á
prole bemquerida.
Mas porque á luz
trazel-a,

vinga tremedais,
Cai, resurge e se
esfalfa a mais e
mais,
Sem poiso, nem
reparo,
Dilacerado, em
sangue; e, quando
o têrmo,
Acenar lhe parece
Do caminho e das
longas agonias,
Abismo hórrido,
imenso,
O despenha, o
devora, e tudo
esquece.
Ó virgem lua, tal
É a vida mortal.

-Nasce o homem
entre dor,
E é já risco de
morte o
nascimento.
São penas e
tormento
Estréia do viver;
Mal principia,
Já mãe e genitor
De ter nascido
lidam consolá-lo.
Enquanto vem
crescendo,
Sustentam-no
extremosos dia a
dia
Co'a palavra e o
carinho,
Dando ânimo ao

<p>Pur tu, solinga, eterna peregrina, Che si pensosa sei, tu forse intendi, Questo viver terreno, Il patir nostro, il sospirar, che sia; Che sia questo morir, questo supremo Scolorar del sembiante, E perir dalla terra, e venir meno Ad ogni usata, amante compagnia. E tu certo comprendi Il perchè delle cose, e vedi il frutto Del mattin, della sera, Del tacito, infinito andar del tempo. Tu sai, tu certo, a qual suo dolce amore Rida la primavera, A chi giovi l'ardore, e che procacci Il verno co' suoi ghiacci. Mille cose sai tu, mille discopri, Che son celate al semplice pastore. Spesso quand'io ti miro Star così muta in sul deserto piano, Che, in suo giro lontano, al ciel confina; Ovver con la mia greggia Seguirmi viaggiando a mano a mano;</p>	<p>Porque suster na vida A quem consolar tendes de vivel-a? Se a vida é desventura, Por que por nós perdura? Intacta lua, tal A condição mortal. Mas, pois, mortal não és Que tens com meus gemidos neste val?</p> <p>Sózinha, emtanto, eterna peregrina, Tão pensativa sempre, acaso entendes Este viver terreno, O soluçar da dôr que nos crucia, Este morrer e descorar supremo Da vida, no semblante, O extinguir se da terra e o lancinante Ultimo adeus á humana companhia?</p> <p>De certo comprehendes Das coisas "o porque"; sabes o fructo Das manhãs e das noites, Do tacito, infinito andar do tempo.</p>	<p>mesquinho, A confortá-lo contra o humano estado: Ofício mais amado Não há de pais à prole bem querida. Mas por que à luz trazê-la, Por que suster na vida A quem consolar tendes de vivê-la? Se a vida é desventura, Por que por nós perdura? Intacta lua, tal A condição mortal. Mas, pois mortal não és Que tens com os meus gemidos neste val?</p> <p>Sòzinha, emtanto, eterna peregrina, Tão pensativa sempre, acaso entendes Êste viver terreno, O sofrer nosso, o prantejar que nos crucia, Êste morrer contínuo, êste supremo Descorar do semblante, E perecer da terra e</p>
---	---	--

E quando miro in cielo
arder le stelle;
Dico fra me pensando:
A che tante facelle?
Che fa l'aria infinita, e
quel profundo
Infinito Seren? che vuol
dir questa
Solitudine immensa? ed
io che sono?
Così meco ragiono: e
della stanza
Smisurata e superba,
E dell'innumerabile
famiglia;
Poi di tanto adoperar, di
tanti moti
D'ogni celeste, ogni
terrena cosa,
Girando senza posa,
Per tornar sempre là
dove son mosse;
Uso alcuno, alcun frutto
Indovinar non so. Ma tu
per certo,
Giovinetta immortal,
conosci il tutto.
Questo io conosco e
sento,
Che degli eterni giri,
Che dell'esser mio frale,
Qualche bene o
contento
Avrà fors'altri; a me la
vita è male.

O doce amor
descobres, a quem,
rindo,
A primavera amima,
A quem affaga o
estio, a quem
requesta
A gelidez do inverno
a nós funesta.
Mil coisas sondas tu,
mil descortinas,
Veladas ao pastor
como divinas.
A's vezes,
contemplando-te
Muda sobre a
planura do deserto
Cuja curva remota o
céu confina,
Ou vendo o passo
meu calado, incerto
Seguires resvalando,
perto, perto.
Emquanto em astros
arde o céu inteiro,
Digo entre mim
scismando;
Por que tanto
luzeiro?
Que faz o ar sem
limite e esse
profundo
Infinito impassível?
Essa imensa
Solidão que nos diz?
Que sou eu mesmo?
Penso, penso; e da
estância
immensuravel
Do universo

o lancinante
Apartar-se da
amiga companhia?
De certo
compreendes
Das coisas o
porquê, e vês o
fruto
Da manhã e da
noite,
Do tácito, infinito
andar do tempo.
O doce amor
descobres a quem,
rindo,
A primavera
amima,
A quem afaga o
estio, a quem
requesta
A gelidez do
inverno, a nós
funesta.
Mil coisas sabes
tu, mil descortinas,
Veladas ao pastor
como divinas.
A miúdo
contemplando-te
Muda sobre a
planura do deserto
Cuja curva remota
o céu confina,
Ou o meu
pastorear calado,
incerto,
Seguires, viajando,
perto, perto,
Enquanto em
astros arde o céu

<p>O greggia mia che posi, oh te beata, Che la miseria tua, credo, non sai! Quanta invidia ti porto! Non sol perchè d'affanno Quasi libera vai; Ch'ogni stento, ogni danno, Ogni estremo timor subito scordi; Ma più perchè giammai tedio non provi. Quando tu siedì all'ombra, sovra l'erbe, Tu se' queta e contenta; E gran parte dell'anno Senza noia consumi in quello stato. Ed io pur seggo sovra l'erbe, all'ombra, E un fastidio m'ingombra La mente, ed uno spron quasi mi punge Sì che, sedendo, più che mai son lunge Da trovar pace o loco. E pur nulla non bramo, E non ho fino a qui cagion di pianto. Quel che tu goda o quanto, Non so già dir; ma fortunata sei. Ed io godo ancor poco, O greggia mia, nè di ciò sol mi lagno.</p>	<p>magnifico, De toda esta familia innumeravel Desse lidar continuo, em que se agita, Nos céos, na terra, tudo em torvelinho Sem pausa, nem remanso, Andando e desandando um só caminho, Proveito não alcanço, Adivinhar não sei. Mas bem presinto. Eterna joven que conhece tudo, Bem me preluz, e sinto Que do eterno gyra do firmamento E do meu ser teral, Dita, ou contentaman-o Outrem colhe, talvez. Mas eu, só mal. Rebanho meu, feliz no teu repouso, Que nem tua miseria sonharás. Que inveja te não tenho? Do espinho dos prazeres. Incolume espairesces. Fadigas e penares. Terrorres mesmo em</p>	<p>inteiro, Por que tanto luzeiro? Que faz o ar sem limites e profundo Infinito sereno?E essa imensa Solidão que nos diz? Que sou eu mesmo? Penso, penso: e da estância imensurável, Soberba, do universo De tôda esta família inumerável, De tanto voltear, de tanta lida, Em que, no céu, na terra, tudo gira Sem pausa, sem remanso, Por tornar sempre adonde se partira, Proveito não alcanço, Adivinhar não sei. Mas bem pressinto. Oh jovem imortal, que sabes tudo. Bem me preluz, e sinto Que dos giros do eterno firmamento E do meu ser terreal Bem, ou contentamento,</p>
---	---	--

Se tu parlar sapessi, io
chiederei:
Dimmi: perchè
giacendo
A bell'agio, ozioso,
S'appaga ogni animale;
Me, s'io giaccio in
riposo, il tedio assale?

Forse s'avess'io l'ale
Da volar su le nubi,
E noverar le stelle ad
una ad una,
O come il tuono errar di
giogo in giogo,
Più felice sarei, dolce
mia greggia,
Più felice sarei, candida
luna.
O forse era dal vero,
Mirando all'altrui sorte,
il mio pensiero:
Forse in qual forma, in
quale
Stato che sia, dentro
covile o cuna,
E' funesto a chi nasce il
dì natale.

(LEOPARDI, 1974,
p.76-80)

um momento
esqueces.
Inda mais: nunca o
tédio conheceste.
Se á sombra jazes,
quêdo no reivado,
Tudo te é delicia
E assim, dôce caricia

Vae-te o anno quasi
todo sem enfado,
Recline-me eu da
varzea á fresca
alfombra,
Logo a mente me
ensombra
O fastio: um pungir
me morde nalma;
Quêda o corpo; mas
nunca estou mais
longe
De poiso amigo e
calma.
Emtanto, nada
anhêlo,
Nem tive, até aqui,
hora de pranto.
O que desfructes,
quanto,
Dizer, não sei; mas
bem dito o és

Nem só do escasso
goso me lamento
Rebanho meu, bem
vês.
Se fallasses, dir-te-
ia, em meigo
accento:
Por que é que
preguiçando
Estendido em suave

Outrem colhe
talvez. Mas eu, só
mal.

Rebanho meu, feliz
no teu repouso,
Que nem tua
miséria sonharás,
Que inveja te não
tenho!
Já porque de
cuidares
Tão livre aí te
estás,
Que mágoas e
penares
E o mais vivo
terror logo te
esquece;
Já porque nunca o
tédio tu bebeste.
Quando à sombra
descansas, no
revaldo,
Sossêgo és e
ventura;
E assim, nessa
doçura,

Vai-te o ano quase
todo sem enfado:
Recline-me eu da
várzea à fresca
alfombra:
Logo a mente me
assombra
O fastio; um
pungir me morde
n'alma

	<p>desafogo; Se deleita o animal. E eu me fino de tédio no reival?</p> <p>Tivesse eu livres azas, Com que as nuvens vencer, e cada estrella. Contar, que além fluctúa, Ou qual trovão errar de cimo em cimo, Mais venturoso, ovelhas do meu mimo. Mais feliz fôra então, candida lua. Mas quem sabe? Talvez que a sorte alheia No julgar, minha mente desvaneia, Talvez da vida a fórma nada val. E berço ou antro embora a origem sua, Funesto a todos seja o seu natal.</p>	<p>Queda o corpo; mas nunca estou mais longe Da paz, da íntima calma, Entanto, nada anelo, Nem tive até aqui hora de pranto. O que desfrutes, quanto. Dizer não sei: mas bem-ditoso és. Nem só do escasso gôzo me lamento. Rebanho meu, bem vês. Se falasses, dir-te- ia em meigo acento: Por que é que, preguiçando, Estendido em suave desafôgo. Se recreia o animal. E eu me fino de tédio no relval?</p> <p>Tivesse eu livres asas Com que as nuvens vencer, e cada estrêla Contar, que além flutua Ou qual trovão errar de cimo em cimo,</p>
--	--	--

		<p>Mais venturoso, ovelhas do meu mimo, Mais feliz fôra então, cândida lua. Mas quem sabe? Talvez que, a sorte alheia No julgar, minha mente devaneia. Talvez da vida a forma nada val, E, berço ou antro embora a origem sua, Funesto a todos seja o seu natal.</p>
--	--	--

Quadro 4: “Canto notturno di un pastore errante dell’Asia” de Leopardi e traduções “Canto Noturno de um pastor erradio da Ásia”, de 1884, republicada no jornal *A Noite* em 1926; e “Canto Noturno de um pastor errante da Ásia, de 1886, no jornal *A Política* em 16 de agosto de 1918. **Fonte:** A autora.

Acima destaquei as diferenças entre as traduções de 1884 e 1886. Ambas as traduções evidenciam omissões, acréscimos, enobrecimento, entre outros.

Algumas omissões feitas pelo tradutor modificam o ritmo do texto ou deixam de mostrar uma hipertextualidade que o próprio Leopardi colocou. Exemplo disso é a tradução dos versos “Corre via, corre, anela,/Varca torrenti e stagni, /Cade, risorge, e più e più s’affretta”: em ambas as traduções, é omitido o primeiro conectivo “e”, o que em português deixa o texto mais fluido, conforme podemos ver a seguir: “Corre, molreja, anela, /Transpõe torrentes, vinga tremedaes, /Cáe, resurge, e se esfalfa mais e mais⁸⁴“. A próxima omissão está no verso “E quando miro in cielo arder le stelle” que na tradução fica como “Emquanto em astros arde o céu inteiro”: observa-se a omissão do

⁸⁴ Este trecho refere-se à tradução de 1884. Quando não houver diferença entre as duas traduções e apenas atualização da língua escrita, a tradução referida será a de 1884.

verbo “mirar”, mas isso não prejudica a descrição da natureza, com a qual, já nos versos anteriores, percebe-se o constante diálogo do pastor; o acréscimo da palavra “inteiro” também é de grande valia para a tradução, visto que é a partir dela que se mantém a rima com “luzeiro” (rima rica, adjetivo/substantivo). Nos versos seguintes, “Dico fra me pensando:/A che tante facelle?”, na tradução de 1884 o verbo “pensar” é traduzido por “scismar”. Nesse caso, vemos uma possível interpretação por parte do tradutor, isto é, a de que o verbo “cismar” poderia representar o constante diálogo com a natureza que não sai da cabeça do pastor quando observa aquilo que está ao seu redor. Enquanto isso, na tradução de 1886, a frase inteira é omitida e se passa aos próximos versos.

Em termos de acréscimos, excetuando-se os elementos de coesão, observamos que, em sua maioria, foram feitos por questão do estilo do próprio tradutor, para manutenção da rima ou até mesmo para o enobrecimento do texto traduzido. O primeiro acréscimo está no verso “Di mirar queste valli?”, que é vertido por “De rever-te por valles e quebradas” em que se acrescenta “quebradas”, trazendo ao leitor uma ideia do ambiente físico, cheio de aclives e declives, por onde passa o rebanho e incide a luz do luar, o que contribui para o tom melancólico do canto e justifica o questionamento anterior, no verso “Ancor non prendi a schivo, ancor sei vaga”, traduzido como “Já não te entendias?” (e com a omissão de tradução para “ancor sei vaga”).

O segundo acréscimo está nos versos “Move la greggia oltre pel campo, e vede/Greggi, fontane ed erbe”, traduzidos por “Leva o tardo rebanho, e pelos campos/Só fontes vê e prados e rebanhos”: ao acrescentar o adjetivo “tardo”, Rui Barbosa soma mais movimento à poesia e colabora para a força imagética do canto.

O terceiro acréscimo parece estar relacionado ao ritmo do canto e está nos versos “Varca torrenti e stagni, /Cade, risorge, e più e più s’affretta”: há um andamento de ritmo quebrado no canto de Leopardi, e se comparado à música seria algo como o compasso 5/4. Enquanto isso, Rui Barbosa acrescenta a palavra “vinga” (verbo vingar, no sentido ultrapassar (espaço, distância); vencer, transpor) no verso para criar um padrão rítmico semelhante ao compasso $\frac{3}{4}$ e assim traduz o trecho: “Transpõe torrentes, vinga tremedaes, /Cáe, resurge, e se esfalfa mais e mais”. Contudo, para manter esse ritmo, a expressão “mais e mais” não entraria dentro do verso, mas teria a função de uma espécie de “eco” dos dois tempos finais.

No quarto acréscimo, há uma função de hipertextualidade dentro do próprio canto, do qual Rui Barbosa antecipa os versos finais; esse

exemplo está no verso “Il verno co’ suoi ghiacci”, que é traduzido por “A gelidez do inverno a nós funesta.” O acréscimo de “a nós funesta”, parece antecipar os últimos versos do canto: “E’ funesto a chi nasce il di natale”.

Há ainda outros acréscimos que parecem apresentar um juízo de valor do tradutor, enobrecendo a tradução, como exemplificado nos seguintes versos: “Che son celate al semplice pastore” e “Così meco ragiono: e della stanza/Smisurata e superba”. No primeiro verso, o tradutor acrescenta o adjetivo “divinas” de modo a elevar o registro do canto: “Veladas ao pastor como divinas.” Enquanto isso, no segundo verso, há o acréscimo da expressão “Do universo magnífico”, o que deixa mais claro ao leitor o que Leopardi está comentando. Assim, os versos, na tradução de 1884, são traduzidos como “Penso, penso; e da estancia immensuravel/Do universo magnifico”. Na tradução de 1886, há uma pequena mudança, já que Rui Barbosa parece se aproximar mais do texto fonte, com o seguinte verso: “Penso, penso: e da estância imensurável, /Soberba, do universo”. Existem outros acréscimos, mas não serão comentados aqui.

Em prol do estilo e da interpretação do texto, o tradutor parece não se preocupar em manter uma padronização das palavras na hora de traduzir. Alguns exemplos nesse sentido são as palavras “felice”, “greggia” e o verbo “sapere” que respectivamente são traduzidos por “venturoso/feliz”, “rebanho/ovelhas” e “sempre/descobre/sondas”.

Outra característica dessas duas traduções é que o autor inverte a ordem das frases dos versos do canto para que a tradução ou esteja na ordem “padrão” do português (sujeito, verbo e objeto) ou para que se mantenha a rima. Além disso, em várias partes da tradução, Rui Barbosa parece recriar o poema de Leopardi quase como uma transcrição.

Conforme comentamos anteriormente, o tradutor parece dar grande importância aos elementos de estilística como as rimas e o ritmo e em alguns momentos parece elevar o registro, embelezando a tradução.

Após essa análise, mostramos outro tipo de tradução, aquela em que Carlos Magalhães Azeredo se inspira no poema “All’Italia” de Leopardi para construir um poema semelhante, mas com temática diversa e que, ao mesmo tempo, dialoga com o texto fonte. Azeredo, por sua forte ligação com a Itália, escreve a poesia “A Itália em luto pela Calabria e Sicília” que desapareceu em nossa língua, mas foi traduzida por Carlos Parlagreco como “All’Italia, nel lutto della Calabria e della Sicilia”.

Essa tradução do poema de Azeredo por Parlagreco está presente dentro de uma crônica intitulada “Il popolo Romano” em homenagem a Joaquim Nabuco, de autor desconhecido e publicada na coluna “Palestra Literária” do jornal *O Correio dos Púrus*, em 15 de maio de 1910, escrita em italiano e traduzida para o português por Angelo de Gubernatis. Nessa crônica relata-se que o Brasil estava em luto pela morte de Joaquim Nabuco, assim como a Itália. Para o autor desconhecido da crônica, Azeredo é o autor que melhor representa a alma latina na Itália. Entre as suas várias obras que mostram a relação do Brasil com a Itália está o livro *Homens e Livros* que contém um ensaio sobre Giacomo Leopardi, além dos seus artigos nos jornais do *Commercio* e na *Revista Brasileira*.

Nessa crônica, destaca-se ainda o fato de que Azeredo, como discípulo de Nabuco, era um grande esteta que cantou as belezas e as tristezas da Itália. Durante o seu período de diplomata quando estava na Grécia soube que, no fim de 1908, ocorreu um terremoto em Messina que dizimou metade da população e um terço da população de Reggio.

Apesar de a poesia de Azeredo remeter ao canto leopardiano, parece ir em direção oposta no que tange ao conteúdo: enquanto uma fala de uma Itália que já foi gloriosa e decaiu, a outra fala de uma Itália que é gloriosa e que, apesar dos desafios, não cai. Porém, algumas partes parecem responder aos questionamentos feitos por Leopardi em “All’Italia”, como podemos ver na transcrição das poesias abaixo. Em amarelo estão marcados os diálogos entre as duas poesias e em azul a personificação da Itália:

All’Italia (Leopardi)	All’Italia, nel lutto della Calabria e della Sicilia (Parlagreco)	À Itália, pelo luto da Calábria e da Sicília. (Tradução Nossa)
O patria mia, vedo le mura e gli archi E le colonne e i simulacri e l’erme Torri degli avi nostri, Ma la gloria non vedo, Non vedo il lauro e il ferro ond’eran carchi I nostri padri antichi.	Degna ti sa il poeta ospite tuo Che, nel tuo lutto, a te inalza quest’ inno. Non figlio tuo, ma cittandin di quella Occidental Repubblica latina,	Digna te sabe o poeta, hóspede teu Pois, no teu luto, a ti eleva neste hino. Não filho teu, mas cidadão daquela Occidental República

Or fatta inerme,
Nuda la fronte e nudo
il petto mostri.

Oimè quante ferite,
Che lividor, che
sangue! oh qual ti
veggio,

Formosissima donna!

Io chiedo al cielo
E al mondo: dite dite;
Chi la ridusse a tale?

E questo è peggio,
Che di catene ha
carche ambe le
braccia;

Sì che sparte le
chiome e senza velo
Siede in terra negletta
e sconsolata,

Nascondendo la faccia
Tra le ginocchia, e
piange.

Piangi, che ben hai
dove, Italia mia,

Le genti a vincer nata
E nella fausta sorte e
nella ria.

Se fosser gli occhi tuoi
due fonti vive,
Mai non potrebbe il
pianto

Adeguarsi al tuo
danno ed allo scorno;
Che fosti donna, or sei
povera ancella.

Chi di te parla o
scrive,

Che, rimembrando il
tuo passato vanto,

Che di là
dell'Atlantico
perpetua
I fasti de la stirpe dei
Lusiadi

E nell'integro petto
un portentoso
Lume alimenta che
fasci de luce

Proietterà sopra la
terra intera.

Lá i tuoi, coi nostri
fecondian de Zolle
Vergine, e due
formose lingue
insieme

Nelle città, nelle
foreste suonano,
E due genti latine
fraternizzano,
Guarda la forte e
generosa scuola
Di libertà, de pace e
di giustizia,
Che, con leggi e
costumi, in cui le
flamme

Vibran di un vasto
sentimento umano
Edificando andiam
nel primitivo
Suolo, ove lotte di
razze e di caste
E di credenze ignote
sono, e dove
Ogni diritto il ben de
tutti alberga
E non solo por noi!
Forza e fortuna
Ci assistano

latina,
Que do outro lado do
Atlântico perpetua
As glórias dos
antepassados dos
Lusiadas
E, no íntegro peito
um portentoso
Lume alimenta
feixes de luz que
Projetará sobre a
terra inteira.

Lá os teus, com os
nossos fecundam das
Terras a

Virgem, e duas
formosas línguas
juntas

Nas cidades, nas
florestas soam,
E dois povos latinos
fraternizam-se,
Ela protege a forte e
generosa escola
De liberdade, de paz
e de justiça,

Que, com leis e
costumes, nos quais
as flamas
vibram de um vasto
sentimento humano,
edificando vamos no
primitivo
solo, onde lutas de
raças e de castas
E de crenças ignotas
existem, e onde
Cada direito ao bem
de todos alberga
E não apenas por

<p>Non dica: già fu grande, or non è quella? Perchè, perchè? dov'è la forza antica, Dove l'armi e il valore e la costanza? Chi ti discinse il brando? Chi ti tradì? qual arte o qual fatica O qual tanta possanza Valse a spogliarti il manto e l'auree bende? Come cadesti o quando Da tanta altezza in così basso loco? Nessun pugna per te? non ti difende Nessun de' tuoi? L'armi, qua l'armi: io solo Combatterò, procomberò sol io. Dammi, o ciel, che sia foco Agl'italici petti il sangue mio. [....] Fosse del sangue mio quest'alma terra. Che se il fato è diverso, e non consente Ch'io per la Grecia i moribondi lumi Chiuda prostrato in guerra,</p>	<p>propizie, e il nostro sogne. Qual patrimonio universal risplenda! Tu, che tanto insegnasti e sempre insegni! O Maestra immortal, tu che il primiero Panteon a tutti gli orizzonti apristi, Propaga tu, fra i rinnovati popoli D'Europa, il nostro alto ideal, che è tuo, E ultimo frutto d'albero gigante, L'apice tien dell'anima latina Messagera d'amor, la tua parola Porgi alle genti; un[i]scile nel tuo Bacio! Ed ancora il nome tuo nei secoli, Sia Benedetto Italia!Italia!Italia!</p>	<p>nós! Força e fortuna Nos auxiliem propícias e o nosso sonho Qual patrimonio universal resplenda! Tu, que tanto ensinaste e sempre ensinas! O Mestra imortal, tu que o primeiro Panteão a todos os horizontes abriste, Propaga tu, entre os renovados povos Da Europa, o nosso alto ideal, que é teu, E último fruto da árvore gigante. O ápice manténs da alma latina Mensageira do amor, a tua palavra Proferes aos povos, tu os unes-lo teu Beijo! E ainda o nome teu nos séculos, Seja Bendito Itália! Itália! Itália</p>
---	--	--

Così la vereconda Fama del vostro vate appo i futuri Possa, volendo i numi, Tanto durar quanto la vostra duri. (LEOPARDI, 1974, p. 1-4)		
--	--	--

Quadro 5: Canto “All’Italia” de Leopardi. Tradução cultural de Parlagrecco do canto “All’Italia nel lutto dela Calabrea e Sicilia” escrita por Carlos Magalhães de Azeredo e reconstituição do texto em português pela autora da dissertação. **Fonte:** A autora.

Um dos primeiros pontos a se comparar entre o poema leopardiano e a poesia de Azeredo é que ambos apresentam uma Itália personificada. Ambos mostram a Itália como uma “donna”, que em Leopardi aparece: “Nuda la fronte e nudo il petto mostri” e em Azeredo aparece como um “integro petto [che] un portentoso/Lume alimenta”. A “Formosissima donna” de Leopardi transforma-se em “due formose lingue insieme [che] nelle città, nelle foreste suonano”. Leopardi então questiona-se “Chi di te parla o scrive,/Che, rimembrando il tuo passato vanto,/ Non dica: già fu grande, or non è quella?” Azeredo então responde: “Degna ti sa il poeta ospite tuo/Che, nel tuo lutto, a te inalza quest’inno/Non figlio tuo, ma cittadin di quella/Occidental Repubblica latina,”. Ele, como cidadão da ocidental república latina, ergue o hino à Itália e confirma em parte a inquietação de Leopardi nos seguintes versos: “Nessun pugna per te? /non ti difende/ Nessun de’ tuoi?”. Nos últimos versos de “All’Italia”, Leopardi exclama duas vezes “Beatissimi Voi”. Azeredo utiliza o mesmo recurso para concluir a sua poesia ao exclamar: “[...]Ed ancora il/ nome tuo nei secoli, /Sia Benedetto/ Italia! Italia! Italia!” O autor conclui a crônica dizendo que Azeredo exprimiu o sentimento da sua alma em um canto, quando a Itália foi atingida por uma catástrofe, de modo a cantar a Itália viva, Itália que ficará para sempre em sua memória e da qual agora se despede para ir para Atenas.

3.2 PROSA

Dando continuidade à nossa busca por vestígios da tradução de obras de Leopardi na imprensa brasileira, destacamos dois jornais publicados entre 1908 e 1909, os quais nos fornecem pistas de uma tradução francesa anotada e comentada por Victor Orban. A primeira pista encontra-se no *Jornal de Recife*, publicado em 15 de dezembro de 1908, um texto com o título “Um Pernambucano ilustre” e assinado por A de C. Trata-se de uma indicação de um folheto biográfico de Manoel de Oliveira Lima que foi produzido por Victor Orban, tradutor de Leopardi. Esse folheto representa um retrato moral do pernambucano feito por Victor.

A segunda pista é uma reportagem datada de 03 de junho de 1909, no *Jornal do Recife*, e intitulada “O poeta do pessimismo: Giacomo Leopardi” e assinada por Alfredo de Carvalho. Nesse texto, há grande destaque à dor e ao existencialismo presentes nas obras de Leopardi e às ressonâncias desses elementos na obra de Magalhães de Azeredo. Aparece ainda no texto uma biografia de Giacomo Leopardi, dando destaque à sua infelicidade causada pela forma como foi criado pela família e por seu constante estudo. Assim, Leopardi torna-se, segundo Carvalho, pessimista: “É evidente que um homem assim organizado não podia deixar de vir a ser um pessimista, depois de atravessar e abandonar sucessivamente as três fases intellectuales [...]” (1909, p. 1).

Depois desses dados biográficos sobre Leopardi, o autor relata algumas características da sua obra poética, como a obscuridade e as imagens enriquecedoras e ainda trata da recepção das diversas traduções das obras leopordianas em diferentes línguas, sendo um dos exemplos a tradução de Victor Orban. Alfredo de Carvalho diz que:

A sua tradução [de Victor Orban] de Leopardi é uma prova, o que lhe é permitido reproduzir com equivalência perfeita o pensamento do mais ilustre e mais sincero poeta do pessimismo (1909, p. 1).

O texto finaliza com uma defesa dos tradutores perante os estetas que tentam amesquinhar o seu labor através do dito italiano “Traduttore/Traditore” (1909, p. 1).

Com essas duas pistas sobre uma tradução leopardiana realizada por Victor Orban, chegamos à tradução citada através de uma busca⁸⁵ realizada pelos moldes do paradigma indiciário. Na tradução francesa, possivelmente publicada em 1910 (editor Louis-Michaud, Paris), encontra-se a dedicatória ao “Ilustre Pernambucano” Oliveira Lima citada no primeiro artigo, seguida dos cantos e opúsculos morais traduzidos em francês.

⁸⁵ Primeiramente tentei encontrar quem era o tradutor Victor Orban, porém as buscas me retornavam ao político húngaro Viktor Orban. Sem resultados, tentei uma busca por aproximação do nome do tradutor com a data em que os artigos foram publicados, conforme o exemplo “Victor Orban 1909”; porém, novamente as buscas não me mostravam nenhuma relação do nome com Leopardi, mas, através dessa pesquisa, encontrei uma página (<https://www.google.com/url?q=http://www.worldcat.org/title/poemes-complets-scenes-de-politian-le-principe-poetique-marginalia/oclc/457934481&sa=D&ust=1485438579340000&usg=AFQjCNEY3z8-he6NWwaSyPV7bxvSrcjupA>) do World Cat que me redirecionava a Victor Orban como tradutor de Edgar Allan Poe. A partir dessa página, pude ter acesso também a um perfil de obras que Orban publicou e traduziu, o que mostra que era um brasilianista que contava com estudos sobre Machado de Assis e a literatura brasileira em geral, além de confirmar os anos de seu nascimento e de sua morte (1868-1946). Com esses dados, fiz uma terceira pesquisa aproximando a data de nascimento e morte de Orban com o nome de Leopardi, e então novamente fui redirecionada para uma página do World Cat (<http://www.worldcat.org/title/leopardi/oclc/904034524>), que, desta vez, indicava uma tradução (<https://archive.org/details/lopardi00leop>) francesa, onde se encontrava a dedicatória.

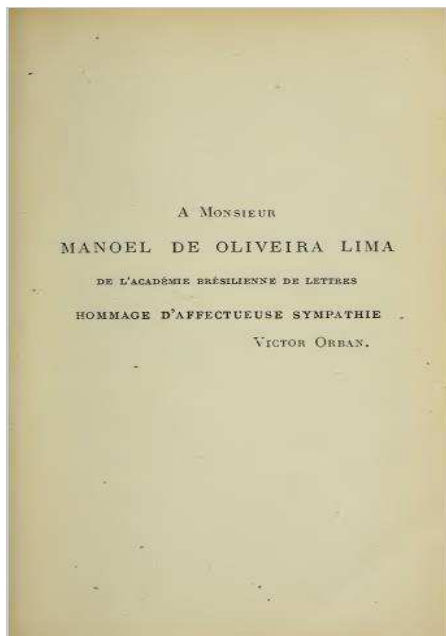


Figura 26: Folha de rosto com dedicatória a Manoel de Oliveira Lima na edição das obras de Leopardi traduzidas em francês por Victor Orban.

Fonte: Collection university of Ottawa, Toronto ⁸⁶.

No acervo da Casa Fernando Pessoa, encontramos uma edição com data de 1909 da mesma tradução que contava com a homenagem a Oliveira Lima. Porém, essa edição possuía capa diferente, mais ornamentada como a figura a seguir:

⁸⁶Disponível em: <https://archive.org/details/lopardi00leop> acesso em: 22/07/2016.

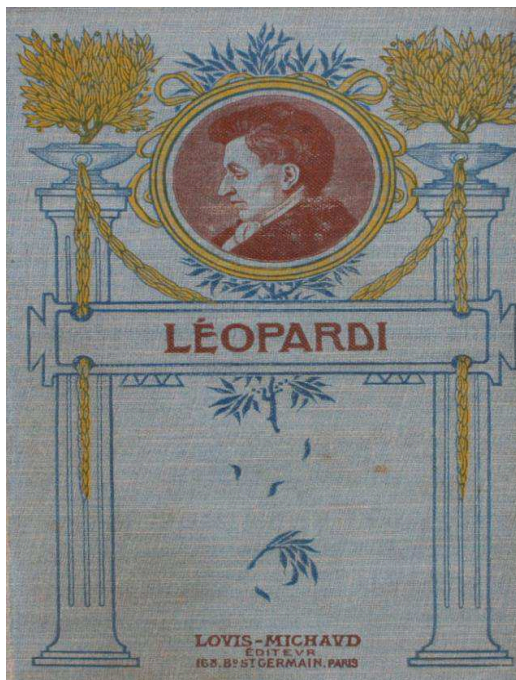


Figura 27: Capa da edição de tradução das obras de Leopardi em Francês por Victor Orban. **Fonte:** Biblioteca Digital Fernando Pessoa.⁸⁷

Essa tradução é composta de uma parte introdutória sobre a vida e a obra de Leopardi e traz uma bibliografia e algumas traduções para o francês. A segunda parte possui uma dedicatória a Manuel Oliveira de Lima, nota do tradutor e os cantos traduzidos para o francês. Na terceira e última parte são apresentados alguns dos *Opúsculos Morais* como o “Diálogo de um vendedor de almanaques e um passante”, “Diálogo da natureza e um Islandês”, “Elogio dos pássaros”, “Dialogo de Malambruno e Farfarello”, “Diálogo da natureza e de uma alma”, alguns pensamentos sem título e o índice ao final.

Através desse percurso, podemos mostrar como as pistas e indícios que são ferramentas fundamentais do paradigma indiciário nos auxiliam a encontrar traduções que, incorporadas à história da tradução, poderão futuramente ser analisadas.

⁸⁷Disponível em: <http://casafernandopessoa.em-lisboa.pt/bdindex/index/index.htm> acesso em: 22/07/2016.

Dito isso, passamos agora à tradução dos *Pensieri/Pensamentos* de Leopardi, que são pensamentos elaborados em forma de aforismos/máximas, como explicita Mucci:

Verdadeiro gênero literário, intimamente aparentado ao campo semântico da máxima, do axioma, do adágio, do anexim, do epifonema, do refrão, do epigrama, do prolóquio, do provérbio, do dizer, do dito, do ditado, do apotegma e da sentença, tendo adquirido direito de cidadania científica, literária e filosófica a partir dos escritos de Hipócrates, o aforismo, que se caracteriza pela concisão e fulguração do pensamento, tem sua pujança com o *Aufklärung*, quando, na literatura alemã, se colocam em questão as certezas mais radicalmente estabelecidas. (2007, p. 7).

Outra característica é a forma fragmentária, a qual segundo Ungaretti, pela voz de Haroldo de Campos, seria a “[...] única forma possível de poesia no universo fraturado em que vivemos” (1969, p. 87). Essa poética do fragmento, segundo Haroldo de Campos pode-se perceber na:

[...] teoria da brevidade exposta por Leopardi em suas reflexões estéticas [...] [possui um] aspecto fragmentário [...] segundo a ordem não cronológica, mas ideal, que deu à coletânea de seus poemas publicada postumamente em 1845 aos cuidados de A. Ranieri (1969, p. 87).

Os *Pensieri* são 111 aforismas de extensão variada que abordam reflexões sobre diversos assuntos como sociedade, tédio, a ilusão e natureza, escritos provavelmente entre 1835 e 1838. Expostas essas características dos *Pensieri*, podemos avaliar como alguns deles foram traduzidos na imprensa brasileira e porque eles foram selecionados.

A primeira tradução encontrada de um dos “Pensamentos” leopardianos está na revista *Careta* e foi publicada no dia 20 de dezembro de 1913. Trata-se da tradução do início do “Pensamento XCIX”: “Uma pessoa só é ridícula quando quer parecer ou ser aquilo que não é”.

Outra tradução dessa parte dos “Pensamentos” encontra-se na revista *Fon-Fon*, de 25 de dezembro de 1914. O destaque principal da

página são as fotos da guerra da Turquia, enquanto no rodapé encontra-se a tradução do pensamento CII, que diz: “Os tempos da infância ficam na memória de cada um como os tempos fabulosos da sua vida, da mesma forma que na memória das nações, os tempos fabulosos da sua infância.”.

Na revista *Fon-Fon*, de 09 de janeiro de 1915, aparece a tradução do pensamento CX, em meio a notas diplomáticas (com o retrato de Pedro de Toledo enviado à Itália como representante do governo brasileiro), uma pequena história de Roselys e um perfil de um “chiromante” que fará previsões para a Guerra.

Pensiero CX	Pensamento CX
È curioso a vedere che quasi tutti gli uomini che vagliono molto, hanno le maniere semplici; e che quasi sempre le maniere semplici sono prese per indizio di poco valore.	E’Curioso constatar que quasi todos os homens de valor têm maneiras simples, e que, entretanto, as maneiras simples, são sempre tomadas por uma demonstração de pouco valor.

Quadro 6: Pensiero CX de Leopardi e Tradução Pensamento CX publicada na revista *Fon Fon* em 09 de janeiro de 1915. **Fonte:** A autora.

Na revista *Careta*, de 09 de agosto de 1919, há um trecho do Pensamento I. A tradução se apresenta como um aforismo isolado dentro da revista, o pensamento encontra-se entre uma piada com caricatura e fotos do incêndio da estação de Olaria. Sendo assim, parece que a revista publicou a frase mais pelo seu caráter “impactante” e pelo *status* canônico do autor sem, ao menos, analisar ou explicar o motivo dessa tradução ter sido ali publicada.

Pensiero I	Pensamento I
Anche sogliono essere odiatissimi i buoni e i generosi perché ordinariamente sono sinceri, e chiamano le cose coi loro nomi.	Os bons e os generosos costumam ser odiadissimos, porque ordinariamente são sinceros, e chamam as cousas pelos seus nomes próprios.

Quadro 7: Pensiero I de Leopardi e Tradução Pensamento I publicada na revista *Careta* em 09 de agosto de 1919. **Fonte:** A autora.



Figura 28: Tradução do Pensamento I publicado na revista *Caretta* de 09 de agosto de 1919. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁸⁸

Mesmo que a tradução de 1919 esteja em uma revista que faz uso do humor, os tradutores tendem a não interpretar o texto ou não deixar em suas traduções algum elemento que denote ser “infel” ao texto de Leopardi, visto que, na época, a obra do escritor italiano parecia gozar de um caráter canônico.

⁸⁸ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/21898> acesso em: 22/02/2017

Outro aspecto importante a se colocar é o motivo pelos qual esses pensamentos foram traduzidos. Uma das hipóteses que podemos levantar é a forma como a crítica literária interpretava Leopardi. Conforme mostramos no “Capítulo II”, há na imprensa brasileira um predomínio da divulgação de aspectos do caráter filosófico da obra de Leopardi, representado principalmente pelo pessimismo, por isso, não é de se estranhar que alguns dos pensamentos tenham sido traduzidos, visto que, a partir deles, vários outros temas da filosofia se sobressaem, conforme refletiremos a seguir.

No Pensamento I, Leopardi coloca o ódio que as outras pessoas sentem por aqueles que são sinceros e chamam as coisas pelo nome. Neste pequeno fragmento, temos a dimensão de quanto os “nomes das coisas” possuem ligação direta com a realidade, a qual faz com que as pessoas não a denominem, pois, ao denominá-la, estariam elas diante da própria realidade ou da essência que determinado “nome” possui da representação de uma realidade.

O objetivo aqui não é propor uma discussão filosófica para tentar compreender o que Leopardi quis dizer neste fragmento, mas, sim, demonstrar em um nível inicial aquilo que poderia se extrair de um texto traduzido para uma futura discussão filosófica na crítica literária publicada na imprensa brasileira.

Novamente na revista *Careta*, em 23 de agosto de 1919, temos uma tradução de Leopardi, desta vez trata-se do pensamento XXXVII:

Pensiero XXXVII	Pensamento XXXVII
Nessuna qualità umana è più intollerabile nella vita ordinaria, né in fatti tollerata meno, che l'intolleranza.	Nenhuma qualidade humana é mais intolerável na vida ordinária, e de fato menos tolerada, do que a intolerância.

Quadro 8: Pensieri XXXVII de Leopardi e Tradução Pensamento XXXVII publicada na revista *Careta* em 23 de agosto de 1919. **Fonte:** A autora.

A tradução está na página que explica a origem da expressão “succo” e que contém pequenas frases, além da propaganda de um creme para a pele. Esse mesmo pensamento foi traduzido no jornal *Para Todos*, no mesmo ano, da seguinte forma: “A gente boa e generosa tem

o condão de ser odiada porque é ordinariamente sincera e dá às cousas o seu verdadeiro nome”.

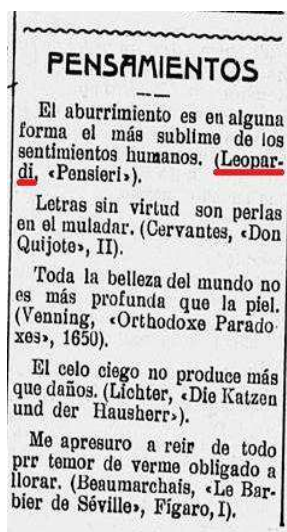
Ainda na revista *Careta*, de 13 de setembro de 1919, temos a tradução do pensamento CV:

Pensiero CV ⁸⁹	Pensamento CV
L'astuzia, la quale appartiene all'ingegno, è usata moltissime volte per supplire la scarsità di esso ingegno, e per vincere maggior copia del medesimo in altri.	A astúcia é usada muitas vezes para suprir a escassez de engenho, e para vencer maior copia do mesmo em outrem.

Quadro 9: Pensieri CV de Leopardi e Tradução Pensamento CV publicada na revista *Careta* de 13 de setembro de 1919. **Fonte:** A autora.

A tradução encontra-se junto a trovas e fotos da comemoração da Independência pela Liga da Defesa Nacional.

Em 08 de outubro de 1922, no jornal *Diario Español*, escrito em espanhol e publicado no Brasil, encontramos a tradução de um dos pensamentos de Leopardi, conforme podemos ver na imagem a seguir:



⁸⁹ Disponível em: <http://www.leopardi.it/pensieri.php>. Acesso em: 22/04/2016.

Figura 29: Tradução do *Pensiero* LXVIII de Leopardi em espanhol publicado no jornal *Diario Español*. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁹⁰

Trata-se aqui da tradução do Pensamento LXVIII. Assim como no pensamento I, esse aforismo também propicia vários debates no âmbito da filosofia. O elemento central deste pensamento é a “noia”, palavra que adquire *status* de conceito dentro da obra leopordiana, por isso sua tradução pode gerar alguns obstáculos para o tradutor. Inicialmente, no nível lexical, *Noia* poderia ser traduzido por “tédio” ou *aburrimiento* em espanhol.

Parece que a tradução presente no jornal espanhol considera essa complexidade, visto que uma das possibilidades para a tradução em espanhol seria *tedio*, porém, houve a preferência do tradutor pela palavra *aburrimiento*.

Outro pensamento a ser traduzido pela revista *Fon-Fon*, em 13 de julho de 1929, é o *Pensiero* XLV, o qual é traduzido em uma pequena coluna intitulada “Gottas Espirituaes”, conforme podemos ver abaixo:



Figura 30: Coluna “Gotas Espirituaes”, tradução do Pensamento XLV publicada na revista *Fon-Fon* em 13 de julho de 1929. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁹¹

⁹⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217867/7146> acesso em: 20/07/2017.

Além dos *Pensieri*, temos também a presença de tradução das *Operette Morali*. Uma das “operette” mais traduzidas nos periódicos é o “Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero”, publicada geralmente em datas próximas ao ano-novo ou até mesmo posteriores. Os jornais e colunas literárias publicavam esse diálogo a fim de mostrar que, por vezes, a sociedade se ilude com a renovação da esperança a cada ano, pois o conceito-chave do diálogo parece ser “ilusão”. Para Leopardi, na vida há uma incessante busca por um prazer que jamais será alcançado. Pode haver um pequeno momento de prazer, mas ao passar este momento é que o ser humano é acometido pela *noia*. Por isso, há uma falsa sensação de prazer, ou seja, uma “ilusão” na vida humana.

Uma das traduções desse diálogo encontra-se no jornal *Correio Paulistano*, e foi publicada em 04 de janeiro de 1910. O tradutor assina apenas com as iniciais J.C. Antes de apresentar a tradução, o jornalista deseja boas festas aos leitores. Apresenta então um miniprefácio, no qual discute alguns elementos da vida cotidiana que se relacionariam com o diálogo. Inicia com a função da esperança dentro do diálogo e na perspectiva da vida humana. J.C aborda ainda, de modo indireto, a questão de colocarem o ano-novo como bom, mas e o ano velho? Por isso foi ler Leopardi e o “Diálogo de um transeunte e um vendedor de Almanachs”. Então, ele apresenta o diálogo traduzido aos leitores dos jornais:

Dialogo di un Venditore d'Almanacchi e di un Passeggere	Diálogo do Transeunte e do Vendedor de Almanachs
<p>Venditore. Almanacchi, almanacchi nuovi; lunari nuovi. Bisognano, signore, almanacchi?</p> <p>Passeggere. Almanacchi per l'anno nuovo?</p> <p>Venditore. Si signore.</p> <p>Passeggere. Credete che sarà felice quest'anno nuovo?</p> <p>Venditore. Oh illustrissimo si, certo.</p>	<p>-Almanachs!Almanachs novos, calendarios novos! Quereis almanachs, senhor?</p> <p>-São almanachs para o próximo anno?</p> <p>-Sim, meu senhor.</p> <p>-Acreditas que o próximo anno será bom?</p> <p>-Certamente, excellencia.</p>

⁹¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/69701> acesso em: 13/03/2017

Passeggere. Come quest'anno passato?

Venditore. Più più assai.

Passeggere. Come quello di là?

Venditore. Più più, illustrissimo.

Passeggere. Ma come qual altro?

Non vi piacerebb'egli che l'anno nuovo fosse come qualcuno di questi anni ultimi?

Venditore. Signor no, non mi piacerebbe.

Passeggere. Quanti anni nuovi sono passati da che voi vendete almanacchi?

Venditore. Saranno vent'anni, illustrissimo.

Passeggere. A quale di cotesti vent'anni vorreste che somigliasse l'anno venturo?

Venditore. Io? non saprei.

Passeggere. Non vi ricordate di nessun anno in particolare, che vi paresse felice?

Venditore. No in verità, illustrissimo.

Passeggere. E pure la vita è una cosa bella. Non è vero?

Venditore. Cotesto si sa.

Passeggere. Non tornereste voi a vivere cotesti vent'anni, e anche tutto il tempo passato, cominciando da che nasceste?

Venditore. Eh, caro signore, piacesse a Dio che si potesse.

Passeggere. Ma se aveste a rifare la vita che avete fatta né più né meno, con tutti i piaceri e i dispiaceri che avete passati?

Venditore. Cotesto non vorrei.

Passeggere. Oh che altra vita

-Melhor que o ultimo?

-Muito melhor.

-Melhor que o penultimo?

-Ainda melhor, sem duvida.

-Com qual dos annos

precedentes querias que elle se parecesse?

-Com nenhum, senhor.

-E quantos annos novos têm decorrido desde que começaste a vender almanachs?

-Provavelmente uns vinte, excellencia.

-Não te recordas d'um anno, entre desses vinte, que fosse particularmente propicio?

-Por minha fé que não, excellencia.

-Todavia, a vida é uma bella cousa, não é verdade?

-Sim, decerto, meu senhor.

-Não desejarias recommençar estes vinte annos e até mesmo todo o tempo decorrido desde que nasceste?

-Prouvera a Deus que isso fosse possivel.

-Mas si fosse necessario tornar a passar por todas as peripecias da tua vida, por todos os prazeres e pezares, tornar a viver, enfim, tal qual viveste?

- Então já não queria.

-Preferirias antes recommençar a vida d'um outro; a minha, por exemplo, ou a do rei, ou a de qualquer outra pessoa? Não pensas que eu, o rei, ou

vorreste rifare? la vita ch'ho fatta io, o quella del principe, o di chi altro? O non credete che io, e che il principe, e che chiunque altro, risponderebbe come voi per l'appunto; e che avendo a rifare la stessa vita che avesse fatta, nessuno vorrebbe tornare indietro?

Venditore. Lo credo cotesto.

Passeggere. Né anche voi tornereste indietro con questo patto, non potendo in altro modo?

Venditore. Signor no davvero, non tornerei.

Passeggere. Oh che vita vorreste voi dunque?

Venditore. Vorrei una vita così, come Dio me la mandasse, senz'altri patti.

Passeggere. Una vita a caso, e non saperne altro avanti, come non si sa dell'anno nuovo?

Venditore. Appunto.

Passeggere. Così vorrei ancor io se avessi a rivivere, e così tutti. Ma questo è segno che il caso, fino a tutto quest'anno, ha trattato tutti male. E si vede chiaro che ciascuno è d'opinione che sia stato più o di più peso il male che gli è toccato, che il bene; se a patto di riavere la vita di prima, con tutto il suo bene e il suo male, nessuno vorrebbe rinascere.

Quella vita ch'è una cosa bella, non è la vita che si conosce, ma quella che non si conosce; non la vita passata, ma la futura. Coll'anno nuovo, il caso incomincerà a trattar bene voi e me e tutti gli altri, e si principierà la vita felice. Non è vero?

qualquer outro responderíamos como tu, e que, tendo de recomeçar a vida como ella foi, ninguém a queria?

-Creio bom.

-Assim, não recomeçarias a vida, si ella tivesse de ser a mesma?

-Não, meu senhor, nunca...

-Digo outro tanto, e outros dirão como nós. Assim, confessamos que a sorte nos maltratou a todos até este anno. A cousa é clara, cada qual julga que os males soffridos foram mais numerosos que os bons gosados, visto que ninguém quereria recomeçar a vida com o mesmo lote de felicidade e de amargura. A vida que nós chamamos bella não é aquella que conhecemos, mas aquella que nós não conhecemos...

<p>Venditore. Speriamo.</p> <p>Passeggere. Dunque mostratemi l'almanacco più bello che avete.</p> <p>Venditore. Ecco, illustrissimo. Cotesto vale trenta soldi.</p> <p>Passeggere. Ecco trenta soldi.</p> <p>Venditore. Grazie, illustrissimo: a rivederla. Almanacchi, almanacchi nuovi; lunari nuovi.</p>	
--	--

Quadro 10: “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggere” de Leopardi e a tradução “Diálogo do Transeunte e do vendedor de Almanachs” por J.C, publicada no jornal *Correio Paulistano* em 04 de janeiro de 1910.

Fonte: A autora.

O título do diálogo é traduzido como “Diálogo do transeunte e do vendedor de Almanachs”. Apesar de traduzir grande parte do diálogo, J.C não traduz o texto integralmente, ele interrompe a sua tradução para que possa concluir o texto que iniciou anteriormente e, nessa conclusão, pede aos leitores que meditem sobre o texto de Leopardi. Essa intervenção do tradutor em forma de diálogo com o leitor do jornal nos possibilita pensar algumas questões sobre a tradução. A primeira delas é que, no caso de uma tradução publicada em periódicos, o tradutor lida com a questão do espaço que lhe é fornecido pelos redatores. Apesar de J.C possuir um espaço significativo para apresentar o seu ensaio e a tradução, cerca de 1/3 da primeira página, o tradutor privilegiou apresentar ao leitor brasileiro os aspectos do conteúdo e assim não finalizou a sua tradução. Outra questão importante é a intenção do tradutor de incorporar o conteúdo que ele apresentou aos leitores através da tradução; sendo assim, através do seu pedido de reflexão ao leitor, o ensaio e a tradução de J.C se apresentam quase como uma espécie de “editorial” para o ano-novo.

Para o tradutor, entretanto, a conclusão de Leopardi não serve, pois, segundo J.C, a solução para Leopardi é a morte. Desta forma, o homem não deve se deixar iludir pela filosofia pessimista de Leopardi, que serve apenas para uma reflexão pessoal. J.C alerta então que o mundo nos leva a acreditar na *Infinita vanità del tutto*. Para J.C, o autor italiano, assim como Brutus, amaldiçoa a felicidade fazendo acreditar que o amor é uma ilusão e, no fim tudo isso, desaparece e morre. Nos parágrafos seguintes, J.C coloca Schopenhauer como um dos leitores de Leopardi. Dito isso J.C encerra com os seus votos:

Assim, pois, que o leitor seja feliz no anno bon e continue a sel-o até a... consummação dos séculos. Deixe a triaga amarissima do pessimismo hodierno e se inebrie com o licor dulçoroso dos que acham a terra o melhor dos mundos possíveis (1910, p. 1).

Ainda em relação a esse diálogo, na revista *Fon-Fon*, de 1º de janeiro de 1915, temos outra tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero”, de tradutor desconhecido, como mostramos na foto a seguir:

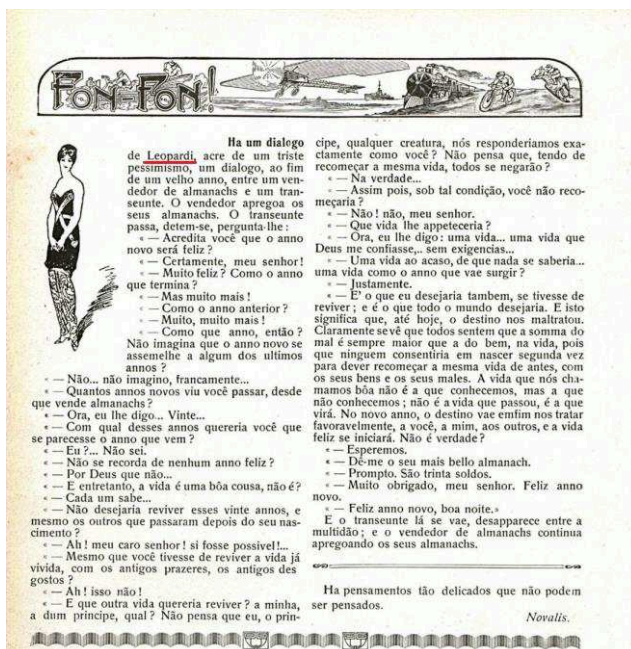


Figura 31: Tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e di un passeggeri” na revista *Fon-Fon* em 1º de janeiro de 1915. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁹²

⁹² Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/20193> acesso em: 25/01/2017.

Antes de começar a tradução, o tradutor faz uma pequena explicação do texto, dizendo tratar-se de um diálogo triste entre o vendedor e uma pessoa. Novamente vemos aqui a intervenção do tradutor, que já expressa sua opinião caracterizando o diálogo como triste. Essas intervenções talvez possam se manifestar justamente pela forma como a tradução é veiculada, ou seja, por serem veículos de informação periódicos e dinâmicos, os jornais e revistas não estabelecem uma preocupação com a fixação do registro escrito, diferentemente de uma tradução que é publicada em livro, e que está vinculada a um projeto e a uma política editorial. Deste modo, podemos dizer que as traduções publicadas em periódicos fornecem um espaço maior para a intervenção dos tradutores dentro da própria tradução, o que talvez não aconteceria se esse mesmo texto fosse publicado em um livro. Uma das possíveis explicações para essa maior liberdade do tradutor na imprensa pode ser a construção da figura do *Transediting* termo cunhado por Karen Stetting em 1989: segundo Doorslaer o *Transediting* consiste em um trabalho de “[...] combinação complexa e integrada de coleta de informações, tradução, seleção, reinterpretação, contextualização e edição” (2010, p. 191).

Diferentemente da primeira tradução, em que J.C decide traduzir as três primeiras falas, o outro tradutor opta por uma tradução mais contínua e, apenas na quarta fala, inicia a estrutura de um diálogo. Algumas escolhas chamam a atenção nessa tradução, sendo a primeira aquela em que o tradutor evita o uso de superlativos, que é uma característica da escrita leopardiana. Isso faz com que o tradutor evidencie a diferença de tratamento entre os dois personagens através do pronome de tratamento “senhor”. Porém, em alguns trechos, o tradutor omite esse pronome. A escolha de traduzir o verbo “piacere” por “imaginar” mostra que o tradutor tinha uma afinidade com o texto leopardiano, visto que o prazer e a imaginação em Leopardi estão intimamente relacionados. Outro ponto é a escolha verbal que o tradutor faz em alguns trechos, sobretudo com o verbo *piacere*, pois, quando aparece no *condicionale presente* em italiano (mais próximo do futuro do pretérito do indicativo em português que, por isso, se mostra bem usado na tradução de outros verbos que estão naquele modo/tempo italiano no diálogo), o tradutor opta pelo presente do indicativo em português, como é possível ver na íntegra abaixo. Uma das justificativas dessa escolha pode ser a de que o tradutor quisesse aproximar o diálogo da época festiva em questão, já que a tradução foi publicada em 1º de janeiro:

<p>Dialogo di un Venditore d'Almanacchi e di un Passeggere</p>	<p>S/ TÍTULO</p>
<p>Venditore. Almanacchi, almanacchi nuovi; lunari nuovi. Bisognano, signore, almanacchi?</p> <p>Passeggere. Almanacchi per l'anno nuovo?</p> <p>Venditore. Sì signore.</p> <p>Passeggere. Credete che sarà felice quest'anno nuovo?</p> <p>Venditore. Oh illustrissimo sì, certo.</p> <p>Passeggere. Come quest'anno passato?</p> <p>Venditore. Più più assai.</p> <p>Passeggere. Come quello di là?</p> <p>Venditore. Più più, illustrissimo.</p> <p>Passeggere. Ma come qual altro?</p> <p>Non vi piacerebb'egli che l'anno nuovo fosse come qualcuno di questi anni ultimi?</p> <p>Venditore. Signor no, non mi piacerebbe.</p> <p>Passeggere. Quanti anni nuovi sono passati da che voi vendete almanacchi?</p> <p>Venditore. Saranno vent'anni, illustrissimo.</p> <p>Passeggere. A quale di cotesti vent'anni vorreste che somigliasse l'anno venturo?</p> <p>Venditore. Io? non saprei.</p> <p>Passeggere. Non vi ricordate di nessun anno in particolare, che vi paresse felice?</p> <p>Venditore. No in verità, illustrissimo.</p> <p>Passeggere. E pure la vita è una</p>	<p>Ha um dialogo de Leopardi, acre de um triste pessimismo, um dialogo, ao fim de um velho anno, entre um vendedor de almanachs e um transeunte. O vendedor apregoa os seus almanachs. O transeunte passa, detem-se, pergunta-lhe:</p> <p><<-Acredita você que o anno novo será feliz?</p> <p><<-Certamente, meu senhor!</p> <p><<-Muito feliz? Como o anno que termina?</p> <p><<-Mas muito mais!</p> <p><<-Como o anno anterior?</p> <p><<-Muito, muito mais!</p> <p><<-Como que anno, então?Não imagina que o anno novo se assemelhe a algum dos ultimos annos?</p> <p><<-Não...não imagino, francamente...</p> <p><<-Quantos annos novos viu você passar, desde que vende almanachs?</p> <p><<-Ora, eu lhe digo...Vinte...</p> <p><<-Com qual desses annos quereria você que se parecesse o anno que vem?</p> <p><<-Eu?...Não sei.</p> <p><<-Não se recorda de nenhum anno feliz?</p> <p><<-Por Deus que não...</p> <p><<-E entretanto, a vida é uma boa cousa, não é?</p> <p><<-Cada um sabe...</p>

cosa bella. Non è vero?

Venditore. Cotesto si sa.

Passeggere. Non tornereste voi a vivere cotesti vent'anni, e anche tutto il tempo passato, cominciando da che nasceste?

Venditore. Eh, caro signore, piacesse a Dio che si potesse.

Passeggere. Ma se aveste a rifare la vita che avete fatta né più né meno, con tutti i piaceri e i dispiaceri che avete passati?

Venditore. Cotesto non vorrei.

Passeggere. Oh che altra vita vorreste rifare? la vita ch'ho fatta io, o quella del principe, o di chi altro? O non credete che io, e che il principe, e che chiunque altro, risponderebbe come voi per l'appunto; e che avendo a rifare la stessa vita che avesse fatta, nessuno vorrebbe tornare indietro?

Venditore. Lo credo cotesto.

Passeggere. Né anche voi tornereste indietro con questo patto, non potendo in altro modo?

Venditore. Signor no davvero, non tornerei.

Passeggere. Oh che vita vorreste voi dunque?

Venditore. Vorrei una vita così, come Dio me la mandasse, senz'altri patti.

Passeggere. Una vita a caso, e non saperne altro avanti, come non si sa dell'anno nuovo?

Venditore. Appunto.

Passeggere. Così vorrei ancor io se avessi a rivivere, e così tutti. Ma questo è segno che il caso, fino a

<<-Não desejaria reviver esses vinte annos, e mesmo os outros que passaram depois do seu nascimento?

<<-Ah! meu caro senhor! si fosse possível!...

<<-Mesmo que você tivesse de reviver a vida já vivida, com os antigos prazeres, os antigos desgosto?

<<-Ah!isso não!

<<-E que outra vida quereria reviver? a minha, a dum principe, qual? Não pensa que eu, o principe, qualquer creatura, nós responderíamos exactamente como você?

<<-Na verdade...

<<-Assim pois, sob tal condição, você não recomçaria?

<<-Ora, eu lhe digo: uma vida...uma vida que Deus me confiasse,...sem exigencias...

<<-Uma vida ao acaso, de que nada se saberia...uma vida como o anno que vae surgir?

<<-Justamente.

<<-E' o que eu desejaria tambem,se tivesse de reviver; e é o que todo o mundo desejaria. E isto significa que, até hoje, o destino nos maltratou. Claramente se vê que todos sentem que a somma do mal é sempre maior que a do bem, na vida, pois que ninguem consentiria em nascer segunda vez para dever recomçar a mesma vida de

<p>tutto quest'anno, ha trattato tutti male. E si vede chiaro che ciascuno è d'opinione che sia stato più o di più peso il male che gli è toccato, che il bene; se a patto di riavere la vita di prima, con tutto il suo bene e il suo male, nessuno vorrebbe rinascere. Quella vita ch'è una cosa bella, non è la vita che si conosce, ma quella che non si conosce; non la vita passata, ma la futura. Coll'anno nuovo, il caso incomincerà a trattar bene voi e me e tutti gli altri, e si principierà la vita felice. Non è vero?</p> <p>Venditore. Speriamo.</p> <p>Passeggere. Dunque mostratemi l'almanacco più bello che avete.</p> <p>Venditore. Ecco, illustrissimo. Cotesto vale trenta soldi.</p> <p>Passeggere. Ecco trenta soldi.</p> <p>Venditore. Grazie, illustrissimo: a rivederla. Almanacchi, almanacchi nuovi; lunari nuovi.</p> <p>(LEOPARDI, 1959, p. 223-224)</p>	<p>antes, com os seus bens e os seus males. A vida que nós chamamos bôa não é a que conhecemos, mas a que não conhecemos; não é a vida que passou, é a que virá. No novo anno, o destino vae enfim nos tratar favoravelmente, a você, a mim, aos outros, e a vida feliz se iniciará. Não é verdade?</p> <p><<-Esperemos.</p> <p><<-Dê-me o seu mais bello almanach.</p> <p><<-Prompto. São trinta soldos.</p> <p><<-Muito obrigado, meu senhor. Feliz anno novo.</p> <p><<-Feliz anno novo, boa noite>></p> <p>E o transeunte lá se vae, desaparece entre a multidão; e o vendedor de almanachs continua apregoando os seus almanachs.</p>
--	--

Quadro 11: “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero” de Leopardi e a tradução sem título e por tradutor desconhecido publicada na revista *Fon-Fon* em 1º de janeiro de 1915. **Fonte:** A autora.

A tradução do diálogo aparece novamente em 06 de janeiro de 1923, no jornal *Para Todos*, sob o título de “Um vendedor de Almanachs e um transeunte”. Apesar de o diálogo ter sido escrito por Leopardi em 1832, o jornal relata que foi composto nas últimas horas de vida do poeta. Outra característica a ser evidenciada é a forma como o tradutor resolveu apresentá-lo. Diferentemente das outras traduções, nesta, o *design* do texto aparece sob o formato de uma “seta” como se pode ver a seguir:

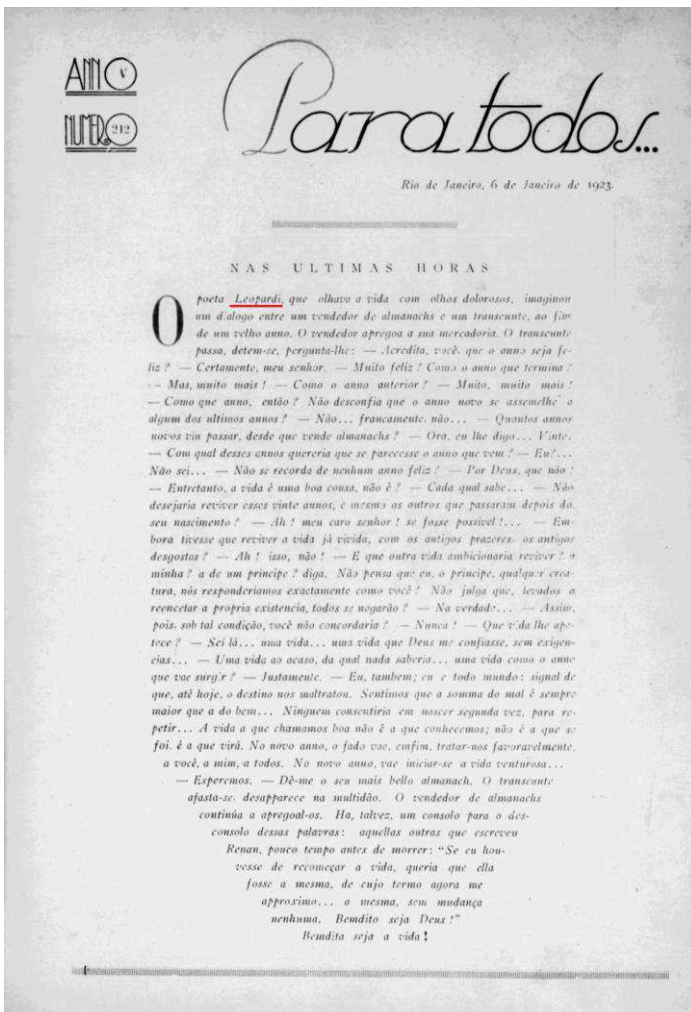


Figura 32: Tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero” publicada na *Revista Para Todos* em 06 de janeiro de 1923. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁹³

A tradução parece ter sido feita de forma sintética. Logo na primeira frase em que o vendedor anuncia os almanques – “**Venditore.**

⁹³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/124451/7846> acesso em 12/04/2017.

Almanacchi, almanacchi nuovi; lunari nuovi. Bisognano, signore, almanacchi?/**Passeggere**. Almanacchi per l'anno nuovo?" (LEOPARDI, 1959, p. 228) _, o tradutor apresenta o diálogo como se fosse uma cena: "O vendedor apregoa a sua mercadoria. O transeunte passa, detem-se, pergunta-lhe;". Outro aspecto importante é que no texto fonte há dois registros para o "passante", o primeiro é "signore" e, o segundo, "illustrissimo", enquanto na tradução esse segundo registro desaparece e apenas o primeiro está presente. Em alguns momentos há, na tradução, elevação do registro como nas frases "Oh che altra vita vorreste rifare?" que é traduzida por "E que outra vida ambicionaria reviver?", e "Oh che vita vorreste voi dunque?" que é traduzida por "Que vida lhe apetece?".

Após esses aspectos verbais da tradução, devemos atentar para o seu aspecto visual que parece estar ligado a uma das inovações da imprensa, o modernismo. A poética modernista ampliou a presença da imagem e materialidade da literatura e nos forneceu outros parâmetros para compreender a produção literária. Podemos dizer que um desses parâmetros é o conceito de palavra-imagem, o qual é definido por Octavio Paz como "[...] toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema" (PAZ, 1996, p. 37). Contudo, vale destacar que a palavra-imagem não se manifesta e nem se compõe apenas de poema, mas também de prosa. Deste modo, o diálogo de Leopardi também pode ser uma palavra-imagem, não apenas pela forma como o diálogo traduzido está representado, mas também pelo seu conteúdo imagético.

Outro ponto importante é que a imagem é veiculada através de um suporte e, quando se trata de imprensa, o suporte exerce uma função de significado, conforme comentado no "Capítulo 1". Criam-se formas que, seja pelo próprio suporte e por sua disposição veiculada no periódico, seja pelo texto e pela imagem e também pela tradução, modificam a leitura. Neste caso, por exemplo, por ser o diálogo veiculado em uma revista, diferentemente das traduções publicadas nos jornais, o seu texto ocupa maior espaço, o que permite que o tradutor brinque com a forma, sintetizando o conteúdo e dando preferência à imagem gerada. Além disso, a imagem veiculada dentro do suporte, conforme aponta Santaella, faz com que haja a "sofisticação crescente dos meios de impressão, especialmente no jornal, ampliando-se nas revistas [...] [isso] produziu uma sensível mudança no corpo da escrita" (SANTAELLA, 1993, p. 49).

Essa sensível mudança no corpo da escrita é que nos permite pensar a palavra-imagem para além da poesia, segundo o próprio Octavio Paz:

Na prosa, a unidade da frase é conseguida através do sentido, que é algo como uma flecha que obriga todas as palavras a apontarem para um mesmo objeto ou para uma mesma direção. Ora, a imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras, sem excluir os significados primários e secundários. (1996, p. 44).

Desse modo, podemos compreender o motivo da escolha do tradutor em apresentar o diálogo de Leopardi como uma flecha apontando para baixo, o que corrobora o significado da mensagem a ser difundida pela *operetta* de Leopardi, ou seja, ela aponta para o mesmo sentido de as ilusões se repetirem a cada ano e do ano-novo se tornar um momento de renovação da esperança. Sendo assim, tanto o formato da tradução quanto o seu conteúdo formam uma nova linguagem, conforme Santaella: “[...] já nos meios gráficos, impressos, também se assistia ao desabrochar de uma nova linguagem híbrida, entretecida nas misturas entre a palavra e a imagem diagramática e fotográfica” (1993, p. 49).

Para encerrar a discussão sobre palavra-imagem, é importante destacar que, além de modificar o ato interpretativo do leitor, a palavra-imagem também atua como tradução, visto que ela se presta ao “[...] serviço de tradução das impressões perceptivas em padrões aos quais são conferidos significados construindo um novo mundo de imagens reconhecíveis.” (SANTAELLA, 1993, p. 40).

No final da apresentação da tradução, o tradutor comenta que há uma espécie de consolo neste diálogo, que estaria fundado nas palavras de Renan, o qual expressa que, se tivesse de recomeçar a vida, faria as mesmas coisas, e termina dizendo “Deus é a vida”. É interessante dizer que o comentário final do tradutor se confunde com a tradução, pois não há uma separação. Apenas se compreende a distinção entre a tradução e as palavras do tradutor pelo contexto.

Outro diálogo traduzido foi o “Dialogo della moda e della morte”, publicado no jornal *A União*, de 25 de abril de 1926. Não há qualquer indício de quem seja o tradutor.

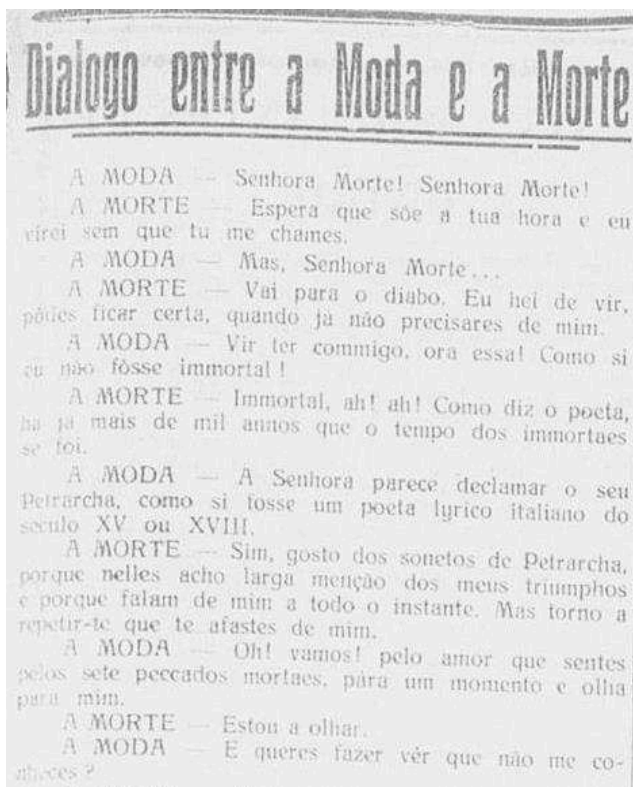


Figura 33: Tradução do “Dialogo della moda e della morte” publicada no jornal *A União*, de 25 de abril de 1926. **Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁹⁴

Nessa tradução que se encontra completa no Anexo, acrescentam-se algumas demarcações que parecem teatralizar o diálogo como, por exemplo, risadas: “A MORTE - Immortal, ah! ah! [...]”. Uma escolha importante do tradutor foi a de verter o “petrarcheggiare” de Leopardi por “[...] declamar o seu Petrarcha”. A Moda, ao indagar à Morte no diálogo “Non mi conosci?”, faz a pergunta de forma direta, enquanto, na tradução, o tradutor parece querer dar certo ar de imposição ao traduzir por “- E queres fazer ver que não me conheces?” ou então em “In conclusione io ti credo che mi sii sorella [...]” por “Palavra de honra que começo a crer que tu és a minha irman”.

⁹⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/799670/7216> acesso em: 12/12/2016.

Se, por um lado, o tradutor toma a liberdade de acrescentar risadas ou personificar mais um personagem, por outro, não quis manter a frase “benché tu vadi a questo effetto per una strada e io per un'altra.” E preferiu traduzir “strada” por “maneira”: “ainda que tu o faças d'uma maneira e eu de outra.” Outra tradução possível da frase seria “Ainda que te vais por uma estrada e eu por outra”. Outro caso é a omissão da expressão “Alla strozza”/na garganta, nesta fala da Morte: “In caso che tu non parli col tuo pensiero o con persona che tu abbi dentro alla strozza, alza più la voce [...] con quella vocina da ragnatelo, io t'intenderò domani,”. O tradutor preferiu “la”: “A menos que tu não estejas a falar la contigo ou com alguma pessoa que tenhas la dentro, peço-te que eleves um pouco a voz [...] com essa voz de aranha, não ouvirei patavina...”.

Parece bem oportuna a tradução da expressão “io t'intenderò domani” por “não ouvi patavina”, sobretudo se nos reportarmos à etimologia da palavra “patavina” (Aurélio: “do latim *patavinus*, *a*, *um*, relativo aos patavinos, habitantes de Patávio (depois Pádua), cidade da Gália cisalpina (Itália), ou o natural dessa cidade”), pois podemos supor que aqui o tradutor valorizou seu ofício que é o de tornar entendível o estrangeiro.

O tradutor parece atenuar alguns trechos como, por exemplo, nesta fala da Moda: “ma tu fino da principio ti gittasti alle persone e al sangue”; ele substitui as palavras “persone” e “sangue” por “os corpos” e “as vidas dos homens”: “mas ao passo que tu, logo desde o principio, dirigiste directamente os teus esforços contra os corpos e a vida dos homens”. Alongando a tradução com “dirigiste directamente os teus esforços contra”, ele dá um peso incisivo à atuação da Morte, tornando mais acusadora a fala da Moda, eliminando assim a pretensa atenuação por não usar, sobretudo, a palavra “sangue”.

Em outros trechos, a tradução parece, de fato, atenuada, como na seguinte fala da Moda: “[...]io mi contento per lo più delle barbe, dei capelli, degli abiti, delle masserizie, dei palazzi e di cose tali.” Ali observamos a palavra “Palazzi” traduzida por “habitações”: “[...] eu cá por mim contento-me com a barba, os cabellos, o vestuário, os moveis, as habitações, e outras coisas assim.”

Em outros trechos, o tradutor parece ampliar o impacto da fala das personagens, por exemplo, quando traduz “la gente” por “a humanidade”, nesta fala da Moda: “[...] non manco di fare parecchi giuochi da paragonare ai tuoi, come [...] storpiare la gente colle calzature snelle[...]”]; o texto da tradução parece passar uma impressão

mais abrangente dos malefícios da Moda quanto ao uso de calçados, pois recaem sobre a humanidade: “[...] me não tenho privado de fazer de vez em quando certas partidas aos homens, que não são inteiramente indignas de soffrerem comparação com as tuas: [...] Estropio a humanidade com calçados mais pequenos que os seus pés [...]”. O mesmo caso quando traduz o verbo “disfare” por “destruição”, nesta fala da Moda: “[...]e so che l’una e l’altra tiriamo parimente a disfare e a rimutare di continuo le cose di quaggiù[...]”, vertida para “[...] e sei que ambas nós nos empregamos continuamente a destruição e na mudança de todas as coisas d’este mundo [...]”.

Como foi possível observar, as traduções permitem uma maior circulação de Leopardi entre os intelectuais e também entre os membros da elite da população que, na época, sabiam ler. Além disso, a tradução aqui contribui para o processo de inserção do autor no sistema cultural, visto que as temáticas e conceitos de sua obra são reapropriados por escritores e também pela crítica literária.

Do exposto até agora neste capítulo, podemos dizer que a tradução da poesia leopordiana ganhou mais destaque na década de 1900, e a da prosa, nas décadas de 1910 e 1920, conforme podemos visualizar na figura abaixo:

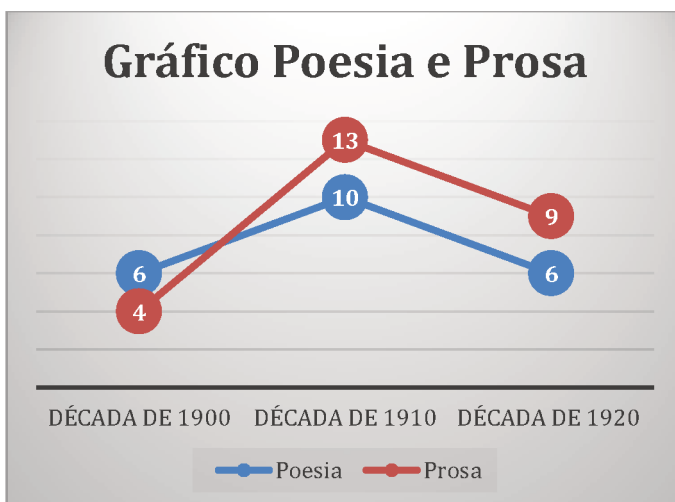


Figura 34: Gráfico poesia e prosa. **Fonte:** A autora.

Além disso, dentro do corpus, individuando apenas as traduções textuais, as porcentagens de poesia e prosa resultaram nos valores de 4% e 5% respectivamente, conforme o gráfico a seguir:

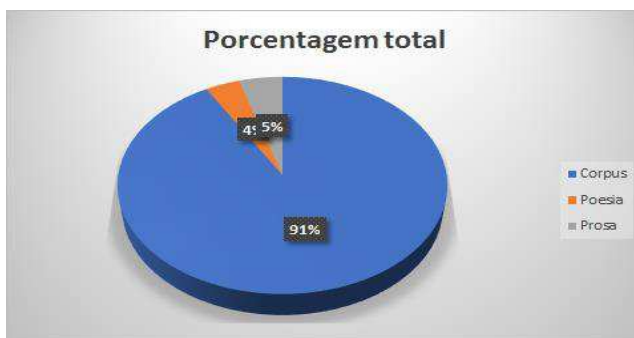


Figura 35: Porcentagem total do corpus. **Fonte:** A autora

Isso se deve principalmente às *Operette Morali* e aos *Pensieri* que foram constantemente traduzidos na imprensa. Diferentemente do século XIX, em que os *Canti* dominavam os argumentos dos críticos e a tradução, no século XX, parece que a prosa leopardiana começa a ganhar mais espaço, e isso se deve, como vimos no capítulo II, a uma ampliação da crítica filosófica. Os *Pensieri* também ganharam espaço no cenário da época. Por seu tamanho reduzido, os aforismos conseguiam se adaptar ao espaço de que a revista ou jornal dispunha.

Resumidamente, destacamos algumas traduções que apareceram no período estudado. A primeira tradução que retomamos é a da poesia “Sonhei” de Batista Franco, publicada no jornal *A Madrugada*, em 13 de fevereiro de 1902. Parece que, nesse texto, o autor consegue conjugar tantas características da tradução no sentido cultural quanto no textual. Na tradução textual, o autor sinaliza os pontos que traduziu através do uso de aspas baixas, mas, ao mesmo tempo, evidencia uma apropriação cultural ao remodelar o título do canto leopardiano e ao compor em sobreposição ao próprio texto de Giacomo Leopardi.

A outra tradução é a do Padre Leonardo Mascello, “La sera del dì di festa”, publicada no *Jornal do Recife*, em dezembro de 1911. É interessante verificar que, em todas as publicações de Mascello sobre Leopardi, o autor/tradutor possuía um espaço significativo dentro do jornal, normalmente na primeira página, no canto esquerdo e disposto em cerca de 2 a 3 colunas em um total de 7. Nesse espaço, além da tradução, Leonardo Mascello conseguia dissertar sobre o conteúdo

leopardiano, mesmo “descaracterizando-o” algumas vezes ao enquadrá-lo em uma perspectiva religiosa. No caso da tradução de “La sera del dì di festa”, além do ensaio, em alguns trechos Mascello fornece a tradução de fragmentos das cartas de Leopardi que justificam o seu argumento.

Nos dois casos acima, podemos verificar a tradução cultural na perspectiva de assimilação e transformação do texto fonte. No primeiro caso, o tradutor se porta como “autor” que continua a dar forma ao texto, enquanto, no segundo, tenta adaptar o texto para que se enquadre na ideologia do leitor.

A terceira tradução que comentamos é a do “Canto Notturmo di un pastore errante dell’Asia”, realizada por Rui Barbosa. As duas versões, tanto a de 1884 quanto a de 1886, republicadas respectivamente no jornal *A Noite*, em 1926, e no jornal *A Política*, em 1918, e suas demais republicações em outros periódicos, nos mostram o elevado *status* que Rui Barbosa possuía como intelectual dentro da imprensa. Além disso, podemos perceber que Rui Barbosa procurava se aperfeiçoar em suas traduções para que pudessem atingir de forma mais próxima possível a apreensão do conteúdo e da forma que Leopardi expressou em sua composição.

Por fim, as duas últimas traduções destacadas aqui são a dos *Pensieri*, nas revistas *Fon-Fon* e *Careta*, e a do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero”, na revista *Para Todos*, publicada em 06 de janeiro de 1923. Essas duas traduções têm em comum a questão da disponibilidade de espaço dentro do periódico e a forma como cada tradutor, mesmo que na maioria dos casos desconhecidos, lidou com esse espaço. No caso dos *Pensieri*, parece que as revistas não tiveram nenhum propósito em publicá-los, e talvez tenham escolhido esses textos por serem pequenos e designarem uma moral, a qual estava relacionada ao projeto civilizatório da época. Além disso, por alguns pensamentos terem um tamanho reduzido, eram colocados em diversas páginas, sem seguir nenhum padrão.

A tradução do “Dialogo di un venditore di Almanacchi e un passeggero”, na revista *Para Todos*, é a representação da palavra-imagem. Nesse caso, há uma maior disposição de espaço para a tradução, o que, além de deixar o texto mais legível, possui um valor estético. O interessante dessas duas traduções é que ambas foram publicadas em revistas, ou seja, pelo “comportamento” jornalístico da época, não teriam que concorrer com questões factuais nos jornais e assim teriam mais espaço disponível.

Contudo, parece que as revistas *Fon-Fon* e *Careta* tinham uma preocupação maior em manter o seu público leitor informado dos

últimos acontecimentos como as guerras em outros lugares do mundo e assim diminuíram o espaço destinado à literatura traduzida, enquanto a revista *Para Todos*, com o intuito de ser mais “enciclopédica” e de concorrer ao mesmo nível com revistas semelhantes, mantém o espaço de literatura traduzida e por vezes até o aumenta.

Existem ainda outras traduções presentes no período, como artigos de crítica literária traduzidos, pequenos fragmentos da própria obra de Leopardi, entre outros. Porém, os casos citados ao longo deste capítulo já nos dão uma ideia de como acontecia a tradução cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou delinear uma história da presença de Giacomo Leopardi no Brasil focada na imprensa dos anos de 1901 a 1930. Esta pesquisa usou jornais e revistas não somente como fontes de estudo, mas também como objetos e lugares de um arquivo de tradução cultural, com o intuito de aplicar o método do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg aos Estudos da Tradução e de apresentar fontes inéditas para pesquisas sobre Leopardi, além de recuperar uma memória literária produzida na imprensa brasileira.

Por meio deste estudo foi possível verificar as diferentes formas de tradução cultural, quer no diálogo de aproximação de Leopardi e outros estudiosos como Hartmann, Heine, Nietzsche, Schopenhauer, quer na tradução textual de algumas obras, quer sobre os diferentes gêneros textuais pelos quais as obras e pensamentos de Leopardi foram traduzidos culturalmente.

No primeiro capítulo, apresentamos um breve panorama da história da imprensa no Brasil, com enfoque na passagem da imprensa artesanal para a industrial. Conforme observamos, no século XIX, a imprensa se atém aos aspectos mais políticos e, no século XX, há um lugar mais específico para os literários, fenômeno que se reflete na forma como Leopardi é apresentado na imprensa brasileira. No século XX, parece haver uma maior abertura à literatura, mesmo que o processo de industrialização tenha tendido a demandar mais factualidade na imprensa.

No segundo capítulo, abordamos os diferentes modos como Leopardi, seu pensamento e a sua obra são traduzidos culturalmente no Brasil, através do que foi veiculado nas críticas e crônicas. Conforme verificamos, há, na crítica literária, uma imbricação entre a crítica literária europeia e a brasileira. Essa imbricação é que constitui de fato o encontro cultural. Além disso, a crítica literária também se constitui como uma forma de tradução quando se apropria do pensamento que foi produzido no sistema de partida e o adapta ao sistema de chegada.

No Capítulo III, mostramos como algumas das traduções da obra de Leopardi aparecem na imprensa brasileira, citando exemplos da poesia e da prosa do escritor italiano com traduções de Rui Barbosa, Júlia Cortines e Leonardo Mascello.

A presença de Giacomo Leopardi na imprensa brasileira é intensa, conforme demonstrado nos Capítulos II e III desta dissertação. Podemos dizer que a presença de Giacomo Leopardi na imprensa contribui para dar:

maior acessibilidade a textos de outras culturas alargando os horizontes dos leitores, [...] e à maneira como a tradução fez algo acontecer, multiplicando o efeito de certos textos importantes à custa de mudar seu significado (BURKE, 2009, p. 45).

No que tange ao levantamento de dados e à sistematização, é importante destacar que esses foram realizados no período de fevereiro de 2016 a março de 2017 e, com as constantes atualizações nos acervos digitais, não se desconsidera o fato de que haja outras ocorrências no mesmo período.

Através desse levantamento, verificamos que a tradução textual de obras de Leopardi ocupa 9% do total de ocorrências: das 547 ocorrências, 48 são de tradução de obras ou partes/fragmentos das obras. Se ampliarmos os nossos horizontes para a tradução cultural, veremos que esse número aumenta consideravelmente por causa da crítica literária, conforme é possível visualizar na figura 36 do apêndice.

Como demonstrado ao longo deste trabalho, algumas interpretações, apropriações e aproximações de Leopardi e outros escritores e obras, abrem um leque para pesquisas futuras.

Em termos de metodologia, podemos dizer que o paradigma indiciário foi muito útil para esta pesquisa, comprovando ser uma metodologia válida para a área de Estudos de Tradução e para a subárea dos Estudos da Recepção em âmbito dos acervos digitais e da cultura impressa, demonstrando que a confluência entre história, tradução, arquivo e tecnologia é muito rica, confirmando a afirmação de Eire: “A tradução é a transmissão da cultura, a penetração de fronteiras, a erosão da complacência, a explosão do localismo. Envolve, [...] acima de tudo, a comunicação.” (EIRE, 2009, p. 111)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

30 DE JANEIRO. **Fon-fon**. Rio de Janeiro, p. 72-72. 02 nov. 1912. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/259063/11817>>. Acesso em: 10 out. 2016.

ALVES, Britto. Reflexões de um suicida: Fragmentos do Livro inédito Os Esmagados. **Jornal do Recife**. Recife, p. 1-1. 16 abr. 1912. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/56981>>. Acesso em: 24 maio 2016.

ALVES, Britto. Vida. **Jornal do Recife**. Recife, p. 1-1. 24 set. 1913. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/59835>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

ALVES, Kaio Cêssar Goulart. **Em Busca das Formas de Consciência: As Lutas Operárias Contra a Carestia no Rio de Janeiro (1912-1918)**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3695/1/DISSERTAÇÃO_BuscaFormasConsciência.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2016

AMADO, Gilberto. A Semana. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 2 out. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/3760>. Acesso em: 9 out. 2016.

AMADO, Gilberto. A Semana. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 4 dez. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/4634>. Acesso em: 13 maio 2016.

A MADRUGADA. **A Madrugada: periodico litterario e recreativo dedicado ao Euterpe Club**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 11 jan. 1902. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/825948/per825948_1902_00001.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p.67-68.

ANDRADE, Débora. A Imprensa como tribuna dos intelectuais no século XIX. In: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna (Org.). **Os Intelectuais e a Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 13-45.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANDRADE, Oswald. Manifesto Pau Brasil. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 2-3. 18 mar. 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/10764370_01/22403>. Acesso em: 12 out. 2016.

A Provincia. **A Provincia: orgao do Partido Liberal**. Recife, p. 1-2. 13 set. 1872. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/128066_01/1>. Acesso em: 23 abr. 2017.

A PROVÍNCIA. **A Provincia: orgao do Partido Liberal**. Recife, p. 1-1. 27 nov. 1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/128066/per128066_1878_01491.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016.

ARANHA, Graça. Epigrammas Ironicos e Sentimentaes de Ronald de Carvalho. **Para Todos**. Rio de Janeiro, p. 18-18. set. 1922. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/124451/7097>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

ARARIPE JÚNIOR; Sílvia Romero: Polemista. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro, p. 355-370. nov. 1900. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/139955/14646?pesq=Leopardi>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ARAÚJO, Gilberto (Org.). **Júlia Cortines**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. 194 p. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/CAA-032-Poesias>> Reunidas-

Julia Cortines-MIOLO-PARA INTERNET.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

ARAÚJO, Regina Lúcia de. **Raul Pompeia: Jornalismo e Prosa Poética**. 2006. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/63040390-Raul-pompeia-jornalismo-e-prosa-poetica.html>>. Acesso em: 12 maio 2017.

ASSIS, Machado de. Gazeta de Holanda. In: ASSIS, Machado de. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Jakson, 1937. p. 1-109. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/poesia/maps04.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

ASSIS, Machado. “A Semana”. In: **Obra completa de Machado de Assis**. Organização de Afrânio Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (3 Vol.).

ASSIS, Machado de. Horas Sagradas. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 7 dez. 1902. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/4972>. Acesso em: 2 maio 2017.

ATHAYDE, Tristão de. Bibliografia Augustos dos Anjos-Eu. **O Jornal**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 3 maio 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/1535>. Acesso em: 11 nov. 2016.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**. Mauad Editora Ltda, 2014.

BAHIA, Juarez. Jornal, **História e Técnica – História da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática Editora, 1990.

BALSALOBRE, S.R.G. 2011. **A história de São Paulo no ano de 1918 pelo olhar do jornalismo militante: uma análise dos gêneros textuais de O Combate In.: Anais do VI Siget (Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais)**. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre\(UNESP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Sabrina%20Rodrigues%20Garcia%20Balsalobre(UNESP).pdf). Acesso em: 27 fev. 2016

BARBOSA, Heloisa Gonçalves; WYLER, Lia. Brazilian Tradition. In: BAKER, Mona. **Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 200, p. 326-332.

BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 20, n. 2, 1997.

BARBOSA, Rui. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1865-1871. 1 v. Tomo II. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=OBRASRUIMP&PagFis=7258>>. Acesso em: 24 out. 2016.

_____, Rui. **Elogio a Castro Alves**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1881. 27 p. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FC_RB_RuiBarbosa_ElogiodeCastroAlves.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

BASTIDE, Roger. Problemas da sociologia da arte. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, [s.i], v. , n. 3, p.160-171, jan. 1948. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a16v18n2&usg=AOvVaw3sDTqrNj0VraSceLMecAS3>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

BASTIN, Georges L., et al. "La prensa independentista venezolana (1808-1822) desde la traducción", In: LILLO, Gastón & URBINA, José Leandro (Eds.). **De Independencias y Revoluciones. Los avatares de la modernidad en América Latina**. Santiago de Chile, Instituto de Estudios Internacionales-LOM, 2011, pp. 193-213.

BERTÃO, Gilberto. Chronica. **Diário da Tarde**. Coritiba, p. 1-1. 30 dez. 1914. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800074/20305>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre: Edpucrs, 2001.

BEZERRILL, Simone da Silva. IMPRENSA E POLÍTICA: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da

escravidão. **II Simpósio de História do Maranhão Oitocentistas**, Maranhão, v. 1, n. 1, p.1-12, 7 out. 2011. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/anais/pdf/bezerrill.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

BIGNARDI, Ingrid. **Leopardi na Imprensa Brasileira do século XIX: Poeta ou Prosador?**. 2015. 167 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Língua Italiana e Literaturas, Língua e Literaturas Estrangeiras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.lle.cce.ufsc.br/docs/tccs/d68e61ad79b55c9ac0479010eb974a48.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

BILAC, Olavo. A tristeza dos poetas brasileiros. **Kosmos**. Rio de Janeiro, p. 35-41. jan. 1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/146420/1364>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

BINNI, Walter. L'ultimo periodo della lirica leopardiana. In: BINNI, Walter. **Leopardi: Scritti 1934-1963**. Florença: Il Ponte, 2014. p. 11-73. Disponível em: <https://www.fondowalterbinni.it/biblioteca/leopardi_1934-1963.pdf&usg=AOvVaw139rW3_GjI3sCUGOjFazbz>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BITTENCOURT, Edmundo. Correio da Manhã. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 15 jun. 1901. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1901_00001.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2017.

BORLA, Ferdinando. Rerum Novarum. **Hoje Periodico de Accao Social**. Rio de Janeiro, p. 3-4. 20 mar. 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/830356/per830356_1919_00001.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013. 4

_____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (Org.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Unesp, 2009. Tradução de Roger Maioli dos Santos.

CAMPOS GONÇALVES, SÉRGIO, Poder e civilização no Brasil Imperial. A monarquia na perspectiva da história das ideias. **Diálogos Latinoamericanos** [en línea] 2013, (Junio-Sin mes): [Fecha de consulta: 15 de mayo de 2018] Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16229035003> ISSN 1600-0110

CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável, e outros ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CARDIELLO, Antonio. **“Vivem em nós inúmeros”**: filosofias em Fernando Pessoa .. 2012. 204 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7397/2/ulsd064160_td_tese.pdf >. Acesso em: 24 out. 2016.

CARDOSO, Gaudencio Villarinho. [Sem título]. **A Madrugada: periodico litterario e recreativo dedicado ao Euterpe Club**. Rio de Janeiro, p. 1-2. 11 jan. 1902. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/825948/per825948_1902_00001.pdf. Acesso em: 17 jul. 2016.

CARDOZO, Maurício Mendonça. O significado da diferença: A dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. **Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, v. 1, n. 18, p.101-117, jan. 2009. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/viewFile/2044/1946&usg=AOvVaw0Ygy9KxbRjyVlkSyp2CiaZ>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CARRETO, Renata de Oliveira. O **Pirralho**: barulho e irreverência na Belle Époque Paulista. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web>

&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjn0qbd0-3TAhUKk5AKHTQqBFYQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F93%2F93131%2Ftde-11072012-125748%2Fpublico%2F2011_RenatadeOliveiraCarreto_VOrig.pdf&usg=AFQjCNE0E7nQFFFR_h3jPGReehCXXKbvjTw&sig2=xsGBLNclXeH2aeJxLjwFHQ>. Acesso em: 13 jan. 2017.

CARVALHO, Alfredo de. O Poeta do Pessimismo: Giacomo Leopardi. **Jornal de Recife**. Recife, p. 1-1. 3 jun. 1909. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/53047?pesq=Leopardi>>. Acesso em: 5 maio 2016.

CARVALHO, José Murilo de. Os três povos da República. **Progresso e religião: a república no Brasil e em Portugal 1889-1910**, p. 131, 2007.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da Informação**, São Paulo, v. 25, n. 3, p.1-6, 1996. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_86bdca0efe_0008779.pdf&usg=AOvVaw2wD9SFtQJs3MKQguxvdlSn>. Acesso em: 7 jul. 2016.

CAVALCANTI, M. Um voluptuoso da Tristeza. **A.B.C.** Rio de Janeiro, p. 6-6. 27 abr. 1918. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/830267/2465>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

CAVALCANTI, W. Jornal do Ceará. **Jornal do Ceará: político, commercial e noticioso**. Fortaleza, p. 1-1. 16 mar. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/231894/per231894_1904_00001.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.

C.D.A. A banda-Nota. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p.1. 14.out. 1966.

CITATI, Pietro. **Leopardi**. Milano: Mondari, 2010.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p.6-30, maio 2010. Traduzido por Jean Briant. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200002>. Acesso em: 13 mar. 2016.

_____. Escutar os mortos com os olhos. In: _____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da UNESP, 2014. p. 19-51.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CONVERSA FEMININA. Conversa Feminina. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 2 nov. 1914. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/25255?pesq=Leopardi>. Acesso em: 2 dez. 2017.

CORBACHO QUINTELA, Antón. Os periódicos dos imigrantes espanhóis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Hispanistas, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000200006&lng=en&nrm=abn>. Access on: 09 Sep. 2017.

CORTINES, Júlia. Através da vida. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-2. 22 jul. 1912. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/12845?pesq=Leopardi>. Acesso em: 22 abr. 2017.

COSTA, Cecília. **Diário Carioca**: O jornal que mudou a imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. 536 p. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/bndigital0001.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2017.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. Os cinematógrafos do Rio de Janeiro (1896-1925). **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 153-168, June 1998. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Dec. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000100010>.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: era romântica. São Paulo: Global, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria literária**. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1987.

CUNHA, Fausto. A Poesia Esquecida de Júlia Cortines. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 13 abr. 1954. p. 3-3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3631?pesq=Leopardi>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

DIAS, Geraldo. “Nietzsche, intérprete do Brasil”? A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 89-107, Dec. 2014. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231682422014000200089&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Dec. 2017.

DIAS, Gonçalves. “Lira quebrada”. **Últimos cantos**. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851

DINIZ, Almachio. Na estrada ampla da crítica. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 17 fev. 1916. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/30829?pesq=Leopardi>. Acesso em: 8 dez. 2016.

DOORSLAER, Luc van. “Journalism and translation”. In: GAMBIER, Yves & DOORSLAER, Luc van (Ed.). **Handbook of Translation Studies**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2010, pp. 180-184.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Rebeldes literários da república**: história e identidade nacional no Almanaque brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: UFMG, 2005.

E.C. Duas Vitórias. **A Fé Christã: hebdomadario dedicado aos interesses da religiao catholica**. Penedo, p. 2-2. 11 jan. 1902.

Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/213217/per213217_1902_00001.pdf.
 Acesso em: 15 nov. 2016.

EIRE, Carlos M.n. A piedade católica moderna em tradução. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (Org.). **A tradução cultural**: nos primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Unesp, 2009. Cap. 2. p. 96-115. Tradução de Roger Maioli dos Santos.

FAGUET, Emile. O Pessimismo de Leopardi. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 1 nov. 1914. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/107468/3885?pesq=Leopardi>.
 Acesso em: 1 nov. 2017.

FARACO, C. A.. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016.

FLORIANO PEIXOTO. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-2. 1º maio 1896. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_02/15513. Acesso em: 15 jan. 2017.

FONSECA, Pausilippo da. Os Renegados. **Cidade do Rio**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 03 maio 1902. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/085669/12467>. Acesso em: 25 jan. 2017.

FRANCOVICH, Riccardo; MANACORDA, Daniele. **Dizionario di archeologia**: temi, concetti e metodi. Roma-bari: Laterza, 2000.

FREITAS, Maria Helena. **Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros**. *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol.35, n.3, pp. 54-66.

FREITAS, Esmaragdo de. Sangue. **Diário do Maranhão**. São Luis, p. 1-1. 31 dez. 1909. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/720011/41400?pesq=Leopardi>.
 Acesso em: 15 ago. 2017.

FREITAS, Esmaragdo. Memória de Viagem. **Jornal do Recife**. Recife, p. 1-1. 21 nov. 1910. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/54947>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

GARAMBONE, Sidney. **A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GARRETT, João Baptista de Almeida. **Parnaso Lusitano ou Poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas, precedido de uma história abreviada da língua e poesia portugueza**. Paris: J.P. Aillaud, 1826. Disponível em: www.archive.org. Acesso em: 7/1/2017.

GEVAERT, Hippolyte Fierens. O Cysne negro de Recanati: Leopardi. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 13 fev. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_02/397>. Acesso em: 11 jul. 2016.

GIL, Fernando C. A Ambivalência do Idealismo Classicizante na poesia parnasiana brasileira. **Revista Letras**, v. 52, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Federico Carotti.

_____. **Relações de Força: História, Retórica e Prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 192 p. Tradução de Jônatas Batista Neto.

_____. Morelli, Freud e Sherlock Holmes: Indícios e método científico. In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A.. **O Signo de Três**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 89-130.

GIUSTI, Marcos. Finitude e transcendência: algumas reflexões sobre “O Infinito”, de Giacomo Leopardi. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Anais Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: Abralic, 2008. p. 1 - 5. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/MARCOS_GIUSTI.pdf&usg=AOvVaw2ajqFB2acskvsSG42SopWK>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GRANJA, Lucia; ANDRIES, Lise. **Literaturas e Escritas da imprensa Brasil/França Século XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

GRIECO, Agripino. Dias da Rocha Filho. **Panoplia**. São Paulo, p. 95-100. ago. 1917. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/377880/174>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Domingos José. **Ensaio sobre a história da literatura do Brasil**. In. Nitheroy – revista brasiliense. Tomo 1º, n. 1. Paris, 1836

GUANABARA, Alcindo. Diário do Rio. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 8 ago. 1907. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/11343?pesq=Leopardi>. Acesso em: 9 set. 2016.

GUERINI, Andréia. **Gênero e Tradução no Zibaldone de Leopardi**. São Paulo: Edusp/Florianópolis: PGET/UFSC, 2007.

_____; BIGNARDI, Ingrid. “Giacomo Leopardi na imprensa brasileira do século XIX”. In: Appunti Leopardiani, 9/2015-1. <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition09/artigos/Giacomo-Leopardi-na-imprensa-brasileira-do-seculo-XIX.php>

GUEVARA, Pedro Luis Ladrón de; ZAMORA, Antonio Pablo; MASCALI, Giuseppina (Org.). **Homenaje al profesor Trigueros Cano**. Murcia: Universidad de Murcia, 1999.

GUIMARAENS, Paula. O Cysne negro de Recanati: Leopardi. **O Município**. Acre, p. 2-2. 13 jul. 1913. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720658/356>>. Acesso em: 19 out. 2016.

HERNÁNDEZ, Tania. “Traducción y escritura de la primera edición de *Le Monde diplomatique* en español (1979-1987)”. In: **Mutatis Mutandis**: Revista Latinoamericana de Traducción, ISSN-e 0211-799X, Vol. 8, Nº. 2, 2015, pp. 529-546

IL BERSAGLIERE: organo dei veri interessi italiani al brasile. São Paulo, 31 jan. 1891

IGOA, Rosario Lázaro. **Crónica brasileña del siglo XIX y principios del siglo XX en castellano**: una antología en traducción comentada. 2016. 444 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PGET0294-T.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

J.C. Factos e Impressões: Cronica da Semana. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 04 jan. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/17276>. Acesso em: 09 fev. 2017.

J.M. Pessimismo e Optismo. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, p. 20-20. 22 abr. 1916. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/025909_01/24059>. Acesso em: 30 abr. 2016.

JORNAL DO BRASIL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 9 abr. 1891. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_01&PagFis=1&Pesq;=>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

JOSÉ, João. Homunculus. **O Dia**. Florianópolis, p. 1-1. 4 mar. 1917. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217549/18457>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FERREIRA JÚNIOR, Paulo. AMOR-PRÓPRIO E AMOR MORAL NO DISCURSO SOBRE A DESIGUALDADE DE ROUSSEAU. **Cadernos de Graduação**, Campinas, n. 8, p.241-248, 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cadernosgraduacao/article/download/549/433>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

KERMAXX, Carlos. Censuras e Aplausos. A Província de São Paulo. São Paulo, p. 2-2. 06 jan. 1888.

LA DIREZIONE,, Il nostro programma. **Citta di Caxias**. Caxias, p. 1-1. 01 jan. 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/213926/per213926_1913_00001.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.

LAHUERTE, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno,

modernista, modernização. In: Lorenzo, Helena e Costa, Wilma (org.). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo. UNESP, 1997.

LAMBERT, José. Produção, tradição e importação: uma chave para a descrição da literatura e da literatura em tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 44-55, 26 jan. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp1p44>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp1p44>>. Acesso em: 10 dez. 2017

LEÃO, Antonio C.. Foglie al vento. **Jornal do Recife**. Recife, p. 1-1. 18 dez. 1910. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/55055>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

LECLERCQ, Bouché. Giacomo Leopardi, sua vida e obras: pelo sr. Bouché Leclercq, professor na faculdade das letras de Montpellier. **A Província de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 16 abr. 1875.

LEITE, Manoel Cerqueira. O estudante Manuel Antônio Álvares de Azevedo. **Revista de História**, São Paulo, v. 5, n. 12, p.373-384, mar. 1952. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/35199/37920>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

LEITURA PARA TODOS. **Leitura Para Todos**. Rio de Janeiro, p. 2-2. dez. 1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/348074/per348074_1905_00001.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2016.

LEMONS, Clarice Caldini; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. América Brasileira: resenha da actividade nacional (1921-1924). **Brasiliana USP**, São Paulo, 10 jan. 2014. Disponível em: <<http://archive.li/1D9sq>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

LEOPARDI E RUY BARBOSA. **A Política**. Rio de Janeiro, p. 8-8. 16 ago. 1918. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/234532/264>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LEOPARDI, Giacomo. **Canti**. Milão: Rizzoli, 1974. 137 p. Disponível em: <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t346.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2016.

_____. **Epistolario**. Florença: Le Monnier, 1892. 951 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/epistolario0102leopuoft>>. Acesso em: 18 set. 2017.

_____. **Operette Morali**. Milano: Einaudi, 1959. 289 p. Disponível em: <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t345.pdf>. Acesso em: 22 maio 2016.

_____. Florença: Accademia della Crusca, 1998. 124 p. Edição crítica organizada por Matteo Durante.

_____. **Zibaldone di Pensieri**. Firenze: Le Monnier, 1921. 3111 p. Disponível em: <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/t226.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.

LEYSER, Maria Fátima Vaquero Ramalho. Direito à liberdade de imprensa. **Justitia**, São Paulo, p.1-8, jul. 1999. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10634511-Direito-a-liberdade-de-imprensa.html>>. Acesso em: 22 maio 2016.

LINHARES, Mario. Portico. **Heliopolis: revista de artes e letras**. Recife, p. 6-7. Não é um mês valido! 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/216968/per216968_1913_00001.pdf>. Acesso em: 16 maio 2016.

LITTAU, Karin. “Translation and the materialities of communication”. In: **Translation Studies**, 9:1, 2016, pp. 82-96.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: Escalas, Indícios e Singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LITTAU, Karin. Translation and the materialities of communication. In: **Translation Studies**, 9:1, 2016, pp. 82-96.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 111-153

LUCA, Tania Regina. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. **Brazilian Studies Association (BRASA), Atlanta, Georgia**, p. 27-29, 2008.

LUCCHESI, Marco. **Poesia e prosa de Giacomo Leopardi**. São Paulo: Nova Aguilar, 1996.

LYMA, Olympio. Comercio de São Paulo: Sua nova orientação. **Comercio de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 25 set. 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/227900/per227900_1906_00001.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2016.

M.A. Acolá. **Gazeta de Notícias**. Recife, p. 1-1. 24 jul. 1908. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/17836>. Acesso em: 7 jul. 2016.

MACHADO, Irineu. Um jornal Moderno. **A Epoca**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 31 jul. 1912. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/720100/per720100_1912_00001.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. **Rui Barbosa e o debate educacional por meio da imprensa jornalística (1889)**. In: 16 Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. No mundo há muitas armadilhas. Campinas: UNICAMP, 2007. v. 1. p. 1-10.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. LA ESCRITURA LITERARIA DE LA EDUCADORA BRASILEÑA ROSÁLIA SANDOVAL (1900-1940). **Actas del Xviii Coloquio de Historia de La Educación**, Catalunya, v. 2, n. 4, p.322-333, jun. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5207474.pdf&usg=AFQjCNFtOoaJ8duwl8vQy5xoANXswM3qrg&sig2=AeHawd8wdLyx_UIDP8OI0A>. Acesso em: 11 maio 2016.

MANFIO, Diléia Zanotto. **La Fortuna del Leopardi nella cultura Brasiliana**.. 252 f.

TCC (Graduação) - Curso de Lettere e Filologia, Departamento de Istituto di Filologia e Letteratura Italiana, Università Degli Studi di Padova, Padova, 1979.

MARINHO, Márcia. Clubes e cafés: espaço de sociabilidade das elites natalenses na Belle Époque. In: **_. Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense**. Natal/RN: EDUFRN, 2011. Cap. 2.p. 69-116.

MARTINEZ, Elda Evangelina Gonzáles. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000. p. 239-272.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2008.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no maranhão oitocentista. **Animus**, Santa Maria, v. 18, n. 1, p.107-129, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/viewFile/2442/2518&usg=A_OvVaw3Y_qByA00aG3912x1LA2i5>. Acesso em: 18 out. 2016.

MASCELLO, Leonardo. Leopardi. **Jornal de Recife**. Recife, p. 1-1. dez. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/56455>> Acesso em: 05 fev. 2017.

MASCELLO, Leonardo. Olavo Bilac. **Jornal de Recife**. Recife, p. 1. 10. mar. 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/705110/55375>> Acesso em: 05 fev. 2017.

MELLO, Miguel. Cartas de um solitário. **A Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 26 fev. 1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=leopardi>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MELLO, Miguel. Aos Domingos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 2 fev. 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/46038>. Acesso em: 2 abr. 2017.

MICELI, Sergio. **Intelectuais a Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGUEL, Luís Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 191-199, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v20n39/2986.pdf> Acesso em: 19.mar.2018

M.M. Literatura Italiana. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 3-3. 6 abr. 1908. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/15824>. Acesso em: 19 set. 2016.

MONTALVÃO, Justino de. As musas de Anto. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 6 dez. 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/36820?pesq=Leopardi>. Acesso em: 27 jul. 2017.

MONTILHA, Thiago Roza Ialdo. Os profissionais da política republicana segundo Olavo Bilac (1897-1908). In: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna (Org.). **Os Intelectuais e a Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

MORAIS, Fernando. **Chatô - O Rei Do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MUCCI, Latuf Isaias. UMA POÉTICA DO AFORISMO OU UMA “MINITEORIA DO PENSAMENTO INTERMITENTE”, SEGUNDO JORGE LOVISOLO, FILÓSOFO ARGENTINO CONTEMPORÂNEO. **Anais do V Congresso de Letras da Uerj**, São Gonçalo, v. 1, n. 5, p.1-24, 2007. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/v/completos/palestras/Latuf Isaias Mucci.pdf](http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/v/completos/palestras/Latuf%20Isaias%20Mucci.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2017.

NEEDEL, Jeffrey D.. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 383 p. Tradução de Celso Nogueira.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. O folheto popular e as revistas ilustradas: os circuitos de comunicação cidade / sertão na virada do século XIX para o século XX. In: **GT HISTÓRIA CULTURAL RS**, 2007. Porto Alegre: Ufrgs, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/sylvia_nemer.html>. Acesso em: 23 dez. 2016.

NETO, Lira. **Getúlio (1882-1930): dos anos de formação à conquista do poder**. Editora Companhia das Letras, 2012.

NETTO, Santos. Leopardi. **O Malho**. Rio de Janeiro, p. 18-18. 25 maio 1907. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/9364?pesq=Leopardi>>. Acesso em: 14 maio 2016.

NEVES, Margarida de Souza. Os Cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. (orgs.) **O Brasil Republicano I: o tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 34-35.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas” In: CANDIDO, Antônio [et all.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 414.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

OCTAVIANO, F. Notas a Lapis. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 2-2. 18 abr. 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/10043?pesq=Leopardi>. Acesso em: 13 abr. 2017.

OLIVEIRA, Divino de. **Pesquisa arqueológica de campo: Métodos e técnicas** utilizados pelo IAB , a experiência de um arqueólogo de campo. 2013. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Arqueologia, Faculdade Redentor, Belford Roxo, 2013. Disponível em: <http://www.posgraduacaoredentor.com.br/hide/path_img/conteudo_54234164cc02c.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016.

OS ACONTECIMENTOS DE HONTEM. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 14 nov. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1904_00319.pdf>. Acesso em: 31 set. 2016.

O NOSSO ITINERÁRIO. **Diário de São Luiz**. São Luiz do Maranhão, p. 1-1. 16 out. 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/093874/per093874_1920_00001.pdf>. Acesso em: 12 out. 2016.

PANDOLFI, Maira Angélica. Imagens femininas no romantismo espanhol e brasileiro: Espronceda e Álvares de Azevedo. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**, Madri, v. 16, n. 1, p. 66-75, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.aepsad.gob.es/dms-static/d7fc1185-5324-4b76-b892-942d5e562923/consejerias-e>

PARANHOS, Ulysses. O Pessimismo. **Panoplia**. São Paulo, p. 18-20. jun. 1917. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/377880/26>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996

PÉRES, Alfonso. Idyllo Moderno. **A Capital**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 11 out. 1903. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/223085/2336>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. **Classes dominantes e hegemonia na República Velha**. Editora da UNICAMP, 1994.

PESSOLANO, Arsenio. **Come la Repubblica dee renderai al possibile democrática, progressiva nazionale**. Correio Paulistano. São

Paulo, p. 2. 21 maio 1891.

PETRARCA, Fernanda Rios. Construção do estado, esfera política e profissionalização do jornalismo no Brasil. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2010, vol.18, n.35, pp.81-94. ISSN 1678-9873.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000100006>.

PINILLA, SABIO. **La metodología en la historia de la traducción:** estado de la cuestión, en *Sendebare*, nº 17, 2006, Granada, pp. 21-47. Disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi-3_rfr-vTAhVFDpAKHa0hCwgQFggUgMAE&url=http%3A%2F%2Frevistaseug.ugr.es%2Findex.php%2Fsendebare%2Farticle%2Fdownload%2F1007%2F1188&usq=AFQjCNEHTNIa4ILRp4-UvCnuLEKjxFI2PQ&sig2=MnHkJDbA2arvhcLw5tI4XA. Acesso: 30 de abril de 2016.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Imprensa e Sociedade nos Confins da Amazônia (1880-1920) -doi: 10.4025/dialogos.v18i1.786. **Diálogos**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.297-324, 24 jul. 2014. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v18i1.786>.

PINTO, Manuel da Costa. “Miscelânea sem receita de Leopardi”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 1-1. jan. 2008.

PONT, Stella Rivello da Silva dal. **Cânone em tradução:** três décadas de conexões literárias entre Brasil e Itália (1977-2007). 2017. 654 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179010>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PRADO, Antonio Arnoni. Sílvio Romero (a crítica e o método). **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n.11, p. 96-110, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/l/article/download/24787/26647>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

PRATA, João. Cabellos Brancos. **Diário do Povo**. Maceió, p. 1-1. 5 nov. 1916. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/215414/37>>. Acesso em: 21 maio 2016.

P.R.ELLIS. Amor. **O Malho**. Rio de Janeiro, p. 28-28. 29 set. 1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/8062?pesq=Leopardi>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

QUEIROZ(a), Wenceslau de. Chronica Literária. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 24 jul. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/4821>. Acesso em: 28 set. 2016.

QUEIROZ(b), Wenceslau de. Chronica Literária. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 06 dez. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/5619>. Acesso em: 28 set. 2016.

QUEIROZ, Wenceslau de. Chronica Literaria. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 09 abr. 1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/6359>. Acesso em: 22 set. 2016.

QUEIROZ, Wenceslau de. O Mal do amor. **O Evolucionista: jornal da tarde**. Maceió, p. 2-2. 21 set. 1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/219037/1838>>. Acesso em: 26 out. 2016.

RIBEIRA, João da. Eleição Federal: Nosso Candidato. **Impacial**. Manaus, p. 1-1. 01 fev. 1918. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/721212/per721212_1918_00039.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2016.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **A liberdade em construção**: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. 1997. 550 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280045>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

RIO, João do. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 9 mar. 1918. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/37927>. Acesso em: 4 abr. 2016.

ROMERO, Silvio. Literatura Brasileira: suas relações com a portuguesa; o neo realismo.

RIO, João do. Crianças e Flores. **Correio Paulistano**. São Paulo, p. 1-1. 7 dez. 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/9967>. Acesso em: 7 dez. 2016.

RAIMONDI, Ezio. **Letteratura e identità nazionale**. Milano: Bruno Mondadori, 2000.

RODRIGUES, Ernesto. Portugal-Brasil na imprensa portuguesa de oitocentos. **Convergência Lusíada**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p.1-13, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/323.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

RODRIGUES, João. A Política. **A Política**. Rio de Janeiro, p. 3-3. 24 abr. 1918. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/234532/per234532_1918_00001.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

ROMERO, Silvio. **A Litteratura Brasileira e a critica moderna**: Ensaio de generalização. Rio de Janeiro, RJ: Imp. Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1880. 206 p., [1] f., 18 cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or99763/or99763.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2017.

ROSSI, Giuseppe Carlo. **Il Leopardi e il mondo di lingua portoghese**. In: Centro Nazionale di Studi Leopardiani (Org.). Leopardi e l'Ottocento: Atti del II Convegno Internazionale di Studi Leopardiani. Recanati: Leo S. Olschki, 1967. p. 565-576

ROZEAUX, Sébastien. Presença da “colônia portuguesa” na paisagem cultural e midiática do Rio de Janeiro: o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português (1855-1885). **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 490-513, Dec. 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2016000200490&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x01703308>

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

RUSSO, Mariagrazia. **Um só dorido coração**: Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria. Viterbo: Sette Città, 2003.

SANTAELLA, Lucia. Palavra, imagem & enigmas. **Revista USP**, Brasil, n. 16, p. 36-51, feb. 1993. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25684/27421>>. Acesso em: 05 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i16p36-51>.

SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva; MOTTA, Marly Silva da. O “bota-abaixo ” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p.5-36, ago. 2013. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Angela-Marly.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SCHIMIDT, Jorge. Kosmos. **Kosmos: revista artística, científica e litteraria**. Rio de Janeiro, p. 6-6. jan. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1904_00001.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.

SHAVIT, Zohar. TRADUÇÃO CULTURAL: AJUSTES IDEOLÓGICOS E DE MODELO NA TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 5, n. 3, p.119-143, mar. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22279>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

SILVA, João Pinto da. Um poeta novo-Mansueto Bernardi. **O Malho**. Rio de Janeiro, p. 35-36. 24 ago. 1918. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/116300/37531>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

SILVA, João Pinto da. Amado Nervo. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1-1. 25 set. 1919. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/388653/42102>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

SILVA, Camyle de Araújo. **Transferências culturais via tradução nas revistas O Archivo (1846) e Revista Americana (1847-1848)**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/8288>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SILVA, Camyle de Araújo. Gonçalves Dias e a Tradução na Imprensa Periódica Oitocentista. **Cultura e Tradução**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p.384-396, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/download/21702/12203>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

SILVA NETO, Otacílio Gomes da. Cândido, Pangloss e a questão do meilleur des mondes: uma interpretação filosófico-literária da obra Cândido ou O Otimismo. In: ANAIS DO IV COLÓQUIO INTERNACIONAL CIDADANIA CULTURAL: DIÁLOGOS DE GERAÇÕES, 4., 2009, Campina Grande. **Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações**. Campina Grande: Cib, 2009. p. 1 - 7. Disponível em: <pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/publicacaoonline/literaturaecien ciahumanas/2_.pdf&usg=AOvVaw3lKyzSYQbPizsC8a8GE4wl>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SINGAPURA, Ruffino. Notas. **A Notícia**. Rio de Janeiro, p. 3-3. 30 nov. 1901. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/830380/8472>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

SINGH, Giovan Battista Bronzini (Org.). **Come Leopardi vide il mondo**. Venosa: Osanna, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1977.

SOUSA, Carmem de Jesus Rabelo de. **A CIDADE EM FOCO: margens visuais e escritas das condições urbanas de São Luís na Primeira República**. 2006. 74 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/curso/monopdf2006/carmem.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

TABUCCHI, Antonio. “Pessoa, i simbolisti e Leopardi”, in: TABUCCHI, Antonio. **L’automobile, la nostalgia e l’infinito**. Traduzione di Clelia Bettini e Valentina Parlato. Palermo: Sellerio, 2015, pp. 78-101.

TEIXEIRA, Fábio Rocha. **A crítica à modernidade em Giacomo Leopardi: em busca de uma ultrafilosofia**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2007_mes/MES_2007_FabioRocha.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.

TRENTO, Angelo. **Do Outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Instituto Italiano di Cultura/Nobel, 1988.

TRENTO, A. **Imprensa italiana no Brasil - séculos XIX e XX**. São Carlos: EDUFSCAR, 2013.

TRICHES, Robertha. A revista Lusitania e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro: espaços de sociabilidade e estratégias de inserção social. **Xiv Encontro Reginal da Anpuh-rio: Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro, p.1-8, jul. 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276649501_ARQUIVO_Anpuh2010.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

UBERRIMUS. Non si legga!? **Il Patriotta: giornale popolare**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 6 ago. 1908. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/pdf/821578/per821578_1908_00001.pdf>.
Acesso em: 12 jul. 2016.

VERÍSSIMO, José. Uma poetisa e dous poetas. **Kosmos**. Rio de Janeiro, p. 7-11. jan. 1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/146420/1330?pesq=Leopardi>>.
Acesso em: 12 abr. 2017.

VIEIRA, António. **As lágrimas de Heráclito**. São Paulo: Editora 34, 2001. 208 p. Tradução de Sonia N. Salomão.

VIEIRA, Celso. A tristeza nacional. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 13 jun. 1915. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/27985?pesq=Leopardi>.
Acesso em: 13 jun. 2017.

VIEIRA, Celso. Evolução de um poeta. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 3-3. 11 jul. 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/43431>. Acesso em: 14 jun. 2016

VIKTOR, Tiago Alexandre. **TRAJETÓRIA DE CONSTITUIÇÃO E FUNDAMENTOS DO MODERNISMO DO GRUPO DE FESTA**. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/168121/339537.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

WATAGHIN, Lucia. Leopardi no Brasil. *Appunti Leopardiani* 7/2014-1.
<http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition07/artigos/Leopardi-no-Brasil-Lucia-Wataghin.php>

WILLSON, Patricia. “Página impar: el lugar del traductor en el auge de la industria editorial”. In: SAÍTTA, Sylvia (Dir.). **Historia crítica de la literatura argentina**. Vol. 9. El oficio se afirma. Buenos Aires: Emecé, 2004, pp. 123-142.

XSECROMEGAS. Os Donos... **O Imparcial**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 3 dez. 1919. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/107670_01/22403>. Acesso em: 12 out. 2016.

ZANON, Maria Cecília. FON-FON!: UM REGISTRO DA VIDA MUNDANA NO RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.18-30, out. 2005. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/18/418>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

ZR. Esboço crítico litterario: M.A Alvares de Azevedo. Lyra dos Vinte anos. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 6 out. 1856. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43844?pesq=Lembrança de Morrer](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43844?pesq=Lembrança%20de%20Morrer)>. Acesso em: 14 abr. 2016.

ZUCCARELLO, M. F. Quem é e o que escreve o poeta futurista italiano. **Cadernos Neolatinos** (UFRJ), v. 7, p. 1-7, 2010.

REFERÊNCIAS DE JORNAIS

A Capital. Niterói, RJ: [s.n.], 1902. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/A-Capital/223085>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=223085>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Epoca. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Anonyma A Epoca, 1912-[1919?]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/epoca/720100>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=720100>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Federação : órgão do Partido Republicano. Porto Alegre, RS: [s.n.], 1884-1937. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/federacao/388653>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Fé Christã : hebdomadario dedicado aos interesses da religiao catholica. Penedo [AL]: Typ. do Trabalho, 1902-1907. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=213217>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/fe-christa/213217>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Imprensa. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1898-1914. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=245038>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa/245038>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

ALMANAQUE Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, RJ: Typ. H. Garnier, 1903- . 15 x 23. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanaque-garnier/348449>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=348449>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Madrugada: periodico litterario e recreativo dedicado ao Euterpe Club. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Macedo e Rohe, 1902. il. ; 32x24 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/madrugada/825948>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=825948>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

AMERICA Brasileira : resenha da actividade Nacional. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1921- . il. ; 48x29 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/america-brasileira/158089>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=158089>>. Acesso em: 18 mai. 2017

A Noite. Rio de Janeiro, RJ: Empresa Jornalística A Noite, 1911-1964. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/noite/348970>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=348970>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Notícia. Curitiba, PR: [s.n.], 1905-1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/noticia/187666>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=187666>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Política : revista combativa ilustrada. Rio de Janeiro, RJ: Off. Graph. do Jornal do Brasil, 1913-1919. il ; 37,5x26,5 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/politica/234532>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=234532>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Provincia : orgao do Partido Liberal. Recife, PE: Typ. do Commercio, 1872-1933. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=128066>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/provincia/128066>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Razão: jornal independente, politico e noticioso. Fortaleza, CE: [s.n.], 1929-1938. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=764450>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/razao/764450>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Razao. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1916-1921. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=129054>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/razao/129054>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Rua. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1910-1927. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=236403>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rua/236403>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

ARVORE Nova. Rio de Janeiro, RJ: Typ. do Anuario do Brasil, [1922-1923?]. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=BIN>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Uniao. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1905-1950. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=761842>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/uniao/761842>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Vida Moderna: literatura actualidades artes. São Paulo, SP: [s.n.], 1921-1926. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-moderna/830283>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=830283>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

CARETA. Rio de Janeiro, RJ: Kosmos, 1908-[1983?]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=083712>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Cidade do Rio : jornal da tarde. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [1887?]- . Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/cidade-rio/085669>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=085669>>. Acesso em: 18 mai. 2017

CITTA di Caxias: Periodico settimanale d'interesse coloniale. Caxias do Sul, RS: [s.n.]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/citta-di-caxias/213926>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=213926>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

CORREIO Paulistano. São Paulo, SP: [s.n.]. il., retr ; 47x32,5. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=090972>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

Crítica. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1928-1930. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/critica/372382>>. Acesso em: 18
mai. 2017. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=372382>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO Carioca. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1928-1983. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-carioca/093092>>. Acesso
em: 18 mai. 2017. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=093092>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO Espanol: Continuacion de la voz de Espana. São Paulo, SP:
[s.n.], 1912-1922. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-espanol/217867>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível
em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=217867>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO da Manhã : orgão oficial. Vitória, ES: [s.n.], 1910-1912.
Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=572748>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em:
<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-manha/572748>>. Acesso
em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO do Maranhão. Maranhão [MA]: Typ. do Frias, 1855-1858.
Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-maranhao/720011>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720011>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO Nacional. São Paulo, SP: [s.n.], 1927-1932. il. ; 64x48,5 cm.
Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-nacional/213829>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=213829>>.
Acesso em: 18 mai. 2017.

DIARIO do Natal. Natal, RN: [s.n.], 1895-1909. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-natal/344905>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=344905>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, PE: Diário de Pernambuco, 1825 - 1984. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/docmulti.aspx?bib=029033>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-pernambuco/029033>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

DIARIO do Povo : orgao do Partido Republicano Conservador. Maceió, AL: [s.n.], 1916-1917. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-povo/215414>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=215414>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

DIARIO de Sao Luiz. São Luis, MA: [s.n.], 1920- . il ; 57x38,5 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/diario-s-luiz/093874>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=093874>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

EU sei tudo: magazine mensal ilustrado. Rio de Janeiro, RJ: Companhia Editora Americana, 1917-[1958?]. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=164380>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/eu-sei/164380>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

Evolucionista: jornal da tarde. Maceió, AL: [s.n.], 1905-1906. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=219037>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/evolucionista/219037>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FANAL: periodico litterario, humoristico e noticioso. Curitiba, PR: [s.n.], 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=7664>>.

53>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/fanal/766453>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FOLHA do Povo. [S.l.]: [s.n.], 1923-1927. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/folha-povo/720240>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720240>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FON-FON : semanário alegre, político, crítico e esfusiente. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1907-1945. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=259063>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

GAZETA de Noticias. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Gazeta de Noticias, 1875-1956. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=103730>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

HELIOPOLIS: revista de artes e letras. Recife, PE: [s.n.], 1913-1917. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/heliopolis/216968>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=216968>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

HOJE Periodico de Accao Social. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1919-1923. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/hoje-periodico-de-accao-social/830356>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=830356>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

IL Bersagliere: organo dei interessi Italiani al Brasile. Rio de Janeiro, RJ: [Typ. Italiana], 1891. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/IL-Bersagliere/347949>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/docreader.aspx?bib=347949>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Off. Typ. da Empresa d'O Malho, 1901-1958. il., retr. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=107468>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/illustracao-brasileira/107468>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

IL Moscone. São Paulo, SP: [s.n.], 1925-1941. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/il-moscone/213535>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=213535>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

IL Pasquino Coloniale. São Paulo, SP: [s.n.], 1915-1941. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/il-pasquino/359670>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=359670>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

IL Patriotta: giornale popolare. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1908-1909. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/il-patriotta/821578>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=821578>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

IMPARCIAL. Manaus, AM: [s.n.], 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imparcial/721212>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=721212>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

JORNAL do Brasil. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=030015>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

JORNAL do Ceara : politico, commercial e noticioso. Fortaleza, CE: [s.n.], 1904-. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-ceara/231894>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=231894>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

JORNAL das Moças. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1914-1961. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=111031>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

KOSMOS: revista artistica, scientifica e litteraria. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Kosmos, 1904- . il., estampas, mapas, retr. partit., fotogr. ; 31x25 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=146420>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

Lanterna: folha anti-clerical e de combate. São Paulo, SP: [s.n.], 1909-1916. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lanterna/366153>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=366153>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

LAR Catholico: revista social, religiosa, dedicada as familias. Juiz de Fora, MG: Typ. d'O Lar Catholico, 1891-1963. 38x28. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843822>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/larcatholico/843822>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

LEITURA para Todos. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/Leitura-Para-Todos/348074>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348074>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

LUSITANIA. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1929-1933. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lusitania/830437>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=830437>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

MOVIMENTO. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1928-1930. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/movimento/720046>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720046>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

NORTISTA. Sobral: [s.n.], 1913-1914. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/nortista/720550>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720550>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Apostolo: periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religiao e da sociedade. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Nicolau Lobo Vianna e Filhos, 1866-1901. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/apostolo/343951>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343951>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Brazil : orgam do Partido Republicano. Caxias do Sul, RS: [s.n.], 1909-1924. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brazil-orgam/161969>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=161969>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Combate. São Paulo, SP: [s.n.], 1917-1925. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/combate/830453>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=830453>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Commercio de São Paulo. São Paulo, SP: [s.n.], 1893-1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=227900>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/commercio-de-sao-paulo/227900>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Correio do Purus : propriedade de uma associaçao. Lábrea (AM): [s.n.]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-purus/214264>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=214264>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Estado do Parana. Paraná [PR]: [s.n.], 1925-1926. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estado-do-parana/830372>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=830372>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Dia: orgao do Partido Republicano Catharinense. Florianópolis, SC; SC: [s.n.], 1901- . il. ; 50x37 cm. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=217549>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/dia/217549>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Fluminense. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de C. Ogier e C., 1840. 28x22. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=748447>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/fluminense/748447>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Imparcial. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1915-1940. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imparcial/107670>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=107670>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Industrial: periodico hebdomadario. Porto Alegre, RS: [s.n.]. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=766682>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/industrial/766682>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Jornal. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1919-1974. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal/110523>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal/110523>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Malho: semanário humorístico, artístico e litterário. Rio de Janeiro, RJ: Typ. d'A Tribuna, 1902- . Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=116300>>. Acesso

em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/O-malho/116300>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Município. Villa Seabra: Typ. do Município, 1914-1937. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/municipio/720658>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720658>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Paiz. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de N. Lobo Vianna e Filhos. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=364843>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/364843>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Pharol: jornal litterario e charadistico. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Aldina, 1894. 33x24 cm. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=738670>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/pharol/738670>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Pirralho. São Paulo, SP: [s.n.], 1911-1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/pirralho/213101>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=213101>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Seculo. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1906-1916. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/seculo/224782>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=224782>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

O Suburbio: jornal independente, noticioso, litterario e consagrado aos interesses locais. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1907. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/suburbio/818747>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=818747>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

A Pacotilha: hebdomadario critico e noticioso. São Luis, MA: Pacotilha, 1881- . Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/pacotilha/168319>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=168319>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

PANOPLIA: mensario de arte, sciencia e literatura. São Paulo, SP: [s.n.], 1917-1919. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/panoplia/377880>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=377880>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

REVISTA Americana. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Casa Mont'Alverne, 1899. il., ret. ; 28x20 cm. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-americana/828572>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=828572>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

REVISTA da Semana. Rio de Janeiro, RJ: Off. da Revista da Semana, 1900-1959. il. (alg. color.), partit ; 38x27. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=025909>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

REVISTA Maritima Brasileira. Rio de Janeiro, RJ: Typ. a Vapor H. Lombaert e Companhia, 1881-1889. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-maritma-brazileira/008567>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=008567>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

REVUE Franco-Bresilienne: paraissant tous les Samedis. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Casa Mont'Alverne, 1898. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revue-franco-brasilienne/828564>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=828564>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

VOZ do chauffeur: notícias, crítica, literatura e arte. Rio de Janeiro, RJ: A Guiadora, 1924- . Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/voz-chauffeur/343390>>. Acesso em: 18 mai. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343390>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

ANEXOS

**TRADUÇÕES REALIZADAS NO LIVRO *HOMENS E LIVROS*
DE CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO**

Homens e Livros -Carlos Magalhães de Azeredo, Capítulo I Leopardi. – Publicado em 1902. Obs: Os textos fontes foram indicados em sua maior parte por Azeredo. Alguns textos não conseguimos encontrar.

[Tradução de trecho da carta a Pietro Giordani de 02 de março de 1818] “Arrunei-me - confessa - com sete annos de estudo louco e desperadíssimo, no tempo em que me ia formando e se me devia consolidar a compleição. E arrunei-me infelizmente e sem remédio para toda a vida, dando-me aspecto miseravel e desagradabilíssimo a toda aquella parte do homem que é a única em que reparam os mais d’elles...e não somente a estes, mas a quem quer que seja, é fôrça desejar que não falte á virtude certa graça exterior, e encontrando-a sem nenhuma, tem-se tristeza e, por lei da natureza que nenhuma sabedoria pode vencer quasi não se sente coragem de amar o virtuosos em que nada é bello senão a alma. Esta e outras miseras circumstancias poz a fortuna na minha vida, dotando-me de tal sagacidade a intelligencia para que eu as visse claramente e conhecesse o que sou, e o coração para que este soubesse que lhe não convem a alegria e, como vestido de luto, tomasse a melancolia para companhia eterna e inseparavel...” p.12.

[Tradução] “O menor prazer me mataria... 'Ora, se é nobre e bello vencer por virtude a natureza, é duro ver que ella propria nega a um ente superior e banal robustez muscular de qualquer homem commum.” p. 13.

[Tradução] [em Recanati faltavam] “os encantos da sociedade cultas e as vantagens da vida solitária”. p. 19.

[Tradução] “Eu aqui estou ridiculisado, cuspidado, escouceado por todos, passando a vida inteira em um quarto...” “Ninguem se dignará crerme seu igual; mas desprezo e esgarneos só espero, e recebo de quantos vejo e trato...” p. 20.

[Tradução] “Não conhece de certo Recanati - escreve a Brighenti - mas saberá que a Marca é a mais ignorante e inculta provincia da Italia. Ora

por confissão mesma de todos os Recanatenses a minha cidade é de toda a Marca a mais inculta e morta...” p. 20.

“Cada dia me parece mil annos emquanto eu não fugir d'esta immunda cidade, onde não sei se os homens são mais asnos ou mais tratantes, sei que todos são uma e outra cousa...” p. 20.

[Tradução *Dialogo entre Tristão e um amigo*] “quem tem o corpo debil não é homem, é menino, peor ainda; por que a sua sorte é estar vendo os outros que vivem... mas a vida não é para elle...” p. 23.

[Tradução de trecho da Carta a Carlo Leopardi de novembro de 1822] “Preciso de amor, amor, amor, fogo, enthusiasmo, vida...” p. 31.

[Tradução] “A mulher, nem com o canto nem com outro meio algum pode enamorar um homem como com a dansa, que parece communicar-lhe ás formas am não sei que divino, e ao corpo uma força, uma faculdade mais que humana.” p. 32.

[Tradução] “Foi só por effeito da covardia dos homens, que precisam de persuadir-se do mérito da existencia, que se quizeram considerar as minhas opiniões philosóphicas como resultado dos meus padecimentos particulares, e se teima em attribuir ás minhas circumstâncias materiaes o que se deve só ao meu entendimento. Antes de morrer hei de protestar contra essa invenção da fraqueza e da vulgaridade, e pedir aos meus leitores que se proponham destruir minhas observações em vez de accusar minhas enfermidades.” p. 42.

[Tradução] “Tu conheceste a nossa vida, lhe provaste o nada, sentiste a dor e a infelicidade do nosso ser - diz elle a Jesus - Piedade para tanta afflicções, piedade para esta pobre creatura tua, piedade para o homem infelicíssimo... pois pertencer quizeste á nossa estirpe, ser homem tambem tu... Sobre Jerusalém te viram chorar. Era essa terra tua patria, por que tambem quizeste ter uma patria... e devia ser destruida, anniquilada... Assim todos somos feitos para nos desgraçar e destruir reciprocamente. Tempo virá em que eu, nenhuma outra luz de esperança me restando... toda a minha porei na morte; e então recorrerei a Ti...” p. 55.

[Tradução] E á Virgem diz: “É verdade que somos todos malvados, mas nem assim gosamos; somos tão infelizes! É verdade que esta vida e estes males são breves e nullos; mas nós também somos pequenos e elles nos parecem longuíssimos e insupportaveis...” p. 55.

[Tradução *Dialogo della natura e un islandese*] “Um caso semelhante ao que se deu com Vasco da Gama quando passou pelo Cabo da Boa Esperança; e o mesmo Cabo, guarda dos mares austraes, se lhe apresentou na figura de um gigante, para dissuadil-o de tentar aquellas novas aguas. Divisou ao longe um busto grandíssimo, que a princípio suppoz fosse de pedra, á semelhança das hermas colossaes, que vira muitos annos antes na ilha de Pascoa. Mas aproximando-se verificiou ser um vulto desmesurado de mulher sentada por terra, com o busto erguido, apoiando o dorso e o cotovello a uma montanha; e não fingida, mas viva'de rosto entre bello e terrivel, de olhos e cabellos negríssimos, a qual fixamente o mirava...”

Tal é a figura; sem esperar que o attónito viajante lhe dirja a palavra, ella propria lhe pergunta quem é elle. “Sou um pobre Islandez que ando fugindo na Natureza...” - “Assim foge o esquilo da cascavel - retruca ella - até que por si mesmo lhe cahe nas guelas. Eu sou aquella de quem foges.” Mas o Islandez, sem se atemorisar, longamente lhe enuncia as razões de queixa que os homens têm contra a Natureza; os mil perigos que por culpa d'ella os ameaçam, as tempestades, os terremotos, a inconstancia dos climas, as epidemias, a fome, as miserias de toda a especie, a dor que supplanta o goso, o tédio que corrompe a propria felicidade, de onde conclue elle que a Natureza é inimiga dos homens.

A resposta da Natureza é perenptoria: “Imaginavas talvez que o mundo fosse feito por causa vossa? Sabe que nas creações, nas ordens e operações minhas, salvo em pouquíssimas, de bem outra cousa cuido que da felicidade ou da infelicidade dos homens. Quando vos offendo de qualquer modo... não o percebo... como ordinariamente, ainda que me acontecesse extinguir toda a vossa especie, nem tal perceberia”

O Islandez não se dá por satisfeito com a explicação, e observa, zangado, que então a Natureza não devia chamar os homens à vida, sem os consultar, assim como não seria justo que alguém, tendo convidado um amigo para a sua casa, lhe desse os peores aposentos, o maltratasse grosseiramente, e ante as suas queixas lhe perguntasse: “Pensas tu que construí minha casa para teu uso?”

Mas a Natureza, que acha impertinente esse pobre diabo, e não quer perder mais tempo em conversas inuteis, livra-se d'elle fazendo-o devorar por dois leões.

Eis a dura verdade; tudo o mais é presunção louca dos homens; também os trasgos crêm que para os trasgos, e os gnomos que para os gnomos foi creado o mundo. (I) p. 58-59.

[Tradução] “o prazer é quasi de todas as cousas humanas a mais nocivas ás forças e á saude do corpo, a mais calamitosa nos effeitos quando a cada pessoas, e a mais contrária á durabilidade da propria vida”, p. 60.

[Tradução *Dialogo di Tasso e il Genio familiare*] “Genio - Que é o prazer? Tasso - Não tenho d'elle prática bastante para conhecer o que seja. Genio - Ninguem o conhece por prática, mas só por especulação; por que o prazer é um assunto espeulativo, não real; um desejo, não um facto, um sentimento que o homem concebe com o pensamento, e não prova; ou para dizer melhor, um conceito, e não sentimento...” p. 60.

“Tasso pergunta: “Não podemos nunca os homens crer que gozam presentemente?” O Genio responde: “*Sempre que tal cressem, gosariam de facto.*” p. 60.

[Tradução *Pensieri*] “ninguem está tão completamente desenganado do mundo, nem o conhece tão a fundo, nem lhe tanta raiva, que, olhando por elle um momento com benevolencia, com elle não se reconcilie em parte...” p. 64.

[Tradução *Dialogo dela Terra e dela luna*] “o mal é commum a todos os planetas do universo”. p. 65.

Dialogo della moda e della morte	Diálogo entre a Moda e a Morte
MODA: Madama Morte, madama Morte.	A MODA: Senhora Morte! Senhora Morte!
MORTE: Aspetta che sia l’ora, e verrò senza che tu mi chiami.	MORTE: Espera que soe a tua hora e eu virei sem que tu me chames.
MODA: Madama Morte.	MODA: Mas, Senhora Morte...
MORTE: Vattene col diavolo. Verrò quando tu non vorrai.	MORTE: Vai para o diabo. Eu hei de vir, podes ficar certa, quando já não precisares de mim.
MODA: Come se io non fossi immortale.	
MORTE: Immortale? Passato è	MODA: Vir ter commigo, ora

già più che 'l millesim'anno che sono finiti i tempi degl'immortali.

MODA: Anche Madama petrarcheggia come fosse un lirico italiano del cinque o dell'ottocento?

MORTE: Ho care le rime del Petrarca, perché vi trovo il mio Trionfo, e perché parlano di me quasi da per tutto. Ma in somma levamiti d'attorno.

MODA: Via, per l'amore che tu porti ai sette vizi capitali, fermati tanto o

quanto, e guardami.

MORTE: Ti guardo.

MODA: Non mi conosci?

MORTE: Dovresti sapere che ho mala vista, e che non posso usare occhiali, perché gl'Inglese non ne fanno che mi valgano, e quando ne facessero, io non avrei dove me gl'incavalcassi.

MODA: Io sono la Moda, tua sorella.

MORTE: Mia sorella?

MODA: Sì: non ti ricordi che tutte e due siamo nate dalla Caducità?

MORTE: Che m'ho a ricordare io che sono nemica capitale della memoria.

MODA: Ma io me ne ricordo bene; e so che l'una e l'altra tiriamo parimente a disfare e a rimutare di continuo le cose di quaggiù, benché tu vadi a questo effetto per una strada e io per un'altra.

MORTE: In caso che tu non parli col tuo pensiero o con persona che tu abbi dentro alla strozza, alza più

essa! Come si eu não fosse imortal!

MORTE: Immortal, ah! ah! Como diz o poeta, ha já mais de mil annos que o tempo dos immortaes se foi.

MODA: A Senhora parece declamar o seu Petrarca, como si fosse um poeta lyrico italiano do século XV ou XVIII?

MORTE: Sim, gosto dos sonetos de Petrarca, porque nelles acho larga menção dos meus triumphos e porque falam de mim a todo o instante. Mas torno a repertir-te que te afastes de mim.

MODA: Oh! vamos! pelo amor que sentes pelos sete peccados mortaes, par um momento e olha para mim.

MORTE: Estou a olhar.

MODA: E queres fazer vêr que não me conheces?

MORTE: Devias saber que tenho má vista e que não posso usar lunetas, visto que os inglezes não não fazem nenhuma que me fiquem bem, e que, quando mesmo as fizessem, não tenho nariz para as pôr.

MODA: Pois bem: eu sou a Moda, a tua irman.

MORTE: Minha irman?

MODA: Sim, não te lembras que ambas nós somos filhas da Caducidade?

MORTE: Como queres tu que eu me lembre? Eu que sou a inimiga fidegal da memoria!

MODA: Mas eu lembro-me de tudo muito bem e sei que ambas

la voce e scolpisci meglio le parole; che se mi vai borbottando tra' denti con quella vocina da ragnatelo, io t'intenderò domani, perché l'udito, se non sai, non mi serve meglio che la vista.

MODA: Benché sia contrario alla costumatezza, e in Francia non si usi di parlare per essere uditi, pure perché siamo sorelle, e tra noi possiamo fare senza troppi rispetti, parlerò come tu vuoi. Dico che la nostra natura e usanza comune è di rinnovare continuamente il mondo, ma tu fino da principio ti gittasti alle persone e al sangue; io mi contento per lo più delle barbe, dei capelli, degli abiti, delle masserizie, dei palazzi e di cose tali. Ben è vero che io non sono però mancata e non manco di fare parecchi giuochi da paragonare ai tuoi, come verbigrazia sforacchiare quando orecchi, quando labbra e nasi, e stracciarli colle bazzecole che io v'appicco per li fori; abbruciacchiare le carni degli uomini con istampe roventi che io fo che essi v'improntino per bellezza; sformare le teste dei bambini con fasciature e altri ingegni, mettendo per costume che tutti gli uomini del paese abbiano a portare il capo di una figura, come ho fatto in America e in Asia; A storpiare la gente colle calzature snelle; chiuderle il fiato e fare che gli occhi le scoppino dalla strettura dei bustini; e cento altre cose di questo andare. Anzi generalmente parlando, io persuado e costringo

nós nos empregamos continuamente a destruição e na mudança de todas as coisas d'este mundo, ainda que tu o faças d'uma maneira e eu de outra.

MORTE: A menos que tu não estejas a falar la contigo ou com alguma pessoa que tenhas la dentro, peço-te que eleves um pouco a voz e que articules melhor as palavras, porque, si continuas a falar-me por entre os dentes com essa voz de aranha, não ouvirei patavina... Deves saber muito bem que o meu ouvido não é melhor que a minha vista.

MODA: Apesar de não ser de bom tom dizer cousas francamente e de em França ninguém falar para ser ouvido, como somos irmans e não precisamos de estar com cerimonia, falarei como desejas. Digo pois que a nossa tendencia e a nossa acção comuns são as de renovarmos continuamente o mundo: mas ao passo que tu, logo desde o principio, dirigiste directamente os teus esforços contra os corpos e a vida dos homens, eu cá por mim contentome com a barba, os cabellos, o vestuario, os moveis, as habitações, e outras coisas assim. Não obstante, e facto que me não tenho privado de fazer de vez em quando certas partidas aos homens, que não são inteiramente indignas de soffrerem comparação com as tuas: como por exemplo, furar as orelhas dos homens, ou os lábios, os narizes, e dilacerl-os

tutti gli uomini gentili a sopportare ogni giorno mille fatiche e mille disagi, e spesso dolori e strazi, e qualcuno a morire gloriosamente, per l'amore che mi portano. Io non vo' dire nulla dei mali di capo, delle infreddature, delle flussioni di ogni sorta, delle febbri quotidiane, terzane, quartane, che gli uomini si guadagnano per ubbidirmi, consentendo di tremare dal freddo o affogare dal caldo secondo che io voglio, difendersi le spalle coi panni lani e il petto con quei di tela, e fare di ogni cosa a mio modo ancorché sia con loro danno.

MORTE: In conclusione io ti credo che mi sii sorella e, se tu vuoi, l'ho per più certo della morte, senza che tu me ne cavi la fede del parrochiano. Ma stando così ferma, io svengo; e però, se ti dà l'animo di correrme allato, fa di non vi crepare, perch'io fuggo assai, e correndo mi potrai dire il tuo bisogno; se no, a contemplazione della parentela, ti prometto, quando io muoia, di lasciarti tutta la mia roba, e rimanti col buon anno.

MODA: Se noi avessimo a correre insieme il palio, non so chi delle due si vincesses la prova, perché se tu corri, io vo meglio che di galoppo; e a stare in un luogo, se tu ne svieni, io me ne struggo. Sicché ripigliamo a correre, e correndo, come tu dici, parleremo dei casi nostri.

MORTE: Sia con buon'ora.

com as bugigangas que lhes metto la dentro, ou queimar-lhes os corpos com ferros em brasa que os convenço a applicar a elles proprios para se tornarem mais bellos. Outras vezes comprimo as cabeças de seus filhos com ligaduras e outras intervenções, tornando obrigatorio que todos os habitantes de um mesmo paiz tenham as cabeças do mesmo fetio, como já fiz na America e na Asia. Estropio a humanidade com calçados mais pequenos que os seus pés, suffoco-lhes a respiração, quasi que faço sahir-lhes os olhos das caras com espartilhos bem apertados e muitas outras extravagancias da mesma especie. Numa palavra faço tudo para convencer os mais ambiciosos dos mortaes a supportar todos os dias incomodos sem numero, algumas vezes a tortura e a mutilação, mais ainda, a propria morte, pelo amor que sentem por mim. Já não digo nada das dôres de cabeça, dos refriamentos, dos catharros e das febres de todas as especies, quotidianas, terçans e quartans, que os homens contraem por amor de mim, a ponto de se prestarem a tiritar de frio ou a suffocar de calor para me obedecerem, adoptando os vestuarios mais absurdos para me agraderem e praticando milhares de loucuras em meu nome, sem se importarem com as consequencias que lhes possam advir.

MORTE: Palavra de honra que

Dunque poiché tu sei nata dal corpo di mia madre, saria conveniente che tu mi giovassi in qualche modo a fare le mie faccende.

MODA: Io l'ho fatto già per l'addietro più che non pensi. Primieramente io che annullo o stravolgo per lo continuo tutte le altre usanze, non ho mai lasciato smettere in nessun luogo la pratica di morire, e per questo vedi che ella dura universalmente insino a oggi dal principio del mondo.

MORTE: Gran miracolo, che tu non abbi fatto quello che non hai potuto!

MODA: Come non ho potuto? Tu mostri di non conoscere la potenza della moda.

MORTE: Ben bene: di cotesto saremo a tempo a discorrere quando sarà venuta l'usanza che non si muoia. Ma in questo mezzo io vorrei che tu da buona sorella, m'aiutassi a ottenere il contrario più facilmente e più presto che non ho fatto finora.

MODA: Già ti ho raccontate alcune delle opere mie che ti fanno molto profitto. Ma elle sono baie per comparazione a queste che io ti vo' dire. A poco per volta, ma il più in questi ultimi tempi, io per favorirti ho mandato in disuso e in dimenticanza le fatiche e gli esercizi che giovano al ben essere corporale, e introdottone o recato in pregio innumerabili che abbattono il corpo in mille modi e scorciano la vita. Oltre di questo

começo a crêr que tu és afinal minha irman. Não ha duvida, é tão certo como a morte, e não precisas apresentar-me o attestado de nascimento do padre da tua parochia para m'e provares cabalmente. Mas a continuar assim sem me mexer, vou perder os sentidos; portanto, si não te desagrada vem d'ahi commigo, caminharemos juntas, mas vê la não te esfalfes, porque eu corro a desfilada. A' medida que formos andando, poder-me-as dizer o que pretendes de mim; e mesmo que não queiras acompanhar-me, ainda assim, em consideração ao nosso parentesco, prometto deixar-te todos os meus bens, e que [ilegível] bom proveito te façam.

MODA: Si tivessemos de correr por aposta, sei qual de nós duas a ganharia, porque si tu vaes depressa, eu positivamente galopo; e si ficar imovel num logar te faz perder os sentidos, isso para [ilegível] é a destruição. Vamos pois e na corrida falaremos dos nossos negocios.

MORTE: Então bem, e como tu és filha de minha mãe, espero que te aprouverá ajudar-me no meu mistér.

MODA: Já te disse que tenho até aqui feito muito mais do que podes suppôr: Em primeiro logar, si bem que está na minha natureza abolir uns após outros, nunca fiz, fosse onde fosse, qualquer coisa que pudesse pôr fim ao costume de morrer; e assim, como vês, elle

ho messo nel mondo tali ordini e tali costumi, che la vita stessa, così per rispetto del corpo come dell'animo, è più morta che viva; tanto che questo secolo si può dire con verità che sia proprio il secolo della morte. E quando che anticamente tu non avevi altri poderi che fosse e caverne, dove tu seminavi ossami e polverumi al buio, che sono semenze che non fruttano; adesso hai terreni al sole; e genti che si muovono e che vanno attorno co' loro piedi, sono roba, si può dire, di tua ragione libera, ancorché tu non le abbi mietute, anzi subito che elle nascono. Di più, dove per l'addietro solevi essere odiata e vituperata, oggi per opera mia le cose sono ridotte in termine che chiunque ha intelletto ti pregia e loda, antepoendoti alla vita, e ti vuol tanto bene che sempre ti chiama e ti volge gli occhi come alla sua maggiore speranza. Finalmente perch'io vedeva che molti si erano vantati di volersi fare immortali, cioè non morire interi, perché una buona parte di se non ti sarebbe capitata sotto le mani, io quantunque sapessi che queste erano ciance, e che quando costoro o altri vivessero nella memoria degli uomini, vivevano, come dire, da burla, e non godevano della loro fama più che si patissero dell'umidità della sepoltura; a ogni modo intendendo che questo negozio degl'immortali ti scottava, perché pareva che ti

dura universalmente, desde o começo do mundo até agora.

MORTE: Que grande maravilha, na verdade, que te tenhas abtido de fazer o que não estava na tua mão fazer!

MODA: Não estava na minha mão, essa é boa! Vê-se bem que não fazes nenhuma idéa do poder da Moda.

MORTE: Bem, bem, teremos tempo bastante para discutir esse ponto quando acabar o costume de morrer. Mas enquanto isso não chega, desejaria muito que, como boa e carinhosa irman, me ajudasse a contrariar esse resultado e a attingir exactamente o oposto, mais facilmente e mais promptamente mesmo do que o tenho até aqui.

MODA: Já te referi algumas das minhas obras que te são de muito proveito, mas não passam de bagatellas comparadas com as que te vou agora dizer. Para te auxiliar, tenho nos últimos tempos feito cahir em desuso aquellas fadigas e exercícios que tão úteis são ao bem estar da machina humana e introduzido em seu logar muitos confortos que destroem a saude e tendem a abreviar a vida. Além d'isso, tenho posto em voga taes usos e costumes que a propria vida, tanto no que diz respeito ao corpo como á alma, e mais morta que viva, de fôrma que se pode dizer com verdade que o seculo presente é o seculo da morte. E enquanto antigamente todas as

scemasse l'onore e la riputazione, ho levata via quest'usanza di cercare l'immortalità, ed anche di concederla in caso che pure alcuno la meritasse. Di modo che al presente, chiunque si muoia, sta sicura che non ne resta un briciolo che non sia morto,

e che gli conviene andare subito sotterra tutto quanto, come un pesciolino che sia trangugiato in un boccone con tutta la testa e le lische. Queste cose, che non sono poche né piccole, io mi trovo aver fatte finora per amor tuo, volendo accrescere il tuo stato nella terra, com'è seguito. E per quest'effetto sono disposta a far ogni giorno altrettanto e più; colla quale intenzione ti sono andata cercando; e mi pare a proposito che noi per l'avanti non ci partiamo dal fianco l'una dell'altra, perché stando sempre in compagnia, potremo consultare insieme secondo i casi, e prendere migliori partiti che altrimenti, come anche mandarli meglio ad esecuzione.

MORTE: Tu dici il vero, e così voglio che facciamo.

tuas possessões se limitavam a algumas covas e cavernas onde costumavas reinar na escuridão ossos e poeira, uma especie de sementes que não produzem fructo, agora tens dominios à luz do sol e subditos que, bem que se movam para um lado e para o outro sobre a superfície da terra e que não tenham sido ainda ceifados por ti, são absolutamente teus desde a nascença. E enquanto antigamente eras um objeto de odio e de ultraje, agora, pela minha influencia as coisas estão de tal modo que os homens intelligentes te estimam, até louvam, te preferem a vida, te invocam e extendem os olhos para ti como a coisa mais desejavel entre todas as coisas.

Finalmente tinha observado que muitos se jactavam de se tornarem immortaes e de não morrerem inteiramente, pretendendo que uma parte d'elles mesmos escapava as tuas mãos, mas sei bem que isto era mera loucura, e que, mesmo que taes pessoas pudessem viver na memoria dos homens, isto não seria mais que um arremedo da vida e que a sua pretendida fama não lhe daria satisfacção alguma estando elles a apodrecer na sepultura. Todavia sabendo que estas historias da imortalidade são uma offensa para ti e são prejudiciaes a tua reputação, aboli essa loucura de trabalhar para ella e combati contra o exito d'estas

	<p>empresas, mesmo nos casos em que os homens a podiam merecer. Assim, quando um homem morre agora, podes ficar certa que nem uma partícula ou um atomo delle escapa a anniquilação e todos os pedacinhos vão para debaixo da terra, como um peixe que é engulido d'um só trago, cabeça, espinhas e tudo.</p> <p>MORTE: E' uma bella idéa. Estou prompta desde já a fazer o que me propões.</p>
--	--

APÊNDICES

No período selecionado para esta pesquisa encontramos mais de 547 ocorrências ligadas ao nome de Leopardi, em 103 jornais e revistas, a saber:

- 1) *A.B.C*
- 2) *A Capital*
- 3) *A Cigarra*
- 4) *A Cruz*
- 5) *A Época*
- 6) *A Exposição de 1922*
- 7) *A Federação*
- 8) *A Fé Christã*
- 9) *A Folha de São Paulo*
- 10) *A Gazeta*
- 11) *A Imprensa*
- 12) *Almanach da Comarca de Amparo*
- 13) *Almanaque do Garnier*
- 14) *A Madrugada*
- 15) *America Brasileira*
- 16) *A Noite*
- 17) *A Notícia*
- 18) *A Politica*
- 19) *A Província*
- 20) *A Razão (CE)*
- 21) *A Razão (RJ)*
- 22) *A Republica*
- 23) *A Rua*
- 24) *Arvore Nova*
- 25) *A União*
- 26) *A Vida Moderna*
- 27) *Beira-Mar*
- 28) *Careta*
- 29) *Cidade do Rio*
- 30) *Città di Caxias*
- 31) *Correio da Manhã*
- 32) *Correio Paulistano*
- 33) *Commercio do Parana*
- 34) *Critica*

- 35) *Diario Carioca*
- 36) *Diario Español*
- 37) *Diario da Manhã*
- 38) *Diario do Maranhão*
- 39) *Diario Nacional*
- 40) *Diario do Natal*
- 41) *Diario de Pernambuco*
- 42) *Diario do Piauí*
- 43) *Diario do Povo*
- 44) *Diario de São Luiz*
- 45) *Diario da Tarde*
- 46) *Estado do Pará*
- 47) *Eu sei tudo*
- 48) *Evolucionista*
- 49) *Fanal*
- 50) *Folha do Povo*
- 51) *Fon-Fon*
- 52) *Gazeta de Notícias*
- 53) *Heliopolis*
- 54) *Hoje Periodico de Acção Social*
- 55) *Il Bersagliere*
- 56) *Ilustração Brasileira*
- 57) *Il Moscone*
- 58) *Il Pasquino*
- 59) *Il Patriotta*
- 60) *Imparcial*
- 61) *Jornal do Brasil*
- 62) *Jornal do Ceará*
- 63) *Jornal das Moças*
- 64) *Jornal de Recife*
- 65) *Kosmos*
- 66) *Lanterna*
- 67) *Lar Catholico*
- 68) *Leitura para Todos*
- 69) *L'Imparziale*
- 70) *Lusitania*
- 71) *Movimento*
- 72) *Nortista*
- 73) *O Apostolo*
- 74) *O Brazil*
- 75) *O Combate*

- 76) *O Commercio de São Paulo*
- 77) *O Correio do Purús*
- 78) *O Estado do Parana*
- 79) *O Estado de São Paulo*
- 80) *O Dia*
- 81) *O Fluminense*
- 82) *O Imparcial*
- 83) *O Industrial*
- 84) *O Jornal*
- 85) *O Malho*
- 86) *O Municipio*
- 87) *O Paiz*
- 88) *O Pharol*
- 89) *O Pirralho*
- 90) *O Século*
- 91) *O Suburbio*
- 92) *Pacotilha*
- 93) *Panoplia*
- 94) *Para Todos*
- 95) *Pequeno Jornal*
- 96) *Publicações do Archivo Publico do Imperio*
- 97) *Republica*
- 98) *Revista Americana*
- 99) *Revista da Semana*
- 100) *Revista Marítima Brasileira*
- 101) *Revue Franco-Brésilienne*
- 102) *Voz do Chauffeur*
- 103) *Vida Domestica*



Figura 36: Gráfico Geral. **Fonte:** A autora

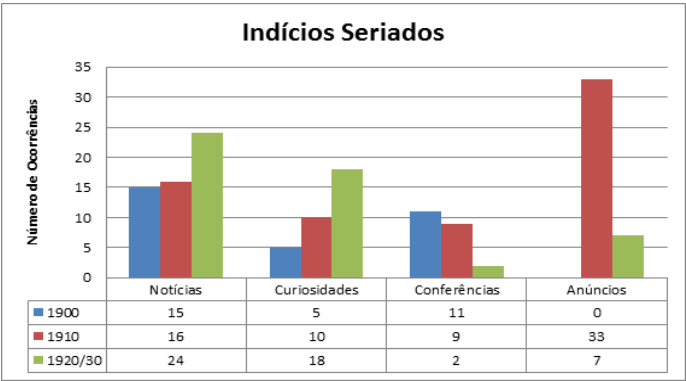


Figura 37: Gráfico Indícios Seriados. **Fonte:** A autora.

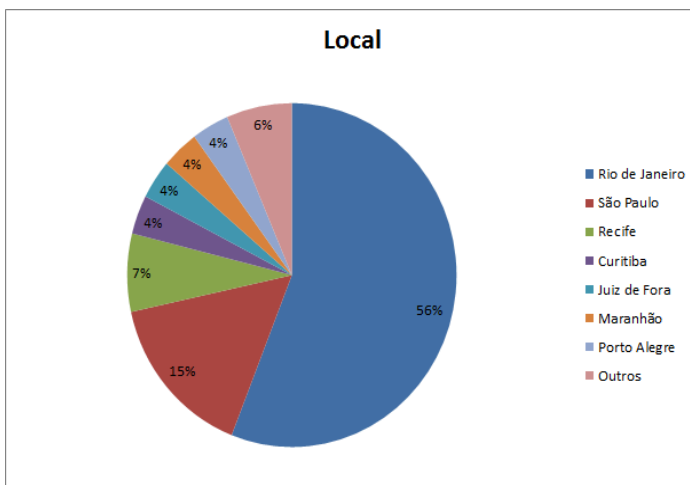


Figura 38: Gráfico Local. **Fonte:** A autora.

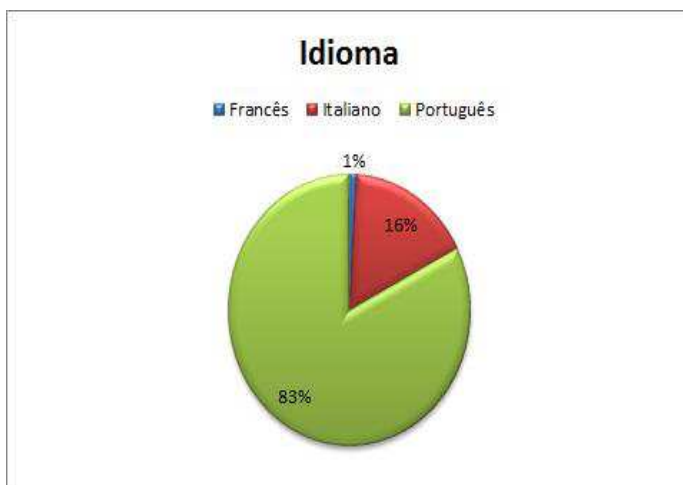


Figura 39: Gráfico Idioma. **Fonte:** A autora.

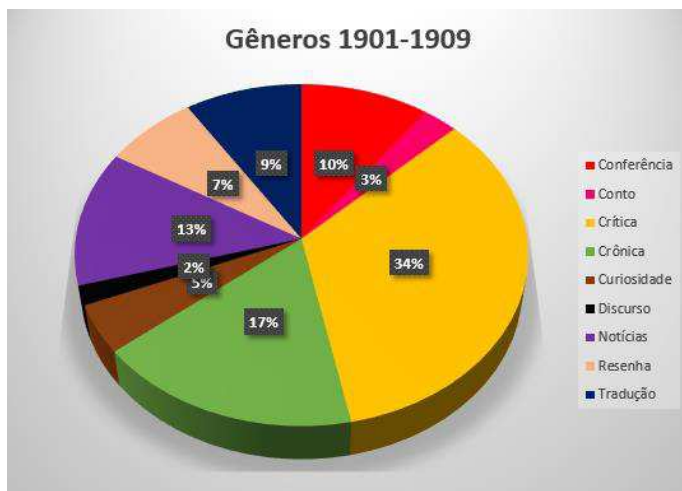


Figura 40: Gráfico Gêneros 1901-1909. **Fonte:** A autora.

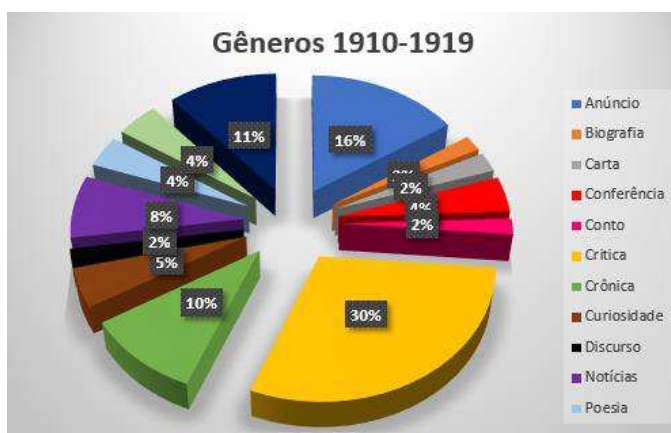


Figura 41: Gráfico Gêneros 1910-1919. **Fonte:** A autora.

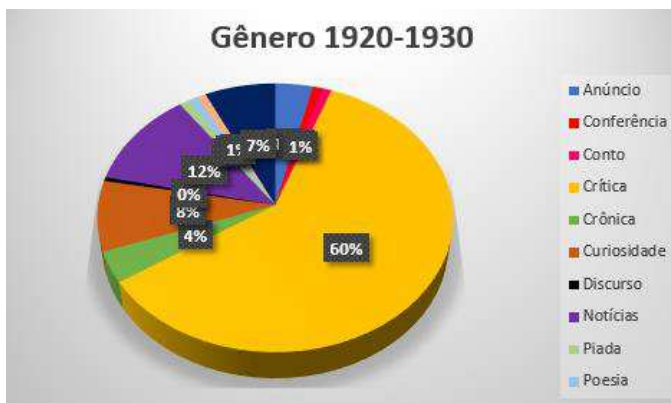


Figura 42: Gráfico Gêneros 1920-1921. **Fonte:** A autora.



Figura 43: Gráfico Periódicos 1901-1909. **Fonte:** A autora.



Figura 44: Gráfico Periódicos 1910-1919. **Fonte:** A autora.



Figura 45: Gráfico Periódicos 1920-1930. **Fonte:** A autora.

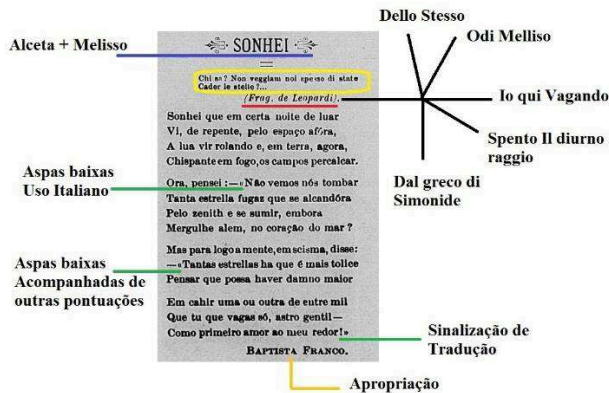


Figura 46: Exemplo de aplicação do Paradigma Indiciário. **Fonte:** A autora.